



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE ARQUITETURA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL

Dissertação de Mestrado

**IMPACTO DE EDIFICAÇÕES DO TIPO “CONSTRUÍDO PARA
ALUGAR” NA ESTÉTICA E NO USO DOS ESPAÇOS URBANOS.**

JULIANA FACCIÓN HEUSER

Porto Alegre

2017

JULIANA FACCIÓN HEUSER

IMPACTO DE EDIFICAÇÕES DO TIPO “CONSTRUÍDO PARA ALUGAR” NA ESTÉTICA E NO USO DOS ESPAÇOS URBANOS.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Planejamento Urbano e Regional.

Orientador

Antônio Tarcísio da Luz Reis, PhD.

Porto Alegre

2017

CIP - Catalogação na Publicação

Heuser, Juliana Faccioni

IMPACTO DE EDIFICAÇÕES DO TIPO "CONSTRUÍDO PARA ALUGAR" NA ESTÉTICA E NO USO DOS ESPAÇOS URBANOS / Juliana Faccioni Heuser. -- 2017.
266 f.

Orientador: Antônio Tarcísio da Luz Reis.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Arquitetura, Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional, Porto Alegre, BR-RS, 2017.

1. estética urbana . 2. ambiente comportamento.
3. uso espaços urbanos. 4. atividades comerciais. 5.
construído para alugar. I. Reis, Antônio Tarcísio da Luz, orient. II. Título.

IMPACTO DE EDFICAÇÕES DO TIPO “CONSTRUÍDO PARA ALUGAR” NA ESTÉTICA E NO USO DOS ESPAÇOS URBANOS.

JULIANA FACCIÓN HEUSER

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito à obtenção do título de mestre em Planejamento Urbano e Regional.

Banca examinadora

Prof^a. Dr^a. Heliana Comin Vargas
(Examinador externo – FAU/USP)

Prof^a. Dr^a. Clarisse Maraschin
(Examinador interno - PROPUR/UFRGS)

Prof^a. Dr^a. Maria Cristina Dias Lay
(Examinador interno - PROPUR/UFRGS)

Orientador e presidente da banca:
Prof. Dr. Antônio Tarcísio da Luz Reis

Porto Alegre, 27 de abril de 2017
(Data da defesa)

Agradeço ao meu orientador, Antônio Tarcísio da Luz Reis, pela dedicação, paciência, orientação criteriosa de como fazer uma pesquisa e, principalmente, por ensinar a gostar de fazer pesquisa.

Ao meu amor, Guilherme, pelo grande incentivo para cursar o mestrado, pelo apoio, carinho, compreensão, e por sempre me incentivar a aprender mais.

Aos meus pais, Cristina e Paulo, que sempre estiveram ao meu lado me apoiando nesta jornada, e me ensinaram que o conhecimento é o bem maior que podemos adquirir nesta vida.

À minha irmã, Mariana, que mesmo do outro lado do mundo acompanhou meu caminho, sempre com muito incentivo.

À minha madrinha, Mary, e à minha amiga Léa, que sempre estiveram presentes, me fazendo sorrir nos momentos mais difíceis.

Às minhas grandes amigas Fabíola e Juliana, pelo apoio e por compreenderem minha ausência.

Às minhas colegas Débora e Celina do PROPUR pela troca de ideias e pelos momentos de descontração.

À UFRGS e a CAPES/CNPq pela oportunidade e pela bolsa de estudos.

Ao PROPUR e seus excelentes professores.

E, por fim, aos respondentes dos questionários, aos participantes das entrevistas e a todos que contribuíram para realização deste trabalho.

Muito obrigada.

“ Os caminhos que conduzem o homem ao saber são tão maravilhosos quanto o próprio saber. ”
Johannes Kepler

RESUMO

Esta pesquisa investiga o impacto de edificações do tipo “construído para alugar” na estética e no uso dos espaços urbanos consolidados e predominantemente residenciais, a partir da avaliação de diferentes grupos de indivíduos. O problema da pesquisa reside na inserção destas estruturas e de suas atividades comerciais em ambientes construídos sem que se saiba seu real impacto na qualidade visual e de uso do ambiente construído. Assim, o objetivo é analisar e comparar níveis de satisfação e preferências estéticas de cenas, nos períodos diurno e noturno, com edificações do tipo “construído para alugar” e cenas com as edificações substituídas, considerando que podem existir diferenças entre as avaliações de indivíduos com diferentes tipos e níveis de formação acadêmica e diferentes níveis de familiaridade. Também, é objetivo identificar os níveis de satisfação com a localização das diferentes atividades das edificações tipo “construído para alugar”, nos entornos predominantemente residenciais, e averiguar se esta tipologia é satisfatória para o desempenho das atividades que abriga, de acordo com diferentes grupos de indivíduos relacionados à estas estruturas. Para tanto, são selecionados nove exemplares localizados na cidade de Porto Alegre-RS. Os métodos de coleta de dados fazem parte dos utilizados na área de estudos Ambiente e Comportamento, sistematizados por meio de levantamentos de arquivo e levantamentos de campo, questionários e entrevistas. A análise de dados é realizada através de testes estatísticos não-paramétricos. Os resultados desta investigação demonstram que a estética das cenas urbanas é avaliada de acordo com o nível de estímulo visual e ordenamento de tais cenas, independentemente do nível de formação ou familiaridade dos indivíduos. Ainda, revelam que a tipologia “construído para alugar” não impacta de maneira positiva na estética dos seus entornos, principalmente para os moradores destes entornos, pois sua aparência tende a carecer de estímulo visual e de relação ordenada com seus entornos. Por outro lado, os resultados demonstram que as atividades comerciais destas edificações, em especial as de primeiras necessidades e de consumo imediato, são percebidas como muito adequadas para os entornos residências, devido à existência de demanda e a sua contribuição para o movimento qualitativo de pessoas nos espaços urbanos. Em complemento, os resultados revelam que as edificações são muito satisfatórias quanto aos espaços internos devido à flexibilidade e quantidade de espaço, e suas localizações têm influência no desempenho de suas atividades, que ocorrem de maneira satisfatória. Contudo, a tipologia tende a possuir acesso para usuários e áreas de estacionamento insatisfatórias, além de apresentar problemas relacionados ao conforto térmico. Por fim, espera-se que os dados obtidos possam contribuir para a qualificação dos espaços urbanos, objetivando atender melhor às necessidades dos indivíduos quanto à estética e ao uso do ambiente construído.

Palavras-chave: Estética urbana. Espaços urbanos. Atividades comerciais. Construído para alugar. Ambiente e Comportamento.

ABSTRACT

This research investigates the impact of "built for rent" buildings on aesthetics and on use of consolidated and predominantly residential urban spaces, based on the evaluation of different groups of individuals. The research problem deals with the insertion of these structures and their commercial activities in built environments without the knowledge of their real impact on the visual quality and use of the built environment. Therefore, the objective is to analyze and compare satisfaction levels and aesthetic preferences of scenes, during day and night periods, of "built for rent" buildings, and scenes with substituted buildings, considering that there may be differences between the evaluations from individuals with different types and levels of education, and different levels of familiarity. The research also intends to identify levels of satisfaction with location of the different activities of "built for rent" buildings within predominantly residential environments, and to investigate if this typology is satisfactory for the performance of its activities, according to different groups of individuals related to these structures. For this purpose, nine buildings located in the city of Porto Alegre-RS are selected. Data gathering procedures are part of those in the Environment and Behavior area of study, which includes archival records, field surveys, questionnaires and interviews. The data analysis was carried out through non-parametric statistical tests. The results of this research demonstrate that urban scenes are evaluated according to the level of visual stimulus and ordering of such scenes, regardless of the level of academic education or familiarity of the individuals. Furthermore, they reveal that the "built for rent" typology does not have a positive impact on the aesthetics of their environments, especially for the residents of these environments, since its appearance tends to lack visual stimulation and orderly relation with their surroundings. On the other hand, the results show that commercial activities of these buildings, especially those of first necessity and of immediate consumption, are perceived as very suitable for residential environments, due to the existence of demand and the contribution to the qualitative movement of people in the urban spaces. In addition, the results show that the interior area of the buildings are very adequate for their activities, due to the flexibility and quantity of space, and their locations have influence the performance of their activities, which occur in a satisfactory way. However, the typology tends to have an unsatisfactory access and parking areas for its users, as well as presents problems related to internal thermal comfort. In conclusion, it is expected that the results obtained can contribute to the qualification of urban spaces, aiming to better meet the needs of individuals regarding to aesthetics and the use of urban space.

Keywords: Urban aesthetics. Urban spaces. Commercial activities. Built to rent. Environment and Behavior.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1.1: Diferentes referências às edificações do tipo “construído para alugar”.....	18
Figura 1.2: Uso da expressão “built for rental” na cidade de Porto Alegre.....	19
Figura 1.3: “construído para alugar” e suas características formais.....	20
Figura 2.1: “construído para alugar” na cidade de Porto Alegre, Brasil.....	28
Figura 2.2: Diferentes atividades e edificações, distintos usos do espaço urbano.....	31
Figura 2.3: Processo de formação da imagem pelo indivíduo.....	35
Figura 2.4: Substituição de edificações em meios urbanos predominantemente residenciais na cidade de Porto Alegre.....	39
Figura 2.5: impactos estéticos do ‘construído para alugar’ durante o dia e a noite.....	40
Figura 2.6: Cenas com diferentes níveis de ordem e estímulo visual.....	41
Figura 3.1: Parte do município de Porto Alegre onde se concentram as zonas com maiores rendas.....	54
Figura 3.2: Mapa da cidade de Porto Alegre com ampliação da zona delimitada para a análise inicial.....	58
Figura 3.3 Localização e uso do solo dos exemplares.....	60
Figura 3.4 Localização e uso do solo do exemplar 3.....	61
Figura 3.5: 9 exemplares finais selecionados	62
Figura 4.1: Cenas do exemplar 1.....	77
Figura 4.2: Cenas do exemplar 2.....	85
Figura 4.3: Cenas do exemplar 3.....	91
Figura 4.4: Cenas do exemplar 4.....	98
Figura 4.5: Cenas do exemplar 5.....	105
Figura 4.6: Cenas do exemplar 6.....	113
Figura 4.7: Cenas do exemplar 7.....	119
Figura 4.8: Cenas do exemplar 8.....	125
Figura 4.9: Cenas do exemplar 9.....	132
Figura 4.10: Interior da “loja de mobiliário (Exemplar 1).....	175
Figura 4.11: Interior da ferragem (Exemplar 2).....	177
Figura 4.12: Interior da loja de mobiliário (Exemplar 4).....	178
Figura 4.13: Interior da loja de vestuário infantil (Exemplar 5).....	179
Figura 4.14: Interior da academia (Exemplar 8).....	182
Figura 4.15: Interior do “salão de beleza 2” (Exemplar 9).....	183
Figura 4.16: Área estacionamento e acessos ao exemplar 1.....	185
Figura 4.17: Área estacionamento e acessos ao exemplar 2.....	188
Figura 4.18: Área estacionamento e acessos ao exemplar 3.....	189
Figura 4.19: Área estacionamento e acessos ao exemplar 4.....	190
Figura 4.20: Área estacionamento e acessos ao exemplar 5.....	191
Figura 4.21: Área estacionamento e acessos ao exemplar 6.....	191
Figura 4.22: Área estacionamento e acessos ao exemplar 7.....	192
Figura 4.23: Área estacionamento e acessos ao exemplar 8.....	193
Figura 4.24: Área estacionamento e acessos ao exemplar 9.....	194

LISTA DE TABELAS

Tabela 2.1: Objetivos relacionados à investigação.....	51
Tabela 3.1: Objetivos, justificativas, amostra selecionada e métodos de coleta de dados.....	52
Tabela 3.2: Resumo das características das edificações do tipo “construído para alugar” levantadas durante estudo de caso.....	56
Tabela 3.3: Unidades do tipo “construído para alugar” identificadas por bairro na cidade de Porto Alegre.....	57
Tabela 3.4: Critérios utilizados para escolha da área inicial de estudo e dos exemplares do tipo “construído para alugar”.....	58
Tabela 3.5: Caracterização da amostra.....	63
Tabela 3.6: Materiais pesquisados.....	64
Tabela 3.7: Principais características dos exemplares.....	65
Tabela 3.8: Cenas selecionadas por exemplar.....	69
Tabela 3.9: Objetivos, tipo de entrevista, amostra e procedimentos.....	71
Tabela 3.10: Questionário, amostra e procedimentos.....	72
Tabela 3.11: tamanho das amostras dos questionários.....	73
Tabela 4.1: Níveis de satisfação com a aparência das cenas 1, 2 e 3 do exemplar 1.....	77
Tabela 4.2: Cenas mais e menos preferidas – cenas 1, 2 e 3 do exemplar 1.....	78
Tabela 4.3: Principais justificativas para as preferências – cenas 1, 2 e 3 do exemplar 1.....	79
Tabela 4.4: Níveis de satisfação com a presença do exemplar 1 no seu entorno imediato - cena 2.....	79
Tabela 4.5: Principais justificativas para satisfação com a presença do exemplar 1 na estética do seu entorno – cena 2	80
Tabela 4.6: Níveis de satisfação com a aparência das cenas 4 e 5 do exemplar 2.....	85
Tabela 4.7: Cenas mais e menos preferidas – cenas 4 e 5 do exemplar 2.....	86
Tabela 4.8: Principais justificativas para as preferências – cenas 4 e 5 do exemplar 2.....	86
Tabela 4.9: Níveis de satisfação com a presença do exemplar 2 no seu entorno imediato - cena 4.....	87
Tabela 4.10: Principais justificativas para satisfação com a presença do exemplar 2 na estética do seu entorno – cena 4	88
Tabela 4.11: Níveis de satisfação com a aparência das cenas 6, 7 e 8 do exemplar 3.....	91
Tabela 4.12: Cenas mais e menos preferidas – cenas 6, 7 e 8 do exemplar 3.....	92
Tabela 4.13: Principais justificativas para as preferências – cenas 6, 7 e 8 do exemplar 3.....	92
Tabela 4.14: Níveis de satisfação com a presença do exemplar 3 no seu entorno imediato - cena 7.....	93
Tabela 4.15: Principais justificativas para satisfação com a presença do exemplar 3 na estética do seu entorno – cena 7.....	94
Tabela 4.16: Níveis de satisfação com a aparência das cenas 9, 10 e 11 do exemplar 4....	98
Tabela 4.17: Cenas mais e menos preferidas – cenas 9, 10 e 11 do exemplar 4.....	99
Tabela 4.18: Principais justificativas para as preferências – cenas 9, 10 e 11 do exemplar 4.....	99
Tabela 4.19: Níveis de satisfação com a presença do exemplar 4 no seu entorno imediato - cena 10.....	100
Tabela 4.20: Principais justificativas para satisfação com a presença do exemplar 4 na estética do seu entorno – cena 10.....	101
Tabela 4.21: Níveis de satisfação com a aparência das cenas 12, 13 e 14 do exemplar 5....	106
Tabela 4.22: Cenas mais e menos preferidas – cenas 12, 13 e 14 do exemplar 5.....	106

Tabela 4.23: Principais justificativas para as preferências – cenas 12, 13 e 14 do exemplar 5.....	107
Tabela 4.24: Níveis de satisfação com a presença do exemplar 5 no seu entorno imediato - cena 13.....	108
Tabela 4.25: Principais justificativas para satisfação com a presença do exemplar 5 na estética do seu entorno – cena 13.....	109
Tabela 4.26: Níveis de satisfação com a aparência das cenas 15 e 16 do exemplar 6.....	113
Tabela 4.27: Cenas mais e menos preferidas – cenas 15 e 16 do exemplar 6.....	114
Tabela 4.28: Principais justificativas para as preferências – cenas 15 e 16 do exemplar 6....	114
Tabela 4.29: Níveis de satisfação com a presença do exemplar 6 no seu entorno imediato - cena 16.....	115
Tabela 4.30: Principais justificativas para satisfação com a presença do exemplar 6 na estética do seu entorno – cena 16.....	115
Tabela 4.31: Níveis de satisfação com a aparência das cenas 17 e 18 do exemplar 7.....	120
Tabela 4.32: Cenas mais e menos preferidas – cenas 17 e 18 do exemplar 7.....	120
Tabela 4.33: Principais justificativas para as preferências – cenas 17 e 18 do exemplar 7....	121
Tabela 4.34: Níveis de satisfação com a presença do exemplar 7 no seu entorno imediato - cena 18.....	121
Tabela 4.35: Principais justificativas para satisfação com a presença do exemplar 7 na estética do seu entorno – cena 18.....	122
Tabela 4.36: Níveis de satisfação com a aparência das cenas 19, 20 e 21 do exemplar 8....	125
Tabela 4.37: Cenas mais e menos preferidas – cenas 19, 20 e 21 do exemplar 8.....	126
Tabela 4.38: Principais justificativas para preferências - cenas 19, 20 e 21 do exemplar 8...	126
Tabela 4.39: Níveis de satisfação com a presença do exemplar 8 no seu entorno imediato - cena 20.....	127
Tabela 4.40: Principais justificativas para satisfação com a presença do exemplar 8 na estética do seu entorno – cena 20.....	128
Tabela 4.41: Níveis de satisfação com a aparência das cenas 22 e 23 do exemplar 9.....	132
Tabela 4.42: Cenas mais e menos preferidas – cenas 22 e 23 do exemplar 9.....	133
Tabela 4.43: Principais justificativas para preferências – cenas 22 e 23 do exemplar 9.....	133
Tabela 4.44: Níveis de satisfação com a presença do exemplar 9 no seu entorno imediato - cena 23.....	134
Tabela 4.45: Principais justificativas para satisfação com a presença do exemplar 9 na estética do seu entorno – cena 23.....	134
Tabela 4.46: Satisfação com a adequação da localização da atividade do exemplar 1 (Loja de mobiliário solto 1) no seu entorno.....	163
Tabela 4.47: Razões para adequação da localização da atividade do exemplar 1 (Loja de mobiliário) no seu entorno.....	164
Tabela 4.48: Satisfação com a adequação da localização da atividade do exemplar 2 (ferragem) no seu entorno.....	164
Tabela 4.49: Razões para adequação da localização da atividade do exemplar 2 (ferragem) no seu entorno.....	165
Tabela 4.50: Satisfação com a adequação da localização da atividade do exemplar 3 (farmácia) no seu entorno.....	165
Tabela 4.51: Razões para adequação da localização da atividade do exemplar 3 (farmácia) no seu entorno.....	166
Tabela 4.52: Satisfação com a adequação da localização da atividade do exemplar 4 (loja de mobiliário) no seu entorno.....	166

Tabela 4.53: Razões para adequação da localização da atividade do exemplar 4 (loja de mobiliário) no seu entorno.....	167
Tabela 4.54: Satisfação com a adequação da localização da atividade do exemplar 5 (loja de vestuário infantil) no seu entorno.....	167
Tabela 4.55: Razões para adequação da localização da atividade do exemplar 5 (loja de vestuário infantil) no seu entorno.....	168
Tabela 4.56: Satisfação com a adequação da localização da atividade do exemplar 6 (loja de mobiliário) no seu entorno.....	168
Tabela 4.57: Razões para adequação da localização da atividade do exemplar 6 (loja de mobiliário) no seu entorno.....	169
Tabela 4.58: Satisfação com a adequação da localização da atividade salão de beleza (exemplar 7) no seu entorno.....	170
Tabela 4.59: Razões para adequação da localização da atividade salão de beleza do (exemplar 7) no seu entorno.....	170
Tabela 4.60: Satisfação com a adequação da localização da atividade farmácia (exemplar 7) no seu entorno.....	171
Tabela 4.61: Razões para adequação da localização da atividade farmácia (exemplar 7) no seu entorno.....	171
Tabela 4.62: Satisfação com a adequação da localização da atividade do exemplar 8 (academia) no seu entorno.....	172
Tabela 4.63: Razões para adequação da localização da atividade do exemplar 8 (academia) no seu entorno.....	172
Tabela 4.64: Satisfação com a adequação da localização da atividade do exemplar 9 (salão de beleza) no seu entorno.....	173
Tabela 4.65: Razões para adequação da localização da atividade do exemplar 9 (salão de beleza) no seu entorno.....	173
Tabela 4.66: Satisfação com a aparência interna dos estabelecimentos pelos clientes.....	175
Tabela 4.67: Adequação das edificações para as atividades que abrigam conforme os clientes.....	176
Tabela 4.68: Justificativas dos clientes para as avaliações das edificações para as atividades que abrigam.....	176
Tabela 4.69: Principal meio de transporte utilizado pelos clientes estabelecimento.....	186
Tabela 4.70: Avaliações pelos clientes dos acessos e áreas de estacionamento.....	186
Tabela 4.71: Justificativas para as avaliações pelos clientes dos acessos e áreas de estacionamento.....	186
Tabela 4.72: Avaliações pelos clientes dos acessos de pedestres aos estabelecimentos....	187
Tabela 4.73: Justificativas para as avaliações pelos clientes dos acessos de pedestres aos estabelecimentos.....	187
Tabela 4.74: Principais motivos para utilização das atividades pelos clientes.....	197
Tabela 4.75: Frequência de uso dos estabelecimentos pelos clientes período do último.....	197
Tabela 4.76: Distância entre as moradias dos clientes e os estabelecimentos.....	198
Tabela A.1	245
Tabela A.2	246
Tabela B.1	249
Tabela B.2	249
Tabela B.3	259
Tabela B.4	265

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1: EDIFICAÇÕES DO TIPO “CONSTRUÍDO PARA ALUGAR” E SEU IMPACTO NA ESTÉTICA E NO USO DOS ESPAÇOS URBANOS	15
1.1 INTRODUÇÃO	16
1.2 EDIFICAÇÕES DO TIPO “CONSTRUÍDO PARA ALUGAR”	16
1.3 IDENTIFICAÇÃO E IMPORTÂNCIA DO PROBLEMA DE PESQUISA	21
1.4 VARIÁVEIS ASSOCIADAS AO PROBLEMA DA PESQUISA	22
1.5 OBJETIVOS DA PESQUISA	24
1.6 DEFINIÇÕES CONCEITUAIS.....	24
1.7 ESTRUTURA E CONTEÚDO DO TRABALHO	25
CAPÍTULO 2: EDIFICAÇÕES DO TIPO “CONSTRUÍDO PARA ALUGAR” E A RELAÇÃO COM A ESTÉTICA E USO DOS ESPAÇOS URBANOS	26
2.1 INTRODUÇÃO	26
2.2 EDIFICAÇÕES DO TIPO “CONSTRUÍDO PARA ALUGAR” E OS ESPAÇOS URBANOS.....	26
2.3 ESTÉTICA.....	33
2.3.1 Conceito e importância da estética	33
2.3.2 Abordagens da estética: filosófica e empírica	34
2.3.3 Conceito de satisfação e preferência nas avaliações estéticas.....	35
2.3.4 Variáveis relacionadas às diferenças nas avaliações estéticas por grupos de usuários	36
2.3.4.1 Tipos e níveis de formação universitária.....	37
2.3.4.2 Familiaridade	38
2.3.5 Variáveis relacionadas à estética dos espaços urbanos com edificações do tipo “construído para alugar”.....	39
2.4 USO	43
2.4.1 Conceito e importância do uso para avaliação urbana.....	43
2.4.2 Avaliações do uso dos espaços.....	44
2.4.3 Variáveis relacionadas às avaliações de uso por grupos de usuários.....	45
2.4.4 Variáveis relacionadas ao uso dos espaços urbanos com edificações do tipo “construído para alugar”	46
2.4.4.1 Avaliação das atividades das edificações do tipo “construído para alugar” em contextos urbanos consolidados e residenciais	46
2.4.4.2 Avaliação do desempenho das atividades das edificações do tipo “construído para alugar”	48
2.5 CONCLUSÃO	51
METODOLOGIA	52
3.1 INTRODUÇÃO	52

3.2	OBJETIVOS, AMOSTRA E MÉTODOS.....	52
3.3	OBJETO DE ESTUDO	53
3.3.1	Legislação acerca de novas edificações não residenciais na cidade de Porto Alegre	55
3.3.2	Seleção dos exemplares do tipo “construído para alugar”	56
3.3.3	Escolha dos exemplares finais para análise	59
3.4	SELEÇÃO DOS PARTICIPANTES.....	62
3.5	MÉTODOS DE COLETA DE DADOS.....	64
3.5.1	Levantamento de arquivo	64
3.5.2	Trabalho de campo.....	65
3.5.2.1	Levantamento físico.....	65
3.5.2.1.1	Registros fotográficos	67
3.5.2.2	Entrevistas.....	70
3.5.2.3	Questionários	71
3.6	MÉTODOS DE ANÁLISE DE DADOS	74
	RESULTADOS	76
4.1	AVALIAÇÃO ESTÉTICA DE EDIFICAÇÕES DO TIPO “CONSTRUÍDO PARA ALUGAR”.....	76
4.1.1	OBJETIVO ESPECÍFICO 1: Analisar e comparar os níveis de satisfação e preferências estéticas de cenas, nos períodos diurno e noturno, com edificações do tipo “construído para alugar” e cenas com as edificações substituídas, em entornos consolidados e predominantemente residenciais, considerando aspectos relacionados aos conceitos de ordem e estímulo visual.....	76
4.1.1.1	Considerações sobre o objetivo específico 1	136
4.1.2	OBJETIVO ESPECÍFICO 2: Averiguar a existência de diferenças nas avaliações estéticas pelos respondentes com distintos níveis e tipos de formação universitária	140
4.1.2.1	Considerações sobre o objetivo específico 2	148
4.1.3	OBJETIVO ESPECÍFICO 3: Investigar a existência de diferenças nas avaliações estéticas de acordo com o nível de familiaridade dos respondentes com as cenas..	150
4.1.3.1	Considerações sobre o objetivo específico 3.....	160
4.2	AVALIAÇÃO DO USO DE EDIFICAÇÕES DO TIPO “CONSTRUÍDO PARA ALUGAR”.....	162
4.2.1	OBJETIVO ESPECÍFICO 4: Identificar os níveis de satisfação com a localização das diferentes atividades das edificações tipo “construído para alugar” nos entornos predominantemente residenciais, considerando a compatibilidade e demanda destas atividades, movimentos e usos decorrentes destas, segundo a percepção de moradores dos entornos e clientes.....	163
4.2.1.1	Considerações sobre o objetivo específico 4.....	173
4.2.2	OBJETIVO ESPECÍFICO 5: Averiguar se a tipologia “construído para alugar” é satisfatória para o desempenho das atividades que abriga, considerando as avaliações	

de clientes e locatários quanto à estética e ao uso interno, assim como as principais justificativas relacionadas a esse uso.	175
4.2.2.1 Considerações sobre o objetivo específico 5	184
4.2.3 OBJETIVO ESPECÍFICO 6: Analisar o nível de satisfação quanto às áreas de estacionamento e os acessos para pedestres e para automóveis, de acordo com a percepção de clientes e locatários.	185
4.2.3.1 Considerações sobre o objetivo específico 6	195
4.2.4 OBJETIVO ESPECÍFICO 7: Analisar a relação entre a localização do estabelecimento e seu desempenho conforme as avaliações dos locatários e agentes imobiliários, assim como por meio do padrão de utilização dos clientes (suas motivações, frequências e distância da residência) e a acessibilidade ao local.	196
4.2.4.1 Considerações sobre o objetivo específico 7	207
4.3 CONSIDERAÇÕES SOBRE OS OBJETIVOS ESPECÍFICOS DA PESQUISA ...	209
4.3.1 Objetivo 1: analisar e comparar níveis de satisfação e preferências estéticas de cenas, nos períodos diurno e noturno, com edificações do tipo “construído para alugar” e cenas com as edificações substituídas, considerando a percepção de diferentes grupos de indivíduos.	209
4.3.1.2 Objetivo específico 2	211
4.3.1.3 Objetivo específico 3	212
4.3.2 Objetivo 2: identificar os níveis de satisfação com a localização das diferentes atividades das edificações tipo “construído para alugar” nos entornos predominantemente residenciais e averiguar se esta tipologia é satisfatória para o desempenho das atividades que abriga, de acordo com diferentes grupos de indivíduos relacionados à estas estruturas.	215
4.3.2.1 Objetivo específico 4	215
4.3.2.3 Objetivo específico 6	217
4.3.2.4 Objetivo específico 7	218
CAPÍTULO 5: CONCLUSÕES	219
5.1 INTRODUÇÃO	219
5.2 PROBLEMA DE PESQUISA E OBJETIVOS	219
5.3 PRINCIPAIS RESULTADOS OBTIDOS	221
5.3.1 Objetivo (i): analisar e comparar níveis de satisfação e preferências estéticas de cenas, nos períodos diurno e noturno, com edificações do tipo “construído para alugar” e cenas com as edificações substituídas, considerando a percepção de diferentes grupos de indivíduos.	221
5.3.1.1 Objetivo específico 1	221
5.3.1.2 Objetivo específico 2	223
5.3.1.3 Objetivo específico 3	225
5.3.2 Objetivo (ii): identificar os níveis de satisfação com a localização das diferentes atividades das edificações tipo “construído para alugar” nos entornos predominantemente residenciais e averiguar se esta tipologia é satisfatória para o desempenho das atividades que abriga, de acordo com diferentes grupos de indivíduos relacionados à estas estruturas.	227
5.3.2.1 Objetivo específico 4	227

5.3.2.2	Objetivo específico 5	228
5.3.2.3	Objetivo específico 6	230
5.3.2.4	Objetivo específico 7	231
5.4	LIMITAÇÕES DO ESTUDO E SUGESTÕES PARA PESQUISAS FUTURAS	234
	REFERÊNCIAS	235
	ANEXO A.....	244
	ANEXO B.....	248

CAPÍTULO 1: EDIFICAÇÕES DO TIPO “CONSTRUÍDO PARA ALUGAR” E SEU IMPACTO NA ESTÉTICA E NO USO DOS ESPAÇOS URBANOS

1.1 INTRODUÇÃO

O tema desta pesquisa inclui edificações com usos comerciais, a estética e o uso de seus entornos, predominantemente, residenciais. São consideradas as percepções estéticas e os usos dos espaços abertos públicos como indicadores fundamentais da qualidade do espaço urbano, uma vez que as cidades devem proporcionar experiências visualmente agradáveis (p. ex., GEHL, 2013; STAMPS, 2000; REIS et al., 2014), espaços urbanos funcionais e dinâmicos (p. ex., GEHL, 2013; JACOBS, 1961; REIS; LAY, 2006).

Percepções negativas quanto à estética urbana e das edificações tendem a ocorrer devido à falta de estímulo visual e de organização dos elementos em tais áreas urbanas e edificações (p. ex., WEBER, 1995; STAMPS, 2000; LANG, 1987; REIS et al., 2014). Espaços com utilização inadequada tendem a resultar da desconsideração das necessidades de seus usuários (p. ex., JACOBS, 1961; LYNCH, 1960; 1981; GEHL, 2013; REIS; LAY, 2003). Contudo, em muitos casos, edificações de uso comercial são inseridas nos espaços urbanos sem que exista uma preocupação com os impactos estéticos e de uso em seus entornos (p. ex., VARGAS, 2001).

Assim, esta pesquisa trata destes aspectos em relação a um tipo específico de edificação comercial, o “construído para alugar”, cuja definição é apresentada a seguir. Após, é identificado o problema de pesquisa, justificada a sua importância, apresentadas as variáveis associadas e os objetivos da pesquisa. Por fim, são apresentadas algumas definições conceituais fundamentais para a compreensão dos capítulos, a estrutura e conteúdo do trabalho.

1.2 EDIFICAÇÕES DO TIPO “CONSTRUÍDO PARA ALUGAR”

Edificações construídas para locação ao comércio surgiram quando o mercado imobiliário encontrou oportunidade na atividade comercial varejista, inicialmente por meio de atividades como galerias comerciais e passagens, que podem ser consideradas os primeiros “empreendimentos comerciais de base imobiliária” (p. ex., VARGAS, 2001; GEIST, 1993; VARGAS, ARAÚJO; 2014). Estes tipos de

empreendimentos podem gerar renda tanto pela exploração de atividades, como no caso de grandes centros de compras planejados (por exemplo, *shoppings centers/ mall*), quanto pelo uso e locação por valor fixado. Este último ocorre quando é estipulado um valor específico à locação por determinado período, sem que exista ganho por parte dos investidores com o faturamento da atividade, como no caso do tipo “construído para alugar” (p. ex., LIMA, 1995; AMATO, 2009; LIMA, MONETTI, ALENCAR; 2011).

As ideias contemporâneas dos produtos imobiliários para locação para o comércio tendem a ser importadas, principalmente, dos Estados Unidos (p. ex., “construído para alugar”, centro de compras planejados – *mall* ou *shopping center*, *superlojas*, *centros de descontos*) (p. ex., KOOLHAAS et al., 2001; VARGAS, 2001; p. ex. SIMONE, 2012; 2016). Basicamente, edificações para locação comercial, como a “construído para alugar”, são financiados com maior frequência por meio dos próprios investidores (p. ex., VARGAS, ARAÚJO; 2014). Os agentes envolvidos neste processo são (1) o proprietário do terreno, (2) o investidor que arca com a totalidade ou parte dos custos de desenvolvimento do empreendimento, (3) a empresa de assessoria imobiliária que pode participar desde a escolha do terreno, desenvolvimento do produto e até a locação da edificação, (4) a construtora, (5) o arquiteto e (6) o locatário que estabelecerá uma atividade na edificação após a sua implementação (p.ex., LIMA, MONETTI, 2011; VARGAS; 2000; 2001; PORTO, 2010). Neste processo, estes agentes podem estar concentrados, por exemplo, o proprietário do terreno pode ser o investidor, ou a assessoria imobiliária pode ser o investidor.

Edificações do tipo “construído para alugar” podem ser nomeadas de diferentes formas, como, por exemplo: lojas para locação pura do comércio, empreendimentos imobiliários comerciais, lojas, entre outros (p. ex., LIMA, 1995; VARGAS, ARAÚJO; 2014; AMATO, 2009; LIMA, MONETTI, ALENCAR; 2011). Também, são utilizados termos amplos no Brasil, Estados Unidos ou Austrália, por exemplo, como “lojas” ou “espaços construídos para alugar” (*stores for lease*), e “espaços para comércio” ou “espaços para varejo” (*retail spaces for lease/ built to rent*), por exemplo (Figura 1.1). Logo, o termo “construído para alugar” não compreende empreendimentos comerciais como “centros de compras planejados” (*shoppings centers ou mall*), ou ainda, “construída sob medida” (*built to suit*), quando uma edificação é construída

exatamente com as características estabelecidas pelo futuro locatário, com um contrato de tempo mínimo (p. ex., PORTO, 2010).



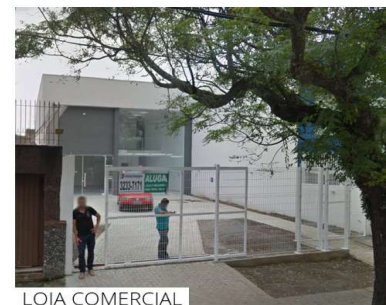
Retail • Showrooms/Bulky Goods
For Lease Contact Agent for Details
Floor Area Last Updated Zoning
270 m² Oct 27, 2015 Commercial

(1) Edificação do tipo “construído para alugar” referida como “loja para varejo/salas de exposição comerciais” na cidade de Adelaide, Austrália.



Loja para locação, Centro Área total Valor Alugu
390m² R\$ 12.000

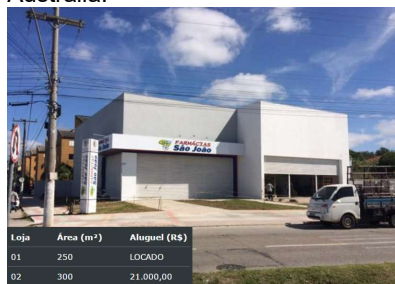
(2) Edificação do tipo “construído para alugar” referida como “loja para locação” na cidade de Curitiba, Brasil.



LOJA COMERCIAL

Área total
188m²

(3) Edificação do tipo “construído para alugar” referida como “loja comercial” para locação na cidade de Curitiba, Brasil.



Loja	Área (m ²)	Aluguel (R\$)
01	250	LOCADO
02	300	21.000,00

(4) Edificação do tipo “construído para alugar” referida como “loja para locação” na cidade de Pelotas, Brasil.



(5) Edificação do tipo “construído para alugar” em construção referida como loja “built for rental” na cidade de Porto Alegre, Brasil.



(6) Edificação do tipo “construído para alugar” em construção referida como “loja para alugar” na cidade de Mount Gambier, Australia.

Figura 1.1: Exemplos de diferentes referências às edificações do tipo “construído para alugar”

Fonte: (1) www.realestate.com.au, (2 e 3) Google Street View @2016; www.imoveisweb.com.br, (4) www.araujosanthos.com.br, (5) Google Street View @2016; (6) Google Street View @2016 e www.realestate.com.au

No sul do Brasil, também é utilizado o termo em inglês *built for rental* (construído para locação/alugar), empregado frequentemente pelo mercado imobiliário para se referir a edificações construídas para locação pura comercial. Por ser um tema relacionado ao mercado imobiliário, a utilização desta expressão é encontrada sobretudo em anúncios comerciais (Figura 1.2), sites de companhias imobiliárias ou notas de jornais (p. ex., Jornal do Comércio, 2012).



(1) Placa com anúncio imobiliário “built for rental” assinalado em vermelho tracejado, na cidade de Porto Alegre



(2) Placa com anúncio imobiliário “built for rental” assinalado em vermelho tracejado, na cidade de Porto Alegre

Figura 1.2: Exemplos do uso da expressão “built for rental” na cidade de Porto Alegre.

Fonte: (1) Google Street View, 2016, (2) autora

Portanto, com base na utilização do termo no sul do Brasil, nesta pesquisa, a expressão “construído para alugar” se refere apenas a edificações construídas para locação pura do comércio (como farmácias e lojas de mobiliário), ou alguns tipos de serviço (como salões de beleza e academia). O que diferencia este tipo de edificação dos demais empreendimentos desenvolvidos pelo mercado imobiliário são, além do próprio processo imobiliário, o fato das mesmas serem lojas projetadas e construídas sem uma atividade comercial específica ou locatário pré-estabelecidos. Ainda, o tipo “construído para alugar” possui como características fundamentais (Figura 1.3): planta baixa livre, amplas vitrines, pouco ou quase nenhum tipo de detalhes em suas fachadas, o que, segundo o mercado imobiliário, seria para a maior flexibilização para diferentes usos (p. ex., VARGAS; ARAÚJO, 2014; LIMA; MONETTI; ALENCAR, 2011); ser edificação isolada, fora de complexos ou centros comerciais; estar inserido em diferentes entornos urbanos residenciais, comerciais ou mistos, independentemente de serem consolidados ou não (p. ex. ALLEGRI, 2015; 2016; SIMONE, 2012; 2016).



(1) Edificação do tipo “Construído para alugar” com a atividade de agência bancária e unidade livre para locação, em Porto Alegre



(2) Edificação do tipo “Construído para alugar” com a atividade de loja de revestimentos para construção, em Porto Alegre



(3) Edificação do tipo “Construído para alugar” com a atividade de farmácia, em Porto Alegre



(4) Edificação do tipo “Construído para alugar” com a atividade de farmácia, em Porto Alegre

Figura 1.3: Exemplos da tipologia “construído para alugar” e suas características formais
 Fonte: (1), (2), (3) autora e (4) Google Street View, 2016.

O fato de o comércio e o mercado imobiliário serem atividades muito ágeis em termos de adaptações a novas tendências e demandas (KOOLHAAS et al., 2001; VARGAS), dificulta a obtenção de dados sobre novos empreendimentos. Na cidade de Porto Alegre, não há informação específica do número de edificações do tipo “construído para alugar”, pois as mesmas podem ser cadastradas junto ao censo do Sindicato da Indústria da Construção Civil no Estado do Rio Grande do Sul, (SINDUSCON-RS) como “lojas” ou como “outros empreendimentos comerciais”, assim como podem ser aprovadas junto à prefeitura apenas como “lojas comerciais”. Mesmo assim, sabe-se que, em 2015, foram construídos 88 empreendimentos, dos quais 38 são categorizadas como “lojas” e 55 como “outros empreendimentos comerciais” (SINDUSCON-RS). A tendência é que a produção de espaços como os do tipo “construído para alugar” continue a ocorrer em diversas partes do mundo, enquanto o mercado imobiliário encontrar opções de geração de renda e diversificação de investimentos por meio das atividades comerciais varejistas (p. ex. LIMA; MONETTI; ALENCAR, 2011; VARGAS; ARAÚJO, 2014; SIMONE, 2016).

1.3 IDENTIFICAÇÃO E IMPORTÂNCIA DO PROBLEMA DE PESQUISA

Pesquisas relacionadas ao ambiente urbano e ao mercado imobiliário indicam um crescimento generalizado de construções voltadas à locação ao comércio e aos serviços, como as do tipo “construído para alugar” (p. ex., VARGAS, 2001; p. ex., ALLEGRI, 2015; 2016; ERKIP; OZUDURU, 2015; SIMONE, 2012; 2016; VARGAS, 2014). Estas inserções urbanas ocorrem também em meio a bairros residenciais e consolidados, alterando o uso do solo e a estética dos espaços urbanos, incluindo a substituição de edificações antigas por novas (p. ex., ALLEGRI, 2016; GOLDBERG, 2005). Em muitos casos, não se evidencia a real demanda da população envolvida e a compatibilidade dessas estruturas com seus entornos (VARGAS, 2001). A arquitetura de edificações do tipo “construído para alugar” é entendida como um produto imobiliário que exige uma universalidade de características formais (VARGAS, ARAÚJO; 2014; ex., LIMA, 1995), sendo construções como estas comumente descritas apenas como estruturas flexíveis e com grandes vitrines (p. ex., ALLEGRI, 2015). Ainda, em muitos casos, não há uma preocupação em estabelecer uma relação destas edificações com a estética e o uso do entorno envolvido (p. ex., VARGAS, 2001). Adicionalmente, não foram encontradas pesquisas que tratem especificamente da relação destas edificações com os espaços urbanos, e, somado a tal, existe a necessidade de aprofundar o conhecimento acerca de tipologias desenvolvidas pelo mercado imobiliário para o comércio (VARGAS, 2008).

Também, a maior parte dos estudos que avaliam a qualidade visual dos espaços construídos para o comércio tem focado na análise dos aspectos físico-espaciais do ambiente interno ou na imagem que esse comércio transmite para seus consumidores (p.ex., ENGELS et al., 1995; THANG e TAN, 2003; POPKOWSKY, SINHA e SAHGAL, 2004; MEHRABIAN e RUSSELL, 1974; KOOLHAAS et. al; 2001), sem uma preocupação específica com sua relação com o espaço urbano. Visto que qualquer edificação cria algum impacto para quem observa ou analisa o espaço público, pesquisas que envolvem a análise estética dos espaços urbanos, acabam por incluir ruas comerciais (p. ex., GEHL, 2013; PORTELLA, 2014; NASAR, 1998; MORETTO; REIS, 2008), contribuindo para a realização desta pesquisa. Ainda, a percepção de qualidade visual no espaço urbano é muito relevante para a economia de uma cidade (p. ex., REIS et al, 2011) e possui forte impacto na vida das pessoas (STAMPS, 2000;

REIS et al, 2011; 2014). Tal importância da estética urbana também se reflete no fato que algumas cidades do mundo possuem políticas de controle de paisagem urbana (STAMPS, 2000; GEHL, 2013). Também, tem sido destacada a importância do desenvolvimento de espaços esteticamente agradáveis e ativos envolvendo o comércio (GEHL; GEMZOE; KIKNAES; SONDERGAARD; 2006; GEHL, KAEFER, REIGSTAD; 2006). Contudo, tais estudos não tratam especificamente da estética de edificações do tipo “construído para alugar” e de seu impacto nos espaços urbanos.

Com relação ao conhecimento existente relacionado às edificações construídas pelo mercado imobiliário para locação ao comércio em geral e ao uso dos espaços urbanos, os estudos se concentram, sobretudo, nos impactos de grandes centros de compras, e nas transformações socioeconômicas e espaciais decorrentes dessas estruturas (p. ex MARASCHIN; 2008; 2011; 2013; ARAÚJO, 2005; ERKIP E OZUDURU; 2015), e nas fragmentações dos núcleos centrais das cidades e suas relações com o surgimento de novas atividades e estabelecimentos comerciais (p. ex., SILVA, 2012; ALLEGRI, 2015; 2016), sem que tenham sido desenvolvidas análises específicas envolvendo a tipologia “construído para alugar”. Por outro lado, os trabalhos relacionados ao comércio (p. ex., VARGAS, 2001), e os que tratam da qualidade dos espaços urbanos, revelam como diferentes atividades, incluindo as comerciais, impactam na experiência dos indivíduos nos espaços urbanos (p. ex., GEHL, 2013; JACOBS, 1961; LAY; REIS, 2002). Dependendo da atividade comercial, ela pode atuar de maneira positiva ou negativa, gerando movimentos e outras atividades decorrentes, que podem aumentar ou diminuir a vivacidade dos espaços urbanos, assim como podem atender ou não às necessidades dos indivíduos (GEHL, 2013; JACOBS, 1961; 1987).

Portanto, é evidenciada a importância da qualidade estética e do uso adequado dos espaços urbanos para as pessoas, e a necessidade de estudos que analisem, especificamente, edificações com usos comerciais do tipo “construído para alugar” e os seus impactos estéticos e nos usos dos espaços urbanos.

1.4 VARIÁVEIS ASSOCIADAS AO PROBLEMA DA PESQUISA

São diversos os fatores que influenciam na percepção dos espaços urbanos. As variáveis contextuais dizem respeito às características físico-espaciais existentes no

ambiente, e neste trabalho estão relacionadas à estética e ao uso dos espaços urbanos com a tipologia “construído para alugar”, enquanto as variáveis composicionais são relativas ao próprio indivíduo, que podem influenciar nos julgamentos do ambiente construído (NASAR, 1992; STAMPS, 1999; GIFFORD, 2000).

As variáveis relacionadas à estética de espaços urbanos com edificações do tipo “construído para alugar” estão relacionadas ao padrão formal destas edificações, que tenderiam a se destacar em meio a contextos urbanos tipicamente residenciais, e, poderiam afetar a percepção destes espaços pelos indivíduos, inclusive, durante a noite, por ser uma edificação comercial (p. ex., GEHL, 2013). Dentro dos aspectos que podem influenciar em avaliações de cenas urbanas ou edificações, pertinentes à percepção do indivíduo, são considerados os conceitos de ordem e estímulo visual, inerentes à avaliação estética de edificações e áreas urbanas (p. ex., REIS et al, 2014; NASAR, 1997; LANG, 1992; REIS, 2002; WEBER, 1995).

Relacionadas às avaliações estéticas, os fatores composicionais considerados, tais como formação acadêmica e familiaridade, podem influenciar as percepções e avaliações das pessoas (NASAR, 1992; LYNCH, 1960; LANG, 1974). Enquanto algumas pesquisas indicam que a formação do indivíduo afeta o nível de satisfação com o ambiente (p. ex., LANG, 1987; FAWCETT; ELLINGHAM; PLATT, 2008), outras constataam a inexistência de diferença expressiva entre as avaliações estéticas de cenas urbanas com clara organização e estímulo visual das edificações, por parte de pessoas com distintos níveis e tipo de formação universitária (p. ex., REIS et al, 2011; REIS, et al., 2014). Também, enquanto alguns estudos indicam que a familiaridade pode afetar a preferência estética, sem ser determinante (NASAR, 1998; REIS et al., 2014; KOWARICK et al, 2008), outros afirmam que existe uma clara influência da familiaridade sobre as avaliações estéticas das pessoas (PORTEOUR, 1996).

As variáveis relacionadas ao uso de espaços urbanos com edificações do tipo “construído para alugar” estão relacionadas às diferentes atividades realizadas nestes espaços em meio a ambientes predominantemente residenciais. Nesse sentido, são consideradas a percepção de existência ou não de demanda e de compatibilidade de tais atividades com seus entornos (p. ex., VARGAS, 2001; GEHL, 2013; GEHL et al, 2006), que permitem a maior ou menor interação social nos entornos analisados (p.ex., JACOBS, 1961; REIS; LAY, 1995; APPLEBYARD; LINTELL, 1972). Também,

são consideradas variáveis que impactem no desempenho das edificações e de suas atividades, como a funcionalidade interna destes espaços (flexibilização e o tamanho das áreas), os seus acessos (p. ex., VOORDT; MAARLEVELD, 2006; PARENTE, 2000; MORETTO, 2007), e a localização no espaço urbano (VARGAS, 2001; TURLEY; MILLIMANN, 2000).

Ainda relacionadas ao uso, são considerados: os moradores dos entornos imediatos às edificações tipo “construído para alugar”, pois pesquisas indicam que são estes os principais atingidos por modificações nos usos do solo (p. ex., VARGAS, 2001; CROSS; KÜLLER, 2004); os clientes dos estabelecimentos, que seriam um dos principais agentes para o sucesso ou insucesso de uma atividade (p. ex., TURLEY e MILLIMAN, 2000; VARGAS, 2001; MORETTO, 2007); os comerciantes ou locatários, que imprimiriam as características específicas da sua atividade comercial na edificação e seriam eles que procurariam nas cidades as localizações para o seu negócio (p. ex., VARGAS, 2001); e os próprios agentes imobiliários, que atuariam gerando as localizações (LIMA, 1995; VARGAS, 2001).

1.5 OBJETIVOS DA PESQUISA

Assim, esta pesquisa tem como objetivo relacionado à análise estética: (i) analisar e comparar níveis de satisfação e preferências estéticas de cenas, nos períodos diurno e noturno, com edificações do tipo “construído para alugar” e cenas com as edificações substituídas, considerando a percepção de diferentes grupos de indivíduos. Também, tem como objetivo relacionado à análise de uso: (ii) identificar os níveis de satisfação com a localização das diferentes atividades das edificações tipo “construído para alugar” nos entornos predominantemente residenciais e averiguar se a tipologia é satisfatória para o desempenho das atividades que abriga, de acordo com diferentes grupos de indivíduos relacionados à estas estruturas.

Estes objetivos permitem a obtenção de conhecimentos acerca da estética e do uso de edificações do tipo “construído para alugar” e de seus impactos nos espaços urbanos.

1.6 DEFINIÇÕES CONCEITUAIS

Para a compreensão do significado de alguns termos empregados ao longo deste trabalho, são apresentadas as seguintes definições:

- 1) Cena urbana: corresponde à imagem constituída tanto pelo tipo “construído para alugar” quanto pela edificação anterior (que foi substituída pelo “construído para alugar”) e por outras edificações existentes, além dos demais elementos que constituem os espaços urbanos que fazem parte da pesquisa.
- 3) Entorno imediato: corresponde ao entorno das edificações do tipo “construído para alugar” e compreendem todos os elementos dos espaços urbanos apresentados nas cenas, como edificações vizinhas, vegetação, céu, etc.
- 4) Cena diurna com exemplar: representa uma cena durante o dia com uma edificação do tipo “construído para alugar” e seu entorno imediato.
- 5) Cena noturna com exemplar: representa cena durante a noite com edificação do tipo “construído para alugar” e seu entorno imediato.
- 6) Cena anterior ao exemplar: corresponde ao mesmo local da cena diurna e/ou noturna com o exemplar, porém, em tempo diferente e com a edificação que foi substituída pela tipologia “construído para alugar”.

1.7 ESTRUTURA E CONTEÚDO DO TRABALHO

Capítulo 2: Trata da revisão da literatura acerca das variáveis associadas ao problema de pesquisa, apresenta as justificativas para os objetivos, que são definidos a partir de tais justificativas.

Capítulo 3: Descreve a metodologia adotada para a operacionalização das variáveis associadas a esta pesquisa. Apresenta os critérios adotados para seleção dos exemplares analisados, a seleção dos grupos de participantes da pesquisa, os métodos de coleta e análise de dados, assim como os principais aspectos relacionados à realização do trabalho de campo.

Capítulo 4: Apresenta e analisa os resultados obtidos, conforme os objetivos definidos no Capítulo 2.

Capítulo 5: Revisa os objetivos deste estudo, os principais resultados obtidos e discute a relevância desta pesquisa e as implicações para trabalhos futuros.

CAPÍTULO 2: EDIFICAÇÕES DO TIPO “CONSTRUÍDO PARA ALUGAR” E A RELAÇÃO COM A ESTÉTICA E USO DOS ESPAÇOS URBANOS

2.1 INTRODUÇÃO

Este capítulo examina a relação entre as edificações do tipo “construído para alugar” e a estética e o uso dos espaços urbanos. Após, é descrita a relação dessas edificações com os espaços urbanos, para depois apresentar os aspectos de estética e uso. No item relativo à qualidade estética dos espaços urbanos são apresentados o conceito e importância da estética, as suas diferentes abordagens e teorias, os conceitos de satisfação e preferência nas avaliações estéticas, bem como as variáveis relacionadas tema: diferenças entre avaliações por grupos de indivíduos com diferentes tipos e níveis de formação universitária e diferentes níveis de familiaridade, conceitos de ordem e estímulo visual, estes relacionados às avaliações formais de cenas urbanas com e sem as edificações do tipo construído. No item relativo à qualidade de uso dos espaços urbanos são abordados o conceito e importância do uso, o processo de avaliação do uso dos espaços urbanos, assim como as variáveis relacionadas ao tema: grupos de usuários dos espaços urbanos relacionados aos objetivos da pesquisa, a importância da avaliação da adequação de atividades com seus entornos por meio da compatibilidade e existência de demanda, o desempenho das edificações para suas atividades quanto à funcionalidade dos espaços, acessos adequados aos usuários e a sua localização.

2.2 EDIFICAÇÕES DO TIPO “CONSTRUÍDO PARA ALUGAR” E OS ESPAÇOS URBANOS

As edificações do tipo “construído para alugar” surgem em decorrência da diversificação do capital do mercado imobiliário, acompanhando um crescimento generalizado de construções voltadas à locação para o comércio e serviços (p. ex., VARGAS, 2001). Desta forma, ocorrem modificações de localizações e criação de novos espaços comerciais nas cidades, sem que se evidencie, em muitos casos, a real demanda da população envolvida e a compatibilidade dessas estruturas com seus entornos (VARGAS, 2001).

Algumas pesquisas atuais citam o surgimento de novas tipologias fora dos grandes complexos de compras desenvolvidas pelo mercado imobiliário para locação do comércio, entre elas as do tipo “construído para alugar” (p. ex., ALLEGRI, 2015; 2016; ERKIP; OZUDURU, 2015; SIMONE, 2016; VARGAS, 2014). Esse fenômeno ocorre também pela adaptação dos negócios imobiliários para o comércio de varejo em edificações menores, em meio a bairros residenciais e consolidados, alterando o uso do solo e a estética dos espaços urbanos (p. ex., GOLDBERG, 2005), incluindo a substituição de edificações antigas por novas (ALLEGRI, 2016).

Tipologias como as lojas do tipo “construído para alugar”, juntamente com centros de compras planejados fechados, *power centers* (complexos de compras à céu aberto) e lojas de conveniência são importados principalmente dos Estados Unidos, como modelos de negócios imobiliários (SIMONE, 2012; 2016). Esses negócios tendem a se adaptar às condições das atividades imobiliárias (p. ex., SIMONE, 2012; 2016; JAYNE, 2006). Contudo, a arquitetura dessas tipologias é entendida como um produto imobiliário que exige uma universalidade de características formais (VARGAS, ARAÚJO; 2014), que busca desenvolver edificações flexíveis para diferentes tipos de atividades, tanto em relação à sua espacialidade interna, quanto em relação à sua estética sem maiores detalhamentos (Figura 2.1). Isso é estipulado para que os empreendimentos apresentem o menor período de absorção possível pelo mercado, para que se tenha um retorno de investimento o mais rápido possível (p. ex., LIMA, 1995).

No Brasil não há um controle de políticas públicas que tratam dos aspectos estéticos das edificações. Muitas vezes, para os incorporadores envolvidos com as estruturas construídas para locação do comércio, o mais importante é proporcionar um espaço interno de dimensão suficiente para abrigar diferentes tipos de atividades, sem que haja uma preocupação em estabelecer uma relação com a estética e o uso do entorno envolvido (p. ex., VARGAS; ARAÚJO, 2014; VARGAS, 2001). Edificações como as do tipo “construído para alugar” são comumente descritas apenas como estruturas flexíveis e com grandes vitrines para exposição do seu comércio ou serviço (p. ex., ALLEGRI, 2015), ou seja, caixas vazias à espera de uma atividade, e que podem impactar de forma negativa ou positiva no espaço urbano. Segundo Vargas (2014), Geist (1958 apud VARGAS, 2014) já apontava uma tendência à despreocupação em relação às características formais das edificações construídas para locação do

comércio, ao contrário, por exemplo, do que ocorria nas construções das galerias comerciais francesas do século XIX, consideradas por alguns os primeiros empreendimentos construídos para locação ao comércio (GEIST, 1985 apud VARGAS, 2014).



(1) Edificação do tipo “construído para alugar” na cidade de Porto Alegre.



(2) Edificação do tipo “construído para alugar” na cidade de Porto Alegre..



(3) Edificação do tipo “construído para alugar” na cidade de Porto Alegre.



(4) Edificação do tipo “construído para alugar” na cidade de Porto Alegre.

Figura 2.1: Edificações do tipo “construído para alugar” produzidas pelo mercado imobiliário na cidade de Porto Alegre, Brasil.

Fonte: (1), (2), (3) autora e (4) Google 2016

Tratando de estudos que avaliem a qualidade visual dos espaços construídos para locação ao comércio, a maior parte das investigações estão na área de marketing, psicologia e arquitetura e tem focado na análise dos aspectos físico-espaciais do espaço interno ou na imagem que esse comércio transmite para seus consumidores (por exemplo, ENGELS et al., 1995; THANG e TAN, 2003; POPKOWSKY, SINHA e SAHGAL, 2004; MEHRABIAN e RUSSELL, 1974; KOOLHAAS et al.; 2001). Esses trabalhos buscam explorar o comportamento dos usuários do comércio a fim de compreender as sensações e percepções (olfativas, de iluminação e cores, por

exemplo), aspectos próprios dos espaços do comércio de varejo, sem uma preocupação específica com sua relação com o espaço urbano.

Por mais que exista uma carência de análises estéticas sobre edificações do tipo “construído para alugar” e os seus contextos urbanos, a análise estética de espaços urbanos comerciais e não comerciais sustenta o desenvolvimento do presente trabalho, principalmente no que diz respeito às variáveis que influenciam a percepção da qualidade visual do espaço urbano. Muitas pesquisas que envolvem a análise de aspectos formais e estéticos dos espaços urbanos incluem espaços comerciais (p. ex., GEHL, 2013; PORTELLA, 2014; NASAR, 1998; GEHL et al., 2006; MORETTO; REIS, 2008), pois qualquer edificação cria algum impacto estético para quem a observa do espaço público aberto. Segundo Lynch (1960), as fachadas ou paredes das edificações são a forma como as pessoas lembram as cidades.

Ainda, a percepção da existência de qualidade visual urbana é muito relevante para a economia de uma cidade (p. ex., REIS et al, 2011). Este fator econômico, junto a políticas públicas em alguns lugares do mundo, tem determinado a adaptação de marcas globais às características físicas que remetam à uma identidade estética com o entorno (VARGAS, 2009). Esse controle sobre a estética de novos empreendimentos com finalidade de uso comercial ocorre principalmente em sociedades que possuem políticas de controle de paisagem urbana, preocupados com a geração de uma boa qualidade estética (p. ex., GEHL, 2013; STAMPS, 2000).

Em cidades americanas e australianas, por exemplo, existem normas específicas para implantação ou remodelação de edificações construídas para o comércio, não apenas em áreas históricas das cidades (p. ex., STAMPS, 2000; GEHL, 2013). Essas regulamentações incluem aspectos morfológicos, detalhamentos, materiais de fachadas, uso de escalas adequadas, tipos de recuos entre edificações, uso cromático, entre outros aspectos (p. ex., HUGSON, 2012; LOS ANGELES, 2011; GEHL, 2013). Elas se aplicam a áreas comerciais e residenciais, orientando a implantação de edificações construídas para locação do comércio. Mesmo a posição das fachadas e das aberturas das edificações em relação à rua são controladas, com objetivo de aumentar a qualidade visual percebida pelo indivíduo, criando fachadas ativas e interessantes (HUGSON, 2012; LOS ANGELES, 2011; GEHL, 2013). Nesse sentido, Gehl, Kaefer, Reigstad (2006) reforçam a importância do desenvolvimento de espaços esteticamente agradáveis e ativos envolvendo o comércio, incluindo

exemplos como a requalificação de espaços da cidade de Copenhague (GEHL; GEMZOE; KIKNAES; SONDERGAARD; 2006) e de Melbourne (GEHL, 2013). Estes trabalhos evidenciam a importância particular da qualidade estética dos pavimentos térreos já que estes tendem a ser os mais visualizados pelos pedestres nas calçadas (GEHL; KAEFER; REIGSTAD, 2006).

Com relação ao conhecimento existente relacionado às edificações construídas pelo mercado imobiliário para locação ao comércio em geral e ao uso dos espaços urbanos, os estudos se concentram sobretudo nos impactos de grandes centros de compras no solo urbano e nas transformações socioeconômicas e espaciais decorrentes dessas estruturas (p. ex MARASCHIN; 2008; 2011; 2013; ARAÚJO, 2005; ERKIP E OZUDURU; 2015). Ainda, existem estudos relacionados a fragmentações dos núcleos centrais nas cidades e sua relação com o surgimento de novas atividades e estabelecimentos comerciais (p. ex., SILVA, 2012; ALLEGRI, 2015).

Entretanto, não foram encontrados estudos que tratassem especificamente das edificações do tipo “construído para alugar” e seu impacto na utilização dos espaços urbanos. Contudo, os trabalhos relacionados ao comércio, ocupante dessas estruturas, fornecem informações importantes já que as atividades comerciais têm relação estreita com aquelas que ocorrem nos espaços urbanos (GEHL, 2013). Nesse sentido, cabe destacar que, até 1980, as atividades relacionadas ao espaço produzido para o consumo foram pouco exploradas pelas ciências sociais (ALLEGRI, 2016). Isso é modificado ao ser percebido que as atividades relacionadas ao mercado e comércio de varejo têm papel importante na vida social (p. ex., ALLEGRI, 2016; JAYNE, 2006). Assim, conforme afirma Allegri (2016), em concordância com Jayne (2006), o consumo tem um caráter central na vida social das cidades.

Desta forma, estudos relacionados às atividades e a qualidade do uso dos espaços urbanos revelam como diferentes atividades, incluindo as comerciais, podem revitalizar determinadas áreas das cidades, aumentando a vivacidade dos espaços urbanos (GEHL, 2013; JACOBS, 1961). Ainda, é importante destacar que o tipo de atividade comercial e a configuração das edificações que as abrigam podem impactar o espaço urbano de maneira positiva ou negativa, gerando movimentos e outras atividades decorrentes (GEHL, 2013). Conseqüentemente, essas atividades

impactam na experiência dos indivíduos nos espaços urbanos (p. ex., LAY; REIS, 2002; REIS; LAY, 2006).

Salienta-se também que muitas das construções atuais voltadas à locação do comércio tendem a ser muito maiores que as edificações de cidades antigas ou que foram construídas antes do movimento moderno (p. ex., GEHL, 2013). Com frequência, as atuais edificações de comércio podem ser caracterizadas por fachadas largas e planas, que podem carecer de variedade de atividades e intensidade de uso (Figura 2.2) (p. ex., GEHL et al, 2006; GEHL; KAEFFER; REIGSTAD, 2006; GEHL, 2013). Esse fator seria responsável por grande parte da falta de trocas de experiências entre a atividade que ocorre no interior da edificação e na rua, sendo negativo para a vivacidade urbana, conforme os estudos publicados (KARSSENBERG et al, 2016). Desta forma, não somente o tipo de atividade comercial é relevante, mas também a forma como ela é inserida e em qual contexto urbano, por exemplo, consolidado ou não, residencial ou comercial.



(1) unidades comerciais com fachadas menores, maior diversidade de atividades e maior movimento de pessoas



(2) edificação para locação do comércio em maior escala, baixa diversidade de atividades e pouco movimento de pessoas.

Figura 2.2: Diferentes atividades comerciais e edificações, e distintos usos do espaço urbano.

Fonte: (1) e (2) GEHL, 2013.

Nesse sentido, certas cidades dos Estados Unidos, como São Francisco da Califórnia, e da Austrália, como Melbourne, ou, ainda, países da Europa, possuem um controle sobre o tipo de atividades dos pavimentos térreos das edificações. Esse seria o local onde ocorre a troca direta entre espaço interno e externo, um espaço de transição da cidade, onde podem ser desenvolvidas atividades enriquecedoras (GEHL, 2013). O objetivo é garantir a qualidade dos espaços abertos públicos e os movimentos de pessoas (GEHL; KAEFFER; REIGSTAD, 2006). Por exemplo, atividades voltadas

para a rua, como cafés, lojas, bares e restaurantes, costumam atrair mais pessoas e manter um maior movimento de entrada e saída, sendo atividades ou usos positivos para os espaços urbanos. Em Melbourne, Austrália, foram adotadas políticas públicas que estabeleceram quais atividades comerciais são permitidas e quais devem estar presentes em áreas a serem revitalizadas (GEHL, 2013). Esse controle de atividades mais adequadas foi um dos fatores responsáveis por transformar a cidade em uma das melhores em índices de qualidade urbana para os indivíduos (GEHL, KAEFFER; REIGSTAD, 2006).

Por outro lado, algumas atividades comerciais, em meio ao ambiente residencial, não garantem que exista uma ocupação contínua do espaço urbano ao longo dos períodos do dia ou semana (GAMBIM, 2007). Nessa mesma lógica, uma atividade comercial pode gerar movimento de indivíduos em apenas determinados turnos, assim como gerar diferentes movimentos de diferentes usuários do espaço urbano, dependendo de interesses próprios de cada atividade (p. ex., GEHL, 2013; GEHL et al, 2006; REIS; LAY, 2006; JACOBS, 1961). Por exemplo, uma atividade comercial de primeira necessidade, como a farmácia, funciona em diferentes turnos, enquanto uma loja de venda de mobiliário tende a funcionar apenas durante o dia. Além disso, cabe destacar que, mesmo havendo o desenvolvimento de atividades no espaço urbano por determinada edificação, pode haver uma incompatibilidade de usos com seu entorno e conflitos de interesses entre moradores e a atividade comercial (VARGAS, 2001).

Seguindo essa lógica, também deve existir a adequação de uma edificação para determinado uso, para que o mesmo tenha sucesso e impacte positivamente o espaço urbano (GEHL, 2013). Nesse sentido, diferentes pesquisas (p. ex., TURLEY; MILLIMAN, 2000; VOORDT; MAARLEVELD, 2006; MORETTO, 2007; VARGAS, ARAÚJO, 2014) apontam variáveis que podem contribuir para o sucesso das edificações voltadas ao comércio, tais como a flexibilização dos espaços, o acesso às edificações e a localização dos empreendimentos.

Assim, embora exista uma carência de estudos que analisem especificamente o impacto de edificações do tipo “construído para alugar”, é possível utilizar informações de estudos que tratem da estética e do uso dos espaços urbanos. Desta forma, vai-se ao encontro da necessidade de aprofundar o conhecimento sobre o impacto de tipologias desenvolvidas pelo mercado imobiliário para o comércio no espaços

urbanos. Assim, são apresentados a seguir aspectos da estética e do uso dos espaços urbanos pertinentes e que fundamentam os objetivos desta pesquisa.

2.3 ESTÉTICA

2.3.1 Conceito e importância da estética

A estética compreende as características dos elementos do espaço urbano que estimulam os sentidos dos indivíduos (REIS et al, 2011) e incluem as sensações não visuais e visuais (p. ex., PORTEOUS, 1996). A qualidade estética tem sua importância reconhecida por meio de diversos estudos, os quais investigam a sua influência na qualidade de vida e no comportamento dos indivíduos (p.ex., STAMPS, 2000; NASAR, 1998; WEBER, 1995).

A importância da aparência de um ambiente para seus usuários tem sido utilizada por pesquisadores como base para avaliar o impacto de elementos inseridos no espaço urbano (p. ex., LAY; REIS, 2006; STAMPS, 2000). Desta forma, algumas cidades em países como Estados Unidos e Austrália incluem a avaliação da aparência no parecer de impacto ambiental de novos projetos (p. ex., REIS; LAY, 2003; STAMPS 2000; GEHL et. al, 2006; SANOFF, 1991). A partir dessas avaliações, são produzidas recomendações de projeto, ou *Design Review*, que são os conjuntos de medidas de maior relevância e eficácia associados à manutenção da qualidade visual do ambiente (p. ex., REIS; LAY, 2003). Essas medidas são definidas pelo governo, que tem como objetivo controlar a variação estética de determinado ambiente e fazer sua projeção visual no futuro (STAMPS, 2000). Essas regulamentações consideram que a qualidade estética do espaço urbano é de interesse público, e, por esse motivo, deve estar baseada nas preferências dos seus cidadãos (SANOFF, 1991; REIS; LAY, 2003, 2006).

Desta forma, nos estudos da área denominada Ambiente e Comportamento, a estética tem sido amplamente utilizada para avaliar a qualidade dos projetos urbanos e de edificações, visto que para melhorar a qualidade visual dos espaços urbanos é preciso entender como as características visuais desses espaços podem afetar os seus usuários (REIS; LAY, 2006). Portanto, esta pesquisa considera a importância da avaliação estética dos espaços urbanos com edificações do tipo “construído para

alugar”. Assim, são apresentados a seguir as abordagens existentes da estética e qual a conceito é pertinente para este estudo.

2.3.2 Abordagens da estética: filosófica e empírica

O conceito de estética se divide em duas abordagens, uma relativa à estética filosófica, e outra relativa à estética empírica. A primeira pressupõe que “a beleza está nos olhos de quem vê” e que cada indivíduo teria uma reação estética distinta quanto ao elemento observado, desconsiderando a existência de consenso estético e, conseqüentemente, a importância de avaliações estéticas (REIS et al, 2011; WEBER, 1995). Neste sentido, Ruskin (apud LANG, 1987) argumenta que valores estéticos não podem ser objeto de estudos científicos. A segunda abordagem, por outro lado, considera que a beleza está mais no objeto que é percebido do que nos olhos de quem percebe e, logo, que é possível avaliar as reações estéticas de pessoas diferentes e obter consensos estéticos (REIS et al, 2011). Assim, a estética empírica permite avaliações dos atributos formais e compositivos, utilizando indicadores objetivos para discutir e avaliar a qualidade de ambientes construídos (REIS et al, 2011; LANG, 1987). Esta abordagem considera que o processo fisiológico de organização perceptiva é autônomo, ou seja, indivíduos diferentes tendem a ter respostas semelhantes nas avaliações estéticas, independentemente da sua origem ou de seus gostos pessoais (WEBER, 1995; LANG, 1987). Portanto, a estética empírica é considerada mais adequada para avaliar a qualidade visual dos espaços urbanos.

O processo de avaliação e de apreensão da qualidade estética do ambiente construído compreende dois conceitos complementares: a estética formal, fundamentada no processo de percepção, e a estética simbólica, baseada no processo de cognição (p.ex., REIS, et al., 2011). A percepção trata, principalmente, da sensibilização visual provocada em um indivíduo pelos atributos morfológicos de objetos (LANG, 1987; GOLLEDGE E STIMSOM, 1997), incluindo os atributos formais de uma edificação ou de um conjunto de edificações (REIS, et al., 2011), tais como as dimensões, cores e geometrias (LANG, 1987). Cabe destacar que, embora a percepção inclua estímulos associados aos sentidos de audição, olfato e tato, é a percepção visual a responsável por mais de 80% do estímulo sensorial humano,

sendo assim, o sentido dominante (PORTEOUS, 1996; REIS; LAY, 2006). Conforme Weber (1995, p. 74), a percepção é um processo autônomo e independente de qualquer influência cognitiva do indivíduo, como memória ou reconhecimento.

Por outro lado, a estética simbólica considera o processo de cognição, que permite associações com os elementos construídos e naturais em uma cena urbana, e explica os significados associados às edificações no espaço urbano (REIS et al, 2011). Diferentemente da percepção, a cognição não implica um comportamento imediato, ela não necessita estar relacionada ao que ocorre no momento da visualização de um determinado elemento ou espaço. Assim, o significado trata de interpretações pelas quais é atribuído valor, com base em conceitos independentes de padrões de estímulo (WEBER, 1995; LAY; REIS, 2006).

Portanto, por meio dos processos de percepção e cognição são estabelecidas as relações entre o indivíduo e o ambiente construído, produzindo uma representação mental do ambiente real (Figura 2.3).

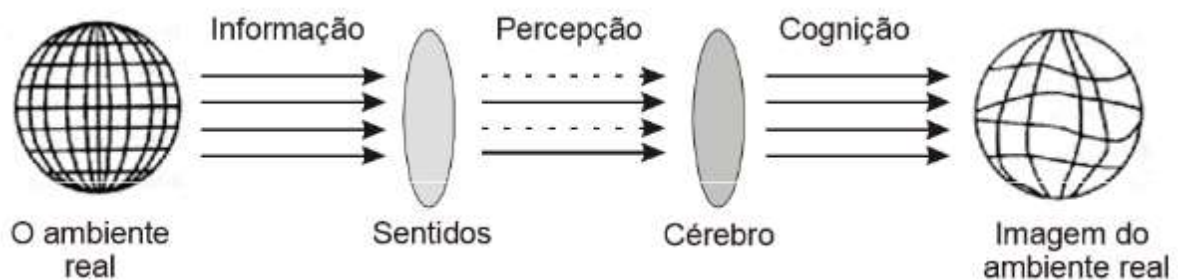


Figura 2.3: Processo de formação da imagem pelo indivíduo.

Fonte: Portella, 2003 (Adaptado da língua inglesa de GOLLEDGE e STIMSON, 1997)

Logo, considerando que a imagem produzida pode ser positiva ou negativa e que dela resultam atitudes e comportamentos (GOLLEDGE e STIMSON, 1997), é relevante destacar a lógica da consideração desses dois conceitos neste estudo.

2.3.3 Conceito de satisfação e preferência nas avaliações estéticas

As avaliações estéticas são realizadas por meio dos julgamentos do indivíduo e estão relacionadas ao nível de satisfação visual do mesmo com o ambiente (p. ex., REIS; LAY, 1995). A satisfação com um ambiente construído depende da avaliação do indivíduo de acordo com diversos atributos contidos em tal ambiente. Assim, um alto nível de satisfação dos usuários indica um bom desempenho ambiental, e vice-versa

(REIS; LAY, 1995). Já a preferência possibilita a identificação da cena melhor avaliada em comparação a outra(s), assim como permite a escolha de cenas que representam situações não vivenciadas pelo avaliador (STAMPS, 2000; REIS; LAY, 1995).

Assim, a preferência está diretamente relacionada ao conceito de satisfação com o ambiente, pois constituem indicativos para a avaliação da qualidade visual do espaço (PORTELLA, 2003). Contudo, o fato de uma cena ser a preferida em comparação a outra(s) não significa que tal cena seja satisfatória, pode ser apenas a melhor avaliada, o que sustenta a complementariedade e a importância dos conceitos de satisfação e preferência.

Portanto, a consideração da preferência e da satisfação em avaliações do ambiente construído tem sido utilizada por diversos pesquisadores na área de ambiente-comportamento (p. ex., STAMPS, 2000; 2015; REIS et al, 2004), e tem demonstrado relevância nessas investigações. Esses conceitos possibilitam a identificação de cenas ou composições estéticas percebidas como mais atraentes pelo indivíduo, produzindo dados relevantes e que possibilitam a elaboração de diretrizes para a qualificação visual dos espaços urbanos (p. ex., STAMPS, 2000; SANOFF, 1991; NASAR, 1998). Desta forma, é evidenciada a relevância dos conceitos de satisfação e preferências para as avaliações estéticas dos espaços urbanos e a consequente consideração desses conceitos na presente investigação.

2.3.4 Variáveis relacionadas às diferenças nas avaliações estéticas por grupos de usuários

Mesmo que a estética empírica tenha duas principais teorias, uma voltada ao aspecto formal e outra ao aspecto simbólico, há o entendimento de que as características físicas do ambiente, juntamente com os fatores composicionais dos indivíduos influenciam na avaliação estética do ambiente construído (NASAR, 1992; STAMPS, 1999; FAWCETT; ELLINGHAM; PLATT, 2008).

Nesse sentido, as necessidades, os interesses dos indivíduos e a profissão (NASAR, 1998; LYNCH, 1960), assim como suas experiências anteriores, ou seja, a familiaridade (LANG, 1974) podem influenciar nas avaliações estéticas. Desta forma, é relevante entender como um ambiente pode ser desenvolvido para atender às necessidades de diferentes grupos (STAMPS, 2000; LYNCH, 1960).

2.3.4.1 Tipos e níveis de formação universitária

A formação do indivíduo é frequentemente apontada como diferenciador do nível de satisfação com o ambiente (p. ex., LANG, 1987; FAWCETT; ELLINGHAM; PLATT, 2008). Pessoas pertencentes a um mesmo grupo tenderiam a ter percepções similares e a produzir consensos quanto a avaliações estéticas (KANT apud STAMPS, 2000). Alguns estudos sugerem que julgamentos da qualidade visual do ambiente podem revelar diferenças entre arquitetos e leigos (NASAR, 1998; KAPLAN apud Garling e Evans, 1991). Uma teoria seria que arquitetos passam muito mais tempo estudando e avaliando o ambiente físico do que a maioria dos indivíduos e isso poderia gerar avaliações distintas (p. ex., REIS et al, 2011; LANG, 1987; HERSHBERGER apud DEVLIN; NASAR, 1989). Por exemplo, arquitetos julgaram a arquitetura residencial mais incomum e diferenciada como mais significativa, clara, coerente e agradável, enquanto não arquitetos julgaram de maneira parecida a arquitetura residencial mais convencional e popular (DEVLIN; NASAR, 1998; UZZEL; JONES, 2000).

Por outro lado, existem pesquisas que constataam a inexistência de diferença expressiva entre três grupos com diferentes níveis e tipos de formação universitária (arquitetos, não arquitetos com formação universitária e pessoas sem formação universitária) quanto a avaliações estéticas de cenas urbanas com clara organização e estímulo visual das edificações (p. ex., REIS et al, 2011; REIS, et al., 2014). Quando algumas diferenças mais expressivas foram encontradas entre as avaliações dos três grupos, estas tendiam a estar relacionadas a uma maior valorização da presença de ordem nas cenas por parte dos arquitetos e uma maior valorização da existência de estímulo visual por parte dos outros dois grupos (p. ex., REIS et al, 2011; REIS, et al., 2014).

Portando, devido à inexistência de evidências conclusivas acerca das avaliações estéticas por grupos com distintos níveis e tipos de formação de acadêmica, na avaliação dos impactos de edificações do tipo “construído para alugar” na estética urbana, são considerados indivíduos com formação universitária em arquitetura, indivíduos com formação universitária distinta de arquitetura, design ou artes e indivíduos sem formação universitária. Os indivíduos com formação diferente de arquitetura não devem ser de cursos com conteúdos relacionados à estética, de

maneira a caracterizar uma amostra sem formação na área da estética (REIS et al, 2011).

2.3.4.2 Familiaridade

A familiaridade pode ser entendida como o resultado da assimilação de um elemento de acordo com experiências prévias, valores e memória do indivíduo e, a partir dessa experiência, tal elemento adquire um significado (p. ex., WEBER, 1995; REIS et al, 2011). Nesse sentido, estudos indicam a possibilidade de o nível de familiaridade com uma cena urbana afetar avaliações (PORTEOUS, 1996) e/ ou preferências estéticas (p. ex., KAPLAN 1983; LYNCH, 1960; APPLEYARD, 1969; NASAR, 1998).

Um exemplo é o estudo realizado por Herzog, Kaplan e Kaplan (1976 apud REIS et. al, 2011), onde foi constatado que a maior familiaridade (o quanto a edificação era conhecida pelo avaliador) com edificações contemporâneas tendia a diminuir a preferência por elas, enquanto a maior familiaridade com edificações antigas pareceu aumentar a preferência por estas, sugerindo a existência de uma relação entre familiaridade e conteúdo da cena (tipo de objeto ou edificação). Já em outra pesquisa recentemente realizada (p. ex., REIS et al., 2014), foi observada uma relação entre preferência por uma edificação e o sentimento de familiaridade. Contudo, também foi constatado que as justificativas para as preferências eram, claramente, mais relacionadas aos aspectos formais da edificação do que aos simbólicos (REIS et al, 2014). Esses resultados vão ao encontro da declaração de Nasar (1998) de que a familiaridade pode afetar a preferência estética, sem ser determinante, e contradizem autores como Porteous (1996), que afirmam que existe uma clara influência da familiaridade sobre as avaliações estéticas das pessoas.

Cabe também considerar que diferentes níveis de familiaridade poderiam afetar as avaliações dos indivíduos devido a diferentes intensidades e frequências de experiências prévias com determinado ambiente (p. ex., PORTEOUS, 1996; APPLEYARD, 1969). Nesse sentido, moradores de determinado espaço urbano tenderiam a ser mais familiares que indivíduos que não-moradores desse ambiente, podendo avaliar a estética de tal espaço de forma diferente.

Portanto, devido às contradições existentes na literatura, também faz parte desse estudo a consideração da avaliação estética de indivíduos com distintos níveis de

familiaridade, nomeadamente, moradores e não moradores dos espaços urbanos com edificações do tipo “construído para alugar”.

2.3.5 Variáveis relacionadas à estética dos espaços urbanos com edificações do tipo “construído para alugar”

A seguir são apresentadas as variáveis relacionadas à estética de espaços urbanos com edificações do tipo construído para alugar, que podem influenciar em percepções e avaliações estéticas e que serão consideradas nesta pesquisa.

As edificações construídas para locação ao comércio, como as do tipo “construído para alugar”, são inseridas em diversos contextos urbanos, inclusive em contextos urbanos consolidados e residenciais (p. ex., ALLEGRI, 2016; GOLDBERG, 2005). Essas inserções podem ocorrer por meio de substituições de edificações (ALLEGRI, 2016), e quando isto ocorre em bairros tipicamente residenciais, o impacto estético pode ser grande, devido às diferenças formais entre o “construído para alugar” e as edificações residenciais (Figura 2.4).



(1) Cena com uma casa em um meio urbano consolidado.



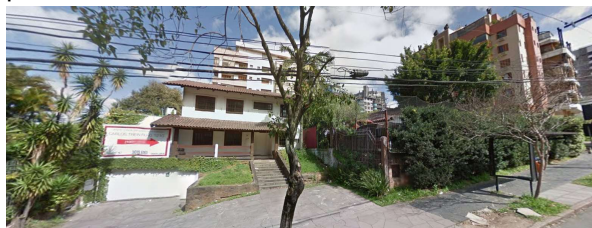
(2) Edificação do tipo “construído para alugar” substituindo a casa da imagem 1.



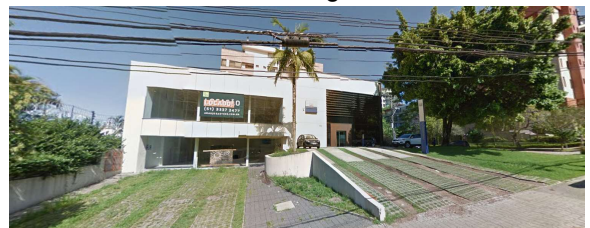
(3) Cena com uma casa em um meio urbano predominantemente residencial.



(4) Edificação do tipo “construído para alugar” substituindo a casa da imagem 3.



(5) Cena com uma casa em um meio urbano predominantemente residencial.



(6) Edificação do tipo “construído para alugar” substituindo a casa da imagem 5.

Figura 2.4: Substituição de edificações em meios urbanos predominantemente residenciais na cidade de Porto Alegre.

Fonte: (1) ao (6) Google Street View, 2016.

Assim, essa arquitetura produzida pelo mercado imobiliário, que tende a possuir um padrão estético, sem maiores detalhamentos, tenderia a se destacar em meio a contextos urbanos tipicamente residenciais, e poderia afetar a percepção destes espaços pelos indivíduos, inclusive, durante a noite. Por exemplo, o impacto de uma edificação comercial à noite pode ser muito diferente da percepção do mesmo local durante o dia (KARSSENBERG et al., 2016; GEHL, 2013), e isso tenderia a ser mais percebido em meios residenciais (Figura 2.5).



(1) Edificação do tipo “construído para alugar” durante o dia. (2) Mesma edificação do tipo “construído para alugar” da imagem 1, durante a noite.

Figura 2.5: Diferentes impactos estéticos do ‘construído para alugar’ durante o dia e a noite

Fonte: (1) e (2) Autora

Dentre os aspectos que podem influenciar a avaliação de cenas urbanas ou de edificações, pertinentes à percepção do indivíduo, estão os conceitos de ordem e estímulo visual, variáveis inerentes à avaliação estética de qualquer espaço natural ou construído (p. ex., REIS et al, 2014; NASAR, 1997; LANG, 1992; REIS, 2002; WEBER, 1995).

A relação entre qualidade visual do ambiente e o grau de ordenamento entre seus elementos é evidenciada por pesquisadores como fundamental na avaliação da composição formal de tal ambiente pelo observador (STAMPS, 2000; NASAR, 1988; WEBER, 1995). A ordem é percebida pelas relações entre os elementos que constituem uma edificação ou uma paisagem, e estão relacionadas a uma organização visual, evidenciada pela Teoria da Gestalt (LANG, 1987). Quanto maior o grau de ordenamento do espaço, maior é a qualidade visual percebida pelo indivíduo (WEBER, 1995), o que determina a maneira como um espaço é compreendido (KAPLAN, 1983). Por exemplo, edificações que possuem alturas, larguras e formas

similares, tendem a ser percebidas como mais organizadas (p. ex., REIS et al, 2011; WEBER, 1995). Ainda, as formas de uma edificação ou de elementos de uma cena também são percebidas através da relação de organização de seus volumes, influenciando na articulação desta edificação ou destes elementos com o entorno (STAMPS, 2000; CHING, 1996). Em oposto à ordem, a desorganização dos elementos num espaço tende a gerar leituras predominantemente desagradáveis e confusas para o observador (Imagem 1 - Figura 2.6) (p. ex., REIS et al, 2011). Assim, diferenças de alturas, larguras e formas tendem a ser percebidas de forma negativa em um contexto urbano (p. ex., REIS et al, 2011; WEBER, 1995). Por exemplo, estudos de Portella (2003; 2014) verificam que a paisagem de centros comerciais muitas vezes é percebida de forma negativa, devido à relação desordenada dos seus anúncios comerciais em relação às fachadas das edificações.



(1) Cena do centro histórico de Porto Alegre com desordem



(2) Cena do centro histórico de Porto Alegre com ordem e pouco estímulo visual



(3) Cena do centro histórico de Praga com ordem e estímulo visual

Figura 2.6: Cenas com diferentes níveis de ordem e estímulo visual

Fonte: (1), (2) e (3) REIS et al, 2011

Já o estímulo visual é percebido no ambiente por meio de contrastes e variações dos seus elementos (Imagem 3 - Figura 2.6) (REIS et al, 2011; PORTEOUS, 1996; NASAR, 1998), ou seja, através da complexidade percebida em uma composição, e transmitida pela variação de distintos elementos e princípios ordenadores (WEBER, 1995; LANG, 1987). Segundo Cullen (1983), essa é uma variável pouco compreendida na construção de novas edificações, onde predominam grandes superfícies carentes de complexidade. A importância deste elemento nas avaliações estéticas dos espaços

e de edificações é considerada por diversos estudos, como os de Weber (1995), Nasar (1988), Lang (1987) e de Reis e outros (2011; 2014). Esses autores evidenciam que a existência da complexidade, ou seja, de estímulo visual, é essencial para que a aparência de um ambiente seja avaliada satisfatoriamente. Por exemplo, estudos relacionados a edificações comerciais consideram necessária a percepção de um bom nível de estímulo visual nas fachadas das lojas, visto que a aparência externa das mesmas deve provocar um forte impacto para atrair os indivíduos e consumidores, podendo ser determinante para a utilização desses espaços (p. ex., MORETTO, REIS, 2008; TURLEY e MILLIMAN, 2000). Ornamentos decorativos e materiais com texturas e detalhes acentuam a percepção de estímulo visual da composição da fachada de uma edificação (STAMPS, 1999), e podem influenciar na percepção harmônica desta estrutura com o seu contexto (BROLIN, 1980, apud NASAR, 1988). Como exemplo, os detalhes que fazem parte das portas e janelas das edificações podem ter um impacto positivo nas fachadas das edificações (Imagem 3 - Figura 2.6), contribuindo para a percepção de maior estímulo visual e de ordenamento desses elementos (p. ex., GEHL, 2013). Ao contrário, em determinadas edificações, como as do tipo “construído para alugar”, a falta de ornamentação poderia ser pouco estimulante visualmente, ocasionando percepções menos satisfatórias da aparência destas estruturas.

Porém, cabe destacar que a condição de efeito positivo da existência de estímulo visual é proporcional até um determinado ponto, sendo, a partir dele, inversamente proporcional (WEBER, 1995; LANG, 1987). Da mesma forma, composições com alto nível de ordenamento e baixo nível de estímulo visual tendem a ser percebidas como monótonas (Imagem 2 – Figura 2.6) (p. ex., REIS et al, 2011). Por exemplo, em estudos de Gehl (2013. P. 77,78) existe a constatação de que as fachadas ordenadas das edificações de algumas partes dos centros comerciais de cidades australianas eram percebidas negativamente, devido à carência de estímulo visual destas. Assim, este fator foi relacionado à geração de áreas urbanas com menor vivacidade urbana, em razão da falta de interesse que elas causam nas pessoas (GEHL, 2013). Logo, uma boa estética também impacta no uso dos espaços urbanos (p. ex., GEHL, 2013; REIS; LAY, 2006; STAMPS, 2000). Portanto, uma composição arquitetônica ou natural é percebida harmonicamente quando existe a combinação de ordem e

estímulo visual (Imagem 3 – Figura 2.6) (p. ex., BAFNA et al, 2010; REIS et al, 2011; 2010; 2014).

Ainda, também deve ser destacado que nem sempre os contextos urbanos onde as edificações do tipo “construído para alugar” são inseridas já são ordenados ou já possuem níveis de estímulo visual satisfatórios. Contudo, a presença destas pode piorar ou melhorar o contexto urbano. Portanto, considerando que essas edificações são inseridas em diferentes contextos urbanos, sem que existam investigações específicas quanto ao impacto estético gerado nos espaços urbanos, e devido à importância da estética, com base nos conceitos de ordem e estímulo visual, elabora-se o seguinte **objetivo (i)**: analisar e comparar níveis de satisfação e preferências estéticas de cenas, nos períodos diurno e noturno, com edificações do tipo “construído para alugar” e cenas com as edificações substituídas, considerando a percepção de diferentes grupos de indivíduos. Com base neste, a investigação quanto à estética é organizada com base nos seguintes objetivos específicos:

- **Objetivo específico 1:** Analisar e comparar os níveis de satisfação e preferências estéticas de cenas, nos períodos diurno e noturno, com edificações do tipo “construído para alugar” e cenas com as edificações substituídas, em entornos consolidados e predominantemente residenciais, considerando aspectos relacionados aos conceitos de ordem e estímulo visual.
- **Objetivo específico 2:** Averiguar a existência de diferenças nas avaliações estéticas pelos respondentes com distintos níveis e tipos de formação universitária
- **Objetivo específico 3:** Investigar a existência de diferenças nas avaliações estéticas de acordo com o nível de familiaridade dos respondentes com as cenas.

2.4 USO

2.4.1 Conceito e importância do uso para avaliação urbana

O uso afeta diretamente o desempenho dos espaços urbanos (REIS; LAY, 2003; 2006; JACOBS, 1961). Os usos dos espaços, juntamente com a estética, fazem parte das categorias definidoras da qualidade do ambiente construído (LAY; REIS, 2006), remetendo aos aspectos de projeto urbano tratados por Lynch e Hack (1984 apud

LAY; REIS, 2006). Segundo esses autores, enquanto a estética é tratada como o padrão da forma percebida, o uso é o padrão de atividades de determinado espaço.

Muitas pesquisas abordam a importância da análise dos aspectos que envolvem a utilização do interior de edificações e dos espaços abertos (p. ex. LYNCH, 1981; GEHL, 2013; REIS; LAY, 1995). O entendimento da adequação da utilização dos espaços urbanos possibilita a produção de ambientes que atendam às necessidades dos indivíduos (FRANCIS, 1991), proporcionando e contribuindo para que a experiência do usuário se torne bem mais qualitativa (p. ex., REIS, LAY, 2006; GEHL; KAEFER; REIGSTAD, 2006). Esses estudos evidenciam que a presença de pessoas, variedade de usos das edificações do entorno, a estética das edificações de entorno e do próprio espaço e a adequação da própria edificação favorece diferentes atividades. Assim, a qualidade das atividades nas edificações e nos espaços urbanos tende a aumentar o movimento nas ruas, contribuindo para a vivacidade urbana e a qualidade de vida dos indivíduos (p. ex., JACOBS, 1961).

2.4.2 Avaliações do uso dos espaços

A avaliação do uso dos espaços urbanos está relacionada ao processo de percepção e cognição, resultando em atitudes e comportamentos dos indivíduos (GOLLEDGE e STIMSON, 1997). No processo de avaliação do uso pelo indivíduo são consideradas as inter-relações entre o comportamento e a qualidade ambiental percebida pelo indivíduo (p. ex., REIS, 1992; LYNCH, 1960; SOMMER; SOMMER, 2002). Para avaliar o uso dos espaços podem ser utilizados o comportamento (observado ou informado pelo usuário) e as atitudes, que revelam as razões para os usos ou não usos, assim como as intenções de uso ou não (LAY; REIS, 2006).

Um determinado espaço pode não ser utilizado, mas podem existir indivíduos que gostaram de poder utilizá-lo, e não o fazem por determinada razão, o que pode indicar a existência de algum problema (LAY; REIS, 2006). Por outro lado, o fato de um espaço ser utilizado com uma boa frequência, não necessariamente, indica que tal uso ou que o espaço seja adequado (p. ex., GEHL, 2013; JACOBS, 1961). Portanto, é necessário considerar os comportamentos informados pelos usuários e as motivações para uso dos espaços, juntamente com o nível de satisfação destes

indivíduos com estes espaços, para que se obtenha uma correta avaliação do desempenho do ambiente construído (LAY; REIS, 2006).

2.4.3 Variáveis relacionadas às avaliações de uso por grupos de usuários

Ao analisar a relação entre o ambiente construído e seu desempenho, deve ser considerado não somente o espaço, mas também os indivíduos envolvidos com esse espaço (p. ex., GEHL, 2013; LANG, 1987; REIS; LAY, 1995). São os usuários do ambiente que fornecem informações a respeito das características e dos elementos que correspondem ou não às suas necessidades (p. ex., REIS; LAY, 1995). Nesse sentido, é salientado que a avaliação da adequação do uso de determinado ambiente deve contemplar os objetivos ou interesses de cada indivíduo envolvido com esse espaço (p. ex., LANG, 1974).

Nos estudos que relacionam o mercado imobiliário e comércio com o espaço urbano, o usuário desse espaço, principalmente o morador, é um dos principais atingidos pelas modificações do uso do solo (p. ex., VARGAS, 2001). Ainda, a satisfação do indivíduo com o espaço urbano no entorno da sua moradia está estreitamente relacionada com a qualidade do ambiente construído, quanto maior sua satisfação, melhor a experiência do morador (p. ex., CROSS; KÜLLER, 2004).

Também, de acordo com estudos relacionados ao comércio, os clientes seriam um dos principais agentes para o sucesso ou insucesso de uma atividade (p. ex., TURLEY e MILLIMAN, 2000; MORETTO, 2007). Esses usuários são os responsáveis por avaliar se as suas necessidades estão sendo atendidas de forma adequada, e são eles que mantêm economicamente uma atividade, impactando no lucro do comerciante e dos investidores imobiliários (p. ex., LIMA, 1995).

Além desses indivíduos, os comerciantes ou locatários, também são os principais usuários do espaço interno das edificações construídas para locação. Eles imprimem as características específicas da sua atividade comercial na edificação e são eles que procuram nas cidades as localizações para o seu negócio (p. ex., VARGAS, 2001). Ainda, são os locatários que podem relacionar o sucesso ou insucesso do seu negócio com as variáveis físico-espaciais das edificações.

O mercado imobiliário também se considera um agente envolvido nesse sistema, pois obtém renda pela locação (LIMA, 1995) das edificações. Segundo Vargas (2001), são os agentes imobiliários que podem fornecer as respostas para a compreensão do uso solo como um fator de produção, visto que eles atuam inserindo empreendimentos em diferentes localizações de acordo com a necessidade de diversificação dos seus investimentos (p. ex., VARGAS, ARAÚJO; 2015).

Portanto, são considerados na investigação de uso dos espaços os seguintes grupos: (a) moradores do entorno das edificações do tipo “construído para alugar”, (b) clientes dos estabelecimentos que funcionam nessas edificações, (c) locatários dessas estruturas e (d) agentes imobiliários envolvidos no desenvolvimento dessas edificações.

2.4.4 Variáveis relacionadas ao uso dos espaços urbanos com edificações do tipo “construído para alugar”

A seguir são apresentadas as variáveis relacionadas ao uso dos espaços urbanos com edificações do tipo “construído para alugar”, que influenciam nas avaliações do ambiente construído por parte dos distintos grupos de usuários.

2.4.4.1 Avaliação das atividades das edificações do tipo “construído para alugar” em contextos urbanos consolidados e residenciais

As diferentes atividades realizadas nas edificações do tipo “construído para alugar” podem impactar de maneiras diferentes os espaços urbanos. A percepção de existência ou não de demanda por determinada atividade ou compatibilidade desta com seu entorno pode influenciar no nível de satisfação dos indivíduos com este uso (VARGAS, 2001). Nesse sentido, algumas cidades dos Estados Unidos possuem recomendações para que novas atividades a serem implantadas nas áreas urbanas possuam compatibilidade com os usos locais residenciais (p. ex., HUGSON, 2012), com objetivo de evitar conflitos de interesses.

Contudo, a compatibilidade não significa que o tipo de uso do solo deva ser o mesmo, pois a diversidade de atividades que se complementam é benéfica para a vivacidade urbana, permitindo um aumento de interações entre as pessoas (GEHL et al, 2006).

Assim, uma atividade comercial que possui demanda em um meio residencial pode ser bem aceita pelos moradores, enquanto que outra atividade também comercial pode não ser bem aceita, por não existir demanda. Isso se justifica, à medida que o comércio não está somente diretamente relacionado com o nível de desenvolvimento econômico ou poder de compra de determinada população, mas também aos interesses dos usuários desses espaços (p. ex., VARGAS, 2001; VARGAS, ARAÚJO, 2014).

Nesse sentido, existe a constatação de que alguns tipos de atividades comerciais podem revitalizar áreas urbanas residenciais (p. ex., GEHL, 2013), como cafés, restaurantes e padarias, por exemplo. Essa complementação funciona com uma atividade servindo de suporte para outra, suprimindo determinadas necessidades. Por exemplo, uma farmácia em uma edificação do tipo “construído para alugar” em um bairro residencial, à princípio, teria maior demanda do que atividades que não são de primeiras necessidades, como uma loja de móveis.

Assim, a qualidade dos espaços urbanos depende também do tipo de uso de um espaço e das demais atividades que esse uso proporciona, e não somente do fluxo de pessoas em determinada via (p. ex., GEHL, 2013; REIS; LAY, 1995; JACOBS, 1961). Um determinado uso comercial pode contribuir para o aumento ou diminuição de outras atividades, como caminhar, parar, sentar, pedalar, conversar ou apenas permanecer e esperar alguém junto às edificações com tal uso (GEHL, 2013), mesmo que já exista fluxo de pessoas em determinada via. Nesse sentido, usos que permitem trocas sociais tendem a ser mais positivos (JACOBS, 1961). Alguns autores apontam que as atividades de primeiras necessidades, ou as de consumo imediato, seriam mais benéficas para os espaços urbanos, no sentido de maior fomentador de interação social (p. ex., GEHL et al, 2013). Como exemplo, Gehl (2013) evidencia que esses tipos de atividades tendem a movimentar mais os entornos urbanos de forma qualificada, com movimentos lentos, ou seja, de pedestres. Esse aspecto é mais positivo se comparado a atividades que atraíam movimentos rápidos dos automóveis, pois é durante os movimentos lentos que as interações sociais ocorrem (GEHL 2013).

Assim, nesta pesquisa é considerada a importância que diferentes atividades podem ter nos espaços urbanos, ainda mais quando inseridas em diferentes meios, incluindo áreas residenciais consolidadas.

2.4.4.2 Avaliação do desempenho das atividades das edificações do tipo “construído para alugar”

As edificações do tipo “construído para alugar” e suas diferentes atividades podem ser ou não adequadas para um entorno, mas além disso, para que se mantenha a vivacidade do espaço urbano, deve existir um adequado funcionamento das atividades existentes nestas edificações (p. ex., GEHL, 2013. VOORDT, 2009; FRENCEFACTO; WEIDERMANN; ANDERSON, 1990). Isso se justifica, pois, o sucesso de uma determinada atividade no interior de uma edificação afeta diretamente o uso dos espaços urbanos abertos adjacentes (p. ex., LYNCH; HACK, 1984 apud LAY; REIS, 2006). Assim, as edificações e suas atividades conferem identidade aos espaços públicos (KOHLSDORF, 1996).

Além de impactar na vivacidade urbana, o desempenho adequado das atividades das edificações tipo “construído para alugar” também é de interesse dos próprios locatários e investidores, que dependem do sucesso destas atividades para obter lucro (LIMA, 1995; 2011; TERRA, 2004). Desta forma, a partir da revisão da literatura relacionada ao comércio, mercado imobiliário e o uso dos espaços urbanos (p. ex., VOORDT; MAARLEVELD, 2006; VARGAS, ARAÚJO, 2014; PARENTE, 2000; KOPPELMAN E HAUSER, 1978 apud OU et al. 2006; TURLEY; MILLIMAN, 2000; GEHL, 2013), são considerados que a funcionalidade do interior da edificação, o(s) seu(s) acesso(s) e a própria localização podem influenciar no desempenho da atividade no “construído para alugar”, nas suas atividades e, conseqüentemente, nos usos do espaço urbano.

A funcionalidade do interior da edificação é entendida como a possibilidade de flexibilização e capacidade de adaptação para diferentes atividades, assim como no sentido de tamanho das áreas adequadas para que as atividades ocorram de forma confortável (p. ex. VOORDT; MAARLEVELD, 2006). A importância da flexibilidade das edificações do tipo “construído para alugar” para acomodarem diferentes atividades também reflete-se no fato que a flexibilidade seria uma das principais características destas edificações (p. ex., LIMA, 1995; 2011; VARGAS, ARAÚJO, 2014; TERRA, 2004). Isso, por serem construídas para locação ao comércio de varejo ou serviços, sem que se saiba especificamente qual atividade ela abrigará.

Ainda, os acessos, que permitem os movimentos para o interior da edificação e reforçam os movimentos nos espaços abertos, assim como os estacionamentos, são muito importantes para que essas edificações sejam consideradas adequadas para seu uso (p. ex., TURLEY; MILLIMAN, 2000; VOORDT; MAARLEVELD, 2006; MORETTO, 2007). Assim, a dificuldade de acesso às vagas de estacionamento e ao interior da edificação podem influenciar de forma muito negativa o sucesso de uma atividade comercial (PARENTE, 2000; KOPPELMAN E HAUSER, 1978 apud OU et al. 2006).

Por outro lado, a localização da edificação tende a ser apontada como, senão o principal, um aspecto determinante para o adequado desempenho de uma atividade comercial (p. ex., VARGAS, 2001; 2011; ERKIP; OZUDURO; 2015; ALLEGRI, 2015; 2016; TURLEY; MILLIMANN, 2000). A atividade comercial possui uma estreita relação com o espaço físico, criando o que se chama de localização (VARGAS, 2001). A localização pode ser entendida como o conjunto dos atributos locacionais de um ponto no território que definem o relacionamento deste ponto com os demais pontos desse território (VILLAÇA, 1968, apud VARGAS, 2001). A teoria econômica neoclássica indica que a distância entre um serviço e os usuários deste serviço é uma das variáveis importantes da localização (CHRISTALLER, 1966). Nesse sentido, para o mercado imobiliário e para os comerciantes, um conjunto de aspectos como o trabalho, o capital, o transporte, os fluxos, organização empresarial, contexto socioeconômico e espaço físico influenciam a escolha por determinada localização (VARGAS, 2001). A localização também remete à facilidade para se chegar à determinado lugar (p. ex., INGRAM, 1971; REIS; MARQUETTO; LAY, 2006). Atividades como o comércio tendem a procurar localizações em pontos de maior acessibilidade aos seus usuários, se beneficiando de uma concentração de movimento (p.ex., PENN, 2005; VARGAS, 2001). A distância do comércio em relação à moradia do usuário seria um fator relevante na escolha de uma loja, e quanto mais próximas das residências mais satisfatória essa localização seria.

Contudo, em relação às edificações do tipo “construído para alugar”, as suas localizações muitas vezes podem ser aleatórias no espaço urbano, pois a tipologia é inserida em diferentes pontos das cidades, com diferentes níveis de acessibilidade, estando ou não próximas a outras lojas. Por mais que exista o conhecimento relacionado a teoria de localização varejista (CHRISTALLER, 1966), que indica a

relação entre o consumo e a dependência com a localização, é importante que se considere esta variável como complemento para uma avaliação mais apurada da tipologia. Assim, é considerada a necessidade de produção de conhecimento quanto ao desempenho das edificações do tipo “construído para alugar” para o desenvolvimento adequado das atividades comerciais, que reflete-se na própria utilização dos espaços urbanos abertos.

Portanto, considerando as variáveis abordadas relacionadas ao uso dos espaços urbanos e das edificações tipo “construído para alugar”, elabora-se o seguinte objetivo (ii): identificar os níveis de satisfação com a localização das diferentes atividades das edificações tipo “construído para alugar” nos entornos predominantemente residenciais, e averiguar se esta tipologia é satisfatória para o desempenho das atividades que abriga, de acordo com diferentes grupos de indivíduos relacionados à estas estruturas. A partir deste objetivo, a investigação é organizada de acordo com os seguintes objetivos específicos relacionados ao uso:

- **Objetivo específico 4:** Identificar os níveis de satisfação com a localização das diferentes atividades das edificações tipo “construído para alugar” nos entornos predominantemente residenciais, considerando a compatibilidade e demanda destas atividades, movimentos e usos decorrentes destas, segundo a percepção de moradores dos entornos e clientes.
- **Objetivo específico 5:** Averiguar se a tipologia “construído para alugar” é satisfatória para o desempenho das atividades que abriga, considerando as avaliações de clientes e locatários quanto à estética e ao uso interno, assim como as principais justificativas relacionadas a esse uso.
- **Objetivo específico 6:** Analisar o nível de satisfação quanto às áreas de estacionamento e os acessos para pedestres e para automóveis, de acordo com a percepção de clientes e locatários.
- **Objetivo específico 7:** Analisar a relação entre a localização do estabelecimento e seu desempenho conforme as avaliações dos locatários e agentes imobiliários, assim como por meio do padrão de utilização dos clientes (suas motivações, frequências e distância da residência) e a acessibilidade ao local.

2.5 CONCLUSÃO

Neste capítulo foram apresentados os argumentos relacionados à investigação do impacto de edificações do tipo “construído para alugar” na estética e no uso dos espaços urbanos, que fundamentam a definição dos objetivos desta dissertação, assim como a elaboração de objetivos específicos (Tabela 2.1).

Tabela 2.1: Objetivos relacionados à investigação

Objetivos relacionados ao impacto na estética do uso dos espaços urbanos:

(i) Analisar e comparar níveis de satisfação e preferências estéticas de cenas, nos períodos diurno e noturno, com edificações do tipo “construído para alugar” e cenas com as edificações substituídas, considerando a percepção de diferentes grupos de indivíduos.

- Objetivo específico 1: Analisar e comparar os níveis de satisfação e preferências estéticas de cenas, nos períodos diurno e noturno, com edificações do tipo “construído para alugar” e cenas com as edificações substituídas, em entornos consolidados e predominantemente residenciais, considerando aspectos relacionados aos conceitos de ordem e estímulo visual.

Objetivo específico 2: Averiguar a existência de diferenças nas avaliações estéticas pelos respondentes com distintos níveis e tipos de formação universitária

Objetivo específico 3: Investigar a existência de diferenças nas avaliações estéticas de acordo com o nível de familiaridade dos respondentes com as cenas.

Objetivos relacionados ao impacto no uso do uso dos espaços urbanos:

(ii) Identificar os níveis de satisfação com a localização das diferentes atividades das edificações tipo “construído para alugar” nos entornos predominantemente residenciais, e averiguar se esta tipologia é satisfatória para o desempenho das atividades que abriga, de acordo com diferentes grupos de indivíduos relacionados à estas estruturas.

- Objetivo específico 4: Identificar os níveis de satisfação com a localização das diferentes atividades das edificações tipo “construído para alugar” nos entornos predominantemente residenciais, considerando a compatibilidade e demanda destas atividades, movimentos e usos decorrentes destas, segundo a percepção de moradores dos entornos e clientes.

- Objetivo específico 5: Averiguar se a tipologia “construído para alugar” é satisfatória para o desempenho das atividades que abriga, considerando as avaliações de clientes e locatários quanto à estética e ao uso interno, assim como as principais justificativas relacionadas a esse uso.

- Objetivo específico 6: Analisar o nível de satisfação quanto às áreas de estacionamento e os acessos para pedestres e para automóveis, de acordo com a percepção de clientes e locatários.

- Objetivo específico 7: Analisar a relação entre a localização do estabelecimento e seu desempenho conforme as avaliações dos locatários e agentes imobiliários, assim como por meio do padrão de utilização dos clientes (suas motivações, frequências e distância da residência) e a acessibilidade ao local.

No capítulo seguinte, é apresentada a metodologia adotada nessa investigação, onde são descritos os critérios para a seleção do objeto de estudo, a seleção das amostras, assim como são apresentados os métodos de coleta e análise dos dados.

METODOLOGIA

3.1 INTRODUÇÃO

Neste capítulo são descritos os aspectos referentes à operacionalização dos objetivos apresentados no capítulo 2. Assim, são apresentados: o objeto de estudo com os critérios e a seleção dos exemplares do tipo ‘construído para alugar’ as amostras de respondentes, os métodos de coleta e análise dos dados.

3.2 OBJETIVOS, AMOSTRA E MÉTODOS

A tabela 3.1 compreende os objetivos, amostra selecionada, bem como os procedimentos metodológicos utilizados para verificá-las.

Tabela 3.1: Objetivos, amostra selecionada e métodos de coleta de dados (continua)

Objetivos específicos	Amostra	Método de coleta de dados
1. Analisar e comparar os níveis de satisfação e preferências estéticas de cenas, nos períodos diurno e noturno, com edificações do tipo “construído para alugar” e cenas com as edificações substituídas, em entornos consolidados e predominantemente residenciais, considerando aspectos relacionados aos conceitos de ordem e estímulo visual.	- Grupo 1: com formação universitária em arquitetura; com formação universitária distinta de arquitetura, design e artes; sem formação universitária - Grupo 2: Moradores dos entornos de edificações do tipo “construído para alugar”	- Questionário tipo 1 para indivíduos do grupo 1 - Questionário tipo 2 para grupo 2
2. Averiguar a existência de diferenças nas avaliações estéticas pelos respondentes com distintos níveis e tipos de formação universitária	- Grupo 1: com formação universitária em arquitetura; com formação universitária distinta de arquitetura, design e artes; sem formação universitária	- Questionário tipo 1 para indivíduos do grupo 1
3. Investigar a existência de diferenças nas avaliações estéticas de acordo com o nível de familiaridade dos respondentes com as cenas.	- Grupo 1: com formação universitária em arquitetura; com formação universitária distinta de arquitetura, design e artes; sem formação universitária - Grupo 2: Moradores dos entornos de edificações do tipo “construído para alugar”	- Questionário tipo 1 para indivíduos do grupo - Questionário tipo 2 para grupo 2
4. Identificar os níveis de satisfação com a localização das diferentes atividades das edificações tipo “construído para alugar” nos entornos predominantemente residenciais, considerando a compatibilidade e demanda destas atividades, movimentos e usos decorrentes destas, segundo a percepção de moradores dos entornos e clientes.	- Grupo 2: Moradores dos entornos de edificações do tipo “construído para alugar” - Grupo 3: Clientes dos estabelecimentos	- Questionário tipo 2

Tabela 3.1: Objetivos, justificativas, amostra selecionada e métodos de coleta de dados (conclusão)

Objetivos específicos	Amostra	Método de coleta de dados
5. Averiguar se a tipologia “construído para alugar” é satisfatória para o desempenho das atividades que abriga, considerando as avaliações de clientes e locatários quanto à estética e ao uso interno, assim como as principais justificativas relacionadas a esse uso.	- Grupo 3: Clientes dos estabelecimentos	- Questionário tipo 2 para grupo 3
6. Analisar o nível de satisfação quanto às áreas de estacionamento e os acessos para pedestres e para automóveis, de acordo com a percepção de clientes e locatários.	- Grupo 4: Locatários dos estabelecimentos	- Entrevista tipo 1 para grupo 4
7. Analisar a relação entre a localização do estabelecimento e seu desempenho conforme as avaliações dos locatários e agentes imobiliários, assim como por meio do padrão de utilização dos clientes (suas motivações, frequências e distância da residência) e a acessibilidade ao local.	- Grupo 3: Clientes dos estabelecimentos - Grupo 4: Locatários dos estabelecimentos - Grupo 5: Agentes imobiliários	- Questionário tipo 2 para grupo 3 - Entrevista tipo 1 para grupo 4 - Entrevista tipo 2 para grupo 5

3.3 OBJETO DE ESTUDO

O objeto de estudo localiza-se em Porto Alegre, um município caracterizado por possuir um forte mercado imobiliário atuando na implantação de novas edificações para locação do comércio, em diversas áreas da cidade, além da possibilidade de obtenção dos dados para o desenvolvimento desta pesquisa.

A cidade possui 1.475.867 habitantes, conforme censo demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) do ano de 2015 e é o principal município do Rio Grande do Sul em volume de vendas do comércio, com uma participação de 18,7% em 2014 (Fundação de Economia e Estatística - FEE, 2016). Ainda, conforme o Sindicato da Indústria da Construção Civil no Estado do Rio Grande do Sul, (SINDUSCON-RS) de 2015, no censo do mercado imobiliário da cidade foram contabilizadas 297 unidades comerciais novas na cidade, representando 4,7% do total de todos os imóveis novos daquele ano. Nessa classificação estão compreendidos imóveis comerciais de diversos tipos, e do total de unidades classificadas existem 38 unidades classificadas como lojas, 1489 classificadas como salas ou conjuntos comerciais e 255 unidades classificadas como “outros”. Nesta última classificação, estão compreendidas unidades que são construídas apenas com a descrição de edificação voltada para locação do comércio, sem que exista uma delimitação

específica para a atividade que abriga. As edificações do tipo “construído para alugar” podem estar classificadas tanto como lojas, quanto como “outros”.

O mercado imobiliário e o comércio têm uma estreita relação com a renda da população (p. ex., VARGAS, 2001; LIMA; MONETTI; ALENCAR, 2011), e a cidade de Porto Alegre ainda conta com a maior média de rendimento per capita (R\$1.734,80) entre as metrópoles do Brasil, conforme Censo de 2013 do IBGE. As maiores rendas da população estão distribuídas principalmente através de dois vetores da cidade, ambos partindo do centro: um em direção à zona nordeste e outro à zona sul (IBGE-2013) (Figura 3.1). O comércio também era restrito a estas zonas até o século XIX, compreendendo a área do Mercado Público Municipal e a Rua da Praia (SCHÄFFER, 1992).

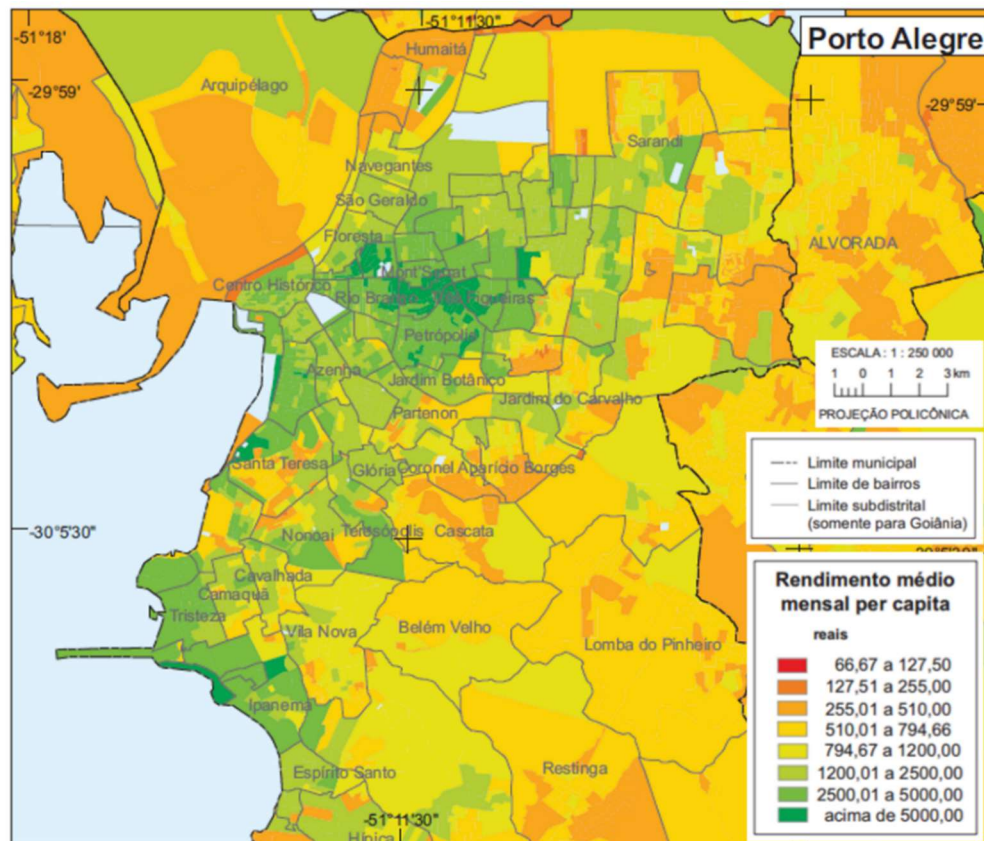


Figura 3.1: Parte do município de Porto Alegre onde se concentram as zonas com maiores rendas
Fonte: IBGE; 2013

A partir de 1980, Porto Alegre iniciou um crescimento do comércio varejista diferenciado, com a implantação do Shopping Center Iguatemi (MARASCHIN, 2013). Atualmente, a cidade se caracteriza por possuir o comércio descentralizado, em parte, em função do aumento da acessibilidade a determinadas áreas da cidade e da

consequente geração de novas construções, funções e serviços (MARASCHIN, 2008). Segundo Maraschin e Lahorgue (2011), é observada em 2011 uma diversificada e complexa distribuição das atividades econômicas em Porto Alegre, combinadas com o uso residencial do solo. Desta forma, junto ao movimento do comércio, os negócios imobiliários assumiram uma tendência de diversificação ainda maior nas suas tipologias construídas, atuando em diferentes pontos da cidade, com diferentes estratégias locacionais (MARASCHIN, LAHORGUE, 2011). Ainda, esse movimento segue uma tendência observada em outras cidades do mundo (p. ex., ALLEGRI, 2016; SIMONE, 2012; 2016; ERKIP; OZUDURU, 2015). Portanto, esses aspectos justificam a escolha da cidade de Porto Alegre como local de investigação para o presente estudo.

3.3.1 Legislação acerca de novas edificações não residenciais na cidade de Porto Alegre

Conforme o Código de edificação da cidade de Porto Alegre (1992) edificações do tipo “construído para alugar” não tem uma classificação específica, mas podem ser aprovadas na prefeitura como “Edificações Não Residenciais” (Título XI, Capítulo II) do tipo “Lojas” (seção III). Para construção desse tipo de edificação, o Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano Ambiental (PDDUA) da cidade possui normas de acordo com a localização da edificação no tecido urbano. Contudo, caso o terreno não esteja em zona de interesse especial ou cultural, a aprovação da nova edificação segue apenas os Dispositivos de Controle de Edificações do Plano Regulador (PARTE III), regulada pelos seguintes dispositivos: (a) Índice de Aproveitamento (IA), Solo Criado (SC), Transferência de Potencial Construtivo (TPC), Quota Ideal mínima de terreno por economia (QI); (b) Regime Volumétrico; (c) Recuo para ajardinamento; (d) Padrões de guarda para veículos.

Cabe destacar que para edificações fora de zonas especiais de interesse, apenas o artigo 116, relativo aos Recuos de Ajardinamento, compreende aspectos que remetem à valorização da paisagem urbana, onde existe a recomendação de predominância de elementos naturais sobre os construídos, a valorização do espaço urbano através da circulação de pedestres e a animação nas zonas miscigenadas quando o térreo for comercial (PDDUA). Contudo, não há políticas de controle do cumprimento dessas recomendações, o que aumenta a importância da investigação dessa pesquisa.

3.3.2 Seleção dos exemplares do tipo “construído para alugar”

Inicialmente, foram catalogados 75 exemplares do tipo “construído para alugar”, por meio de pesquisas em páginas de assessoria imobiliária, anúncios imobiliários, através do conhecimento da cidade de Porto Alegre, e de duas visitas realizadas pela pesquisadora a empresas de assessoria imobiliária. Desta forma, foram identificados os endereços correspondentes às edificações do tipo ‘construído para alugar’. Após, foi realizada uma pesquisa exploratória, onde foram observadas as características físicas do entorno desses exemplares. Nesta etapa, também foi utilizado o software Google Street View, como auxílio na identificação de características dos entornos e para captura de imagens antigas correspondentes ao lote onde foram implantadas as edificações do tipo ‘construído para alugar’. A tabela 3.2 apresenta a caracterização resumida desses exemplares (caracterização completa: Anexo A - Tabela A.1), que correspondem à revisão da literatura e são o ponto de partida para a escolha das áreas e exemplares que são analisados nesta pesquisa (Tabela 3.3). Este levantamento foi realizado no ano de 2015.

Tabela 3.2: Resumo das características das edificações do tipo “construído para alugar”
(continua)

Características de uso do solo:		Características formais das edificações:	
Usos do entorno das edificações	n.u.	Metragens:	n.u.
Residencial	41	Até 200m ²	24
Comercial	13	De 200 e 400 m ²	28
Misto	48	De 400 e 600 m ²	23
Tecido Urbano do entorno	n.u.	Acima de 600m ²	7
Consolidado	64	Estrutura construtiva:	n.u.
Não consolidado	11	Aço	69
Atividades identificadas das edificações	n.u.	Convencional	1
Farmácia	14	Mista	5
Mobiliário sob medida	7	Pé direito:	n.u.
Mobiliário solto	7	De 4 a 8 metros	68
Salão de beleza	3	De 8 a 12 metros	7
Loja de roupas	3	Recuos em relação aos vizinhos:	n.u.
Casa de festas	1	Frente	44
Academia	1	Lateral	21
Agência bancária	2	Marca do estabelecimento	n.u.
Uso da pré-existência das edificações	n.u.	Letreiros anexados à fachada	36
Residencial	36	Texturas aparentes na fachada	n.u.
Comercial	9	Tijolo	2
Misto	10	Concreto	6
Lotes ocupados	n.u.	Adesivos	2
1 lote	61	Placas metálicas	1
2 lotes	11	Placas plásticas	1

Tabela 3.2: Resumo das características das edificações do tipo “construído para alugar” (conclusão)

Características de uso do solo:		Características formais das edificações:	
Taxa de ocupação	n.u.	Posição vaga de estacionamento	n.u.
Locadas	42	Frente	41
Vazias	33	Lateral	1
Tempo para locação	n.u.	Frente e lateral	28
Até 1 ano	42	Frente e subsolo	5
Entre 1 e 3 anos	6	Alturas em relação às edificações vizinhas	n.u.
Não identificado	27	Mesmas alturas	15
Turno de funcionamento do estabelecimento	n.u.	Alturas diferentes.	60
Manhã e tarde:	30	Preexistência	n.u.
Manhã, tarde e noite:	13	Identidade formal com o entorno ou possuía um estilo arquitetônico	36
Não identificado/ nenhum:	25		
Valor da locação da edificação	n.u.		
Até R\$15mil	20		
De 15 a 25mil	30		
Acima de 25mil	25		
Implantação no quarteirão	n.u.		
Esquina	45		
Entre edificações	30		
Ano da construção	n.u.		
Até 2011	18		
Entre 2011 e 2013	8		
2014	14		
2015	31		
2015	11		

Nota: constam as edificações que estão para locar ou em processo de construção; caso somatório dos grupos seja maior que 75, constam edificações com mais de um uso; n.u. = número de unidades de “construído para alugar”

Tabela 3.3: Unidades do tipo “construído para alugar” identificadas por bairro na cidade de Porto Alegre.

Bairro	Número de unidades	Bairro	Número de unidades
Mont’Serrat	15	Chácara das Pedras	1
São João	11	São Sebastião	1
Passo D’Areia	8	Azenha	1
Auxiliadora	7	Bom Fim	1
Petrópolis	7	Cristo Redentor	1
Rio Branco	6	Medianeira	1
Higienópolis	5	Três Figueiras	1
Bela Vista	5	Navegantes	1
Jardim Botânico	2	Moinhos de Vento	1
Jardim Lindóia	2	Partenon	1
Floresta	2	Vila Jardim	1

Nota: total de 75 unidades/exemplares

A partir desse levantamento, foi possível delimitar uma área de estudo inicial junto a exemplares na cidade de Porto Alegre (Figura 3.2), de acordo com os critérios (Tabela 3.4) estabelecidos a partir dos objetivos desta investigação.

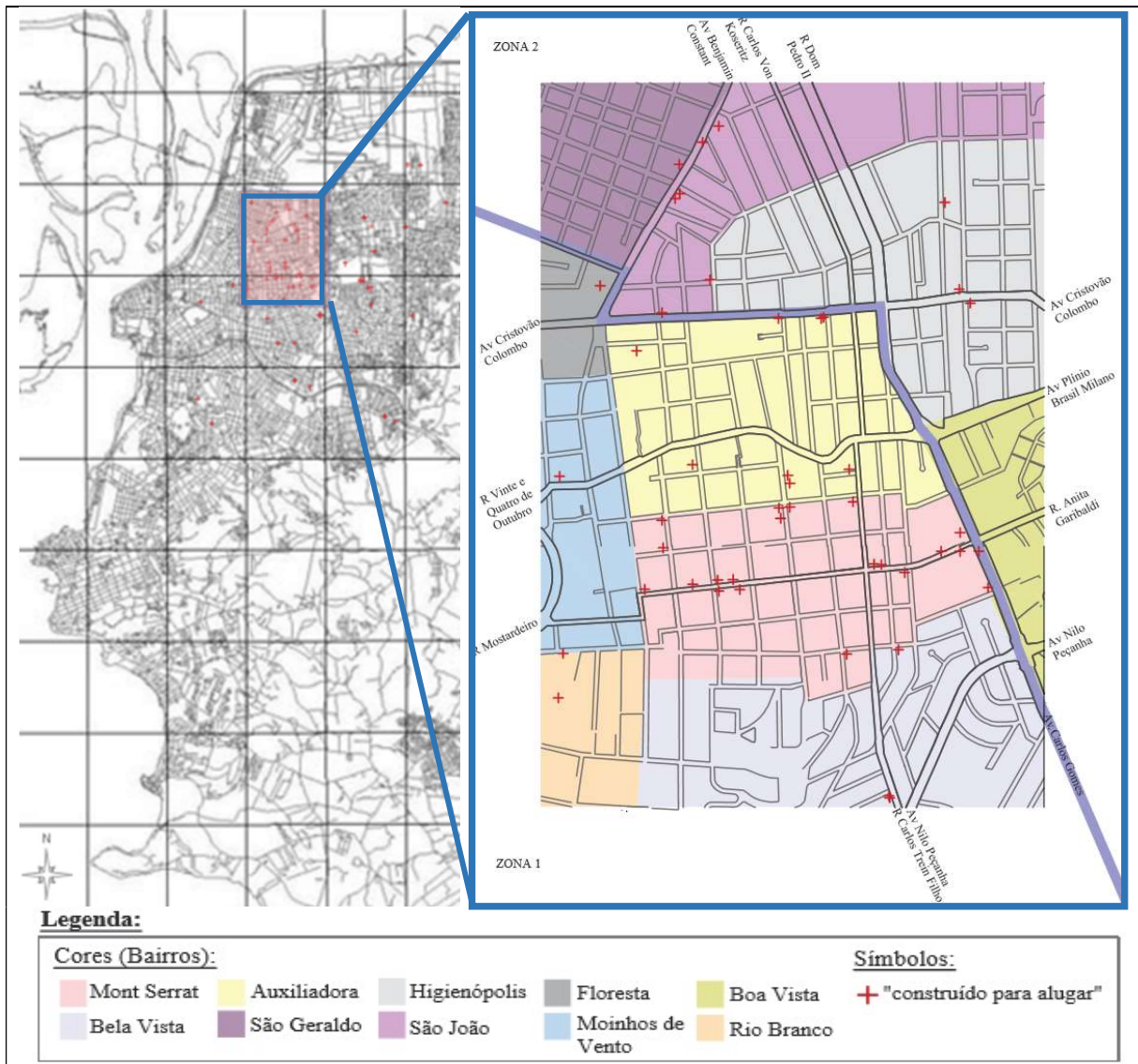


Figura 3.2: Mapa da cidade de Porto Alegre com ampliação da zona delimitada para a análise inicial.

Fonte: autora (com utilização das Cartas disponibilizadas pelo município de Porto Alegre – disponível em <http://www.portoalegre.rs.gov.br/planeja/Mapas/default.asp>)

Tabela 3.4: Critérios utilizados para escolha da área inicial de estudo e dos exemplares do tipo “construído para alugar” (continua)

Critérios

Localização:

- Áreas urbanas consolidadas
- Entornos com predominância do uso do solo residencial
- Locais com potencial concentração de participantes para pesquisa
- Edificações posicionadas em esquinas e entre edificações

Tabela 3.4: Critérios utilizados para escolha da área inicial de estudo e dos exemplares do tipo “construído para alugar” (conclusão)

Critérios
<u>Usos / Atividades:</u>
- Diferentes tipos de usos/ atividades comerciais ou serviços no tipo “construído para alugar”
- Edificação do tipo “construído para alugar” com uma ou mais atividades, sem que se configure um centro de compras
- Turnos de funcionamento variado
- Preferencialmente que tenham substituído uma edificação de uso residencial
- Preferencialmente exemplares com informação visual da cena urbana com a edificação que existia anteriormente no local

3.3.3 Escolha dos exemplares finais para análise

Após a seleção inicial dos exemplares em áreas residenciais, foi feita uma pré-seleção de 18 exemplares (Tabela A.2, Anexo A) que satisfizeram os critérios apresentados na Tabela 3.4. Destes exemplares, foram selecionados 9 para viabilizar esta investigação, de acordo com os seguintes critérios:

- 1) Edificações que estejam ocupadas com alguma atividade
- 2) Usos que não inviabilizassem o acesso da pesquisadora ao interior do exemplar ou ao entorno imediato do mesmo para aplicação de questionários. Isso se deve à existência de restrição de acesso em pequenas agências bancárias, por questões de segurança.
- 3) Exemplares que tenham substituído edificações com uso residencial original

Portanto, para avaliação final, foram selecionados 9 exemplares (Figura 3.3, 3.4, e 3.5). Oito exemplares estão localizados no bairro Mont’Serrat, que conta com uma população de 11.236 moradores, com uma área de 0,79km², densidade de 14.222,78 habitantes por km² e rendimento médio dos responsáveis por domicílio de 12,50 salários mínimos (IBGE, 2010). Destes exemplares, 5 estão localizados em corredores de centralidade, na rua Anita Garibaldi. Um exemplar está localizado no bairro Higienópolis, que conta com uma população 10.724 moradores, área de 1,06 km², densidade demográfica de 10.116,98 habitantes por km² e rendimento médio dos responsáveis por domicílio é de 10,74 salários mínimos (IBGE, 2010). Este último também está em um corredor de centralidade, na Avenida Cristóvão Colombo.

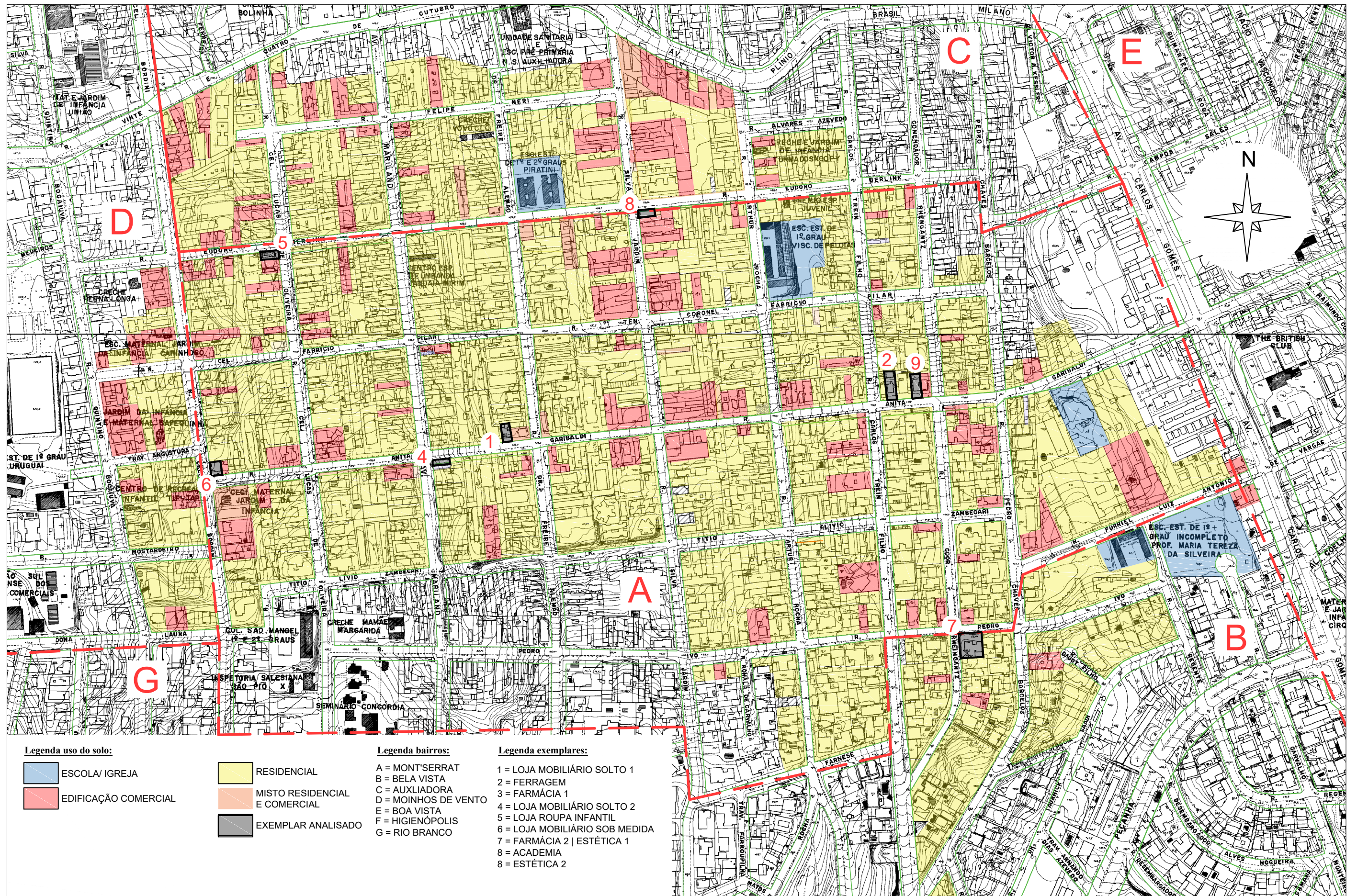


Figura 3.3: Localização e uso do solo dos exemplares
Fonte: autora, 2016



(1) Loja de mobiliário



(2) ferragem



(3) farmácia



(4) Loja de mobiliário



(5) Loja de roupa infantil



(6) Loja de mobiliário



(7) salão de beleza (à esquerda) e farmácia (à direita)



(8) academia



(9) salão de beleza

Figura 3.5: 9 exemplares finais selecionados - a numeração entre parênteses correspondente àquela utilizada nos mapas das Figuras 3.2 e 3.3

Fonte: autora

3.4 SELEÇÃO DOS PARTICIPANTES

Os participantes selecionados para este estudo foram determinados de acordo com os objetivos da pesquisa e a revisão da literatura (Capítulo 2). O tamanho da amostra selecionada está relacionado aos métodos utilizados (ver item 3.5). Para a análise do impacto dos exemplares na estética dos espaços urbanos foram selecionados 2 grupos (Tabela 3.5):

- 1) Grupo 1: (a) indivíduos com formação em arquitetura; (b) indivíduos com formação distinta de arquitetura, artes ou design e publicidade; (c) indivíduos sem início ou conclusão de curso universitário – totalizando 116 indivíduos

Grupo 2: Moradores do entorno de cada um dos 9 exemplares (até uma distância de 500 m de exemplar) – totalizando 290 indivíduos (ver distribuição por exemplar na Tabela 3.10)

Para a análise de impacto dos exemplares no uso dos espaços urbanos foram selecionados 4 grupos (Tabela 3.5):

- 1) Grupo 2: Moradores do entorno de cada um dos 9 exemplares (até uma distância de 500 m de exemplar) – totalizando 290 indivíduos: (ver distribuição por exemplar na Tabela 3.10)
- 2) Grupo 3: Clientes dos estabelecimentos dos exemplares – 154 indivíduos (ver distribuição por exemplar na Tabela 3.10)
- 3) Grupo 4: Locatários dos exemplares – 5 locatários de 9.
- 4) Grupo 5: Agentes imobiliários – 2 empresas de 2 envolvidas com os exemplares selecionados

Os moradores foram escolhidos de acordo com a proximidade com os exemplares, podendo estar a uma distância máxima de 500 metros dos exemplares. Gehl (2013) estipula que indivíduos estão dispostos a caminhar até 500 metros da sua residência, levando em média 5 minutos para realizar esse trajeto a uma velocidade de 5,4km/h. Portanto, indivíduos que moram a uma distância de até 500 metros de um exemplar tenderiam a ser mais familiares com tal exemplar e seu entorno urbano.

Tabela 3.5: Caracterização da amostra

Grupo	Subgrupo	Gênero			Faixa etária			Total
		Fem.	Masc.	Total	18 a 30	31 a 60	Acima de 60	
1 (116)	Arquitetos	28(73,7)	10(26,3)	38(100)	26(68,4)	12(31,6)	0(0)	38 (100)
	Não Arquitetos	39(69,6)	17(30,4)	56(100)	18(32,1)	35(62,5)	3 (5,4)	56 (100)
	Sem formação	15(68,2)	7(31,8)	22(100)	13(59,1)	8(36,4)	1 (4,5)	22 (100)
2 (290)	Moradores	207 (71,3)	83(28,6)	290 (100)	63(21,7)	163 (56,2)	64 (22,0)	290 (100)
3 (154)	Clientes	112 (72,7)	42(27,2)	154 (100)	43(26,3)	88 (53,9)	32 (19,6)	163 (100)
4 (2)	Agentes imobiliários	0(0)	2(100)	2(100)	0(0)	2(100)	0(0)	2(100)

Nota: Os valores entre parênteses referem-se aos percentuais em relação às amostras individuais e ao total de respondentes por grupo

3.5 MÉTODOS DE COLETA DE DADOS

Os métodos adotados nesta pesquisa fazem parte da área de estudos Ambiente e Comportamento que trata das relações entre características físico-espaciais e as atitudes e os comportamentos das pessoas. Esses métodos permitem obter evidências baseadas na avaliação de usuários dos espaços urbanos (REIS; LAY, 1995). Devido à natureza das informações necessárias a este estudo e das particularidades relativas às pesquisas de avaliação da aparência do ambiente urbano, são definidos os métodos e as técnicas de coleta de dados em duas etapas: (1) o levantamento de arquivo e (2) o trabalho de campo (estudo de caso, levantamentos físicos, realização de entrevistas e aplicação de questionários).

3.5.1 Levantamento de arquivo

Esta etapa é necessária como ponto de partida da avaliação e do próprio levantamento físico. Ela inclui a busca por materiais e informações essenciais para a realização da segunda etapa. Essa etapa também serve à sistematização de mapas e de informações necessários ao desenvolvimento da investigação. A Tabela 3.6 contém a síntese dos materiais pesquisados:

Tabela 3.6: Materiais pesquisados:

	DADOS	FORMATO	FONTE
MAPAS	Mapa da média de rendimento per capita da população do município de Porto Alegre	Digitalizado: JPEG	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE-2013)
	Mapa do município de Porto Alegre com as ruas e divisão por bairros	Digitalizado: AutoCad	Cia de Processamento de Dados Do Município De Porto Alegre (PROMCEPA)
	Imagem de satélite do município de Porto Alegre	Digitalizado: JPEG	Google Maps @2016
IMAGENS	Identificação de novos empreendimentos do tipo “construído para alugar” na cidade de Porto Alegre.	Digitalizado: JPEG	Sites, portfólios e anúncios de imobiliárias e assessorias imobiliárias (D’Legend, Araújo Santhos, Dalla Santa; jornais Correio do Povo e Zero Hora)
	Imagens das construções pré-existentes de novos empreendimentos	Digitalizado	Linha do tempo do Google Street View @2010; 2012;2013;2014;2015;2016.

3.5.2 Trabalho de campo

3.5.2.1 Levantamento físico

Com o objetivo de identificar as melhores representações dos exemplares selecionados, foram realizadas observações *in loco* das características físicas das edificações e dos seus entornos e registradas através de fotografias. Nesta etapa também foram levantados os usos do solo urbano dos entornos das tipologias selecionadas (Figuras 3.3 e 3.4): residencial (casa ou prédio a partir de 2 andares), misto (prédio com térreo comercial e demais andares residenciais), comercial (casa adaptada do uso residencial para comercial, edificação comercial e outras do tipo “construído para alugar”) e outros usos (escola e igreja). Além disso, foram feitas fichas com as principais características dos exemplares (Tabela 3.7), de acordo com os aspectos abordados na revisão da literatura (Capítulo 2).

Tabela 3.7: Principais características dos exemplares (continua)

Exemplar 1 – loja de mobiliário	
<u>Localização:</u> Bairro: Mont’ Serrat Logradouro: Anita Garibaldi 386 Posição no quarteirão: entre edificações	<u>Implantação:</u> Ano da Construção: 2015 Tempo para 1º locação: até 1 ano Lote ocupados: 1
<u>Aspectos formais:</u> Material predominante da fachada: vidro Cores aparentes: preto Outros materiais aparentes: não Letreiros/ identidade visual: sim Iluminação à noite: sim Alturas em relação aos vizinhos: menor à esquerda e à direita Recuos em relação aos vizinhos: frontal Pé direito: até 8 metros Ornamentos decorativos: não	<u>Aspectos de uso:</u> Uso da pré-existência: residencial Uso predominante do entorno: residencial Tecido urbano: consolidado Turno de funcionamento: manhã e tarde Posição das vagas de estacionamento: frontal Pavimentos: 2 + 1 subsolo
Exemplar 2 – ferragem	
<u>Localização:</u> Bairro: Mont’ Serrat Logradouro: Anita Garibaldi 891 Posição no quarteirão: entre edificações	<u>Implantação:</u> Ano da Construção: 2015 Tempo para 1º locação: até 1 ano Lote ocupados: 1
<u>Aspectos formais:</u> Material predominante da fachada: vidro Cores aparentes: cinza Outros materiais aparentes: placas metálicas Letreiros/ identidade visual: não Iluminação à noite: não Alturas em relação aos vizinhos: menor à esquerda e à direita Recuos em relação aos vizinhos: não Pé direito: até 8 metros Ornamentos decorativos: não	<u>Aspectos de uso:</u> Uso da pré-existência: residencial Uso predominante do entorno: residencial Tecido urbano: consolidado Turno de funcionamento: manhã e tarde Posição das vagas de estacionamento: frontal e subsolo Pavimentos: 1 + 1 subsolo

Tabela 3.7: Principais características dos exemplares (continua)

Exemplar 3 – farmácia	
<u>Localização:</u> Bairro: Higienópolis Logradouro: Avenida Cristóvão Colombo 3649 Posição no quarteirão: esquina	<u>Implantação:</u> Ano da Construção: 2015 Tempo para 1º locação: até 1 ano (unidade à direita) e desocupada (unidade à esquerda) Lote ocupados: 1
<u>Aspectos formais:</u> Material predominante da fachada: vidro e reboco Cores aparentes: branco (unidade à direita); cinza (unidade à esquerda) Outros materiais aparentes: placas plásticas de iluminação Letreiros/ identidade visual: sim (unidade à direita) Iluminação à noite: sim (unidade à direita) Alturas em relação aos vizinhos: maior à esquerda e à direita Recuos em relação aos vizinhos: não Pé direito: até 8 metros Ornamentos decorativos: não	<u>Aspectos de uso:</u> Uso da pré-existência: residencial Uso predominante do entorno: residencial Tecido urbano: consolidado Turno de funcionamento: manhã, tarde e noite Posição das vagas de estacionamento: frente e lateral Pavimentos: 1
Exemplar 4 – loja de mobiliário	
<u>Localização:</u> Bairro: Mont'Serrat Logradouro: Anita Garibaldi 333 Posição no quarteirão: esquina	<u>Implantação:</u> Ano da Construção: 2015 Tempo para 1º locação: até 1 ano Lote ocupados: 1
<u>Aspectos formais:</u> Material predominante da fachada: vidro Cores aparentes: cinza Outros materiais aparentes: concreto aparente Letreiros/ identidade visual: sim Iluminação à noite: sim Alturas em relação aos vizinhos: maior à esquerda e à direita Recuos em relação aos vizinhos: lateral Pé direito: até 12 metros Ornamentos decorativos: não	<u>Aspectos de uso:</u> Uso da pré-existência: residencial Uso predominante do entorno: residencial Tecido urbano: consolidado Turno de funcionamento: manhã e tarde Posição das vagas de estacionamento: frente e subsolo Pavimentos: 2 + subsolo (1+1 mezanino+subsolo)
Exemplar 5 – loja de vestuário infantil	
<u>Localização:</u> Bairro: Mont'Serrat Logradouro: Av. Coronel Lucas De Oliveira, 255 Posição no quarteirão: esquina	<u>Implantação:</u> Ano da Construção: 2013 Tempo para 1º locação: até 1 ano Lote ocupados: 1
<u>Aspectos formais:</u> Material predominante da fachada: vidro e adesivos Cores aparentes: cinza, vermelho e verde Letreiros/ identidade visual: sim Iluminação à noite: sim Alturas em relação aos vizinhos: maior à esquerda e menor à direita Recuos em relação aos vizinhos: frontal Pé direito: até 8 metros Ornamentos decorativos: não	<u>Aspectos de uso:</u> Uso da pré-existência: residencial (1º uso); comercial (2º uso) Uso predominante do entorno: residencial Tecido urbano: consolidado Turno de funcionamento: manhã e tarde Posição das vagas de estacionamento: frente Pavimentos: 2
Exemplar 6 – loja de mobiliário	
<u>Localização:</u> Bairro: Mont'Serrat Logradouro: Av. Coronel Bordini 1064 Posição no quarteirão: esquina	<u>Implantação:</u> Ano da Construção: entre 2012 e 2013 Tempo para 1º locação: até 1 ano Lote ocupados: 1
<u>Aspectos formais:</u> Material predominante da fachada: vidro e placas metálicas Cores aparentes: branco Letreiros/ identidade visual: sim Iluminação à noite: sim	<u>Aspectos de uso:</u> Uso da pré-existência: residencial Uso predominante do entorno: residencial Tecido urbano: consolidado Turno de funcionamento: manhã e tarde Posição das vagas de estacionamento: frontal e lateral

Tabela 3.7: Principais características dos exemplares (conclusão)

Exemplar 6 – loja de mobiliário	
Alturas em relação aos vizinhos: menor à esquerda e igual à direita	Pavimentos: 2 (1+1 mezanino)
Recuos em relação aos vizinhos: lateral	
Pé direito: até 8 metros	
Ornamentos decorativos: não	
Exemplar 7 – salão de beleza e farmácia	
<u>Localização:</u>	<u>Implantação:</u>
Bairro: Mont’ Serrat	Ano da Construção: entre 2011
Logradouro: Rua Pedro Ivo 847	Tempo para 1º locação: até 1 ano
Posição no quarteirão: esquina	
<u>Aspectos formais:</u>	<u>Aspectos de uso:</u>
Material predominante da fachada: vidro	Uso da pré-existência: residencial
Cores aparentes: branco	Uso predominante do entorno: residencial
Letreiros/ identidade visual: sim	Tecido urbano: consolidado
Iluminação à noite: sim	Turno de funcionamento: manhã, tarde e noite
Alturas em relação aos vizinhos: maior à esquerda e à direita	Posição das vagas de estacionamento: frontal e lateral
Recuos em relação aos vizinhos: não	Pavimentos: 2 (1+ mezanino à salão de beleza); 1 (farmácia)
Pé direito: até 8 metros	
Ornamentos decorativos: não	
Exemplar 8 – academia	
<u>Localização:</u>	<u>Implantação:</u>
Bairro: Mont’ Serrat	Ano da Construção: 2013
Logradouro: Rua Eudoro Berlink 690	Tempo para 1º locação: até 2 anos
Posição no quarteirão: esquina	Lote ocupados: 1
<u>Aspectos formais:</u>	<u>Aspectos de uso:</u>
Material predominante da fachada: vidro	Uso da pré-existência: residencial (1º uso); misto (2º uso)
Cores aparentes: branco	Uso predominante do entorno: residencial
Letreiros/ identidade visual: sim	Tecido urbano: consolidado
Iluminação à noite: sim	Turno de funcionamento: manhã, tarde e noite
Alturas em relação aos vizinhos: maior à esquerda e menor à direita	Posição das vagas de estacionamento: frente e lateral
Recuos em relação aos vizinhos: não	Pavimentos: 3 (1+2 mezaninos)
Pé direito: até 12 metros	
Ornamentos decorativos: não	
Exemplar 9 – salão de beleza	
<u>Localização:</u>	<u>Implantação:</u>
Bairro: Mont’ Serrat	Ano da Construção: entre 2011
Logradouro: Rua Anita Garibaldi 926	Tempo para 1º locação: até 1 ano para 1º locação (loja mobiliário sob medida) e 2 anos para 2º locação (atual)
Posição no quarteirão: entre edificações	Lote ocupados: 1
<u>Aspectos formais:</u>	<u>Aspectos de uso:</u>
Material predominante da fachada: vidro	Uso da pré-existência: terreno
Cores aparentes: branco	Uso predominante do entorno: residencial
Letreiros/ identidade visual: sim	Tecido urbano: consolidado
Iluminação à noite: sim	Turno de funcionamento: manhã, tarde e noite
Alturas em relação aos vizinhos: maior à direita e menor à esquerda	Posição das vagas de estacionamento: frontal e subsolo
Recuos em relação aos vizinhos: frontal	Pavimentos: 2 (1+ mezanino à salão de beleza); 1 (farmácia)
Pé direito: até 8 metros	
Ornamentos decorativos: não	

3.5.2.1.1 Registros fotográficos

Nesta etapa foi realizado um levantamento fotográfico das cenas urbanas que compreendem o entorno e as edificações do tipo “construído para alugar”. O uso de

fotografias é fundamentado em estudos que a utilizam como complemento a outras ferramentas, como questionários e entrevistas (p. ex., REIS et al, 2011; STAMPS, 2000; PORTELLA, 2003). Também, a fotografia colorida possibilita uma representação adequada da realidade para fins de avaliações estéticas (p. ex., STAMPS, 2000; SANOFF; 1991).

As fotografias foram obtidas a partir do nível do observador do lado oposto da via onde está localizada a edificação, com uma câmera que possui características de abertura F2.2 e lente 29mm.

Do total de 9 exemplares selecionados do tipo “construído para alugar”, 8 estão representados através de fotografias diurnas e noturnas (por exemplo, cenas 15 e 16 do exemplar 6, Tabela 3.7), além de fotografias de 6 pré-existências (por exemplo, cenas 1, 2 e 3 do exemplar 1, Tabela 3.7). Estas diferentes cenas foram fotografadas a partir do mesmo ponto, para possibilitar a comparação entre tais cenas. As fotografias foram capturadas em perspectiva (por exemplo, cena 4, Tabela 3.7), pois muitos elementos das cenas eram percebidos apenas dessa forma, como os recuos frontais e laterais das edificações. Além disso, alguns exemplares estão localizados em esquinas, e foi necessária a visualização das duas fachadas principais dos exemplares para melhor entendimento da relação dos mesmos com as adjacências.

O levantamento fotográfico foi realizado durante o período do dia e da noite em dias da semana, com os estabelecimentos em funcionamento de maneira a reproduzir as percepções visuais predominantes dos transeuntes.

As fotografias foram editadas no programa Adobe Photoshop CC 2015 para a retirada de alguns elementos que interfeririam na avaliação estética do exemplar e de sua relação com as edificações adjacentes (p. ex. STAMPS, 1997; FAWCETT; ELLINGHAM; PLATT, 2008), tais como fios de luz ou cones de sinalização de trânsito. Este procedimento tem sido utilizado em diversas pesquisas, visando responder aos seus objetivos (p. ex., PORTELLA, 2003; GREGOLETTO, 2013). Além das fotografias diurnas e noturnas editadas para cada um dos nove exemplares, foram incluídas cenas editadas com as pré-existências de 6 exemplares (cenas 3, 5, 8, 11, 14 e 21, Tabela 3.8).

Tabela 3.8: Cenas selecionadas por exemplar (continua)



Cena 1 - noturna com exemplar 1



Cena 2 - diurna com exemplar 1



Cena 3 - anterior ao exemplar 1



Cena 4 - diurna com exemplar 2



Cena 5 - anterior ao exemplar 2



Cena 6 – noturna com exemplar 3



Cena 7 – diurna com exemplar 3



Cena 8 – anterior ao exemplar 3



Cena 9 – noturna com exemplar 4



Cena 10 – diurna com exemplar 4



Cena 11 – anterior ao exemplar 4



Cena 12 – noturna com exemplar 5



Cena 13 – diurna com exemplar 5



Cena 14 – anterior ao exemplar 5

Tabela 3.8: Cenas selecionadas por exemplar (conclusão)**Cena 15 – noturna com exemplar 6****Cena 16 – diurna com exemplar 6****Cena 17 – noturna com exemplar 7****Cena 18 – diurna com exemplar 7****Cena 19 – noturna com exemplar 8****Cena 20 – diurna com exemplar 8****Cena 21 – anterior ao exemplar 8****Cena 22 – noturna com exemplar 9****Cena 23 – diurna com exemplar 9**

3.5.2.2 Entrevistas

As entrevistas foram utilizadas para responder a objetivos específicos relacionados ao objetivo (ii) desta pesquisa, relacionado ao uso dos espaços urbanos. Entrevistas permitem uma abordagem mais aprofundada de determinadas questões, possibilitando interações entre o pesquisador e o entrevistado, e a obtenção de explicações que não são passíveis de serem obtidas através de questionários (SOMMER; SOMMER, 2002; REIS; LAY, 1995), e o esclarecimento de dúvidas e a diminuição de risco de má interpretação (GOODRICH, 1974). Dois tipos de entrevistas

(Tabela 3.9) foram utilizados, um para os locatários dos estabelecimentos (Tipo 1, Anexo B) e outro para os agentes imobiliários (Tipo 2, Anexo B).

Tabela 3.9: Objetivos, tipo de entrevista, amostra e procedimentos

Objetivos	Entrevista	Amostra	Procedimentos
Objetivo 4	Tipo 1	5 Locatários (exemplares 1, 4, 5, 8, 9)	- Agendamento por telefone - Entrevista presencial com uso de gravador, quando autorizado pelo entrevistado. - Conversão do áudio para formato texto e organização da informação com maiores frequências das informações coletadas. *Houve um caso que foi necessária que a entrevista fosse realizada por escrito, pois o locatário não estava no país.
	Tipo 2	2 Agentes imobiliários (todos exemplares)	- Agendamento por telefone - Entrevista presencial com uso de gravador, quando autorizado pelo entrevistado. - Conversão do áudio para formato texto e organização da informação com maiores frequências das informações coletadas.

Assim, a entrevista do tipo 1 (Tabela B.1, Anexo B) foi realizada com mais de 50% dos locatários dos exemplares escolhidos, enquanto a entrevista do tipo 2 (Tabela B.1, Anexo B) foi realizada com os dois (100%) dos agentes imobiliários envolvidos com os nove exemplares selecionados.

3.5.2.3 Questionários

Os questionários foram utilizados para avaliar a estética das diferentes cenas urbanas diurnas, noturnas e cenas com as pré-existências, assim como o impacto dos exemplares nos seus entornos. Também, foram utilizados para avaliar o uso dos espaços urbanos com edificações do tipo “construído para alugar”, assim como para avaliar da adequação do uso desses exemplares. A aplicação de questionários é eficiente e amplamente utilizada em pesquisas relacionadas a percepções dos indivíduos (SOMMER; SOMMER, 2002). Ainda, é uma ferramenta que detecta regularidades entre grupos de respondentes, através da comparação de respostas relativas a um tema (REIS; LAY, 1995; LAY; REIS, 2005). A eficácia na utilização desta ferramenta combinada a fotografias é comprovada em estudos relacionados a avaliações estéticas de edificações e de cenas urbanas (p. ex., STAMPS, 2000; NASAR, 1992; PORTELLA, 2014). Foram elaborados de acordo com os objetivos da pesquisa e de acordo com a amostra de participantes (Tabela 3.10):

- 1) Tipo 1 (Tabela B.2, Anexo B): questionário para avaliação estética de todos os exemplares pelo grupo que compreende os indivíduos com formação em arquitetura, com formação diferente de arquitetura, design ou artes, e indivíduos sem formação universitária (Tabela 3.11).
- 2) Tipo 2 (Tabela B.3, Anexo B): questionário para avaliação estética e de uso por exemplar pelo grupo de moradores e clientes:
 - (a) cada grupo de moradores responde às perguntas relacionadas a um único exemplar que esteja a uma distância máxima de 500 metros da sua residência. Estas perguntas são referentes à avaliação estética deste exemplar (são as mesmas perguntas do questionário “tipo 1”) e referentes ao uso, que compreende duas questões (adequação da/do atividade/uso do exemplar em relação às do seu/sua entorno/localização, assim como as justificativas para esta avaliação). Portanto, cada exemplar compreende uma amostra de respondentes distinta (Tabela 3.11).
 - (b) cada grupo de clientes responde às perguntas relacionadas a um único exemplar que seja cliente. Estas perguntas são referentes à avaliação do uso do exemplar, tanto quanto à adequação da sua atividade em relação às do seu entorno, tanto quanto à adequação da própria edificação para a atividade que abriga (Tabela 3.11).
 - (c) Caso um morador também seja cliente do estabelecimento, ele pode responder tanto às questões dos moradores, quanto às questões de clientes referentes a um exemplar.

Tabela 3.10: Questionário, amostra e procedimentos

Questionário	Amostra	Procedimentos
Tipo 1	Grupo 1	Aplicação via internet: endereço do questionário online é disponibilizado por e-mail e redes sociais aleatoriamente.
Tipo 2	Grupo 2	É enviada uma carta de apresentação com o endereço <i>online</i> dos questionários para os indivíduos que se encaixam no grupo de moradores de cada exemplar. Também, é informando que o questionário pode ser preenchido presencialmente, em data e horário determinados pela pesquisadora junto aos síndicos dos condomínios onde foi permitida a aplicação. Aplicação presencial: é feita a leitura e preenchimento das questões pela pesquisadora para o morador.
Tipo 2	Grupo 3	É enviada uma carta de apresentação com o endereço <i>online</i> dos questionários para os indivíduos que se encaixam no grupo de clientes de cada exemplar. Também é realizada aplicação presencial: é feita a leitura e preenchimento das questões pela pesquisadora para o morador.

Tabela 3.11: tamanho das amostras dos questionários

Questionário tipo 1: avaliação estética via redes sociais				
Exemplar	Arquiteto	Não-Arquiteto	Sem formação	Total
Todos exemplares	38(32,7)	56(48,2)	22(18,9)	116
Questionário tipo 2: avaliação estética (moradores) e de uso (moradores e clientes) via redes sociais ou presencial				
Exemplar	Morador e cliente	Apenas morador	Apenas cliente	Total
1 (Loja de mobiliário solto)	9(20,5)	28(63,6)	7(15,9)	44(100)
2 (Ferragem)	21(56,8)	15(40,5)	1(2,7)	37(100)
3 (Farmácia)	26(81,3)	2(6,3)	4(12,5)	32(100)
4 (Loja de mobiliário solto)	10(27,7)	22(61,1)	4(11,1)	36(100)
5 (Loja vestuário infantil)	10(30,3)	17(51,5)	6(18,2)	33(100)
6 (Loja de mobiliário sob medida)	7(17,5)	28(70,0)	5(12,5)	40(100)
7 (Salão de beleza)	6(15,8)	23(60,5)	9(23,7)	38(100)
7 (Farmácia)	24(70,6)	5(14,7)	5(14,7)	34(100)
8 (Academia)	1(1,6)	33(54,1)	26(42,6)	61(100)
9 (Estética)	10(27,0)	21(56,8)	6(16,2)	37(100)

Nota: o exemplar 3 é uma edificação dividida em duas lojas, sendo apenas uma ocupada pela farmácia e a outra vazia; o exemplar 7 é uma edificação dividida em duas lojas que possui 2 atividades separadas, a farmácia e o salão de beleza.

A aplicação de questionário através da internet tem sido utilizada em diversas pesquisas, de forma satisfatória (p. ex., GREGOLETTO, 2013; JOHN, 2012). O questionário é acessado no programa computacional Lime Survey (limesurvey.org) através de um endereço fornecido em carta de apresentação da pesquisa enviada via e-mail ou redes sociais a potenciais respondentes.

Para o questionário tipo 2 (Tabela B.3, Anexo B), além da aplicação via internet, também foi realizada a aplicação presencial com questionário impresso, devido à preferência da maioria dos moradores e clientes por este tipo de procedimento. Posteriormente as respostas foram passadas para o programa Lime Survey pelo próprio pesquisador. Os questionários (Tabelas B.2 e B.3, Anexo B) contêm perguntas fechadas de escolha simples e múltipla do tipo:

- Exemplo de pergunta de escolha simples: “Você acha a aparência da cena 1: () muito bonita, () bonita, () nem bonita, nem feia, () feia, () muito feia” (Pergunta 5, Tabela B.3, Anexo B)
- Exemplo de pergunta de múltipla escolha: “Indique as principais razões que justifiquem você utilizar este estabelecimento: () por ser próximo a minha residência, () por ser no caminho da minha residência para o trabalho ou do

trabalho para minha residência, () pelo tipo de produto ou serviço, () Outros:”
(Pergunta 24, Tabela B.3, Anexo B)

Foi realizado um estudo piloto onde foram considerados quatro respondentes para cada um dos dois tipos questionários. Os questionários não apresentaram problemas de compreensão dos respondentes. Duas perguntas não auxiliaram corretamente na resposta de um dos objetivos da pesquisa, e foram substituídas por outras duas perguntas que possibilitavam a avaliação do impacto do exemplar na estética do seu entorno (anexo B, tabela B.4).

3.6 MÉTODOS DE ANÁLISE DE DADOS

As informações provenientes das entrevistas estruturadas foram analisadas através da frequência, conteúdo e importância dos pontos mencionados (REIS; LAY, 1995).

A análise dos dados quantitativos obtidos através dos questionários foi realizado no programa SPSS/PC (*Statistical Package for the Social Sciences*) por meio de testes estatísticos não paramétricos, devido às variáveis nominais e ordinais consideradas nesta investigação. Segundo Siegel (1956 apud LAY; REIS, 1995, p. 24), observa-se que “[...] é admissível utilizar técnicas paramétricas somente com escores que sejam verdadeiramente numéricos (não nominais e/ou ordinais)”. Os dados foram exportados do programa LimeSurvey para o SPSS/PC. Desta forma, além das frequências, foram realizados os seguintes testes estatísticos não-paramétricos:

- 1) Tabulação cruzada (Phi): empregado para avaliar a presença ou ausência de relações estatisticamente significativas entre duas variáveis.
- 2) Kruskal-Wallis *H*: utilizado para revelar diferenças significativas entre três ou mais grupos ou amostras não relacionadas, ou independentes, representados por uma variável nominal com relação a uma variável ordinal (BRYMAN; CRAMÉR, 1990 apud LAY; REIS, 2005). Por exemplo, este teste pode ser utilizado para verificar se os níveis de satisfação com a aparência de determinada cena variam significativamente entre três grupos ou amostras independentes representando arquitetos, não arquitetos com formação universitária distinta de design ou artes e indivíduos sem formação universitária (p. ex., REIS et al, 2011).

- 3) Mann-Whitney *U*: utilizado para revelar diferenças significativas entre duas amostras independentes, representados por uma variável nominal, com relação a uma variável ordinal. Por exemplo, este teste pode ser utilizado para verificar se os níveis de satisfação com a aparência de determinada cena variam significativamente entre dois grupos ou amostras independentes representando indivíduos familiares e não familiares com relação àquela cena (p. ex., JOHN, 2012).
- 4) Kendall's *W*: utilizado para revelar diferenças significativas entre três ou mais grupos ou amostras dependentes, representados por uma variável nominal com relação a uma variável ordinal (LAY; REIS, 2005). Por exemplo, este teste pode ser utilizado para revelar a existência de uma diferença estatisticamente significativa no grau de satisfação dos respondentes com a aparência (variável ordinal) de nove cenas com diferentes níveis de ordem e estímulo visual (variável nominal).

Os testes são considerados estatisticamente significativos quando o valor de significância é igual ou inferior a 0,05 (sig. \leq 0,05) (LAY; REIS, 2005).

RESULTADOS

Neste capítulo, pretende-se identificar o impacto de edificações do tipo “construído para alugar” na estética e no uso dos espaços urbanos predominantemente residenciais, de acordo com a percepção de diferentes grupos de indivíduos. Inicialmente, são apresentados os resultados do objetivo geral 1, e três objetivos a ele associados, que analisam e comparam níveis de satisfação e preferências estéticas de cenas, nos períodos diurna e noturna, com edificações do tipo “construído para alugar” e cenas com as edificações substituídas, considerando a percepção de diferentes grupos de indivíduos. Posteriormente, são mostrados os dados referentes ao objetivo geral 2, e quatro objetivos a ele associados, que identificam os níveis de satisfação com a localização das diferentes atividades das edificações tipo “construído para alugar” nos entornos predominantemente residenciais e averigam se esta tipologia é satisfatória para o desempenho das atividades que abriga, de acordo com diferentes grupos de indivíduos relacionados à estas estruturas.

4.1 AVALIAÇÃO ESTÉTICA DE EDIFICAÇÕES DO TIPO “CONSTRUÍDO PARA ALUGAR”

Neste item são investigados os objetivos específicos relacionados ao objetivo geral (i): analisar e comparar níveis de satisfação e preferências estéticas de cenas, nos períodos diurna e noturna, com edificações do tipo “construído para alugar” e cenas com as edificações substituídas, considerando a percepção de diferentes grupos de indivíduos.

4.1.1 OBJETIVO ESPECÍFICO 1: Analisar e comparar os níveis de satisfação e preferências estéticas de cenas, nos períodos diurno e noturno, com edificações do tipo “construído para alugar” e cenas com as edificações substituídas, em entornos consolidados e predominantemente residenciais, considerando aspectos relacionados aos conceitos de ordem e estímulo visual.

Foram analisadas 23 cenas urbanas, divididas em 9 grupos de cenas, correspondendo os 9 exemplares analisados. Em 5 conjuntos foram avaliadas cenas noturnas, diurnas e cenas anteriores à presença das edificações do tipo “construído para alugar”, em 1 conjunto foram avaliadas as cenas diurna e anterior à presença do

exemplar, e em 3 casos foram julgadas as cenas diurna e anterior à presença do exemplar. Em cada conjunto de imagens, foram realizadas avaliações da aparência das cenas, da cena mais e menos preferida quanto à estética e as justificativas para tais preferências, assim como o julgamento do impacto dos exemplares na estética dos seus entornos e os motivos para tais avaliações. Foram considerados indivíduos divididos em grupo 1 (não moradores do entorno: arquitetos, não arquitetos com formação universitária distinta de design ou artes, e indivíduos sem formação universitária) e grupo 2 (moradores do entorno).

Exemplar 1:

Uma diferença estatisticamente significativa (Kendall W, $\chi^2 = 126,701$, sig. = 0,000) foi encontrada quanto à satisfação com a aparência das três cenas do exemplar “construído para alugar” 1 (Figura 4.1) pelo total dos 116 respondentes do grupo 1.



Figura 4.1: Cenas do exemplar 1

A cena melhor avaliada do exemplar 1 pelo total do grupo 1 foi a cena 1 (noturna) com 56,9% de avaliações positivas e 7,8% de negativas, enquanto a cena 3 (anterior ao exemplar) obteve a pior avaliação, com 73,2% de avaliações negativas e apenas 2,6% de positivas (Tabela 4.1). A cena 2 (diurna) foi pior avaliada que a cena 1 (noturna), mas melhor avaliada que a cena 3 (anterior ao exemplar), e obteve 50,8% de avaliações positivas e 12% de avaliações negativas (Tabela 4.1).

Tabela 4.1: Níveis de satisfação com a aparência das cenas 1, 2 e 3 do exemplar 1 (tabela continua)

Grupo	Subgrupo (n° respondentes)	Cena	Muito bonita	Bonita	Nem bonita nem feia	Feia	Muito feia	mvo K	mvo K-W	Mm-W
1	Arquitetos (38)	C1(n)	4(10,5)	16(42,1)	16(42,1)	1(2,6)	1(2,6)	1,53	60,93	-
		C2(d)	4(10,5)	13(34,2)	17(44,7)	3(7,9)	1(2,6)	1,68	60,84	-
		C3(a)	0(0)	1(2,6)	9(23,7)	20(52,6)	8(21,1)	2,79	62,17	-
	Não Arquitetos (57)	C1(n)	9(16,1)	26(46,4)	19(33,9)	2(3,6)	0(0)	1,61	54,10	-
		C2(d)	7(12,5)	28(50)	16(28,6)	4(7,1)	1(1,8)	1,58	51,77	-
		C3(a)	1(1,8)	0(0)	14(25,0)	34(60,7)	7(12,5)	2,81	58,40	-

Tabela 4.1: Níveis de satisfação com a aparência das cenas 1, 2 e 3 do exemplar 1 (conclusão)

Grupo	Subgrupo (n° respondentes)	Cena	Muito bonita	Bonita	Nem bonita nem feia	Feia	Muito feia	mvo K	mvo K-W	Mm-W
1	Sem formação (22)	C1(n)	3(13,6)	8(36,4)	6(27,3)	3(16,3)	2(9,1)	1,61	65,50	-
		C2(d)	1(4,50)	6(27,3)	10(45,5)	5(22,7)	0(0)	1,82	71,59	-
		C3(a)	1(4,50)	0(0)	5(22,7)	16(72,7)	0(0)	2,57	52,41	-
	Total (116)	C1(n)	16(13,8)	50(43,1)	41(35,3)	6(5,2)	3(2,6)	1,58	-	66,09
		C2(d)	12(10,3)	47(40,5)	43(37,1)	12(10,3)	2(1,7)	1,66	-	83,65
		C3(a)	2(1,7)	1(0,9)	28(24,1)	70(60,3)	15(12,9)	2,76	-	82,97
2	Moradores (37)	C1(n)	7(18,9)	21(56,8)	7(18,9)	2(5,4)	0(0)	1,41	-	80,48
		C2(d)	2(5,4)	14(37,8)	14(37,8)	7(18,9)	0(0)	1,73	-	74,88
		C3(a)	0(0)	0(0)	5(13,5)	28(75,7)	4(10,8)	2,86	-	75,09

Nota: Cn(letra): número da cena (tipo de cena: n=noturna com exemplar; d= diurna com exemplar; a= anterior ao exemplar); n(%) número absoluto de respondentes que avaliaram a cena na categoria em questão (porcentagem de respondentes em relação às amostras individuais ou total); mvo K = média dos valores ordinais obtida através do teste Kendall W (os valores menores referem-se às cenas mais satisfatórias e sua comparação deve ser feita na vertical dentro de cada subgrupo); mvo K-W = média dos valores ordinais obtida através do teste Kruskal-Wallis (os valores menores referem-se às cenas mais satisfatórias e sua comparação deve ser feita na vertical entre as avaliações de cada tipo de cena, por exemplo C4, pelos arquitetos, não arquitetos com formação universitária e indivíduos sem formação universitária); mW-U = média dos valores ordinais obtida pelo teste estatístico Mann-Whitney U (os valores menores referem-se às cenas mais satisfatórias e sua comparação deve ser feita na vertical entre as avaliações de cada tipo de cena, por exemplo C4, pelo total de respondentes do grupo 1 e do grupo 2)

Ainda, foi encontrada uma diferença estatisticamente significativa em relação à cena mais preferida (Kendall W, $\chi^2 = 47,707$, sig. = 0,000) e menos preferida (Kendall W, $\chi^2 = 132,017$, sig. = 0,000) do exemplar 1 pelo total do grupo 1. Essa diferença confirma a cena 1 como a mais preferida (55,2%) (Tabela 4.2), devido, principalmente, à "existência de estímulo visual na cena" (85,9%) (Tabela 4.3), e a cena 3 como a menos preferida (83,6%) (Tabela 4.2), em razão, fundamentalmente, da "falta de estímulo visual na cena" (61,9%) (Tabela 4.3).

Tabela 4.2: Cenas mais e menos preferidas – cenas 1, 2 e 3 do exemplar 1

	Cena mais preferida					Cena menos preferida				
	Grupo 1 (n° respondentes)				Grupo 2	Grupo 1 (n° respondentes)				Grupo 2
	Total (116)	Arq. (38)	N.Arq. (57)	S.F. (22)	M. (37)	Total (116)	Arq. (38)	N.Arq. (57)	S.F. (22)	M. (37)
C1(n)	64 (55,2)	23 (60,5)	30 (53,6)	11 (50)	23 (62,2)	10 (8,6)	5 (13,2)	3 (5,4)	2 (9,1)	3 (8,1)
mvo K	2,33	2,41	2,30	2,25	2,43	1,63	1,70	1,58	1,64	1,62
mvo K-W	-	61,61	57,57	55,55	-	-	61,13	56,61	58,77	-
mM-U	75,71	-	-	-	81,05	77,09	-	-	-	76,70
C2(d)	47 (40,5)	14 (36,8)	23 (41,1)	10 (45,5)	14 (37,8)	9 (7,8)	2 (5,3)	5 (8,9)	2 (9,1)	2 (5,4)
mvo K	2,11	2,05	2,12	2,18	2,07	1,62	1,58	1,63	1,64	1,58
mvo K-W	-	56,37	58,82	61,36	-	-	57,05	59,18	59,27	-
mM-U	74,66	-	-	-	84,34	77,44	-	-	-	75,64
C3 (a)	5 (4,3)	1 (2,6)	3 (5,4)	1 (4,5)	0 (0)	97 (83,6)	31 (81,6)	48 (85,7)	18 (81,8)	32 (86,5)
mvo K	1,56	1,54	1,58	1,53	1,50	2,75	2,72	2,79	2,73	2,80
mvo K-W	-	57,53	59,11	58,64	-	-	57,32	59,71	57,45	-
mM-U	77,80	-	-	-	74,50	76,47	-	-	-	78,66

Nota: Cn(letra): número da cena (tipo de cena: n=noturna com exemplar; d= diurna com exemplar; a= anterior ao exemplar); n(%) número absoluto de respondentes avaliaram a cena na categoria em questão (porcentagem de respondentes em relação às amostras individuais ou total); Arq= Arquitetos; N.Arq.= Não arquitetos; S.F.= Respondentes sem formação universitária; M.=

Moradores; mvo K = média dos valores ordinais obtida através do teste Kendall W (os valores maiores referem-se às cenas mais apontadas como mais ou menos preferidas e a comparação entre os valores deve ser feita na vertical dentro de cada grupo); mvo K-W = média dos valores ordinais obtida através do teste Kruskal-Wallis (os valores maiores referem-se à maior preferência pela cena e a comparação entre os valores deve ser feita na vertical entre as avaliações de cada tipo de cena, por exemplo C1, pelos arquitetos, não arquitetos com formação universitária e indivíduos sem formação universitária); mW-U = (os valores maiores referem-se às cenas mais satisfatórias e sua comparação deve ser feita na vertical entre as avaliações de cada tipo de cena, por exemplo C1, pelo total de respondentes do grupo 1 e do grupo 2)

Tabela 4.3: Principais justificativas para as preferências – cenas 1, 2 e 3 do exemplar 1

Cena mais preferida - Cena 1							
Justificativas dos respondentes	Grupo 1 (arquitetos, não arquitetos e sem formação)						Grupo2
	Total (64)	Arq. (23)	N. Arq. (30)	S.F. (11)	Phi	Sig	M. (23)
Existência de estímulo visual na cena	55(85,9)	18(78,3)	27(90,0)	10(90,9)	0,166	0,416	22(95,7)
Organização entre os elementos das edificações	22(34,4)	9(39,1)	9(30,0)	4(36,4)	0,089	0,777	9(39,1)
Cena mais preferida - Cena 2							
Justificativas dos respondentes	Grupo 1 (arquitetos, não arquitetos e sem formação)						Grupo2
	Total (47)	Arq. (14)	N. Arq. (23)	S.F. (10)	Phi	Sig	M. (14)
Existência de estímulo visual na cena	33(70,2)	11(78,6)	16(69,6)	6(60,0)	0,144	0,615	14(100)
Organização entre os elementos das edificações	23(48,9)	7(50,0)	11(47,8)	5(50,0)	0,022	0,989	1(7,1)
Similaridade entre as alturas das edificações	17(36,2)	9(64,3)	4(17,4)	4(40,0)	0,422	0,015	1(7,1)
Familiaridade com a cena	8(17,0)	1(7,1)	5(21,7)	2(20,0)	0,172	0,498	4(28,6)
Cena menos preferida - Cena 3							
Justificativas dos respondentes	Grupo 1 (arquitetos, não arquitetos e sem formação)						Grupo 2
	Total (97)	Arq. (31)	N. Arq. (48)	S.F. (18)	Phi	Sig	M (32)
Falta de estímulo visual na cena	60(61,9)	19(61,3)	30(62,5)	11(61,1)	0,013	0,992	12(37,5)
Desorganização entre os elementos das edificações	48(49,5)	10(32,3)	29(60,4)	9(50,0)	0,248	0,050	19(59,4)
Diferença entre as alturas das edificações	41(42,3)	15(48,4)	15(31,3)	11(61,1)	0,238	0,064	0(0)
Diferença entre as formas das edificações	31(32,0)	10(32,3)	13(27,1)	8(44,4)	0,137	0,403	8(25,0)

Nota: Arq= Arquitetos; N.Arq.= Não arquitetos; S.F.= Respondentes sem formação universitária; M.= Moradores; n(%) número absoluto de respondentes que selecionaram a variável (porcentagem de respondentes em relação às amostras individuais ou total); são apresentadas as principais justificativas para as cenas mais expressivas os valores de Phi e Sig foram obtidos por meio de tabulação cruzada.

Contudo, por mais que a cena diurna com o exemplar 1 (cena 2) tenha sido melhor avaliada esteticamente que a cena anterior ao exemplar (cena 3), a maioria do grupo 1 (avaliações neutras e negativas) (54,4%) não avaliou positivamente o impacto deste exemplar na estética do seu entorno imediato (cena 2), mesmo que a avaliação positiva (45,7%) predomine sobre a avaliação negativa (15,6%) (Tabela 4.4).

Tabela 4.4: Níveis de satisfação com a presença do exemplar 1 no seu entorno imediato - cena 2

Grupo		M.P.	P.	N.P.N.N	N.	M.N.	mvo K-W	mM-U
1	Arquitetos (38)	4(10,5)	15(39,5)	13(34,2)	6(15,8)	0(0)	55,61	-
	Não Arquitetos. (57)	2(3,6)	24(42,9)	21(37,5)	9(16,1)	0(0)	59,14	-
	Sem Formação (22)	2(9,1)	6(27,3)	6(27,3)	2(9,1)	1(4,5)	61,86	-
	Total (116)	8(6,9)	45(38,8)	45(38,8)	17(14,7)	1(0,9)	-	77,11
2	Moradores (37)	2(5,4)	17(45,9)	10(27,0)	8(21,6)	0(0)	-	76,66

Nota: n(%) número absoluto de respondentes que avaliaram a cena na categoria em questão (porcentagem de respondentes em relação às amostras individuais ou total); M.P = muito positivo; P. = positivo; N.P.N.N. = nem positivo, nem negativo; N. =

negativo; M.N. = muito negativo; mvo K-W = média dos valores ordinais obtida através do teste Kruskal-Wallis (os valores menores referem-se à maior satisfação com a presença do exemplar na cena e a comparação entre deve ser feita na vertical entre cada grupo); mW-U = média dos valores ordinais obtida pelo teste estatístico Mann-Whitney U (os valores menores referem-se à maior satisfação com a presença do exemplar na cena e a comparação entre grupos deve ser feita na vertical)

Os julgamentos negativos (15,6%) (Tabela 4.4) foram em razão, principalmente, da “diferença entre as formas da edificação e das demais” e da “relação desordenada entre as formas da edificação e as das demais” (44,4% ambos), assim como do “impacto da marca do estabelecimento na edificação” (38,8%) (Tabela 4.5). A avaliação positiva se deu, principalmente, pela percepção de “existência de estímulo visual na edificação” (67,9%) e pelos “materiais da edificação” (43,3%) (Tabela 4.5).

Tabela 4.5: Principais justificativas para satisfação com a presença do exemplar 1 na estética do seu entorno – cena 2

Avaliações muito positivas e positivas		Grupo 1				Grupo 2
Principais justificativas	Total (53)	Arq. (19)	N.Arq. (26)	S.F. (8)	M. (19)	
Existência estímulo visual na edificação	36(67,9)	15(78,9)	15(57,6)	6(75,0)	15(78,9)	
Materiais da edificação	23(43,3)	8(42,1)	11(42,3)	4(50,0)	5(26,3)	
Existência de ornamentos decorativos na edificação	21(39,6)	4(21,0)	14(53,8)	3(37,5)	2(10,5)	
Similaridade entre as alturas da edificação e as das demais	19(35,8)	8(42,1)	8(30,7)	3(37,5)	2(11,1)	
Impacto da marca do estabelecimento na edificação	17(32,0)	8(42,1)	7(29,1)	2(25,0)	2(10,5)	
Relação ordenada entre as formas da edificação e das demais	15(28,3)	5(31,2)	3(11,5)	2(25,0)	3(15,7)	
Diferença entre as formas da edificação e das demais	9(16,9)	3(15,7)	6(22,2)	0(0)	4(21,05)	
Avaliações nem positivas, nem negativas		Grupo 1				Grupo 2
Principais justificativas	Total (45)	Arq. (13)	N.Arq. (21)	S.F. (6)	M. (10)	
Impacto da marca do estabelecimento na edificação	11(24,4)	2(15,4)	6(28,6)	3(27,3)	2(20,0)	
Diferença entre as formas da edificação e das demais	7(15,6)	2(15,4)	1(4,8)	4(36,4)	3(30,0)	
Falta estímulo visual na edificação	7(15,6)	3(23,1)	1(4,8)	3(27,3)	1(10,0)	
Relação desordenada entre as formas da edificação e as das demais	5(11,1)	4(30,8)	1(4,8)	0(0)	2(20,0)	
Relação ordenada entre as formas da edificação e das demais	5(11,1)	2(15,4)	3(14,3)	0(0)	1(10,0)	
Materiais da edificação	4(8,9)	2(15,4)	1(4,8)	1(9,1)	5(50,0)	
Similaridade entre as alturas da edificação e as das demais	3 (6,7)	1(7,7)	1(4,8)	1(9,1)	3(30,0)	
Diferença entre as alturas da edificação e as das demais	2 (4,4)	2(15,4)	0(0)	0(0)	3(30,0)	
Similaridade entre as formas da edificação e das demais	1 (2,2)	0(0)	1(4,8)	0(0)	2(20,0)	
Avaliações negativas e muito negativas		Grupo 1				Grupo 2
Principais justificativas	Total (18)	Arq. (6)	N.Arq. (9)	S.F. (3)	M. (8)	
Diferença entre as formas da edificação e das demais	8(44,4)	5(83,3)	1(11,1)	2(66,6)	6(75,0)	
Relação desordenada entre as formas da edificação e as das demais	8(44,4)	3(50,0)	4(44,4)	1(33,3)	2(25,0)	
Impacto da marca do estabelecimento na edificação	7(38,8)	4(66,7)	2(22,2)	1(33,3)	2(25,0)	
Materiais da edificação	5(27,7)	1(16,7)	2(22,2)	2(66,6)	5(62,5)	

Nota n(%) número absoluto de respondentes que selecionaram a variável (porcentagem de respondentes em relação às amostras individuais ou total); Arq= Arquitetos; N.Arq.= Não arquitetos; S.F.= Respondentes sem formação universitária; M.= Moradores

Também foi encontrada uma diferença estatisticamente significativa (Kendall W, $\chi^2 = 46,769$, sig. = 0,000) quanto à satisfação com a aparência das três cenas do exemplar

1 pelos 38 arquitetos. A cena melhor avaliada pelo grupo foi a cena 1 (noturna) com 52,6% de avaliações positivas e 5,2% de negativas, enquanto que a cena pior avaliada foi a cena 3 (anterior ao exemplar) com 73,7% de avaliações negativas e 2,6% de avaliações positivas (Tabela 4.1). A cena 2 (diurna) foi pior avaliada que a cena 1 (noturna), mas melhor avaliada que a cena 3 (anterior ao exemplar), e obteve 44,7% de avaliações positivas e 10,5% de avaliações negativas (Tabela 4.1). Ainda, foi encontrada uma diferença estatisticamente significativa relação à cena mais preferida (Kendall W, $\chi^2 = 19,316$, sig. = 0,000) e menos preferida (Kendall W, $\chi^2 = 40,158$, sig. = 0,000) pelos arquitetos. A cena 1 (noturna) foi a mais preferida (60,5%) (Tabela 4.2), justificada, principalmente, pela "existência de estímulo visual na cena" (78,3%) (Tabela 4.3), enquanto a cena 3 (anterior ao exemplar) foi a menos preferida (81,6%) (Tabela 4.2), em razão, principalmente, da "falta de estímulo visual na cena" (61,3%) e da "diferença entre as alturas das edificações" (48,8%) (Tabela 4.3). Contudo, por mais que a cena diurna com o exemplar 1 (cena 2) tenha sido melhor avaliada esteticamente que a cena anterior ao exemplar (cena 3), a metade do grupo 1 (avaliações neutras e negativas) (50,0%) não avaliou positivamente o impacto do deste exemplar na estética do seu entorno imediato (cena 2) (Tabela 4.4). A "relação desordenada entre as formas da edificação e as das demais" (30,8%) (Tabela 4.5) foi a principal justificativa para a avaliação neutra (34,2%) (Tabela 4.4), e a "diferença entre as formas da edificação e das demais" (83,3%) (Tabela 4.5) foi a principal para as avaliações negativas (15,8%) (Tabela 4.28), enquanto a avaliação positiva foi relacionada, principalmente, à "existência de estímulo visual na edificação" (78,9%) (Tabela 4.5).

Adicionalmente, foi encontrada uma diferença estatisticamente significativa (Kendall W, $\chi^2 = 70,203$, sig. = 0,000) quanto à satisfação com a aparência das três cenas do exemplar 1 pelos 57 não arquitetos com curso universitário. A cena melhor avaliada pelo grupo foi a cena 2 (diurna) com 62,5% de avaliações positivas e 8,9% de negativas, enquanto que a cena pior avaliada foi a cena 3 (anterior ao exemplar) com 73,2% de avaliações negativas e 1,8% de avaliações positivas (Tabela 4.1). A cena 1 (noturna) foi pior avaliada que a cena 2 (diurna), mas melhor avaliada que a cena 3 (anterior ao exemplar), e obteve 62,5% de avaliações positivas e 3,6% de avaliações negativas (Tabela 4.1). Também foi encontrada uma diferença estatisticamente significativa relação à cena mais preferida (Kendall W, $\chi^2 = 21,036$, sig. = 0,000) e

menos preferida (Kendall W, $\chi^2 = 69,250$, sig. = 0,000). Neste caso, por mais que a cena 2 (diurna) tenha sido melhor avaliada (Tabela 4.1), predominou a preferência pela cena 1 (noturna) (53,3%) (Tabela 4.2), devido, fundamentalmente, à "existência de estímulo visual na cena" (90,0%) (Tabela 4.3). Já a cena 3 (anterior ao exemplar) foi a menos preferida (83,7%) (Tabela 4.2), devido, principalmente, da "falta de estímulo visual na cena" (62,5%) e da "desorganização entre os elementos das edificações" (60,4%) (Tabela 4.3). No entanto, por mais que a cena diurna com o exemplar 1 (cenas 2) tenha sido melhor avaliada esteticamente que a cena anterior ao exemplar (cena 3), a maioria do grupo 1 (avaliações neutras e negativas) (53,6%) não avaliou positivamente o impacto do deste exemplar na estética do seu entorno imediato (cena 2), mesmo que a avaliação positiva (46,5%) predomine sobre a avaliação negativa (16,1%) (Tabela 4.4). A principal justificativa para o julgamento neutro (37,5%) (Tabela 4.4) foi o "impacto da marca do estabelecimento na edificação" (28,6%) (Tabela 4.5), e para a avaliação negativa (16,1%) foi a "relação desordenada entre as formas da edificação e as das demais" (44,4%), enquanto que o julgamento positivo foram a existência de estímulo visual (57,6%) e de ornamentos na edificação (53,8%) (Tabela 4.5).

Ainda, uma diferença estatisticamente significativa (Kendall W, $\chi^2 = 13,216$, sig. = 0,001) foi encontrada quanto à satisfação com a aparência das três cenas do exemplar 1 pela amostra de 22 respondentes sem formação universitária. A cena melhor avaliada por esse grupo foi a cena 1 (noturna) com 50% de avaliações positivas e 25,4% de negativas, enquanto a cena 3 (anterior ao exemplar) foi a pior avaliada com 72,7% de avaliações negativas e 4,5% positivas (Tabela 4.1). A cena 2 (diurna) foi pior avaliada que a cena 1 (noturna), mas melhor avaliada que a cena 3 (anterior ao exemplar), e obteve 31,8% de avaliações positivas e 22,7% de avaliações negativas (Tabela 4.1). Também, foi encontrada uma diferença estatisticamente significativa em relação à cena mais preferida (Kendall W, $\chi^2 = 8,273$, sig. = 0,000) e menos preferida (Kendall W, $\chi^2 = 23,273$, sig. = 0,000). Essa diferença confirma a predominância da cena 1 (noturna) como a mais preferida (50,0%) (Tabela 4.2), devido, principalmente, à "existência de estímulo visual na cena" (90,9%) (Tabela 4.3), e a cena 3 (anterior ao exemplar) como a menos preferida (81,8%) (Tabela 4.2), em razão, fundamentalmente, da "falta de estímulo visual na cena" (61,1%) e da "diferença entre as alturas das edificações" (61,1%) (Tabela 4.3). No entanto, por mais que a cena

diurna com o exemplar 1 (cenas 2) tenha sido melhor avaliada esteticamente que a cena anterior ao exemplar (cena 3), a maioria do grupo 1 (avaliações neutras e negativas) (63,6%) não avaliou positivamente o impacto do deste exemplar na estética do seu entorno imediato (cena 2), mesmo que a avaliação positiva (36,4%) predomine sobre a avaliação negativa (13,6%) (Tabela 4.4). As justificativas para o julgamento neutro foram, fundamentalmente, a “diferença entre as formas da edificação e das demais” (36,4%), o “impacto da marca do estabelecimento na edificação” (37,3%), e a “falta estímulo visual na edificação” (37,3%), e para a avaliação negativa foram a “relação desordenada entre as formas da edificação e as das demais” e os “materiais da edificação” (66,6% ambas justificativas) (Tabela 4.5).

Ainda, foi encontrada uma diferença estatisticamente significativa (Kendall W, $\chi^2 = 50,250$, sig. = 0,000) quanto à satisfação com a aparência das três cenas do exemplar 1 pelo grupo 2 (37 moradores do entorno). A cena 1 (noturna) foi a melhor avaliada, com 75,7% de avaliações positivas e 5,4% de negativas, enquanto a cena 3 (anterior ao exemplar) obteve a pior avaliação com 86,5% de avaliações negativas e nenhuma positiva (Tabela 4.1). Nesse sentido, a cena 2 (diurna) foi pior avaliada que a cena 1 (noturna), mas melhor avaliada que a cena 3 (anterior ao exemplar), com 43,2% de avaliações positivas e 18,9% de avaliações negativas (Tabela 4.1). Adicionalmente, foi encontrada uma diferença estatisticamente significativa em relação à cena mais preferida (Kendall W, $\chi^2 = 21,784$, sig. = 0,000) e menos preferida (Kendall W, $\chi^2 = 47,081$, sig. = 0,000) pelo grupo 2 (moradores), predominando a cena 1 (noturna) como a mais preferida (62,2%) e a cena 3 (86,5%) (anterior ao exemplar) como a menos preferida (Tabela 4.2). A cena mais preferida foi justificada, principalmente, pela “existência de estímulo visual na cena” (95,7%), enquanto a cena menos preferida foi escolhida, em razão, fundamentalmente, da “desorganização entre os elementos das edificações” (59,4%) (Tabela 4.3). No entanto, por mais que a cena diurna com o exemplar 1 (cenas 2) tenha sido melhor avaliada esteticamente que a cena anterior ao exemplar (cena 3), uma parte expressiva do grupo 1 (avaliações neutras e negativas) (48,7%) não avaliou positivamente o impacto do deste exemplar na estética do seu entorno imediato (cena 2), mesmo que a avaliação positiva (51,3%) predomine sobre a avaliação negativa (21,6%) (Tabela 4.4). A “existência de estímulo visual na edificação” (78,9%) foi a principal justificativa para a avaliação mais positiva, enquanto que “materiais da edificação” (50,0%) foi para o julgamento neutro, e a

“diferença entre as formas da edificação e das demais” (75%) foi para a avaliação negativa (Tabela 4.5).

Portanto, considerando o total do grupo 1, seus subgrupos e o total do grupo 2, os resultados revelam uma clara tendência da cena 1 (noturna) ser mais satisfatória e preferida esteticamente em comparação às demais cenas do exemplar 1, por ser percebida como mais estimulante visualmente. Contudo, não é possível afirmar que a cena 1 (noturna) seja satisfatória esteticamente, pois as avaliações positivas não foram expressivas, com exceção do grupo de moradores. Ainda, os resultados revelam uma tendência da cena 3 (anterior ao exemplar) ser muito insatisfatória, a pior avaliada e menos preferida por todos os grupos, principalmente, pela percepção da falta de estímulo visual e da desorganização entre os elementos das edificações. Embora a cena 2 (diurna) não tenha sido a cena mais preferida ou melhor avaliada pela clara maioria, fica evidente que esta cena com o exemplar é bem mais positiva do que a cena 3 (anterior ao exemplar), devido à existência de estímulo visual. Contudo, não é possível afirmar que o exemplar 1 é positivo para a estética do seu entorno na cena diurna (cena 2), pois as avaliações satisfatórias ou positivas foram pouco expressivas, devido à percepção de desordem do exemplar em relação ao entorno, assim como do impacto negativo da marca do estabelecimento e da falta de estímulo visual da edificação.

Exemplar 2:

Neste exemplar não foi avaliada a cena noturna por não haver iluminação à noite que permitisse o julgamento estético.

Não foi encontrada uma diferença estatisticamente significativa (Kendall W) quanto à satisfação com a aparência das duas cenas (Figura 4.2) do exemplar “construído para alugar” 2 pelo total dos 109 respondentes do grupo 1.



CENA 4 - diurna

CENA 5 – anterior ao exemplar

Figura 4.2: Cenas do exemplar 2

Contudo, a cena melhor avaliada do exemplar 2 pelo total do grupo 1 foi a cena 5 (anterior ao exemplar), com 49,5% de avaliações positivas e 9,2% de avaliações negativas, enquanto a cena 4 (diurna) foi pior avaliada com 42,2% de avaliações positivas e 20,2% de avaliações negativas (Tabela 4.6).

Tabela 4.6: Níveis de satisfação com a aparência das cenas 4 e 5 do exemplar 2

Grupo	Subgrupo (n° respondentes)	Cena	Muito bonita	Bonita	Nem bonita nem feia	Feia	Muito feia	mvo K	mvo K-W	Mm-W
1	Arquitetos (36)	C4(d)	3(8,3)	13(36,1)	13(36,1)	7(19,4)	0(0)	1,40	52,89	-
		C5(a)	0(0)	6(16,7)	23(63,9)	6(16,7)	1(2,8)	1,60	74,64	-
	Não Arquitetos (52)	C4(d)	1(1,9)	20(38,5)	20(38,5)	10(19,2)	1(1,9)	1,67	56,77	-
		C5(a)	5(9,6)	33(63,5)	13(25)	1(1,9)	0(0)	1,33	40,94	-
	Sem formação (21)	C4(d)	1(4,80)	8(38,1)	8(38,1)	4(19,0)	0(0)	1,52	54,24	-
		C5(a)	1(4,80)	9(42,9)	9(42,9)	2(9,5)	0(0)	1,48	56,14	-
Total (109)	C4(d)	5(4,6)	41(37,6)	41(37,6)	21(19,3)	1(0,9)	1,56	-	71,03	
	C5(a)	6(5,5)	48(44)	45(41,3)	9(8,3)	1(0,9)	1,44	-	73,65	
2	Moradores (36)	C4(d)	1(2,8)	16(44,4)	12(33,3)	7(19,4)	0(0)	1,53	-	69,92
		C5(a)	2(5,6)	18(50,0)	13(36,1)	3(8,3)	0(0)	1,47	-	74,02

Nota: Cn(letra): número da cena (tipo de cena: n=noturna com exemplar; d= diurna com exemplar; a= anterior ao exemplar); n(%) número absoluto de respondentes que avaliaram a cena na categoria em questão (porcentagem de respondentes em relação às amostras individuais ou total); mvo K = média dos valores ordinais obtida através do teste Kendall W (os valores menores referem-se às cenas mais satisfatórias e sua comparação deve ser feita na vertical dentro de cada subgrupo); mvo K-W = média dos valores ordinais obtida através do teste Kruskal-Wallis (os valores menores referem-se às cenas mais satisfatórias e sua comparação deve ser feita na vertical entre as avaliações de cada tipo de cena, por exemplo C4, pelos arquitetos, não arquitetos com formação universitária e indivíduos sem formação universitária); mW-U = média dos valores ordinais obtida pelo teste estatístico Mann-Whitney U (os valores menores referem-se às cenas mais satisfatórias e sua comparação deve ser feita na vertical entre as avaliações de cada tipo de cena, por exemplo C4, pelo total de respondentes do grupo 1 e do grupo 2)

Também, não foi encontrada uma diferença estatisticamente significativa (Kendall W) em relação à cena preferida do exemplar 2 pelo total do grupo 1, pois a cena 5 (anterior ao exemplar) foi apenas um pouco mais preferida que a cena 4 (diurna) (Tabela 4.7).

Tabela 4.7: Cenas mais e menos preferidas – cenas 4 e 5 do exemplar 2

Cena mais preferida					
	Grupo 1 (n° respondentes)				Grupo 2
	Total (109)	Arq. (36)	N.Arq. (52)	S.F. (21)	M. (36)
C4(d)	52 (47,7)	26 (72,2)	16 (30,8)	10 (47,6)	12 (33,3)
mvo K	1,48	1,72	1,31	1,48	1,33
mvo K-W	-	68,36	45,77	54,95	-
mM-U	75,59	-	-	-	65,17
C5(a)	57 (52,3)	10 (27,8)	36 (69,2)	11 (52,4)	24 (66,7)
mvo K	1,52	1,28	1,69	1,52	1,67
mvo K-W	-	41,64	64,23	55,05	-
mM-U	70,41	-	-	-	80,83

Nota: Cn(letra): número da cena (tipo de cena: n=noturna com exemplar; d= diurna com exemplar; a= anterior ao exemplar); n(%) número absoluto de respondentes avaliaram a cena na categoria em questão (porcentagem de respondentes em relação às amostras individuais ou total); Arq= Arquitetos; N.Arq.= Não arquitetos; S.F.= Respondentes sem formação universitária; M.= Moradores; mvo K = média dos valores ordinais obtida através do teste Kendall W (os valores maiores referem-se às cenas mais apontadas como mais ou menos preferidas e a comparação entre os valores deve ser feita na vertical dentro de cada grupo); mvo K-W = média dos valores ordinais obtida através do teste Kruskal-Wallis (os valores maiores referem-se à maior preferência pela cena e a comparação entre os valores deve ser feita na vertical entre as avaliações de cada tipo de cena, por exemplo C1, pelos arquitetos, não arquitetos com formação universitária e indivíduos sem formação universitária); mM-U = (os valores maiores referem-se às cenas mais satisfatórias e sua comparação deve ser feita na vertical entre as avaliações de cada tipo de cena, por exemplo C1, pelo total de respondentes do grupo 1 e do grupo 2)

A cena 5 foi percebida ao mesmo tempo como estimulante visualmente e desorganizada, e a cena 4 foi percebida como organizada, mas sem estímulo (Tabela 4.8).

Tabela 4.8: Principais justificativas para as preferências – cenas 4 e 5 do exemplar 2 (continua)

Cena mais preferida - Cena 4							
Justificativas dos respondentes	Grupo 1 (arquitetos, não arquitetos e sem formação)						Grupo 2
	Total (52)	Arq. (26)	N. Arq. (16)	S.F. (11)	Phi	Sig	M. (12)
Similaridade entre as alturas das edificações	25(48,1)	13(50,0)	8(50,0)	4(40,0)	0,079	0,851	1(8,3)
Organização entre os elementos das edificações	21(40,4)	11(42,3)	7(43,8)	3(30,0)	0,104	0,755	3(25,0)
Similaridade entre as formas das edificações	19(36,5)	12(46,2)	4(25,0)	3(30,0)	0,203	0,343	3(25,0)
Existência de estímulo visual na cena	18(34,6)	6(23,1)	6(37,5)	6(60,0)	0,292	0,109	7(58,3)
Similaridade entre as larguras	17(32,7)	7(26,9)	5(31,3)	5(50,0)	0,184	0,413	0(0)
Familiaridade com a cena	5(9,6)	3(11,5)	2(12,5)	0(0)	0,160	0,515	4(33,3)
Cena menos preferida - cena 4							
Justificativas dos respondentes	Total (57)	Arq. (10)	N. Arq. (36)	S.F. (11)	Phi	Sig	M (24)
Falta de estímulo visual na cena	31(54,4)	6(60,0)	18(50,0)	7(63,6)	0,117	0,675	12(50,0)
Desorganização entre os elementos das edificações	16(28,1)	3(30,0)	10(27,8)	3(27,3)	0,020	0,988	2(8,3)
Diferença entre as formas das edificações	12(21,1)	6(60,0)	4(11,1)	2(18,2)	0,446	0,003	13(54,2)
Cena mais preferida - Cena 5							
Justificativas dos respondentes	Grupo 1 (arquitetos, não arquitetos e sem formação)						Grupo 2
	Total (57)	Arq. (10)	N. Arq. (36)	S.F. (11)	Phi	Sig	M (24)
Existência de estímulo visual na cena	22(38,6)	5(50,0)	11(30,6)	6(54,5)	0,218	0,258	19(79,2)
Organização entre os elementos das edificações	14(24,6)	2(20,0)	11(30,6)	1(9,1)	0,198	0,328	0(0)
Familiaridade com a cena	5 (8,7)	2(20,0)	3(8,3)	0(0)	0,302	0,075	7(29,2)

Tabela 4.8: Principais justificativas para as preferências – cenas 4 e 5 do exemplar 2 (conclusão)

Similaridade entre as alturas das edificações	11(19,3)	3(30,0)	5(13,9)	3(27,3)	0,181	0,394	1(4,2)
Característica formal da casa	16(28,1)	2(20,0)	12(33,3)	2(18,2)	0,158	0,489	12(50,0)
Cena menos preferida – Cena 5							
Justificativas dos respondentes	Total (52)	Arq. (26)	N. Arq. (16)	S.F. (11)	Phi	Sig	M. (12)
Diferença entre as alturas das edificações	32(61,5)	16(61,5)	9(56,3)	7(70,0)	0,097	0,782	3(25,0)
Diferença entre as formas das edificações	24(46,2)	15(57,7)	3(18,8)	6(60,0)	0,367	0,030	5(41,7)
Falta de estímulo visual na cena	20(38,5)	9(34,6)	8(50,0)	3(30,0)	0,162	0,505	6(50,0)
Diferença entre as larguras das edificações	17(32,7)	9(34,6)	3(18,8)	5(50,0)	0,233	0,244	0(0)
Desorganização entre os elementos das edificações	13(25,0)	6(23,1)	4(25,0)	3(30,0)	0,60	0,912	5(41,7)

Nota: Arq= Arquitetos; N.Arq.= Não arquitetos; S.F.= Respondentes sem formação universitária; M.= Moradores; n(%) número absoluto de respondentes que selecionaram a variável (porcentagem de respondentes em relação às amostras individuais ou total); os valores de Phi e Sig foram obtidos por meio de tabulação cruzada.

Em complemento, quando questionados sobre a forma como a presença do exemplar 2 impacta na estética do seu entorno imediato na cena 4 (Figura 4.2), a avaliação negativa (29,4%) predominou sobre a avaliação positiva (24,8%) (Tabela 4.9). Mesmo que não supere a maioria dos respondentes que avaliaram este impacto de forma nem positiva nem negativa (45,9%) (Tabela 4.9), ainda assim, 75,3% de indivíduos não avaliaram positivamente (Tabela 4.9).

Tabela 4.9: Níveis de satisfação com a presença do exemplar 2 no seu entorno imediato - cena 4

Grupo		M.P.	P.	N.P.N.N	N.	M.N.	mvo K-W	mM-U
1	Arquitetos (36)	3(8,3)	11(30,6)	14(38,9)	8(22,2)	0(0)	45,85	-
	Não Arquitetos. (52)	0(0)	8(15,4)	28(53,8)	13(25)	3(5,8)	59,81	-
	Sem Formação (21)	1(4,8)	4(19)	8(38,1)	7(33,3)	1(4,8)	58,79	-
	Total (109)	4(3,7)	23(21,1)	50(45,9)	28(25,7)	4(3,7)	-	70,04
2	Moradores (36)	1(2,8)	7(19,4)	10(27,8)	17(47,2)	1(2,8)	-	81,96

Nota: n(%) número absoluto de respondentes que avaliaram a cena na categoria em questão (porcentagem de respondentes em relação às amostras individuais ou total); M.P = muito positivo; P. = positivo; N.P.N.N. = nem positivo, nem negativo; N. = negativo; M.N. = muito negativo; mvo K-W = média dos valores ordinais obtida através do teste Kruskal-Wallis (os valores menores referem-se à maior satisfação com a presença do exemplar na cena e a comparação entre deve ser feita na vertical entre cada grupo); mW-U = média dos valores ordinais obtida pelo teste estatístico Mann-Whitney U (os valores menores referem-se à maior satisfação com a presença do exemplar na cena e a comparação entre grupos deve ser feita na vertical).

A avaliação negativa da presença do exemplar 2 na estética do seu entorno na cena 4 foi justificada pelo total dos indivíduos do grupo 1 em razão, principalmente, dos “materiais da edificação” (53,1%), e o julgamento neutro foi devido, fundamentalmente, à “falta estímulo visual na edificação” (44,0%) (Tabela 4.10).

Tabela 4.10: Principais justificativas para satisfação com a presença do exemplar 2 na estética do seu entorno – cena 4

Avaliações muito positivas e positivas	Grupo 1				Grupo 2
	Total (27)	Arq. (14)	N.Arq. (8)	S.F. (5)	M. (8)
Principais justificativas					
Similaridade entre as formas da edificação e as das demais	17(73,9)	5(35,7)	5(62,5)	4(100)	3(37,5)
Relação ordenada entre as formas da edificação e as demais	13(48,1)	7(50,0)	4(50,0)	2(40,0)	3(37,5)
Materiais da edificação	9(33,3)	5(35,7)	3(37,5)	1(20,0)	4(50,0)
Similaridade entre as alturas da edificação e as das demais	9(33,3)	5(35,7)	2(25,0)	0(0)	1(12,5)
Existência estímulo visual na edificação	8(29,6)	4(28,5)	2(25,0)	2((40,0)	6(75,0)
Avaliações nem positivas, nem negativas	Grupo 1				Grupo 2
Principais justificativas	Total (50)	Arq. (14)	N.Arq. (28)	S.F. (8)	M. (10)
Falta estímulo visual na edificação	22(44,0)	5(35,7)	14(50,0)	3(37,5)	6(60,0)
Falta de ornamentos decorativos na edificação	12(24,0)	2(14,3)	8(28,6)	2(25,0)	3(30,0)
Materiais da edificação	10(20,0)	3(21,4)	5(17,9)	2(25,0)	6(60,0)
Relação desordenada entre as formas da edificação e as das demais	7(14,0)	4(28,6)	2(7,1)	1(12,5)	1(10,0)
Similaridade entre as formas da edificação e das demais	7(14,0)	3(21,4)	3(10,7)	1(12,5)	1(10,0)
Similaridade entre as larguras da edificação e as das demais	6(12,0)	3(21,4)	2(7,1)	1(12,5)	1(10,0)
Similaridade entre as alturas da edificação e as das demais	6(12,0)	0(0)	2(7,1)	1(12,5)	1(10,0)
Avaliações negativas e muito negativas	Grupo 1				Grupo 2
Principais justificativas	Total (32)	Arq. (8)	N.Arq. (16)	S.F. (8)	M. (18)
Materiais da edificação	17(53,1)	5(62,5)	9(56,2)	3(37,5)	2(11,11)
Relação desordenada entre as formas da edificação e as das demais	10(31,2)	2(25,0)	6(37,5)	1(25,0)	2(11,11)
Diferença entre as formas da edificação e das demais	10(32,2)	4(50,0)	3(18,7)	3(37,5)	10(55,5)
Falta estímulo visual na edificação	10(31,2)	4(50,0)	3(18,7)	3(37,5)	9(50,0)

Nota: número absoluto de respondentes que selecionaram a variável (porcentagem de respondentes em relação às amostras individuais ou total); Arq= Arquitetos; N.Arq.= Não arquitetos; S.F.= Respondentes sem formação universitária; M.= Moradores

Também não foi encontrada uma diferença estatisticamente significativa (Kendall W) quanto à satisfação com a aparência das duas cenas do exemplar 2 pelos 36 arquitetos, pois a aparência da cena 4 (diurna) foi apenas um pouco melhor avaliada que a cena 5 (Tabela 4.6), embora ambas sejam insatisfatórias. Entretanto, foi encontrada uma diferença estatisticamente significativa em relação à cena mais preferida (Kendall W, $\chi^2 = 7,111$, sig. = 0,008), havendo a clara preferência (72,2%) pela cena 4 (diurna) (Tabela 4.7), justificada, principalmente, pela “similaridade entre as alturas das edificações” (50,0%), “similaridade entre as formas das edificações” (46,2%) e “organização entre os elementos da cena” (42,3%) (Tabela 4.8). Contudo, por mais que a cena diurna com o exemplar 4 (cenas 2) tenha sido melhor avaliada esteticamente que a cena anterior ao exemplar (cena 5), a maioria (avaliações neutras e negativas) (61,1%) não avaliou positivamente o impacto do deste exemplar na estética do seu entorno imediato (cena 5), mesmo que a avaliação positiva (38,9%)

predomine sobre a avaliação negativa (22,2%) (Tabela 4.9). Enquanto a avaliação neutra (38,9%) (Tabela 4.9) apontou, fundamentalmente, o aspecto negativo da “falta estímulo visual na edificação” (35,7%) (Tabela 4.10), a avaliação negativa foi justificada em razão, principalmente, dos “materiais da edificação” (62,5%) (Tabela 4.10), e a positiva mencionou, sobretudo, a “relação ordenada entre as formas da edificação e das demais” (50,0%) (Tabela 4.10).

Ainda, foi encontrada uma diferença estatisticamente significativa (Kendall W, $\chi^2 = 10,125$, sig. = 0,001) quanto à satisfação com a aparência das duas cenas do exemplar 2 pelo grupo de 52 não arquitetos com formação universitária. A cena 5 (anterior ao exemplar) foi a melhor avaliada com 73,1% de avaliações positivas e 1,9% negativas, enquanto a cena 4 (diurna) teve 40,4% de avaliações positivas e 21,1% de negativas (Tabela 4.6). Esse resultado é corroborado pela diferença estatisticamente significativa (Kendall W, $\chi^2 = 7,692$, sig. = 0,006) encontrada quanto à cena preferida, predominando a preferência pela cena 5 (69,2%) (Tabela 4.7), em razão, fundamentalmente, da tipologia da casa da cena 5 (33,3%), da “existência de estímulo visual na cena” e da “organização entre os elementos da cena” (30,6% ambas justificativas) (Tabela 4.8). Essas justificativas corroboram as respostas negativas (30,8%) sobre as positivas (15,4%) para avaliação da presença do exemplar 2 na estética do seu entorno imediato (cena 5), representando, junto às respostas neutras (53,8%), 84,6% de respondentes que não avaliaram o impacto como positivo (Tabela 4.9). A avaliação negativa foi em razão, principalmente, dos “materiais da edificação” (56,2%), o julgamento neutro apontou, fundamentalmente, o aspecto negativo da “falta estímulo visual na edificação” (50,0%) (Tabela 4.10).

Não foi encontrada uma diferença estatisticamente significativa (Kendall W) quanto à satisfação com a aparência das duas cenas do exemplar 2 e quanto às suas preferências pelo grupo dos 21 indivíduos sem formação universitária, pois a cena 5 (anterior ao exemplar) foi um pouco melhor avaliada em comparação a cena 4 (diurna) (Tabela 4.6). Contudo, quando questionados sobre a forma como a presença do exemplar 2 impacta na estética do seu entorno imediato na cena 4 (Figura 4.2), a avaliação negativa (38,1%) superou a positiva (23,8%), representando, junto às avaliações neutras (38,1%), 76,2% de respondentes que não avaliaram o impacto como positivo (Tabela 4.9). A avaliação negativa foi em razão, principalmente, dos “materiais da edificação”, da “diferença entre as formas da edificação e das demais” e

da “falta de estímulo visual na edificação” (37,5% para todas as justificativas) (Tabela 4.10). Já o julgamento neutro apontou, fundamentalmente, o aspecto negativo da “falta estímulo visual na edificação” (37,5%) (Tabela 4.10).

Em relação ao grupo de 36 moradores, não foi encontrada uma diferença estatisticamente significativa (Kendall W) quanto à satisfação com a aparência das duas cenas do exemplar 2, pois a cena 5 (anterior ao exemplar) foi apenas um pouco melhor avaliada que a cena 4 (diurna) (Tabela 4.6). Contudo, foi encontrada uma diferença estatisticamente significativa em relação à cena mais preferida (Kendall W, $\chi^2 = 4,000$, sig. = 0,046), predominando a preferência (66,7%) pela cena 5 (anterior ao exemplar) (Tabela 4.7), justificada, principalmente, pela existência de estímulo visual” (79,2%) (Tabela 4.8) e pela característica formal da casa na cena (50,0%), enquanto que a cena 4 (diurna) foi a menos preferida, principalmente, pela “diferença entre as formas das edificações” (54,2%) e pela “falta de estímulo visual na cena” (50,0%) (Tabela 4.8). Essas justificativas corroboram as respostas expressivamente negativas (50,0%) sobre as positivas (27,8%) em relação à avaliação da presença do exemplar 2 na estética do seu entorno imediato (cena 4), representando 72,2% de indivíduos que não avaliaram o impacto como positivo (Tabela 4.9). A avaliação negativa foi justificada, principalmente, pela “diferença entre as formas da edificação e as demais” (55,5%) e pela “falta estímulo visual na edificação” (50,0%) (Tabela 4.10).

Portanto, considerando as avaliações individuais das cenas do exemplar 2 e as preferências pelo total do grupo 1, não existem diferenças estéticas significativas entre as cenas 4 (diurna) e 5 (anterior ao exemplar). Contudo, há diferenças estéticas significativas nas preferências entre essas cenas nos subgrupos de arquitetos, que preferiram claramente a cena diurna com o exemplar 2, e não arquitetos com formação, que preferiram claramente a cena anterior ao exemplar 2. Quanto ao total do grupo de moradores (grupo 2), também foram encontradas diferenças estéticas significativas apenas quanto às preferências, indicando a maior valorização da cena anterior ao exemplar 2. Contudo, não é possível afirmar que as duas cenas são satisfatórias esteticamente, pois as avaliações positivas não foram expressivas, com exceção da avaliação da cena anterior ao exemplar 2 pelo grupo de não arquitetos com formação universitária. Adicionalmente, tanto o total do grupo 1 quanto o grupo 2 avaliou o impacto do exemplar 2 no seu entorno imediato na cena 5 de forma não positiva ou claramente negativa. A edificação do “tipo construído para alugar” foi

percebida insatisfatoriamente na estética da cena com o exemplar em razão, principalmente, dos seus materiais, da diferença entre suas formas e das edificações vizinhas e da sua falta de estímulo visual.

Exemplar 3

Não foi encontrada diferença estatisticamente significativa (Kendall W) quanto à satisfação com a aparência das três cenas (Figura 4.3) do exemplar “construído para alugar” 3 pelo total dos 106 respondentes do grupo 1.



Figura 4.3: Cenas do exemplar 3

Contudo, a cena melhor avaliada do exemplar 3 pelo grupo 1 foi a cena 6 (noturna) com 57,6% de avaliações positivas e 11,3% de negativas, enquanto a cena 8 (anterior ao exemplar) obteve a pior avaliação com 17,0% de avaliações negativas e 41,5% positivas (Tabela 4.11). A cena 7 (diurna) foi pior avaliada que a cena 6 (noturna), mas melhor avaliada que a cena 8 (anterior ao exemplar), e obteve 49,1% de avaliações positivas e 11,3% de avaliações negativas (Tabela 4.11).

Tabela 4.11: Níveis de satisfação com a aparência das cenas 6, 7 e 8 do exemplar 3

Grupo	Subgrupo (n° respondentes)	Cena	Muito bonita	Bonita	Nem bonita nem feia	Feia	Muito feia	mvo K	mvo K-W	Mm-W
1	Arquitetos (34)	C6(n)	3(8,8)	14(41,2)	12(35,3)	5(14,7)	0(0)	1,91	60,04	-
		C7(d)	2(5,9)	7(20,6)	19(55,9)	6(17,6)	0(0)	2,26	65,49	-
		C8(a)	3(8,8)	11(32,4)	17(50)	3(8,8)	0(0)	1,82	51,03	-
	Não Arquitetos (51)	C6(n)	11(21,6)	22(43,1)	14(27,5)	4(7,8)	0(0)	1,84	49,21	-
		C7(d)	6(11,8)	29(56,9)	12(23,5)	4(7,8)	0(0)	1,91	43,39	-
		C8(a)	6(11,8)	14(27,5)	19(37,3)	12(23,5)	0(0)	2,25	55,72	-
	Sem formação (21)	C6(n)	6(28,6)	5(23,8)	7(33,3)	2(9,5)	1(4,8)	1,76	53,33	-
		C7(d)	1(4,80)	7(33,3)	11(52,4)	2(9,5)	0(0)	2,12	58,64	-
		C8(a)	0(0)	10(47,6)	8(38,1)	3(14,3)	0(0)	2,12	52,12	-
Total (106)	C6(n)	20(18,9)	41(38,7)	33(31,1)	11(10,4)	1(0,9)	1,85	-	66,20	
	C7(d)	9(8,5)	43(40,6)	42(39,6)	12(11,3)	0(0)	2,07	-	62,04	
	C8(a)	9(8,5)	35(33)	44(41,5)	18(17)	0(0)	2,08	-	72,31	
2	Moradores (28)	C6(n)	1(3,6)	13(46,4)	14(50,0)	0(0)	0(0)	1,84	-	72,41
		C7(d)	0(0)	4(14,3)	17(60,7)	7(25,0)	0(0)	2,63	-	88,18
		C8(a)	2(7,1)	19(67,9)	7(25,0)	0(0)	0(0)	1,54	-	49,30

Nota: Cn(letra): número da cena (tipo de cena: n=noturna com exemplar; d= diurna com exemplar; a= anterior ao exemplar); n(%) número absoluto de respondentes que avaliaram a cena na categoria em questão (porcentagem de respondentes em relação às amostras individuais ou total); mvo K = média dos valores ordinais obtida através do teste Kendall W (os valores menores referem-se às cenas mais satisfatórias e sua comparação deve ser feita na vertical dentro de cada subgrupo); mvo K-

W = média dos valores ordinais obtida através do teste Kruskal-Wallis (os valores menores referem-se às cenas mais satisfatórias e sua comparação deve ser feita na vertical entre as avaliações de cada tipo de cena, por exemplo C6, pelos arquitetos, não arquitetos com formação universitária e indivíduos sem formação universitária); mW-U = média dos valores ordinais obtida pelo teste estatístico Mann-Whitney U (os valores menores referem-se às cenas mais satisfatórias e sua comparação deve ser feita na vertical entre as avaliações de cada tipo de cena, por exemplo C6, pelo total de respondentes do grupo 1 e do grupo 2)

Também, não foi encontrada diferença estatisticamente significativa (Kendall W) quanto à cena mais preferida do exemplar 3 para o total do grupo 1 (Tabela 4.12).

Tabela 4.12: Cenas mais e menos preferidas – cenas 6, 7 e 8 do exemplar 3

	Cena mais preferida					Cena menos preferida				
	Grupo 1 (n° respondentes)				Grupo 2	Grupo 1 (n° respondentes)				Grupo 2
	Total (106)	Arq. (34)	N.Arq. (51)	S.F. (21)		Total (106)	Arq. (34)	N.Arq. (51)	S.F. (21)	
C6(n)	41 (38,7)	13 (38,2)	18 (35,3)	10 (47,6)	2 (7,1)	22 (20,8)	6 (17,6)	10 (19,6)	6 (28,6)	4 (14,3)
mvo K	2,08	2,07	2,03	2,21	1,61	1,81	1,76	1,80	1,93	1,71
mvo K-W	-	53,26	51,71	58,24	-	-	51,26	52,50	57,00	-
mM-U	71,92	-	-	-	50,79	67,93	-	-	-	63,50
C7(d)	30 (28,3)	9 (26,5)	16 (31,4)	5 (23,8)	0 (0)	40 (38,1)	21 (61,8)	13 (25,5)	6 (28,6)	23 (82,1)
mvo K	1,92	1,90	1,97	1,86	1,50	2,07	2,43	1,89	1,93	2,73
mvo K-W	-	52,53	55,13	51,12	-	-	65,43	46,65	48,00	-
mM-U	71,46	-	-	-	52,50	60,83	-	-	-	90,13
C8 (a)	35 (33,0)	12 (35,3)	17 (33,3)	6 (28,6)	26 (92,9)	43 (40,6)	7 (20,6)	27 (54,0)	9 (42,9)	1 (3,6)
mvo K	2,00	2,03	2,00	1,93	2,89	2,11	1,81	2,31	2,14	1,55
mvo K-W	-	54,71	53,67	51,14	-	-	42,31	59,85	54,00	-
mM-U	59,12	-	-	-	99,21	72,23	-	-	-	47,38

Nota: Cn(letra): número da cena (tipo de cena: n=noturna com exemplar; d= diurna com exemplar; a= anterior ao exemplar); n(%) número absoluto de respondentes avaliaram a cena na categoria em questão (porcentagem de respondentes em relação às amostras individuais ou total); Arq= Arquitetos; N.Arq.= Não arquitetos; S.F.= Respondentes sem formação universitária; M.= Moradores; mvo K = média dos valores ordinais obtida através do teste Kendall W (os valores maiores referem-se às cenas mais apontadas como mais ou menos preferidas e a comparação entre os valores deve ser feita na vertical dentro de cada grupo); mvo K-W = média dos valores ordinais obtida através do teste Kruskal-Wallis (os valores maiores referem-se à maior preferência pela cena e a comparação entre os valores deve ser feita na vertical entre as avaliações de cada tipo de cena, por exemplo C1, pelos arquitetos, não arquitetos com formação universitária e indivíduos sem formação universitária); mM-U = (os valores maiores referem-se às cenas mais satisfatórias e sua comparação deve ser feita na vertical entre as avaliações de cada tipo de cena, por exemplo C1, pelo total de respondentes do grupo 1 e do grupo 2)

Contudo, foi encontrada uma diferença quanto à cena menos preferida (Kendall W, $\chi^2 = 7,371$, sig. = 0,025) (Tabela 4.12). A cena 6 (noturna) foi a menos apontada como menos preferida (20,8%), enquanto a cena 8 (anterior ao exemplar) foi escolhida como a menos preferida por 40,6% e a cena 7 (diurna) por 38,1%, (Tabela 4.12). Estas últimas, devido, principalmente, à "falta de estímulo visual na cena" (74,4%) (Tabela 4.13).

Tabela 4.13: Principais justificativas para as preferências – cenas 6, 7 e 8 do exemplar 3 (continua)

Justificativas dos respondentes	Cena mais preferida - cena 6						Grupo 2
	Grupo 1 (arquitetos, não arquitetos e sem formação)						
	Total (41)	Arq. (13)	N. Arq. (18)	S.F. (10)	Phi	Sig	M (2)
Existência de estímulo visual na cena	36(87,8)	13(100)	16(88,9)	7(70)	0,342	0,091	2(100,0)
Organização entre os elementos das edificações	9(22,0)	2(15,4)	5(27,8)	2(20,0)	0,131	0,703	0(0)

Tabela 4.13: Principais justificativas para as preferências – cenas 6, 7 e 8 do exemplar 3 (conclusão)

Cena menos preferida- cena 6							
Justificativas dos respondentes	Total (22)	Arq. (6)	N. Arq. (10)	S.F. (6)	Phi	Sig	M (4)
Existência de estímulo visual na cena	8(36,4)	2(33,3)	6(60,0)	0(0)	0,516	0,053	0(0)
Falta de estímulo visual na cena	4(66,7)	2(33,3)	5(50,0)	6(100,0)	0,561	0,031	4(100)
Cena mais preferida - cena 7							
Grupo 1 (arquitetos, não arquitetos e sem formação)							Grupo 2
Justificativas dos respondentes	Total (30)	Arq. (9)	N. Arq. (16)	S.F. (5)	Phi	Sig	M (0)
Existência de estímulo visual na cena	19(63,3)	6(66,7)	10(62,5)	3(60,0)	0,049	0,965	0(0)
Organização entre os elementos das edificações	11(36,7)	3(33,3)	5(31,3)	3(60,0)	0,217	0,492	0(0)
Familiaridade com a cena	8(26,7)	2(22,2)	5(31,3)	1(20,0)	0,112	0,828	0(0)
Cena menos preferida - cena 7							
Justificativas dos respondentes	Total (40)	Arq. (21)	N. Arq. (13)	S.F. (6)	Phi	Sig	M (23)
Falta de estímulo visual na cena	21(52,5)	13(61,9)	5(38,5)	3(50,0)	0,211	0,409	21(91,3)
Desorganização entre os elementos das edificações	11(27,5)	6(28,6)	3(23,1)	2(33,3)	0,078	0,886	14(60,9)
Diferença entre as formas das edificações	6(15,0)	5(23,8)	1(7,7)	0(0)	0,268	0,237	1(4,3)
Cena mais preferida - cena 8							
Grupo 1 (arquitetos, não arquitetos e sem formação)							Grupo 2
Justificativas dos respondentes	Total (35)	Arq. (12)	N. Arq. (17)	S.F. (6)	Phi	Sig	M (23)
Existência de estímulo visual na cena	19(54,3)	7(58,3)	8(47,1)	4(66,7)	0,152	0,668	24(92,3)
Familiaridade com a cena	9(25,7)	3(25,0)	6(35,3)	0(0)	0,288	0,235	3(11,5)
Existência de vegetação	9(25,7)	4(33,3)	2(11,8)	3(50,0)	0,336	0,139	17(65,4)
Cena menos preferida - cena 8							
Justificativas dos respondentes	Total (43)	Arq. (7)	N. Arq. (27)	S.F. (9)	Phi	Sig	M (1)
Falta de estímulo visual na cena	32(74,4)	6(85,7)	19(70,4)	7(77,8)	0,133	0,686	1(100)
Desorganização entre os elementos das edificações	10(23,3)	1(14,3)	6(22,2)	3(33,3)	0,140	0,656	0(0)

Nota: Arq= Arquitetos; N.Arq.= Não arquitetos; S.F.= Respondentes sem formação universitária; M.= Moradores; n(%) número absoluto de respondentes que selecionaram a variável (porcentagem de respondentes em relação às amostras individuais ou total); são apresentadas as principais justificativas para as cenas mais expressivas; os valores de Phi e Sig foram obtidos por meio de tabulação cruzada.

No entanto, por mais que a cena diurna com o exemplar 3 (cena 7) tenha sido melhor avaliada esteticamente que a cena anterior ao exemplar (cena 8), a maioria do grupo 1 (avaliações neutras e negativas) (69,5%) não avaliou positivamente o impacto do deste exemplar na estética do seu entorno imediato (cena 8), mesmo que a avaliação positiva (30,5%) predomine sobre a avaliação negativa (19,0%) (Tabela 4.14).

Tabela 4.14: Níveis de satisfação com a presença do exemplar 3 no seu entorno imediato - cena 7

Grupo	Subgrupo	M.P.	P.	N.P.N.N	N.	M.N.	mvo K-W	mM-U
1	Arquitetos (34)	0(0)	8(23,5)	20(58,8)	6(17,6)	0(0)	55,79	-
	Não Arquitetos (50)	1(2)	14(28)	27(54)	8(16)	0(0)	52,22	-
	Sem formação (21)	2(9,5)	7(33,3)	6(28,6)	6(28,6)	0(0)	50,33	-
	Total (105)	3(2,9)	29(27,6)	53(50,5)	20(19)	0(0)	-	56,64
2	Moradores (28)	0(0)	0(0)	5(17,9)	15(53,6)	8(28,6)	-	105,84

Nota: n(%) número absoluto de respondentes que avaliaram a cena na categoria em questão (porcentagem de respondentes em relação às amostras individuais ou total); M.P = muito positivo; P. = positivo; N.P.N.N. = nem positivo, nem negativo; N. = negativo; M.N. = muito negativo; mvo K-W = média dos valores ordinais obtida através do teste Kruskal-Wallis (os valores menores referem-se à maior satisfação com a presença do exemplar na cena e a comparação entre deve ser feita na vertical entre cada grupo); mW-U = média dos valores ordinais obtida pelo teste estatístico Mann-Whitney U (os valores menores referem-se à maior satisfação com a presença do exemplar na cena e a comparação entre grupos deve ser feita na vertical).

Os julgamentos neutros (50,5%) (Tabela 4.14) para a presença do exemplar 3 na estética do seu entorno na cena diurna (cena 7) foram justificados, fundamentalmente, pelo aspecto negativo da “falta estímulo visual na edificação” (39,6%), e as avaliações negativas foram em razão, principalmente, da “relação desordenada entre as formas da edificação e as das demais” (50,0%) e do “impacto da marca do estabelecimento (40,0%) (Tabela 4.15).

Tabela 4.15: Principais justificativas para satisfação com a presença do exemplar 3 na estética do seu entorno – cena 7 (continua)

Avaliações muito positivas e positivas					Grupo 2
Principais justificativas	Grupo 1				M. (0)
	Total (32)	Arq. (8)	N.Arq. (15)	S.F. (9)	
Impacto da marca do estabelecimento na edificação	12(37,5)	4(50,0)	5(33,3)	1(11,1)	0(0)
Existência estímulo visual na edificação	11(34,3)	4(50,0)	5(33,3)	2(22,2)	0(0)
Relação ordenada entre as formas da edificação e das demais	11(34,3)	4(50,0)	5(33,3)	2(22,2)	0(0)
Materiais da edificação	10(31,2)	1(12,5)	5(33,3)	4(44,4)	0(0)
Avaliações nem positivas, nem negativas					Grupo 2
Principais justificativas	Grupo 1				M. (5)
	Total (53)	Arq. (20)	N.Arq. (14)	S.F. (7)	
Falta estímulo visual na edificação	21(39,6)	7(35,0)	13(48,1)	1(16,7)	5(100,0)
Impacto da marca do estabelecimento na edificação	16(30,2)	9(45,0)	5(18,5)	2(33,3)	1(20,0)
Existência de estímulo visual na edificação	8(15,1)	4(20,0)	3(11,1)	1(16,7)	1(20,0)
Materiais da edificação	6(11,3)	2(10,0)	3(11,1)	1(16,7)	1(20,0)
Falta de ornamentos decorativos na edificação	5(9,4)	2(10,0)	2(7,4)	1(16,7)	1(20,0)
Relação ordenada entre as formas da edificação e das demais	5(9,4)	2(10,0)	2(7,4)	1(16,7)	0(0)
Similaridade entre as formas da edificação e das demais	3(5,7)	1(5,0)	2(7,4)	0(0)	0(0)
Avaliações negativas e muito negativas					Grupo 2
Principais justificativas	Grupo 1				M. (23)
	Total (20)	Arq. (6)	N.Arq. (8)	S.F. (6)	
Relação desordenada entre as formas da edificação e as das demais	10(50,0)	4(66,7)	4(50,0)	2(33,3)	12(52,2)
Impacto da marca do estabelecimento na edificação	8(40,0)	4(66,7)	2(25,0)	2(33,3)	6(26,1)
Falta estímulo visual na edificação	7(35,0)	2(33,3)	2(25,0)	3(50,0)	23(100)
Falta de ornamentos decorativos na edificação	5(25,0)	1(16,7)	2(25,0)	2(33,3)	18(78,3)
Materiais da edificação	2(10,0)	1(16,7)	1(12,5)	0(0)	21(91,3)
Retirada da vegetação	0(0)	0(0)	0(0)	0(0)	6(26,1)

Nota: n(%) número absoluto de respondentes que selecionaram a variável (porcentagem de respondentes em relação às amostras individuais ou total); Arq= Arquitetos; N.Arq.= Não arquitetos; S.F.= Respondentes sem formação universitária; M.= Moradores

Não foi encontrada diferença estatisticamente significativa (Kendall W) quanto à satisfação com a aparência das três cenas do exemplar 3 pelo grupo dos 34 arquitetos, pois a cena 8 (anterior ao exemplar) foi apenas um pouco melhor avaliada que a cena 6 (noturna) e a cena a cena 7 (diurna) (Tabela 4.11). Adicionalmente, não

foi encontrada diferença estatisticamente significativa (Kendall W) quanto à cena mais preferida, mas foi encontrada quanto à cena menos preferida (Kendall W, $\chi^2 = 12,412$, sig. = 0,002), indicando a cena 7 (diurna) como, claramente, a menos preferida (61,8%) (Tabela 4.12), devido, principalmente, à “falta de estímulo visual na cena” (61,9%) (Tabela 4.13) e a cena 8 (anterior ao exemplar), como a menos mencionada como menos preferida. Sustentando este resultado, quando questionados sobre a forma como a qual a presença do exemplar 3 impacta na estética do seu entorno, a maioria dos arquitetos (avaliações neutras e negativas) (76,4%) não julgou positivamente, sendo 17,6% de respostas negativas e apenas 23,5% de positivas (Tabela 4.14). A avaliação neutra (58,8%) (Tabela 4.14) apontou, fundamentalmente, o “impacto da marca do estabelecimento na edificação” (45,0%) e o aspecto negativo da “falta estímulo visual na edificação” (35,0%), enquanto a avaliação negativa mencionou, principalmente, a “relação desordenada entre as formas da edificação e as das demais” (66,7%) e o “impacto da marca do estabelecimento na edificação” (66,7%) (Tabela 4.15).

Adicionalmente, foi encontrada uma diferença estatisticamente significativa (Kendall W, $\chi^2 = 6,775$, sig. = 0,034) quanto à satisfação com a aparência das três cenas do exemplar 3 pelos 51 não arquitetos com curso universitário. A cena melhor avaliada pelo grupo foi a cena 6 (noturna) com 64,7% de avaliações positivas e 7,8% de negativas, enquanto que a cena pior avaliada foi a cena 8 (anterior ao exemplar) com 23,5% de avaliações negativas e 39,3% de avaliações positivas (Tabela 4.11). A cena 7 (diurna) foi pior avaliada que a cena 6 (noturna), mas melhor avaliada que a cena 8 (anterior ao exemplar), e obteve 68,7% de avaliações positivas e 7,8% negativas (Tabela 4.11). Não foi encontrada diferença estatisticamente significativa (Kendall W) quanto à cena mais preferida, mas foi encontrada quanto à cena menos preferida (Kendall W, $\chi^2 = 9,880$, sig. = 0,007). A cena menos preferida foi a cena 8 (anterior ao exemplar) (54%) (Tabela 4.12), devido, principalmente, à “falta de estímulo visual na cena” (70,4%) (Tabela 4.13), enquanto a cena 6 (noturna) teve a menor quantidade de indicações de cena menos preferida (19,6%) (Tabela 4.12). Contudo, embora a cena anterior ao exemplar (cena 8) tenha sido menos preferida esteticamente que a cena diurna com o exemplar (cena 7), a maioria dos não arquitetos com curso universitário (avaliações neutras e negativas) (70,0%) não avaliou o impacto do exemplar 3 como positivo no seu entorno (cena 7), mesmo que a avaliação positiva

(30,0%) predomine sobre a avaliação negativa (16,0%) (Tabela 4.14). O julgamento neutro (54,0%) (Tabela 4.14) apontou, fundamentalmente, o aspecto negativo da “falta estímulo visual na edificação” (48,1%), enquanto a avaliação negativa foi em razão, sobretudo, da “relação desordenada entre as formas da edificação e as das demais” (50,0%) (Tabela 4.15). Já o julgamento positivo (33,3%) (Tabela 4.14) foi em razão, principalmente, da marca do estabelecimento, da existência de estímulo, da relação ordenada e dos materiais da edificação (Tabela 4.15).

Também, não foi encontrada diferença estatisticamente significativa (Kendall W) quanto à satisfação com a aparência das três cenas do exemplar 3 pelo grupo dos 21 indivíduos sem formação universitária, pois a cena 6 (noturna) pois apenas um pouco melhor avaliada que a cena 8 (anterior ao exemplar) e cena 7 (diurna) (Tabela 4.11). Adicionalmente, não foi encontrada diferença estatisticamente significativa (Kendall W) quanto à cena mais e menos preferida. Contudo, a maioria dos respondentes sem formação universitária (avaliações neutras e negativas) (57,2%) não avaliou o impacto do exemplar 3 como positivo no seu entorno (cena 7) (Tabela 4.14), mesmo que a avaliação positiva (30,5%) predomine sobre a avaliação negativa (28,6%) (Tabela 4.14). A avaliação neutra foi justificada, fundamentalmente, pelo “impacto da marca do estabelecimento na edificação” (33,3%), e a avaliação negativa se deu, sobretudo, pela “falta estímulo visual na edificação” (50,0%) (Tabela 4.15).

Para o grupo 2, de moradores, foi encontrada uma diferença estatisticamente significativa (Kendall W, $\chi^2 = 23,800$, sig. = 0,000) quanto à satisfação com a aparência das três cenas do exemplar 3. A cena melhor avaliada pelo grupo foi a cena 8 (anterior ao exemplar) com 75,0% de avaliações positivas e nenhuma negativa, enquanto que a cena pior avaliada foi a cena 7 (diurna) com 25,0% de avaliações negativas e apenas 14,3% de avaliações positivas (Tabela 4.11). A cena 6 (noturna) foi pior avaliada que a cena 8 (anterior ao exemplar), mas melhor avaliada que a cena 7 (diurna), e obteve 50,0% de avaliações positivas e nenhuma negativa (Tabela 4.11). Adicionalmente, foi encontrada uma diferença estatisticamente significativa quanto à cena mais preferida (Kendall W, $\chi^2 = 44,857$, sig. = 0,000) e menos preferida (Kendall W, $\chi^2 = 30,500$, sig. = 0,000). Essas diferenças confirmam a cena 8 (anterior ao exemplar) como a mais preferida pela expressiva maioria (92,9%) (Tabela 4.12), em razão, fundamentalmente, da “existência de estímulo visual na cena” (92,3%) e da “existência de vegetação” na cena (65,4%) (Tabela 4.13), enquanto a cena 7 (diurna)

foi confirmada como a menos preferida também por expressiva maioria (82,1%) (Tabela 4.12), devido, principalmente, à “falta de estímulo visual na cena” (91,3%) e à “desorganização entre os elementos das edificações” (60,9%) (Tabela 4.13). Esses resultados são corroborados pelo julgamento expressivamente negativo (82,2%) dos moradores quanto à presença do exemplar 3 na estética do seu entorno (cena 7 - diurna) sobre o positivo (0,0%) (Tabela 4.14). O julgamento negativo foi em razão, principalmente, dos “materiais da edificação” (91,3%) e da “falta de ornamentos decorativos na edificação” (78,3%) (Tabela 4.15).

Portanto, não houve diferenças estatisticamente significativas quanto à avaliação das cenas e quanto às cenas mais preferidas do exemplar 3 para o total do grupo 1. Contudo, foi encontrada diferença neste grupo quanto à cena menos preferida, a cena 8 (anterior ao exemplar), por ser percebida como menos estimulante visualmente. No entanto, a presença do exemplar 3 não é positiva na estética do seu entorno, pois os resultados revelam a maioria de avaliações neutras e negativas. Para os subgrupos, enquanto os arquitetos desvalorizam mais a cena 7 (diurna), os não arquitetos com formação valorizam mais a cena noturna, seguida da diurna, e desvalorizam mais a cena anterior ao exemplar (cena 8). Já o grupo 2, de moradores, claramente avaliou de forma muito satisfatória e, expressivamente, preferiu a cena com a edificação anterior à construção do exemplar 3 (cena 8), e avaliou de forma mais insatisfatória e como a menos preferida a cena diurna com o exemplar (cena 7). Essa diferença tende a estar relacionada à maior valorização do estímulo visual e da presença da vegetação pelos moradores (grupo 2) do que pelos não moradores (grupo 1) na cena anterior ao exemplar. Corroborando esse resultado, os moradores avaliaram como muito negativa a presença do exemplar 3 na estética do seu entorno. Tanto o grupo 1, quanto o grupo 2, justificou que o exemplar 3 carece de estímulo visual, de ornamentos e julgou negativamente os materiais da edificação.

Exemplar 4

Uma diferença estatisticamente significativa (Kendall W, $\chi^2 = 73,336$, sig. = 0,000) foi encontrada quanto à satisfação com a aparência das três cenas do exemplar “construído para alugar” 4 (Figura 4.4) pelo total de 99 respondentes do grupo 1.



Figura 4.4: Cenas do exemplar 4

A cena melhor avaliada do exemplar 4 pelo total do grupo 1 foi a cena 10 (diurna) com 78,8% de avaliações positivas e 4,0% de negativas, enquanto a cena 11 (anterior ao exemplar) obteve a pior avaliação com 42,4% de avaliações negativas e apenas 25,3% positivas (Tabela 4.16). A cena 9 (noturna) foi pior avaliada que a cena 10 (diurna), mas melhor avaliada que a cena 11 (anterior ao exemplar), e obteve 35,4% de avaliações positivas e 19,2% de avaliações negativas (Tabela 4.16).

Tabela 4.16: Níveis de satisfação com a aparência das cenas 9, 10 e 11 do exemplar 4

Grupo	Subgrupo (n° respondentes)	Cena	Muito bonita	Bonita	Nem bonita nem feia	Feia	Muito feia	mvo K	mvo K-W	Mm-W
1	Arquitetos (31)	C9(n)	2(6,5)	6(19,4)	16(51,6)	7(22,6)	0(0)	2,08	54,19	-
		C10(d)	6(19,4)	16(51,6)	6(19,4)	3(9,7)	0(0)	1,37	56,34	-
		C11(a)	0(0)	3(9,7)	12(38,7)	12(38,7)	4(12,9)	2,55	58,77	-
	Não Arquitetos (47)	C9(n)	3(6,4)	19(40,4)	20(42,6)	5(10,6)	0(0)	2,11	42,63	-
		C10(d)	15(31,9)	24(51,1)	7(1,9)	1(2,1)	0(0)	1,46	46,56	-
		C11(a)	4(8,5)	9(19,1)	15(31,9)	15(31,9)	4(8,5)	2,44	48,51	-
	Sem formação (21)	C9(n)	0(0)	5(23,8)	9(42,9)	5(23,8)	2(9,5)	2,52	60,31	-
		C10(d)	6(28,6)	11(52,4)	4(19,0)	0(0)	0(0)	1,33	48,33	-
		C11(a)	2(9,5)	7(33,3)	5(23,8)	7(33,3)	0(0)	2,14	40,38	-
Total (99)	C9(n)	5(5,1)	30(30,3)	45(45,5)	17(17,2)	2(2,0)	2,19	-	64,61	
	C10(d)	27(27,3)	51(51,5)	17(17,2)	4(4,0)	0(0)	1,40	-	63,57	
	C11(a)	6(6,1)	19(19,2)	32(32,3)	34(34,3)	8(8,1)	2,41	-	64,66	
2	Moradores (32)	C9(n)	2(6,3)	6(18,8)	17(53,1)	7(21,9)	0(0)	2,19	-	70,31
		C10(d)	5(15,6)	17(53,1)	10(31,3)	0(0)	0(0)	1,41	-	73,53
		C11(a)	1(3,1)	5(15,6)	10(31,3)	14(43,8)	2(6,3)	2,41	-	70,14

Nota: Cn(letra): número da cena (tipo de cena: n=noturna com exemplar; d= diurna com exemplar; a= anterior ao exemplar); n(%) número absoluto de respondentes que avaliaram a cena na categoria em questão (porcentagem de respondentes em relação às amostras individuais ou total); mvo K = média dos valores ordinais obtida através do teste Kendall W (os valores menores referem-se às cenas mais satisfatórias e sua comparação deve ser feita na vertical dentro de cada subgrupo); mvo K-W = média dos valores ordinais obtida através do teste Kruskal-Wallis (os valores menores referem-se às cenas mais satisfatórias e sua comparação deve ser feita na vertical entre as avaliações de cada tipo de cena, por exemplo C9, pelos arquitetos, não arquitetos com formação universitária e indivíduos sem formação universitária); mW-U = média dos valores ordinais obtida pelo teste estatístico Mann-Whitney U (os valores menores referem-se às cenas mais satisfatórias e sua comparação deve ser feita na vertical entre as avaliações de cada tipo de cena, por exemplo C9, pelo total de respondentes do grupo 1 e do grupo 2)

Ainda, foi encontrada uma diferença estatisticamente significativa em relação à cena mais preferida (Kendall W, $\chi^2 = 74,909$, sig. = 0,000) e menos preferida (Kendall W, $\chi^2 = 47,515$, sig. = 0,000) do exemplar 4 (Tabela 4.17).

Tabela 4.17: Cenas mais e menos preferidas – cenas 9, 10 e 11 do exemplar 4

	Cena mais preferida					Cena menos preferida				
	Grupo 1 (n° respondentes)				Grupo 2	Grupo 1 (n° respondentes)				Grupo 2
	Total (99)	Arq. (31)	N.Arq. (47)	S.F. (21)	M. (32)	Total (99)	Arq. (31)	N.Arq. (47)	S.F. (21)	M. (32)
C9(n)	7(7,1)	3(9,7)	3(6,4)	1(4,8)	3(9,4)	33(33,3)	4(12,9)	17(36,2)	12(57,1)	16(50,0)
mvo K	1,61	1,65	1,60	1,57	1,64	2,00	1,69	2,04	2,36	2,25
mvo K-W	-	51,29	49,66	48,86	-	-	39,89	51,40	61,79	-
mM-U	65,63	-	-	-	67,14	63,33	-	-	-	74,25
C10(d)	73(73,7)	24(77,4)	34(72,3)	15(71,4)	21(85,6)	5(5,1)	2(6,5)	3(6,4)	0(0)	2(6,3)
mvo K	2,61	2,66	2,59	2,57	2,48	1,58	1,60	1,60	1,50	1,59
mvo K-W	-	51,82	49,31	48,86	-	-	50,69	50,66	47,50	-
mM-U	67,30	-	-	-	61,98	65,81	-	-	-	66,59
C11(a)	19(19,2)	4(12,9)	10(21,3)	5(23,8)	8(25,0)	61(61,6)	25(80,6)	27(57,4)	9(42,9)	14(43,8)
mvo K	1,79	1,69	1,82	1,86	1,88	2,42	2,71	2,36	2,14	2,16
mvo K-W	-	46,89	51,03	52,29	-	-	59,42	47,94	40,71	-
mM-U	65,07	-	-	-	68,88	68,86	-	-	-	57,16

Nota: Cn(letra): número da cena (tipo de cena: n=noturna com exemplar; d= diurna com exemplar; a= anterior ao exemplar); n(%) número absoluto de respondentes avaliaram a cena na categoria em questão (porcentagem de respondentes em relação às amostras individuais ou total); Arq= Arquitetos; N.Arq.= Não arquitetos; S.F.= Respondentes sem formação universitária; M.= Moradores; mvo K = média dos valores ordinais obtida através do teste Kendall W (os valores maiores referem-se às cenas mais apontadas como mais ou menos preferidas e a comparação entre os valores deve ser feita na vertical dentro de cada grupo); mvo K-W = média dos valores ordinais obtida através do teste Kruskal-Wallis (os valores maiores referem-se à maior preferência pela cena e a comparação entre os valores deve ser feita na vertical entre as avaliações de cada tipo de cena, por exemplo C9, pelos arquitetos, não arquitetos com formação universitária e indivíduos sem formação universitária); mM-U = (os valores maiores referem-se às cenas mais satisfatórias e sua comparação deve ser feita na vertical entre as avaliações de cada tipo de cena, por exemplo C9, pelo total de respondentes do grupo 1 e do grupo 2)

Essa diferença confirma a cena 10 (diurna) como a mais preferida (73,7%) (Tabela 4.17), devido, principalmente, à "existência de estímulo visual na cena" (56,2%) e à "organização entre os elementos das edificações" (52,1%) (Tabela 4.18), e a cena 11 (anterior ao exemplar) como a menos preferida (61,6%) (Tabela 4.17), em razão, fundamentalmente, da "falta de estímulo visual na cena" (52,5%) e da "desorganização entre os elementos das edificações" (45,9%) (Tabela 4.18). Apesar de a cena 9 não ser a menos preferida de todas, ela foi apontada expressivamente (33,3%) (Tabela 4.17) como menos preferida, em razão, principalmente, da "falta de estímulo visual na cena" (84,8%) (Tabela 4.18).

Tabela 4.18: Principais justificativas para as preferências – cenas 9, 10 e 11 do exemplar 4 (continua)

Cena menos preferida - cena 9							
Justificativas dos respondentes	Total (33)	Arq. (4)	N. Arq. (17)	S.F. (12)	Phi	Sig	M (16)
Falta de estímulo visual na cena	28(84,8)	3(75,0)	14(82,4)	11(91,7)	0,157	0,664	14(87,5)
Desorganização entre os elementos das edificações	3(9,1)	1(25,0)	1(5,9)	1(8,3)	0,209	0,486	1(6,3)
Cena mais preferida - cena 10							
Justificativas dos respondentes	Total (73)	Arq. (24)	N. Arq. (34)	S.F. (15)	Phi	Sig	M (21)
Existência de estímulo visual na cena	41(56,2)	19(79,2)	12(35,3)	10(66,7)	0,403	0,003	16(76,2)
Organização entre os elementos das edificações	38(52,1)	12(50,0)	21(61,8)	5(33,3)	0,217	0,180	7(33,3)
Familiaridade com a cena	17(23,3)	7(29,2)	7(20,6)	3(20,0)	0,097	0,707	1(4,8)

Tabela 4.18: Principais justificativas para as preferências – cenas 9, 10 e 11 do exemplar 4 (conclusão)

	14(19,2)	3(12,5)	9(26,5)	2(13,3)	0,173	0,335	0(0)
Similaridade entre as formas das edificações							
Cena menos preferida - cena 11							
Justificativas dos respondentes	Total (61)	Arq. (25)	N. Arq. (27)	S.F. (9)	Phi	Sig	M (14)
Falta de estímulo visual na cena	32(52,5)	16(64,0)	14(51,9)	2(22,2)	0,276	0,098	8(57,1)
Desorganização entre os elementos das edificações	28(45,9)	10(40,0)	14(51,9)	4(44,4)	0,110	0,690	7(50,0)
Diferença entre as formas das edificações	21(34,4)	8(32,0)	11(40,7)	2(22,2)	0,136	0,567	3(21,4)
Diferença entre as larguras das edificações	13(21,3)	5(20,0)	5(18,5)	3(33,3)	0,123	0,629	0(0)

Nota: Arq= Arquitetos; N.Arq.= Não arquitetos; S.F.= Respondentes sem formação universitária; M.= Moradores; n(%) número absoluto de respondentes que selecionaram a variável (porcentagem de respondentes em relação às amostras individuais ou total); são apresentadas as principais justificativas para as cenas mais expressivas; os valores de Phi e Sig foram obtidos por meio de tabulação cruzada.

No entanto, por mais que a cena diurna com o exemplar 4 (cena 10) tenha sido melhor avaliada esteticamente que a cena anterior ao exemplar (cena 11), uma expressiva parte do grupo 1 (avaliações neutras e negativas) (45,4%) não avaliou positivamente o impacto do deste exemplar na estética do seu entorno imediato (cena 11), mesmo que a avaliação positiva (54,6%) predomine sobre a avaliação negativa (2,0%) (Tabela 4.19).

Tabela 4.19: Níveis de satisfação com a presença do exemplar 4 no seu entorno imediato - cena 10

Grupo	Subgrupo	M.P.	P.	N.P.N.N	N.	M.N.	mvo K-W	mM-U
1	Arquitetos (31)	6(19,4)	11(35,5)	13(41,9)	1(3,2)	0(0)	49,84	-
	Não Arquitetos (47)	7(14,4)	18(38,3)	22(46,8)	0(0)	0(0)	50,97	-
	Sem formação (21)	5(23,8)	7(33,3)	8(38,1)	1(4,8)	0(0)	48,07	-
	Total (109)	18(18,2)	36(36,4)	43(43,4)	2(2)	0(0)	-	64,66
2	Moradores (32)	3(9,4)	15(46,9)	10(31,3)	4(12,5)	0(0)	-	70,06

Nota: n(%) número absoluto de respondentes que avaliaram a cena na categoria em questão (porcentagem de respondentes em relação às amostras individuais ou total); M.P = muito positivo; P. = positivo; N.P.N.N. = nem positivo, nem negativo; N. = negativo; M.N. = muito negativo; mvo K-W = média dos valores ordinais obtida através do teste Kruskal-Wallis (os valores menores referem-se à maior satisfação com a presença do exemplar na cena e a comparação entre deve ser feita na vertical entre cada grupo); mW-U = média dos valores ordinais obtida pelo teste estatístico Mann-Whitney U (os valores menores referem-se à maior satisfação com a presença do exemplar na cena e a comparação entre grupos deve ser feita na vertical).

Os julgamentos neutros (43,4%) (Tabela 4.19) para a presença do exemplar 4 na estética do seu entorno na cena diurna (cena 10) foram justificados, fundamentalmente, pelos “materiais da edificação” (27,9%), “diferença entre as formas da edificação e das demais” (23,3%) e “falta estímulo visual na edificação” (23,3%) (Tabela 4.20). Já a avaliação positiva foi em razão, principalmente, da “existência estímulo visual na edificação” (55,5%) e dos “materiais da edificação” (51,8%) (Tabela 4.20).

Tabela 4.20: Principais justificativas para satisfação com a presença do exemplar 4 na estética do seu entorno – cena 10

Avaliações muito positivas e positivas	Grupo 1				Grupo 2
	Total (54)	Arq. (17)	N.Arq. (25)	S.F. (12)	M. (18)
Principais justificativas					
Existência estímulo visual na edificação	30(55,5)	14(82,3)	10(40,0)	6(50,0)	11(61,11)
Materiais da edificação	28(51,8)	12(70,5)	9(36,0)	7(58,3)	2(11,11)
Relação ordenada entre as formas da edificação e das demais	17(31,4)	7(41,1)	9(36,0)	1(8,33)	4(22,22)
Impacto da marca do estabelecimento na edificação	13(24,0)	6(35,2)	5(20,0)	2(16,6)	4(22,22)
Existência de ornamentos decorativos na edificação	10(18,5)	3(17,6)	5(20,0)	2(16,6)	2(11,11)
Avaliações nem positivas, nem negativas	Grupo 1				Grupo 2
Principais justificativas	Total (43)	Arq. (13)	N.Arq. (22)	S.F. (8)	M. (10)
Materiais da edificação	12(27,9)	12(70,5)	5(22,7)	3(37,5)	5(50,0)
Diferença entre as formas da edificação e das demais	10(23,3)	6(46,1)	1(4,5)	0(0)	4(40,0)
Falta estímulo visual na edificação	10(23,3)	1(7,7)	8(36,4)	1(12,5)	5(50,0)
Existência de estímulo visual na edificação	8(18,6)	2(15,4)	3(13,6)	3(37,5)	1(10,0)
Similaridade entre as alturas da edificação e as das demais	7(16,3)	2(15,4)	0(0)	2(25,0)	1(10,0)
Falta de ornamentos decorativos na edificação	3(7,0)	1(7,7)	3(13,6)	0(0)	1(10,0)
Impacto da marca do estabelecimento na edificação	3(7,0)	6(46,1)	3(13,6)	0(0)	1(10,0)
Avaliações negativas e muito negativas	Grupo 1				Grupo 2
Principais justificativas	Total (2)	Arq. (1)	N.Arq. (0)	S.F. (1)	M. (4)
Relação desordenada entre as formas da edificação e as das demais	2(100)	0(0)	0(0)	0(0)	3(75,0)
Materiais da edificação	2(100)	1(100)	0(0)	1(100)	1(10,0)

Nota: n(%) número absoluto de respondentes que selecionaram a variável (porcentagem de respondentes em relação às amostras individuais ou total); Arq= Arquitetos; N.Arq.= Não arquitetos; S.F.= Respondentes sem formação universitária; M.= Moradores

Também, foi encontrada uma diferença estatisticamente significativa (Kendall W, $\chi^2 = 29,054$, sig. = 0,000) quanto à satisfação com a aparência das três cenas do exemplar 4 pelo grupo dos 31 arquitetos. A cena melhor avaliada por esse grupo foi a cena 10 (diurna) com 71,0% de avaliações positivas e 9,7% de negativas, enquanto a cena 11 (anterior ao exemplar) obteve a pior avaliação com 51,6% de avaliações negativas e apenas 9,7% positivas (Tabela 4.16). A cena 9 (noturna) foi pior avaliada que a cena 10 (diurna), mas melhor avaliada que a cena 11 (anterior ao exemplar), e obteve 25,9% de avaliações positivas e 22,6% de avaliações negativas (Tabela 4.16). Ainda, foi encontrada uma diferença estatisticamente significativa em relação à cena mais preferida (Kendall W, $\chi^2 = 27,161$, sig. = 0,000) e menos preferida (Kendall W, $\chi^2 = 31,419$, sig. = 0,000). Essa diferença confirma a cena 10 (diurna) como a mais preferida (77,4%) (Tabela 4.17), devido, principalmente, à "existência de estímulo visual na cena" (79,2%) e à "organização entre os elementos das edificações" (50,0%) (Tabela 4.18), e a cena 11 (anterior ao exemplar) como a menos preferida (80,6%) (Tabela 4.17), em razão, fundamentalmente, da "falta de estímulo visual na cena" (64,0%) e da "desorganização entre os elementos das edificações" (40,0%) (Tabela 4.18). No entanto, por mais que a cena diurna com o exemplar 4 (cena 10) tenha sido

melhor avaliada esteticamente que a cena anterior ao exemplar (cena 11), uma expressiva dos arquitetos (avaliações neutras e negativas) (45,1%) não avaliou positivamente o impacto do deste exemplar na estética do seu entorno imediato (cena 11), mesmo que a avaliação positiva (54,9%) predomine sobre a avaliação negativa (3,2%) (Tabela 4.19). Os julgamentos neutros (41,9%) (Tabela 4.19) para a presença do exemplar 4 na estética do seu entorno na cena diurna (cena 10) foram justificados, fundamentalmente, pelos “materiais da edificação” (70,5%), “diferença entre as formas da edificação e das demais” (46,1%) e “impacto da marca do estabelecimento na edificação” (46,1%) (Tabela 4.20).

Adicionalmente, foi encontrada uma diferença estatisticamente significativa (Kendall W, $\chi^2 = 31,985$, sig. = 0,000) quanto à satisfação com a aparência das três cenas do exemplar 4 pelo grupo dos 41 não arquitetos com formação universitária. A cena melhor avaliada por esse grupo foi a cena 10 (diurna), com expressivas (83,0%) avaliações positivas e poucas (4,0%) negativas, enquanto a cena 11 (anterior ao exemplar) obteve a pior avaliação, com 40,4% de avaliações negativas e apenas 27,6% positivas (Tabela 4.16). A cena 9 (noturna) foi pior avaliada que a cena 10 (diurna), mas melhor avaliada que a cena 11 (anterior ao exemplar), e obteve 47,0% de avaliações positivas e 10,6% de avaliações negativas (Tabela 4.16). Também, foi encontrada uma diferença estatisticamente significativa em relação à cena mais preferida (Kendall W, $\chi^2 = 33,745$, sig. = 0,000) e menos preferida (Kendall W, $\chi^2 = 18,553$, sig. = 0,000). Essa diferença confirma a cena 10 (diurna) como a mais preferida (72,3%) (Tabela 4.17), devido, principalmente, à “organização entre os elementos das edificações” (61,8%) (Tabela 4.18), e a cena 11 (anterior ao exemplar) como a menos preferida (57,4%) (Tabela 4.17), em razão, fundamentalmente, da “falta de estímulo visual na cena” (51,9%) e da “desorganização entre os elementos das edificações” (51,9%) (Tabela 4.18). A cena 9 não foi a menos preferida das três cenas, mas foi apontada por 36,2% (Tabela 4.17) dos indivíduos como a menos preferida, justificada, principalmente, “falta de estímulo visual na cena” (82,4%) (Tabela 4.18). Contudo, por mais que a cena diurna com o exemplar 4 (cena 10) tenha sido melhor avaliada esteticamente que a cena anterior ao exemplar (cena 11), uma expressiva dos não arquitetos com formação (avaliações neutras e negativas) (46,8%) não avaliou positivamente o impacto do deste exemplar na estética do seu entorno imediato (cena 11), mesmo que a avaliação positiva (52,7%) seja expressiva (Tabela

4.19). Os julgamentos neutros foram justificados, fundamentalmente, pela “falta de estímulo visual na edificação” (36,4%) e pelos “materiais da edificação” (22,7%), enquanto que a avaliação positiva foi em razão, principalmente, da “existência estímulo visual na edificação” (40,0%), dos “materiais da edificação” (36,0%) e da “relação ordenada entre as formas da edificação e das demais” (36,0%) (Tabela 4.20).

Ainda, foi encontrada uma diferença estatisticamente significativa (Kendall W, $\chi^2 = 19,176$, sig. = 0,000) quanto à satisfação com a aparência das três cenas do exemplar 4 pelo grupo dos 21 indivíduos sem formação universitária. A cena melhor avaliada por esse grupo foi a cena 10 (diurna) com expressivas (81,0%) avaliações positivas e nenhuma negativa, enquanto a cena 11 (anterior ao exemplar) obteve a pior avaliação com 33,3% de avaliações negativas e 42,8% de positivas (Tabela 4.16). A cena 9 (noturna) foi pior avaliada que a cena 10 (diurna), mas melhor avaliada que a cena 11 (anterior ao exemplar), e obteve apenas 23,8% de avaliações positivas e 33,3% de avaliações negativas (Tabela 4.16). Também, foi encontrada uma diferença estatisticamente significativa em relação à cena mais preferida (Kendall W, $\chi^2 = 11,143$, sig. = 0,004) e menos preferida (Kendall W, $\chi^2 = 14,857$, sig. = 0,001). Essa diferença confirma a cena 10 (diurna) como a mais preferida (71,4%) (Tabela 4.17), devido, principalmente, à “existência de estímulo visual na cena” (66,7%) e à “organização entre os elementos das edificações” (33,3%) (Tabela 4.18). Contudo, a cena menos preferida foi a cena 9 (noturna) (57,1%) (Tabela 4.17), devido, fundamentalmente, à falta de estímulo visual na cena” (91,7%) (Tabela 4.18), e não a cena 11 (anterior ao exemplar), que foi a pior avaliada (Tabela 4.17) e menos preferida por 42,9%, em razão, principalmente, da “desorganização entre os elementos das edificações” (44,4) (Tabela 4.18). No entanto, por mais que a cena diurna com o exemplar 4 (cena 10) tenha sido melhor avaliada esteticamente que a cena anterior ao exemplar (cena 11), uma expressiva dos indivíduos sem formação (avaliações neutras e negativas) (42,9%) não avaliou positivamente o impacto do deste exemplar na estética do seu entorno imediato (cena 11), mesmo que a avaliação positiva (57,1%) seja maior que a negativa (4,8%) (Tabela 4.19). Os julgamentos neutros (38,1%) (Tabela 4.19) foram justificados, fundamentalmente, aos “materiais da edificação” (37,5%) e à “existência de estímulo visual na edificação” (37,5%), enquanto que a avaliação positiva foi em razão, principalmente, dos “materiais da

edificação” (58,3%) e da “existência estímulo visual na edificação” (50,0%) (Tabela 4.20).

Nas avaliações do grupo 2, de 32 moradores, também foi encontrada uma diferença estatisticamente significativa (Kendall W, $\chi^2 = 23,344$, sig. = 0,000) quanto à satisfação com a aparência das três cenas do exemplar 4. A cena melhor avaliada por esse grupo foi a cena 10 (diurna) com 68,7% de avaliações positivas e nenhuma negativa, enquanto a cena 11 (anterior ao exemplar) obteve a pior avaliação com 50,1% de avaliações negativas e apenas 18,7% de positivas (Tabela 4.16). A cena 9 (noturna) foi pior avaliada que a cena 10 (diurna), mas melhor avaliada que a cena 11 (anterior ao exemplar), e obteve 25,1% de avaliações positivas e 21,9% de avaliações negativas (Tabela 4.16). Também, foi encontrada uma diferença estatisticamente significativa em relação à cena mais preferida (Kendall W, $\chi^2 = 16,188$, sig. = 0,000) e menos preferida (Kendall W, $\chi^2 = 10,750$, sig. = 0,000). Essa diferença confirma a cena 10 (diurna) como claramente a mais preferida (85,6%) (Tabela 4.17), devido, principalmente, à “existência de estímulo visual na cena” (76,2%) (Tabela 4.18). Contudo, a cena menos preferida foi a cena 9 (noturna) (50,0%) (Tabela 4.17), devido, fundamentalmente, à falta de estímulo visual na cena” (87,5%) (Tabela 4.18). A cena 11 (anterior ao exemplar), foi apontada por 43,8% dos indivíduos como a menos preferida (Tabela 4.17), em razão, principalmente, da “falta de estímulo visual na cena” (57,1%) e da “desorganização entre os elementos das edificações” (50,0%) (Tabela 4.18). No entanto, por mais que a cena diurna com o exemplar 4 (cena 10) tenha sido melhor avaliada esteticamente que a cena anterior ao exemplar (cena 11), uma expressiva parte dos moradores (avaliações neutras e negativas) (43,8%) não avaliou positivamente o impacto do deste exemplar na estética do seu entorno imediato (cena 11), mesmo que a avaliação positiva (56,3%) predomine sobre a avaliação negativa (12,5%) (Tabela 4.19). O julgamento neutro (31,3%) (Tabela 4.19) foi em razão, fundamentalmente, da “falta de estímulo visual na edificação” (50,0%) e dos “materiais da edificação” (50,0%) (Tabela 4.20), enquanto o negativo foi devido, principalmente, à “relação desordenada entre as formas da edificação e as das demais” (75,0%), e as avaliações positivas, à “existência de estímulo visual na edificação” (61,1%) (Tabela 4.20).

Portanto, os resultados revelam uma tendência da cena diurna com o exemplar 4 ser mais satisfatória e preferida esteticamente em comparação às demais cenas, por ser

percebida como mais estimulante visualmente e organizada, tanto pela totalidade do grupo 1, quanto pelo grupo 2 (moradores). Ainda, os resultados revelam uma tendência de a cena anterior ao exemplar ser muito insatisfatória e a menos preferida esteticamente entre as três cenas para o total do grupo 1, embora o subgrupo dos indivíduos sem formação tenha avaliado pior a cena noturna com exemplar. O total do grupo 2 (moradores) escolheu a cena noturna com exemplar como claramente a pior e menos preferida, por ser menos estimulante visualmente, mesmo que também tenha avaliado a cena anterior ao exemplar como muito insatisfatória esteticamente. Contudo, por mais que a cena diurna com o exemplar seja melhor avaliada que a cena anterior ao exemplar por todos os grupos, não é possível afirmar que a presença do exemplar 4 é positiva para a estética do seu entorno, pois expressiva parte das avaliações não foram positivas. Por mais que parte dos respondentes perceba o exemplar 4 como estimulante visualmente, outra parte importante percebe a falta de estímulo visual na edificação, e aspectos relacionados ao conceito de desordem.

Exemplar 5

Uma diferença estatisticamente significativa (Kendall W, $\chi^2 = 8,913$, sig. = 0,012) foi encontrada quanto à satisfação com a aparência das três cenas do exemplar “construído para alugar” 5 (Figura 4.5) pelo total dos 92 respondentes do grupo 1.



Figura 4.5: Cenas do exemplar 5

A cena melhor avaliada do exemplar 5 pelo total do grupo 1 foi a cena 13 (diurna) com 47,3% de avaliações positivas e 24,2% de negativas, enquanto a cena 12 (noturna) obteve a pior avaliação com 28,3% de avaliações negativas e apenas 32,1% positivas (Tabela 4.21). A cena 14 (anterior ao exemplar) foi pior avaliada que a cena 13 (diurna), mas melhor avaliada que a cena 12 (noturna), e obteve 39,6% de avaliações positivas e 27,5% de avaliações negativas (Tabela 4.21).

Tabela 4.21: Níveis de satisfação com a aparência das cenas 12, 13 e 14 do exemplar 5

Grupo	Subgrupo (n° respondentes)	Cena	Muito bonita	Bonita	Nem bonita nem feia	Feia	Muito feia	mvo K	mvo K-W	Mm-W
1	Arquitetos (30)	C12(n)	1(3,3)	2(6,7)	15(50)	12(40)	0(0)	2,22	55,55	-
		C13(d)	2(6,7)	7(23,3)	10(33,3)	11(36,7)	0(0)	1,93	54,38	-
		C14(a)	0(0)	10(33,3)	11(36,7)	8(26,7)	1(3,3)	1,85	49,05	-
	Não Arquitetos (42)	C12(n)	2(4,7)	12(27,9)	18(41,9)	11(25,6)	0(0)	2,21	43,38	-
		C13(d)	3(7,1)	24(57,1)	9(21,4)	5(11,9)	1(2,4)	1,69	38,65	-
		C14(a)	1(2,4)	17(40,5)	13(31,0)	10(23,8)	1(2,4)	2,10	44,46	-
	Sem formação (19)	C12(n)	0(0)	7(22,8)	9(45,7)	3(28,3)	0(0)	2,08	39,26	-
		C13(d)	2(10,5)	5(26,3)	7(36,8)	5(26,3)	0(0)	1,92	49,00	-
		C14(a)	1(5,3)	7(36,8)	6(31,6)	4(21,1)	1(5,3)	2,00	44,58	-
	Total (92)	C12(n)	3(3,3)	21(22,8)	42(45,7)	26(28,3)	0(0)	2,19	-	55,72
		C13(d)	7(7,7)	36(39,6)	26(28,6)	21(23,1)	1(1,1)	1,82	-	58,16
		C14(a)	2(2,2)	34(37,4)	30(33)	22(24,2)	3(3,3)	1,99	-	64,81
2	Moradores (27)	C12(n)	0(0)	15(55,6)	5(18,5)	6(22,2)	0(0)	2,54	-	74,57
		C13(d)	2(7,4)	9(33,3)	7(25,9)	8(29,6)	1(3,7)	2,00	-	64,02
		C14(a)	6(22,2)	14(51,9)	3(11,1)	3(11,1)	1(3,7)	1,16	-	41,61

Nota: Cn(letra): número da cena (tipo de cena: n=noturna com exemplar; d= diurna com exemplar; a= anterior ao exemplar); n(%) número absoluto de respondentes que avaliaram a cena na categoria em questão (porcentagem de respondentes em relação às amostras individuais ou total); mvo K = média dos valores ordinais obtida através do teste Kendall W (os valores menores referem-se às cenas mais satisfatórias e sua comparação deve ser feita na vertical dentro de cada subgrupo); mvo K-W = média dos valores ordinais obtida através do teste Kruskal-Wallis (os valores menores referem-se às cenas mais satisfatórias e sua comparação deve ser feita na vertical entre as avaliações de cada tipo de cena, por exemplo C12, pelos arquitetos, não arquitetos com formação universitária e indivíduos sem formação universitária); mW-U = média dos valores ordinais obtida pelo teste estatístico Mann-Whitney U (os valores menores referem-se às cenas mais satisfatórias e sua comparação deve ser feita na vertical entre as avaliações de cada tipo de cena, por exemplo C12, pelo total de respondentes do grupo 1 e do grupo 2)

Ainda, foi encontrada uma diferença estatisticamente significativa em relação à cena mais preferida (Kendall W, $\chi^2 = 24,813$, sig. = 0,000) e menos preferida (Kendall W, $\chi^2 = 7,538$, sig. = 0,023) do exemplar 5 pelo total do grupo 1. Essa diferença está relacionada a maior preferência pela cena 14 (anterior ao exemplar) (47,3%) e pela cena 13 (diurna com exemplar) (44,0%) em comparação à cena 12 (noturna) (8,8%) (Tabela 4.22).

Tabela 4.22: Cenas mais e menos preferidas – cenas 12, 13 e 14 do exemplar 5 (continua)

	Cena mais preferida					Cena menos preferida				
	Grupo 1 (n° respondentes)				Grupo 2	Grupo 1 (n° respondentes)				Grupo 2
	Total (92)	Arq. (30)	N.Arq. (42)	S.F. (19)	M. (27)	Total (92)	Arq. (30)	N.Arq. (42)	S.F. (19)	M. (27)
C12(n)	8(8,8)	1(3,3)	6(14,3)	1(5,3)	0(0)	37(40,7)	11(36,7)	18(42,9)	8(42,1)	15(45,5)
mvo K	1,63	1,55	1,71	1,58	1,50	2,11	2,05	2,14	2,13	2,33
mvo K-W	-	43,52	48,50	44,39	-	-	44,18	47,00	46,66	-
mM-U	60,69	-	-	-	55,50	57,49	-	-	-	66,28
C13(d)	40(44)	12(40)	17(40,5)	11(57,9)	4(14,8)	18(19,8)	8(26,7)	6(14,3)	4(21,1)	9(27,3)
mvo K	2,16	2,10	2,11	2,37	1,72	1,80	1,90	1,71	1,82	2,00
mvo K-W	-	44,20	44,42	52,34	-	-	49,13	43,50	46,58	-
mM-U	63,43	-	-	-	46,24	57,67	-	-	-	65,67
C14(a)	43(47,3)	17(56,7)	19(45,2)	7(36,8)	23(85,2)	36(39,6)	11(36,7)	18(42,9)	7(36,8)	3(9,1)
mvo K	2,21	2,35	2,18	2,05	2,78	2,09	2,05	2,14	2,05	1,67

Tabela 4.22: Cenas mais e menos preferidas – cenas 12, 13 e 14 do exemplar 5 (conclusão)

	Cena mais preferida					Cena menos preferida				
	Grupo 1 (n° respondentes)				Grupo 2	Grupo 1 (n° respondentes)				Grupo 2
	Total (92)	Arq. (30)	N.Arq. (42)	S.F. (19)		M. (27)	Total (92)	Arq. (30)	N.Arq. (42)	
mvo K-W	-	50,28	45,08	41,26	-	-	44,68	47,50	44,78	-
mM-U	54,38	-	-	-	76,76	63,34	-	-	-	46,56

Nota: Cn(letra): número da cena (tipo de cena: n=noturna com exemplar; d= diurna com exemplar; a= anterior ao exemplar); n(%) número absoluto de respondentes avaliaram a cena na categoria em questão (porcentagem de respondentes em relação às amostras individuais ou total); Arq= Arquitetos; N.Arq.= Não arquitetos; S.F.= Respondentes sem formação universitária; M.= Moradores; mvo K = média dos valores ordinais obtida através do teste Kendall W (os valores maiores referem-se às cenas mais apontadas como mais ou menos preferidas e a comparação entre os valores deve ser feita na vertical dentro de cada grupo); mvo K-W = média dos valores ordinais obtida através do teste Kruskal-Wallis (os valores maiores referem-se à maior preferência pela cena e a comparação entre os valores deve ser feita na vertical entre as avaliações de cada tipo de cena, por exemplo C12, pelos arquitetos, não arquitetos com formação universitária e indivíduos sem formação universitária); mM-U = (os valores maiores referem-se às cenas mais satisfatórias e sua comparação deve ser feita na vertical entre as avaliações de cada tipo de cena, por exemplo C12, pelo total de respondentes do grupo 1 e do grupo 2)

A cena 14 e 13 foram mais preferidas, devido, principalmente, à "existência de estímulo visual na cena" (34,9% cena 14 e 47,5% cena 13) e à "organização entre os elementos das edificações" (32,6% cena 14 e 35,0% cena 13) (Tabela 4.23). Ao mesmo tempo, essa diferença também está relacionada à menor preferência pela cena 12 (noturna) (40,7%) e pela cena 14 (anterior ao exemplar) (39,6%) em comparação à cena 13 (diurna) (19,8%) (Tabela 4.22). A cena 12 foi menos preferida, devido, principalmente, à falta de estímulo visual na cena" (91,9%), e a cena 14, em razão, fundamentalmente, da "desorganização entre os elementos das edificações" (50,0%) falta de estímulo visual na cena" (47,2%) (Tabela 4.23).

Tabela 4.23: Principais justificativas para as preferências – cenas 12, 13 e 14 do exemplar 5 (continua)

Cena menos preferida - cena 12							
Justificativas dos respondentes	Total (37)	Arq. (11)	N. Arq. (18)	S.F. (8)	Phi	Sig	M (15)
Falta de estímulo visual na cena	34(91,9)	10(90,9)	18(100)	6(75,0)	0,355	0,097	15(100)
Desorganização entre os elementos das edificações	3(8,1)	0(0)	1(5,6)	2(25,0)	0,337	0,123	0(0)
Cena mais preferida - cena 13							
Justificativas dos respondentes	Total (40)	Arq. (12)	N. Arq. (17)	S.F. (11)	Phi	Sig	M (4)
Existência de estímulo visual na cena	19(47,5)	6(50,0)	9(52,9)	4(36,4)	0,140	0,677	4(100)
Organização entre os elementos das edificações	14(35,0)	7(58,3)	5(29,4)	2(18,2)	0,334	0,107	2(50,0)
Similaridade entre as alturas das edificações	8(20,0)	3(25,0)	2(11,8)	3(27,3)	0,178	0,529	0(0)
Similaridade entre as formas das edificações	8(20,0)	2(16,7)	4(23,5)	2(18,2)	0,077	0,888	0(0)
Cena menos preferida - cena 13							
Justificativas dos respondentes	Total (18)	Arq. (8)	N. Arq. (6)	S.F. (4)	Phi	Sig	M (9)
Desorganização entre os elementos das edificações	12(66,7)	6(75,0)	3(50,0)	3(75,0)	0,250	0,570	0(0)
Falta de estímulo visual na cena	5(27,8)	4(50,0)	1(16,7)	0(0)	0,464	0,144	3(33,3)

Tabela 4.23: Principais justificativas para as preferências – cenas 12, 13 e 14 do exemplar 5 (conclusão)

Diferença entre as formas das edificações	8(20,0)	3(37,5)	2(33,3)	3(75,0)	0,331	0,374	3(33,3)
Cena mais preferida - cena 14							
Justificativas dos respondentes	Total (43)	Arq. (17)	N. Arq. (19)	S.F. (7)	Phi	Sig	M (23)
Existência de estímulo visual na cena	15(34,9)	6(35,3)	5(26,3)	4(57,1)	0,223	0,343	21(91,3)
Organização entre os elementos das edificações	14(32,6)	6(35,3)	4(21,1)	4(57,1)	0,270	0,209	7(30,4)
Diferença entre as formas das edificações	12(27,9)	3(17,6)	7(36,8)	2(28,6)	0,196	0,439	1(4,3)
Familiaridade com a cena	10(23,3)	4(23,5)	6(31,6)	0(0)	0,258	0,239	1(4,3)
Características da casa	6(14,0)	3(17,6)	3(15,8)	0(0)	0,179	0,501	8(34,8)
Cena menos preferida - cena 14							
Justificativas dos respondentes	Total (36)	Arq. (11)	N. Arq. (18)	S.F. (7)	Phi	Sig	M (3)
Desorganização entre os elementos das edificações	18(50,0)	4(36,4)	11(61,1)	3(42,9)	0,227	0,397	1(33,3)
Falta de estímulo visual na cena	17(47,2)	8(72,7)	8(44,4)	1(14,3)	0,407	0,050	3(100)
Diferença entre as formas das edificações	8(22,2)	1(9,1)	4(22,2)	3(42,9)	0,280	0,244	0(0)

Nota: Arq= Arquitetos; N.Arq.= Não arquitetos; S.F.= Respondentes sem formação universitária; M.= Moradores; n(%) número absoluto de respondentes que selecionaram a variável (porcentagem de respondentes em relação às amostras individuais ou total); são apresentadas as principais justificativas para as cenas mais expressivas; os valores de Phi e Sig foram obtidos por meio de tabulação cruzada.

Quando o grupo 1 foi questionado sobre de que forma o exemplar 5 impacta na estética do seu entorno (cena 13), a maioria (55,0%) dos respondentes (avaliações neutras e negativas) não avaliou este impacto de forma positiva, mesmo que as avaliações positivas (45,1%) predominem sobre as negativas (19,8%) (Tabela 4.24).

Tabela 4.24: Níveis de satisfação com a presença do exemplar 5 no seu entorno imediato - cena 13

Grupo	Subgrupo	M.P.	P.	N.P.N.N	N.	M.N.	mvo K-W	mM-U
1	Arquitetos (30)	1(3,3)	11(36,7)	10(33,3)	8(26,7)	0(0)	49,42	-
	Não Arquitetos (42)	1(2,4)	20(47,6)	15(35,7)	5(11,9)	1(2,4)	43,40	-
	Sem formação (19)	2(10,5)	6(31,6)	7(36,8)	3(15,8)	1(5,3)	46,34	-
	Total (91)	4(4,4)	37(40,7)	32(35,2)	16(17,6)	2(2,2)	-	52,57
2	Moradores (27)	2(7,4)	3(11,1)	2(7,4)	14(51,9)	6(22,2)	-	82,87

Nota: n(%) número absoluto de respondentes que avaliaram a cena na categoria em questão (porcentagem de respondentes em relação às amostras individuais ou total); M.P = muito positivo; P. = positivo; N.P.N.N. = nem positivo, nem negativo; N. = negativo; M.N. = muito negativo; mvo K-W = média dos valores ordinais obtida através do teste Kruskal-Wallis (os valores menores referem-se à maior satisfação com a presença do exemplar na cena e a comparação entre deve ser feita na vertical entre cada grupo); mW-U = média dos valores ordinais obtida pelo teste estatístico Mann-Whitney U (os valores menores referem-se à maior satisfação com a presença do exemplar na cena e a comparação entre grupos deve ser feita na vertical).

O julgamento neutro para o impacto do exemplar 5 na estética do seu entorno pelo grupo 1 foi devido, fundamentalmente aos “materiais da edificação” (25,0%), e a avaliação negativa, à “diferença entre as formas da edificação e das demais” (50%) (Tabela 4.25).

Tabela 4.25: Principais justificativas para satisfação com a presença do exemplar 5 na estética do seu entorno – cena 13

Avaliações muito positivas e positivas	Grupo 1				Grupo2
	Total (51)	Arq. (12)	N.Arq. (21)	S.F. (8)	M. (5)
Principais justificativas					
Existência estímulo visual na edificação	19(46,3)	7(58,3)	7(33,3)	5(62,5)	3(60,0)
Materiais da edificação	14(34,1)	6(50,0)	5(23,8)	3(37,5)	2(40,0)
Relação ordenada entre as formas da edificação e das demais	14(34,1)	4(33,3)	8(38,0)	2(25,0)	2(40,0)
Similaridade entre as formas da edificação e as das demais	11(26,8)	3(25,0)	7(33,3)	1(12,5)	0(0)
Existência de ornamentos decorativos na edificação	8(19,5)	2(16,6)	4(19,0)	2(25,0)	3(60,0)
Avaliações nem positivas, nem negativas	Grupo 1				Grupo2
Principais justificativas	Total (32)	Arq. (10)	N.Arq. (15)	S.F. (7)	M. (2)
Materiais da edificação	8(25,0)	2(20,0)	4(26,7)	2(28,6)	2(100)
Falta estímulo visual na edificação	6(18,8)	3(30,0)	3(20,0)	0(0)	1(50,0)
Relação desordenada entre as formas da edificação e as das demais	6(18,8)	3(30,0)	1(6,7)	2(28,6)	1(50,0)
Impacto da marca do estabelecimento na edificação	5(15,6)	1(10,0)	4(26,7)	0(0)	0(0)
Diferença entre as formas da edificação e das demais	5(15,6)	3(30,0)	0(0)	2(28,6)	0(0)
Relação ordenada entre as formas da edificação e das demais	3(9,4)	0(0)	1(6,7)	1(14,3)	0(0)
Avaliações negativas e muito negativas	Grupo 1				Grupo2
Principais justificativas	Total (18)	Arq. (8)	N.Arq. (6)	S.F. (4)	M. (20)
Diferença entre as formas da edificação e das demais	9(50,0)	4(50,0)	2(33,3)	4(100)	15(75,0)
Relação desordenada entre as formas da edificação e as das demais	7(38,8)	2(25,0)	1(16,6)	4(100)	12(60,0)
Falta estímulo visual na edificação	7(38,8)	4(50,0)	2(33,3)	1(25,0)	10(50,0)
Diferença entre as larguras da edificação e das demais	6(33,3)	2(25,0)	0(0)	4(100)	4 (20,0)
Materiais da edificação	3(16,7)	2(25,0)	1(16,6)	0(0)	2 (10,0)

Nota: n(%) número absoluto de respondentes que selecionaram a variável (porcentagem de respondentes em relação às amostras individuais ou total); Arq= Arquitetos; N.Arq.= Não arquitetos; S.F.= Respondentes sem formação universitária; M.= Moradores

Não foi encontrada uma diferença estatisticamente significativa (Kendall W) quanto à satisfação com a aparência das três cenas do exemplar 5 pelo grupo dos 30 arquitetos, pois a cena 14 (anterior ao exemplar) foi apenas um pouco melhor avaliada que a cena 13 (diurna) e 12 (noturna) (Tabela 4.21). No entanto, foi encontrada uma diferença estatisticamente significativa em relação à cena mais preferida (Kendall W, $\chi^2 = 13,400$, sig. = 0,001). Essa diferença confirma a cena 14 (anterior ao exemplar) como a mais preferida (56,7%) (Tabela 4.22), devido, principalmente, à "existência de estímulo visual na cena" (35,3%) e à "organização entre os elementos das edificações" (35,3%) (Tabela 4.23). Não foi encontrada uma diferença estatisticamente significativa em relação à cena menos preferida (Kendall W), pois houve um empate entre as cenas 12 (noturna) e 14 (anterior ao exemplar) como a menos preferida (Tabela 4.22). Contudo, quando os arquitetos foram questionados sobre de que forma o exemplar 5 impacta na estética do seu entorno (cena 13), a maioria (60,0%) dos respondentes (avaliações neutras e negativas) não avaliou este impacto de forma positiva, mesmo

que as avaliações positivas (40,0%) predominem sobre as negativas (26,7%) (Tabela 4.24), o que apoia à maior satisfação com a cena anterior ao exemplar do que a menor satisfação com essa cena. O julgamento neutro (33,3%) (Tabela 4.24) desta avaliação foi devido, fundamentalmente à “relação desordenada entre as formas da edificação e as das demais” (30,0%), e a avaliação negativa, à “diferença entre as formas da edificação e das demais” (50%) e à “falta de estímulo visual na edificação” (50,0%) (Tabela 4.25).

Ainda, uma diferença estatisticamente significativa (Kendall W, $\chi^2 = 9,252$, sig. = 0,010) foi encontrada quanto à satisfação com a aparência das três cenas do exemplar 5 pelos 42 não arquitetos com formação universitária. A cena melhor avaliada por esse grupo foi a cena 13 (diurna) com 64,2% de avaliações positivas e 14,3% de negativas, enquanto a cena 12 (noturna) obteve a pior avaliação com 25,6% de avaliações negativas e apenas 32,6% de positivas (Tabela 4.21). A cena 14 (anterior ao exemplar) foi pior avaliada que a cena 13 (diurna), mas melhor avaliada que a cena 12 (noturna), e obteve 42,9% de avaliações positivas e 26,2% de avaliações negativas (Tabela 4.21). Adicionalmente, foi encontrada uma diferença estatisticamente significativa em relação à cena mais preferida (Kendall W, $\chi^2 = 7,000$, sig. = 0,030) e menos preferida (Kendall W, $\chi^2 = 6,857$, sig. = 0,032). Essa diferença está relacionada a maior preferência pela cena 14 (anterior ao exemplar) (45,2%) e pela cena 13 (diurna) (40,5%) em comparação à cena 12 (noturna) (14,3%) (Tabela 4.22). A cena 14 foi mais preferida, devido, principalmente, à "diferença entre as formas das edificações" (36,8%) e à "familiaridade com a cena" (31,6%), enquanto a cena 13 foi mais preferida, em razão, fundamentalmente, da "existência de estímulo visual na cena" (52,9%) (Tabela 4.24). No entanto, essa diferença também está relacionada a menor preferência igualmente (42,9%) pelas cenas 12 (noturna) e 14 (anterior ao exemplar) em comparação à cena 13 (diurna) (14,3%) (Tabela 4.22). A menor preferência pela cena 12 é justificada, principalmente, pela "falta de estímulo visual na cena" (100%), e a da cena 14, pela "desorganização entre os elementos das edificações" (61,4%) (Tabela 4.23). Por mais que a cena diurna com exemplar (cena 13) não seja a menos preferida, a metade dos não arquitetos com formação universitária (50,0%) não avaliou positivamente (julgamentos neutros e negativos) o impacto do exemplar 5 na estética do seu entorno imediato (cena 13), mesmo que a avaliação positiva (50,0%) predomine sobre a avaliação negativa (14,3%) (Tabela

4.24). A avaliação neutra (35,7%) (Tabela 4.24) foi em razão, fundamentalmente, dos “materiais da edificação (26,7%) e do “impacto da marca do estabelecimento” (26,7%), e a avaliação negativa, da “diferença entre as formas da edificação e das demais” (33,3%) e da “falta de estímulo visual na edificação” (33,3%) (Tabela 4.25).

Não foi encontrada uma diferença estatisticamente significativa (Kendall W) quanto à satisfação com a aparência das três cenas do exemplar 5 pelo grupo dos 19 indivíduos sem formação universitária, pois a cena 13 (diurna) foi apenas um pouco melhor avaliada que a cena 14 (anterior ao exemplar) e a cena 12 (noturna) (Tabela 4.21). Contudo, foi encontrada uma diferença estatisticamente significativa em relação à cena mais preferida (Kendall W, $\chi^2 = 8,000$, sig. = 0,018), confirmando a cena 13 (diurna) como a mais preferida (57,9%) (Tabela 4.22), em razão, fundamentalmente, da “existência de estímulo visual na cena” (36,4%) (Tabela 4.23). Não foi encontrada uma diferença estatisticamente significativa em relação à cena menos preferida (Kendall W). No entanto, por mais que a cena diurna com o exemplar 5 (cena 13) tenha sido melhor avaliada esteticamente que a cena anterior ao exemplar (cena 14), a maioria dos indivíduos sem formação universitária (avaliações neutras e negativas) (57,9%) não avaliou positivamente o impacto do deste exemplar na estética do seu entorno imediato (cena 13), mesmo que a avaliação positiva (45,1%) predomine sobre a avaliação negativa (19,8%) (Tabela 4.24). A avaliação neutra (36,8%) (Tabela 4.24) foi em razão, fundamentalmente, dos “materiais da edificação”, da “relação desordenada entre as formas da edificação e as das demais” e da “diferença entre as formas da edificação e das demais” (28,6% para todas as justificativas) (Tabela 4.25). Já a avaliação negativa foi justificada, fundamentalmente, pela “diferença entre as formas e as larguras da edificação e das demais” e pela “relação desordenada entre as formas da edificação e as das demais” (100%) (Tabela 4.25).

Nas avaliações do grupo 2, de 27 moradores do entorno, foi encontrada uma diferença estatisticamente significativa (Kendall W, $\chi^2 = 17,894$, sig. = 0,000) quanto à satisfação com a aparência das três cenas do exemplar 5. A cena melhor avaliada por esse grupo foi a cena 14 (anterior ao exemplar) com expressivas 74,1% avaliações positivas e 14,8% de negativas, enquanto a cena 12 (noturna) obteve a pior avaliação com 22,2% de avaliações negativas e 55,6% de positivas (Tabela 4.21). A cena 13 (diurna) foi pior avaliada que a cena 14 (anterior ao exemplar), mas melhor avaliada que a cena 12 (noturna), e obteve 30,7% de avaliações positivas e 33,3% de

avaliações negativas (Tabela 4.21). Adicionalmente, foi encontrada uma diferença estatisticamente significativa em relação à cena mais preferida (Kendall W, $\chi^2 = 33,556$, sig. = 0,000) e menos preferida (Kendall W, $\chi^2 = 8,000$, sig. = 0,018). Essa diferença confirma a expressiva maior preferência pela cena 14 (anterior ao exemplar) (85,2%) (Tabela 4.22), em razão, principalmente, da “existência de estímulo visual na cena” (91,3%) (Tabela 4.23), e a menor preferência pela cena 12 (noturna) (42,1%) (Tabela 4.22), devido, fundamentalmente, à “falta de estímulo visual na cena” (100%) (Tabela 4.23). A maior valorização da cena anterior ao exemplar (cena 14) também é sustentada pela avaliação expressivamente negativa (74,1%) dos moradores quanto à presença do exemplar 5 na estética do seu entorno na cena 13 (diurna), onde apenas 18,8% julgaram esta presença positivamente (Tabela 4.24). Esse resultado está relacionado, principalmente, à “relação desordenada entre as formas da edificação e as das demais” (75,0%) e à “diferença entre as formas da edificação e das demais” (60,0%) (Tabela 4.25).

Portanto, para o total do grupo 1, a aparência da cena diurna com o exemplar 5 tende a ser mais satisfatória. Contudo, a cena anterior ao exemplar, junto à cena diurna, podem ser a mais preferidas, e a cena noturna não. Ao mesmo tempo, a cena noturna tende a ser a menos preferida, junto a cena anterior ao exemplar, e a cena diurna não. Esta contradição quanto à cena anterior ao exemplar pode ser explicada por ela ser percebida ao mesmo tempo como estimulante visualmente e como desorganizada. Já para o grupo 2 (moradores) é possível afirmar que existe uma clara maior satisfação e preferência quanto à estética apenas da cena anterior ao exemplar, por ser mais estimulante visualmente, e pelas características da casa da esquina. Assim como pode ser afirmado que há uma tendência de menor satisfação e menor preferência quanto à estética da cena noturna, por ser menos estimulante visualmente. Com exceção da cena anterior ao exemplar para o grupo dos moradores, as demais cenas são insatisfatórias ou muito insatisfatórias esteticamente para os grupos 1 e 2. Em complemento e reforçando a importância da cena anterior ao exemplar, os grupos avaliaram negativa ou de forma muito negativa do impacto do exemplar 5 na estética da cena diurna, que substituiu a edificação da cena anterior, pois julgaram que o exemplar carece de estímulo visual e contribui para a desordem do entorno.

Exemplar 6

Neste exemplar, não foi realizada a avaliação da cena anterior à presença da edificação tipo “construído para alugar”, pois não havia informação visual disponível e que pudesse ser utilizada nesta pesquisa.

Foi encontrada uma diferença estatisticamente significativa (Kendall W, $\chi^2 = 56,000$, sig. = 0,000) quanto à satisfação com a aparência das duas cenas do exemplar “construído para alugar” 6 (Figura 4.6) pelo total dos respondentes do grupo 1 (arquitetos, não arquitetos com formação universitária e indivíduos sem formação universitária).



CENA 15 - noturna

CENA 16 - diurna

Figura 4.6: Cenas do exemplar 6

A cena melhor avaliada do exemplar 6 pelo total do grupo 1 foi a cena 16 (diurna) com 77,0% de avaliações positivas e 5,7% de negativas, enquanto a cena 15 (noturna) obteve a pior avaliação com 24,4% de avaliações negativas e apenas 19,5% de positivas (Tabela 4.26).

Tabela 4.26: Níveis de satisfação com a aparência das cenas 15 e 16 do exemplar 6

Grupo	Subgrupo (n° respondentes)	Cena	Muito bonita	Bonita	Nem bonita nem feia	Feia	Muito feia	mvo K	mvo K-W	Mm-W
1	Arquitetos (28)	C15(n)	0(0)	6(21,4)	18(64,3)	4(14,3)	0(0)	1,84	39,39	-
		C16(d)	5(17,9)	19(67,9)	3(10,7)	1(3,6)	0(0)	1,16	42,38	-
	Não Arquitetos (41)	C15(n)	2(4,9)	6(14,6)	17(41,5)	15(36,6)	1(2,4)	1,83	48,38	-
		C16(d)	11(26,8)	20(48,8)	7(17,1)	3(7,3)	0(0)	1,17	42,93	-
	Sem formação (18)	C15(n)	1(5,6)	2(11,1)	12(66,7)	3(16,7)	0(0)	1,78	41,19	-
		C16(d)	3(16,7)	9(50,0)	5(27,8)	1(5,60)	0(0)	1,22	48,98	-
Total (87)	C15(n)	3(3,4)	14(16,1)	47(54)	22(23,3)	1(1,1)	1,82	-	56,19	
	C16(d)	19(21,8)	48(55,2)	15(17,2)	5(5,7)	0(0)	1,18	-	53,45	
2	Moradores (35)	C15(n)	1(2,9)	2(5,7)	15(42,9)	10(28,6)	7(20,0)	1,74	-	74,70
		C16(d)	2(5,7)	10(28,6)	17(48,6)	6(17,1)	0(0)	1,26	-	81,50

Nota: Cn(letra): número da cena (tipo de cena: n=noturna com exemplar; d= diurna com exemplar; a= anterior ao exemplar); n(%) número absoluto de respondentes que avaliaram a cena na categoria em questão (porcentagem de respondentes em relação às amostras individuais ou total); mvo K = média dos valores ordinais obtida através do teste Kendall W (os valores menores referem-se às cenas mais satisfatórias e sua comparação deve ser feita na vertical dentro de cada subgrupo); mvo K-

W = média dos valores ordinais obtida através do teste Kruskal-Wallis (os valores menores referem-se às cenas mais satisfatórias e sua comparação deve ser feita na vertical entre as avaliações de cada tipo de cena, por exemplo C15, pelos arquitetos, não arquitetos com formação universitária e indivíduos sem formação universitária); mW-U = média dos valores ordinais obtida pelo teste estatístico Mann-Whitney U (os valores menores referem-se às cenas mais satisfatórias e sua comparação deve ser feita na vertical entre as avaliações de cada tipo de cena, por exemplo C15, pelo total de respondentes do grupo 1 e do grupo 2)

Ainda, foi encontrada uma diferença estatisticamente significativa em relação à cena mais preferida (Kendall W, $\chi^2 = 48,563$, sig. = 0,000) do exemplar 6. Essa diferença está relacionada à expressiva maior preferência pela cena 16 (diurna) (87,4%) (Tabela 4.27), devido, principalmente, à "existência de estímulo visual na cena" (52,6%) e à "organização entre os elementos das edificações" (43,4%) (Tabela 4.28).

Tabela 4.27: Cenas mais e menos preferidas – cenas 15 e 16 do exemplar 6

	Cena mais preferida				
	Grupo 1 (n° respondentes)				Grupo 2
	Total (87)	Arq. (28)	N.Arq. (41)	S.F. (18)	M. (35)
C15(n)	11(12,6)	5(17,9)	3(7,3)	3(16,7)	2(5,7)
mvo K	1,13	1,07	1,18	1,17	1,06
mvo K-W	-	46,27	41,68	45,75	-
mM-U	62,71	-	-	-	58,49
C16(d)	76(87,4)	23(82,1)	38(92,7)	15(83,3)	33(94,3)
mvo K	1,87	1,93	1,82	1,83	1,94
mvo K-W	-	41,73	46,32	42,25	-
mM-U	60,29	-	-	-	64,51

Nota: Cn(letra): número da cena (tipo de cena: n=noturna com exemplar; d= diurna com exemplar; a= anterior ao exemplar); n(%) número absoluto de respondentes avaliaram a cena na categoria em questão (porcentagem de respondentes em relação às amostras individuais ou total); Arq= Arquitetos; N.Arq.= Não arquitetos; S.F.= Respondentes sem formação universitária; M.= Moradores; mvo K = média dos valores ordinais obtida através do teste Kendall W (os valores maiores referem-se às cenas mais apontadas como mais ou menos preferidas e a comparação entre os valores deve ser feita na vertical dentro de cada grupo); mvo K-W = média dos valores ordinais obtida através do teste Kruskal-Wallis (os valores maiores referem-se à maior preferência pela cena e a comparação entre os valores deve ser feita na vertical entre as avaliações de cada tipo de cena, por exemplo C15, pelos arquitetos, não arquitetos com formação universitária e indivíduos sem formação universitária); mW-U = (os valores maiores referem-se às cenas mais satisfatórias e sua comparação deve ser feita na vertical entre as avaliações de cada tipo de cena, por exemplo C15, pelo total de respondentes do grupo 1 e do grupo 2)

Já a menor preferência pela cena 15 (noturna) (12,6%) (Tabela 4.27) é em razão, fundamentalmente, da "falta de estímulo visual na cena" (77,6%) (Tabela 4.28).

Tabela 4.28: Principais justificativas para as preferências – cenas 15 e 16 do exemplar 6 (continua)

Justificativas dos respondentes	Cena não-preferida - cena 15						
	Total (76)	Arq. (23)	N. Arq. (38)	S.F. (15)	Phi	Sig	M (33)
Cena não-preferida							
Falta de estímulo visual na cena	59(77,6)	18(78,3)	27(71,1)	14(93,3)	0,201	0,214	33(100)
Desorganização entre os elementos das edificações	12(15,8)	2(8,7)	8(21,1)	2(13,3)	0,151	0,421	0(0)
Existência de estímulo visual na cena	4(5,3)	1(4,3)	3(7,9)	0(0)	0,136	0,497	0(0)
Diferença entre as alturas das edificações	2(2,6)	1(4,3)	0(0)	1(6,7)	0,172	0,326	0(0)
Cena preferida - cena 16							
Justificativas dos respondentes	Total (76)	Arq. (23)	N. Arq. (38)	S.F. (15)	Phi	Sig	M (33)
Existência de estímulo visual na cena	40(52,6)	18(78,3)	14(36,8)	8(53,3)	0,360	0,007	30(90,9)
Organização entre os elementos das edificações	33(43,4)	13(56,5)	15(39,5)	5(33,3)	0,180	0,291	0(0)

Tabela 4.28: Principais justificativas para as preferências – cenas 15 e 16 do exemplar 6 (conclusão)

Similaridade entre as formas das edificações	19(25,0)	7(30,4)	9(23,7)	3(20,0)	0,089	0,742	0(0)
Similaridade entre as alturas das edificações	16(21,1)	10(43,5)	5(13,2)	1(6,7)	0,367	0,006	0(0)
Familiaridade com a cena	11(14,5)	4(17,4)	6(15,8)	1(6,7)	0,112	0,622	4(12,1)
Existência de vegetação na cena	3(3,9)	2(8,7)	1(2,6)	0(0)	0,168	0,340	7(21,2)

Nota: Arq= Arquitetos; N.Arq.= Não arquitetos; S.F.= Respondentes sem formação universitária; M.= Moradores; n(%) número absoluto de respondentes que selecionaram a variável (porcentagem de respondentes em relação às amostras individuais ou total); são apresentadas as principais justificativas para as cenas mais expressivas; os valores de Phi e Sig foram obtidos por meio de tabulação cruzada.

Mesmo que a cena diurna (cena 16) tenha sido valorizada esteticamente, não é possível afirmar que a presença do exemplar 6 contribui positivamente para a estética do seu entorno imediato, pois uma expressiva parte (44,8%) do grupo 1 não avaliou esta presença satisfatoriamente (avaliações neutras e negativas), mesmo que a avaliação positiva (55,1%) predomine sobre a avaliação negativa (13,8%) (Tabela 4.29).

Tabela 4.29: Níveis de satisfação com a presença do exemplar 6 no seu entorno imediato - cena 16

Grupo	Subgrupo	M.P.	P.	N.P.N.N	N.	M.N.	mvo K-W	mM-U
1	Arquitetos (28)	4(14,3)	11(39,3)	11(39,3)	2(7,1)	0(0)	42,82	-
	Não Arquitetos (41)	4(9,8)	20(48,8)	14(34,1)	3(7,3)	0(0)	42,35	-
	Sem formação (18)	3(16,7)	6(33,3)	2(11,1)	7(38,9)	0(0)	49,58	-
	Total (87)	11(12,6)	37(42,5)	31(31,0)	12(13,8)	0(0)	-	51,31
2	Moradores (35)	0(0)	6(17,1)	6(17,1)	23(65,7)	0(0)	-	86,83

Nota: n(%) número absoluto de respondentes que avaliaram a cena na categoria em questão (porcentagem de respondentes em relação às amostras individuais ou total); M.P = muito positivo; P. = positivo; N.P.N.N. = nem positivo, nem negativo; N. = negativo; M.N. = muito negativo; mvo K-W = média dos valores ordinais obtida através do teste Kruskal-Wallis (os valores menores referem-se à maior satisfação com a presença do exemplar na cena e a comparação entre deve ser feita na vertical entre cada grupo); mW-U = média dos valores ordinais obtida pelo teste estatístico Mann-Whitney U (os valores menores referem-se à maior satisfação com a presença do exemplar na cena e a comparação entre grupos deve ser feita na vertical).

Este julgamento neutro (31%) (Tabela 4.29) do grupo 1 foi justificado, sobretudo, pelos “materiais da edificação” (41,9%), e pela “falta de estímulo visual na edificação” (33,3%) (Tabela 4.30), e a avaliação negativa foi decorrente, sobretudo, da “diferença entre as formas da edificação e das demais” (58,3%) (Tabela 4.30).

Tabela 4.30: Principais justificativas para satisfação com a presença do exemplar 6 na estética do seu entorno – cena 16 (continua)

Avaliações muito positivas e positivas	Grupo 1				Grupo 2
	Total (48)	Arq. (15)	N.Arq. (24)	S.F. (9)	M. (6)
Materiais da edificação	27(56,2)	9(60,0)	12(50,0)	6(66,6)	5(83,3)
Existência estímulo visual na edificação	25(52,0)	12(80,0)	11(45,8)	2(22,2)	2(33,3)
Impacto da marca do estabelecimento na edificação	18(37,5)	5(33,3)	10(41,6)	3(33,3)	0(0)
Relação ordenada entre as formas da edificação e das demais	14(29,1)	6(40,0)	5(20,0)	3(33,3)	0(0)

Tabela 4.30: Principais justificativas para satisfação com a presença do exemplar 6 na estética do seu entorno – cena 16 (conclusão)

Avaliações nem positivas, nem negativas	Grupo 1				Grupo 2
	Total (31)	Arq. (11)	N.Arq. (14)	S.F. (2)	M. (6)
Principais justificativas					
Materiais da edificação	13(41,9)	8(72,7)	4(28,6)	1(50,0)	3(50,0)
Falta estímulo visual na edificação	9(33,3)	3(27,3)	5(35,7)	1(50,0)	2(33,3)
Existência de estímulo visual na edificação	6(22,2)	4(36,4)	2(14,3)	0(0)	3(50,0)
Impacto da marca do estabelecimento na edificação	6(22,2)	3(27,3)	3(24,1)	0(0)	0(0)
Relação desordenada entre as formas da edificação e as das demais	2(7,4)	2(18,2)	0(0)	0(0)	0(0)
Avaliações negativas e muito negativas	Grupo 1				Grupo 2
Principais justificativas	Total (12)	Arq. (2)	N.Arq. (3)	S.F. (7)	M. (23)
Diferença entre as formas da edificação e das demais	7(58,3)	1(50,0)	1(33,3)	5(71,4)	17(73,9)
Relação desordenada entre as formas da edificação e as das demais	4(33,3)	0(0)	1(33,3)	3(42,9)	13(56,3)
Falta estímulo visual na edificação	2(16,7)	1(50,0)	0(0)	1(14,3)	14(60,9)
Impacto da marca do estabelecimento na edificação	2(16,7)	1(50,0)	0(0)	1(14,3)	6(26,1)
Falta de ornamentos decorativos na edificação	2(16,7)	1(50,0)	1(33,3)	0(0)	5(21,7)

Nota: n(%) número absoluto de respondentes que selecionaram a variável (porcentagem de respondentes em relação às amostras individuais ou total); Arq= Arquitetos; N.Arq.= Não arquitetos; S.F.= Respondentes sem formação universitária; M.= Moradores

Também, foi encontrada uma diferença estatisticamente significativa (Kendall W, $\chi^2 = 19,000$, sig. = 0,000) quanto à satisfação com a aparência das duas cenas do exemplar 6 pelos 28 arquitetos. Esta diferença está relacionada à melhor avaliação da cena 16 (diurna) com 87,8% de avaliações positivas e 3,6% de negativas, e à pior avaliação da cena 15 (noturna) com 14,3% de avaliações negativas e apenas 21,4% de positivas (Tabela 4.26). Ainda, foi encontrada uma diferença estatisticamente significativa em relação à cena mais preferida (Kendall W, $\chi^2 = 29,878$, sig. = 0,000). Essa diferença está relacionada à expressiva maior preferência pela cena 16 (diurna) (82,1%) (Tabela 4.27), devido, principalmente, à "existência de estímulo visual na cena" (78,3%) e à "organização entre os elementos das edificações" (56,5%) (Tabela 4.28). A cena menos preferida foi a cena 15 (noturna) (17,9%) (Tabela 4.27), em razão, fundamentalmente, da "falta de estímulo visual na cena" (78,3%) (Tabela 4.28). Embora a cena diurna (cena 16) seja valorizada esteticamente, não é possível afirmar que a presença do exemplar 6 contribui positivamente para a estética do seu entorno imediato na cena 16, pois uma expressiva parte (46,4%) dos arquitetos não avaliou esta presença satisfatoriamente (avaliações neutras e negativas), mesmo que a avaliação positiva (56,6%) tenha predominado sobre a avaliação negativa (7,1%) (Tabela 4.29). Este julgamento neutro (39,3%) (Tabela 4.29) foi justificado, sobretudo, pelos "materiais da edificação" (72,7%), (Tabela 4.30), e a avaliação positiva foi

decorrente, sobretudo, da “existência estímulo visual na edificação” (80,0%) (Tabela 4.30).

Ainda, foi encontrada uma diferença estatisticamente significativa (Kendall W, $\chi^2 = 27,000$, sig. = 0,000) quanto à satisfação com a aparência das duas cenas do exemplar 6 pelos 41 não arquitetos com formação universitária. Essa diferença está relacionada à melhor avaliação da cena 16 (diurna) com 75,6% de avaliações positivas e 7,3% de negativas, e à pior avaliação da cena 15 (noturna) com 38,0% de avaliações negativas e apenas 19,5% positivas (Tabela 4.26). Também, foi encontrada uma diferença estatisticamente significativa em relação à cena mais preferida (Kendall W, $\chi^2 = 11,571$, sig. = 0,001). Essa diferença está relacionada à maior preferência pela cena 16 (diurna) (92,7%) (Tabela 4.27), devido, principalmente, à “organização entre os elementos das edificações” (39,5%) e à “existência de estímulo visual na cena” (36,8%) (Tabela 4.28), e à menor preferência pela cena 15 (noturna) (7,3%) (Tabela 4.27), em razão, fundamentalmente, da “falta de estímulo visual na cena” (71,1%) (Tabela 4.28). Embora a cena diurna (cena 16) seja valorizada esteticamente, não é possível afirmar que a presença do exemplar 6 contribui positivamente para a estética do seu entorno imediato na cena 16, pois uma expressiva parte (44,4%) dos não arquitetos com formação não avaliou esta presença satisfatoriamente (avaliações neutras e negativas), mesmo que a avaliação positiva (58,6%) tenha predominado sobre a avaliação negativa (7,3%) (Tabela 4.29). Este julgamento neutro (34,1%) (Tabela 4.29) foi justificado, sobretudo, pela “falta de estímulo visual na edificação” (35,7%) e pelos “materiais da edificação” (28,6%) (Tabela 4.30), e a avaliação positiva foi decorrente, sobretudo, dos “materiais da edificação” (50,0%) e da “existência estímulo visual na edificação” (45,8%) (Tabela 4.30).

Também, uma diferença estatisticamente significativa (Kendall W, $\chi^2 = 10,000$, sig. = 0,002) foi encontrada quanto à satisfação com a aparência das duas cenas do exemplar 6 pelos 18 indivíduos sem formação universitária. Esta diferença está relacionada à melhor avaliação da cena 16 (diurna) com 56,7% de avaliações positivas e 5,6% de negativas, enquanto a cena 15 (noturna) obteve a pior avaliação, com 16,7% de avaliações negativas e apenas 16,7% de positivas (Tabela 4.26). Ainda, foi encontrada uma diferença estatisticamente significativa em relação à cena mais preferida (Kendall W, $\chi^2 = 8,000$, sig. = 0,005). Essa diferença está relacionada

à maior preferência pela cena 16 (diurna) (83,3%) (Tabela 4.27), devido, principalmente, à "existência de estímulo visual na cena" (53,3%) (Tabela 4.28) e à menor preferência pela cena 15 (noturna) (7,3%) (Tabela 4.27), em razão, fundamentalmente, da "falta de estímulo visual na cena" (93,3%) (Tabela 4.28). Embora a cena diurna (cena 16) seja a mais valorizada esteticamente, não é possível afirmar que a presença do exemplar 6 contribuiu positivamente para a estética do seu entorno imediato na cena 16, pois metade (50,0%) dos indivíduos sem formação não avaliou esta presença satisfatoriamente (avaliações neutras e negativas), mesmo que a avaliação positiva (50,0%) tenha predominado sobre a avaliação negativa (38,9%) (Tabela 4.29). Este julgamento negativo foi justificado, sobretudo, pela "diferença entre as formas da edificação e das demais" (71,4%) e pela "relação desordenada entre as formas da edificação e as das demais" (42,9%) (Tabela 4.30) (Tabela 4.30).

No grupo 2, de 25 moradores, também foi encontrada uma diferença estatisticamente significativa (Kendall W, $\chi^2 = 11,560$, sig. = 0,001) quanto à satisfação com a aparência das duas cenas do exemplar 6. Esta diferença está relacionada à melhor avaliação da cena 16 (diurna) com 34,3% de avaliações positivas e 17,1% de negativas, enquanto a cena 15 (noturna) obteve a pior avaliação com 48,6% de avaliações negativas e apenas 8,6% de positivas (Tabela 4.26). Também, foi encontrada uma diferença estatisticamente significativa em relação à cena mais preferida (Kendall W, $\chi^2 = 27,457$, sig. = 0,000). Essa diferença está relacionada à expressiva maior preferência pela cena 16 (diurna) (94,3%) (Tabela 4.27), devido, principalmente, à "existência de estímulo visual na cena" (90,9%) (Tabela 4.28), e à menor preferência pela cena 15 (noturna) (5,7%) (Tabela 4.27), em razão, fundamentalmente, da "falta de estímulo visual na cena" (100%) (Tabela 4.28). Embora a cena diurna (cena 16) seja a mais valorizada esteticamente, não é possível afirmar que a presença do exemplar 6 contribuiu positivamente para a estética do seu entorno imediato na cena 16, pois a maioria (65,7%) dos moradores avaliou esta presença negativamente, e apenas 17,1% avaliou de forma positiva (Tabela 4.29). Este julgamento negativo está relacionado, fundamentalmente, à "diferença entre as formas da edificação e das demais" (73,9%), à "falta de estímulo visual na edificação" (60,9%) e à "relação desordenada entre as formas da edificação e as das demais" (56,3%) (Tabela 4.30).

Portanto, ficou claramente demonstrada a maior satisfação e preferência pela cena diurna com o exemplar 6 em comparação à cena noturna, que foi insatisfatória e menos preferida para os grupos 1 e 2. Ainda, ficou confirmada a relação da cena mais preferida, fundamentalmente, com a presença de estímulo visual e com a organização na cena, enquanto a cena menos preferida, com a falta de estímulo visual na cena. Contudo, por mais que a cena diurna pode ser classificada como satisfatória esteticamente para o grupo 1, isso não significa que para este grupo o exemplar 6 contribua de forma positiva para a estética do seu entorno, pois as avaliações positivas do seu impacto não foram expressivas. Já para o grupo 2 (moradores), além de a cena diurna com exemplar ser insatisfatória, a presença do exemplar 6 na estética do seu entorno é percebida de forma muito negativa, devido à diferença entre suas formas e as do entorno, à desorganização que o exemplar gera na cena, aos seus materiais e à sua falta de estímulo visual.

Exemplar 7

Neste exemplar, não foi realizada a avaliação da cena anterior à presença da edificação tipo “construído para alugar”, pois não havia informação visual disponível e que pudesse ser utilizada nesta pesquisa.

Não foi encontrada uma diferença estatisticamente significativa (Kendall W) quanto à satisfação com a aparência das duas cenas do exemplar “construído para alugar” 7 (Figura 4.7) pelo total dos 85 respondentes do grupo 1 (arquitetos, não arquitetos com formação universitária e indivíduos sem formação universitária).



CENA 17 – Cena noturna

CENA 18 – Cena diurna

Figura 4.7: Cenas do exemplar 7

Contudo, a cena melhor avaliada do exemplar 7 pelo total do grupo 1 foi a cena 17 (noturna) com 57,7% de avaliações positivas e 13,0% de negativas, enquanto a cena

18 (diurna) obteve a pior avaliação com 10,6% de avaliações negativas e apenas 55,3% de positivas (Tabela 4.31).

Tabela 4.31: Níveis de satisfação com a aparência das cenas 17 e 18 do exemplar 7

Grupo	Subgrupo (n° respondentes)	Cena	Muito bonita	Bonita	Nem bonita nem feia	Feia	Muito feia	mvo K	mvo K-W	Mm-W
1	Arquitetos (28)	C17(n)	1(3,6)	12(42,9)	8(28,6)	6(21,4)	1(3,6)	1,55	51,77	-
		C18(d)	2(7,1)	12(42,9)	9(32,1)	4(14,3)	1(3,6)	1,45	46,11	-
	Não Arquitetos (40)	C17(n)	10(25,0)	13(32,5)	14(35,0)	3(7,5)	0(0)	1,45	39,94	-
		C18(d)	4(10,0)	21(52,5)	14(35,0)	0(0)	1(2,5)	1,55	38,33	-
	Sem formação (17)	C17(n)	3(17,6)	10(58,8)	3(17,6)	1(5,90)	0(0)	1,26	35,76	-
		C18(d)	0(0)	8(47,1)	6(35,3)	2(11,8)	1(5,90)	1,74	48,88	-
Total (85)	C17(n)	14(16,5)	35(41,2)	25(29,4)	10(11,8)	1(1,2)	1,45	-	60,29	
	C18(d)	6(7,1)	41(48,2)	29(34,1)	6(7,1)	3(3,5)	1,55	-	56,99	
2	Moradores (30)	C17(n)	5(16,7)	17(56,7)	7(23,3)	1(3,3)	0(0)	1,35	-	51,50
		C18(d)	2(6,7)	12(40,0)	13(43,3)	3(10,0)	0(0)	1,65	-	60,85

Nota: Cn(letra): número da cena (tipo de cena: n=noturna com exemplar; d= diurna com exemplar; a= anterior ao exemplar); n(%) número absoluto de respondentes que avaliaram a cena na categoria em questão (porcentagem de respondentes em relação às amostras individuais ou total); mvo K = média dos valores ordinais obtida através do teste Kendall W (os valores menores referem-se às cenas mais satisfatórias e sua comparação deve ser feita na vertical dentro de cada subgrupo); mvo K-W = média dos valores ordinais obtida através do teste Kruskal-Wallis (os valores menores referem-se às cenas mais satisfatórias e sua comparação deve ser feita na vertical entre as avaliações de cada tipo de cena, por exemplo C17, pelos arquitetos, não arquitetos com formação universitária e indivíduos sem formação universitária); mW-U = média dos valores ordinais obtida pelo teste estatístico Mann-Whitney U (os valores menores referem-se às cenas mais satisfatórias e sua comparação deve ser feita na vertical entre as avaliações de cada tipo de cena, por exemplo C17, pelo total de respondentes do grupo 1 e do grupo 2)

Foi encontrada uma diferença estatisticamente significativa em relação à cena mais preferida (Kendall W, $\chi^2 = 5,188$, sig. = 0,023) do exemplar 7 pelo total do grupo 1. Essa diferença confirma a cena 17 (noturna) como a mais preferida (62,4%) (Tabela 4.32), devido, principalmente, à "existência de estímulo visual na cena" (94,3%) e (Tabela 4.33), e a cena 18 (diurna) (37,6%) (Tabela 4.32) como a menos preferida, em razão, fundamentalmente, da "falta de estímulo visual na cena" (52,8%) (Tabela 4.33).

Tabela 4.32: Cenas mais e menos preferidas – cenas 17 e 18 do exemplar 7

	Cena mais preferida				Grupo 2 M. (30)
	Grupo 1 (n° respondentes)				
	Total (85)	Arq. (28)	N.Arq. (40)	S.F. (17)	
C17(n)	53(62,4)	15(53,6)	23(57,5)	15(88,2)	20(66,7)
mvo K	1,62	1,54	1,58	1,88	1,67
mvo K-W	-	39,27	40,94	54,00	-
mM-U	57,35	-	-	-	59,83
C18(d)	32(37,6)	13(46,4)	17(42,5)	2(11,8)	10(33,3)
mvo K	1,38	1,46	1,43	1,12	1,33
mvo K-W	-	46,73	45,06	32,00	-
Mm-U	58,65	-	-	-	56,17

Nota: Cn(letra): número da cena (tipo de cena: n=noturna com exemplar; d= diurna com exemplar; a= anterior ao exemplar); n(%) número absoluto de respondentes avaliaram a cena na categoria em questão (porcentagem de respondentes em relação às amostras individuais ou total); Arq= Arquitetos; N.Arq.= Não arquitetos; S.F.= Respondentes sem formação universitária; M.= Moradores; mvo K = média dos valores ordinais obtida através do teste Kendall W (os valores maiores referem-se às cenas mais apontadas como mais ou menos preferidas e a comparação entre os valores deve ser feita na vertical dentro de cada grupo); mvo K-W = média dos valores ordinais obtida através do teste Kruskal-Wallis (os valores maiores referem-se à maior preferência pela cena e a comparação entre os valores deve ser feita na vertical entre as avaliações de cada tipo de cena, por exemplo C17, pelos arquitetos, não arquitetos com formação universitária e indivíduos sem formação universitária); mW-U = (os valores maiores referem-se às cenas mais satisfatórias e sua comparação deve ser feita na vertical entre as avaliações de cada tipo de cena, por exemplo C17, pelo total de respondentes do grupo 1 e do grupo 2)

Tabela 4.33: Principais justificativas para as preferências – cenas 17 e 18 do exemplar 7

Cena preferida - cena 17							
Justificativas dos respondentes	Total(53)	Arq.(15)	N.Arq.(23)	S.F.(15)	Phi	Sig	M (20)
Existência de estímulo visual na cena	50(94,3)	13(86,7)	22(95,7)	15(100)	0,223	0,269	20(100)
Organização entre os elementos das edificações	12(22,6)	4(26,7)	3(13,0)	5(33,3)	0,210	0,312	4(20,0)
Similaridade entre as alturas das edificações	10(18,9)	2(13,3)	3(13,0)	5(33,3)	0,232	0,239	0(0)
Familiaridade com a cena	6(11,3)	2(13,3)	4(17,4)	0(0)	0,231	0,244	3(15,0)
Cena não-preferida - cena 17							
Justificativas dos respondentes	Total (32)	Arq. (13)	N. Arq. (17)	S.F. (2)	Phi	Sig	M (10)
Falta de estímulo visual na cena	15(46,9)	6(46,2)	8(47,1)	1(50,0)	0,018	0,995	6(60,0)
Existência de estímulo visual na cena	11(34,4)	6(46,2)	5(29,4)	0(0)	0,252	0,362	3(30,0)
Cena preferida - cena 18							
Justificativas dos respondentes	Total (32)	Arq. (13)	N. Arq. (17)	S.F. (2)	Phi	Sig	M (10)
Organização entre os elementos das edificações	13(40,6)	5(38,5)	8(47,1)	0(0)	0,229	0,431	2(20,0)
Existência de estímulo visual na cena	11(34,4)	5(38,5)	5(29,4)	1(50,0)	0,125	0,779	8(80,0)
Similaridade entre as alturas das edificações	9(28,1)	5(38,5)	3(17,6)	1(50,0)	0,255	0,353	1(10,0)
Similaridade entre as formas das edificações	8(25,0)	3(23,1)	5(29,4)	0(0)	0,165	0,648	1(10,0)
Similaridade entre as larguras das edificações	6(18,8)	2(15,4)	4(23,5)	0(0)	0,159	0,666	0(0)
Cena não-preferida - cena 18							
Justificativas dos respondentes	Total (53)	Arq. (15)	N. Arq. (23)	S.F. (15)	Phi	Sig	M (20)
Falta de estímulo visual na cena	28(52,8)	9(60,0)	10(43,5)	9(60,0)	0,164	0,490	12(60,0)
Desorganização entre os elementos das edificações	7(13,2)	2(13,3)	2(8,7)	3(20,0)	0,138	0,603	8(40,0)

Nota: Arq= Arquitetos; N.Arq.= Não arquitetos; S.F.= Respondentes sem formação universitária; M.= Moradores; n(%) número absoluto de respondentes que selecionaram a variável (porcentagem de respondentes em relação às amostras individuais ou total); são apresentadas as principais justificativas para as cenas mais expressivas; os valores de Phi e Sig foram obtidos por meio de tabulação cruzada.

Adicionalmente, a maioria (64,7%) do grupo 1 julgou não ser positiva a presença do exemplar 7 na estética do seu entorno (cena 18), mesmo que a avaliação positiva (35,3%) predomine sobre a avaliação negativa (15,3%) (Tabela 4.34).

Tabela 4.34: Níveis de satisfação com a presença do exemplar 7 no seu entorno imediato - cena 18

Grupo	Subgrupo	M.P.	P.	N.P.N.N	N.	M.N.	mvo K-W	mM-U
1	Arquitetos (28)	1(3,6)	12(42,9)	11(39,3)	4(14,3)	0(0)	38,57	-
	Não Arquitetos (40)	1(2,5)	11(27,5)	22(55)	6(15)	0(0)	44,68	-
	Sem formação (17)	0(0)	5(29,4)	9(49,4)	2(14,1)	1(1,2)	46,35	-
	Total (85)	2(2,4)	28(32,9)	42(49,4)	12(14,1)	1(1,2)	-	60,35
2	Moradores (30)	2(6,7)	14(46,7)	9(30,0)	5(16,7)	0(0)	-	51,33

Nota: n(%) número absoluto de respondentes que avaliaram a cena na categoria em questão (porcentagem de respondentes em relação às amostras individuais ou total); M.P = muito positivo; P. = positivo; N.P.N.N. = nem positivo, nem negativo; N. = negativo; M.N. = muito negativo; mvo K-W = média dos valores ordinais obtida através do teste Kruskal-Wallis (os valores menores referem-se à maior satisfação com a presença do exemplar na cena e a comparação entre deve ser feita na vertical entre cada grupo); mW-U = média dos valores ordinais obtida pelo teste estatístico Mann-Whitney U (os valores menores referem-se à maior satisfação com a presença do exemplar na cena e a comparação entre grupos deve ser feita na vertical).

O julgamento neutro (49,4%) do grupo 1 (Tabela 4.34) para o impacto do exemplar 7 na estética do seu entorno (cena 18) foi justificado, sobretudo, pela “falta de estímulo visual na edificação” (35,7%) (Tabela 4.35), e a avaliação negativa foi decorrente, sobretudo, da “diferença entre as formas da edificação e das demais” e da “relação desordenada entre as formas da edificação e as das demais” (46,6%) (Tabela 4.35).

Tabela 4.35: Principais justificativas para satisfação com a presença do exemplar 7 na estética do seu entorno – cena 18

Avaliações muito positivas e positivas		Grupo 1				Grupo2
Principais justificativas	Total(30)	Arq. (13)	N.Arq.(12)	S.F.(5)	M.(16)	
Materiais da edificação	14(46,6)	6(46,1)	5(41,6)	3(60,0)	7(43,8)	
Existência estímulo visual na edificação	13(43,3)	8(61,5)	4(33,3)	1(20,0)	7(43,8)	
Relação ordenada entre as formas da edificação e das demais	11(36,6)	5(38,4)	5(41,6)	1(20,0)	4(25,0)	
Impacto da marca do estabelecimento na edificação	9(30,0)	2(15,3)	5(41,6)	2(40,0)	5(31,3)	
Similaridade entre as formas da edificação e as das demais	8(26,6)	2(15,3)	4(33,3)	2(40,0)	4(25,0)	
Avaliações nem positivas, nem negativas		Grupo 1				Grupo2
Principais justificativas	Total(42)	Arq. (11)	N.Arq.(22)	S.F. (9)	M. (9)	
Falta estímulo visual na edificação	15(35,7)	3(27,3)	10(45,4)	2(22,2)	5(55,6)	
Falta de ornamentos decorativos na edificação	10(23,8)	0(0)	6(27,3)	4(44,4)	3(33,3)	
Impacto da marca do estabelecimento na edificação	6(14,3)	3(27,3)	2(9,1)	1(11,1)	3(33,3)	
Similaridade entre as formas da edificação e das demais	5(11,9)	2(18,2)	2(9,1)	1(11,1)	1(11,1)	
Relação ordenada entre as formas da edificação e das demais	4(9,5)	0(0)	1(4,5)	1(11,1)	1(11,1)	
Diferença entre as alturas da edificação e as das demais	4(9,5)	3(27,3)	0(0)	1(11,1)	3(33,3)	
Materiais da edificação	3(7,1)	1(9,1)	1(4,5)	1(11,1)	1(11,1)	
Avaliações negativas e muito negativas		Grupo 1				Grupo 2
Principais justificativas	Total (13)	Arq. (4)	N.Arq. (6)	S.F. (3)	M. (5)	
Diferença entre as formas da edificação e das demais	6(46,1)	1(25,0)	1(16,7)	0(0)	4(80,0)	
Relação desordenada entre as formas da edificação e as das demais	6(46,1)	2(50,0)	2(33,3)	1(33,3)	3(60,0)	
Impacto da marca do estabelecimento na edificação	5(38,4)	2(50,0)	2(33,3)	1(33,3)	1(20,0)	
Materiais da edificação	3(23,0)	1(25,0)	1(16,7)	1(33,3)	3(60,0)	

Nota: n(%) número absoluto de respondentes que selecionaram a variável (porcentagem de respondentes em relação às amostras individuais ou total); Arq= Arquitetos; N.Arq.= Não arquitetos; S.F.= Respondentes sem formação universitária; M.= Moradores

Também, não foi encontrada uma diferença estatisticamente significativa (Kendall W) quanto à satisfação com a aparência das duas cenas e quanto à cena mais preferida do exemplar 7 pelos 28 arquitetos, pois a cena 18 (diurna) foi apenas um pouco mais valorizada que a cena 17 (noturna) (Tabela 4.31) (Tabela 4.32). Adicionalmente, a maioria (53,6%) dos arquitetos julgou não ser positiva a presença do exemplar 7 na estética do seu entorno (cena 18), mesmo que a avaliação positiva (46,5%) predomine sobre a avaliação negativa (14,3%) (Tabela 4.34). O julgamento neutro (39,3%) (Tabela 4.34) foi justificado, sobretudo, pela falta de estímulo visual (27,3%) e de ornamentos na edificação (27,3%) e pela “diferença entre as alturas da edificação e as das demais” (27,3%) (Tabela 4.35), e a avaliação negativa foi decorrente,

sobretudo, da “relação desordenada entre as formas da edificação e as das demais” (50,0%) e do “impacto da marca do estabelecimento na edificação” (50,0%) (Tabela 4.35).

Adicionalmente, não foi encontrada uma diferença estatisticamente significativa (Kendall W) quanto à satisfação com a aparência das duas cenas e quanto à cena mais preferida do exemplar 7 pelos 40 não arquitetos com formação universitária pois a cena 17 (noturna) foi apenas um pouco melhor avaliada (Tabela 4.31) e preferida que a cena 18 (noturna) (Tabela 4.32). Em complemento, a maioria (70,0%) dos não arquitetos com formação julgou não ser positiva a presença do exemplar 7 na estética do seu entorno (cena 18), mesmo que a avaliação positiva (30,0%) predomine sobre a avaliação negativa (15,0%) (Tabela 4.34). O julgamento neutro (55,0%) (Tabela 4.34) foi justificado, sobretudo, pela “falta de estímulo visual na edificação (45,4%)” (Tabela 4.35), enquanto que a avaliação negativa foi decorrente, sobretudo, da “relação desordenada entre as formas da edificação e as das demais” (33,3%) e do “impacto da marca do estabelecimento na edificação” (33,3%) (Tabela 4.35).

Já em relação às respostas dos 17 indivíduos sem formação universitária, foi encontrada uma diferença estatisticamente significativa (Kendall W, $\chi^2 = 6,400$, sig. = 0,011) quanto à satisfação com a aparência das duas cenas do exemplar 7. Esta diferença está relacionada à melhor avaliação da cena 17 (noturna) com 76,4% de avaliações positivas e 5,9% de negativas, enquanto a cena 18 (diurna) obteve a pior avaliação com 17,7% de avaliações negativas e apenas 47,1% de positivas (Tabela 4.31). Corroborando esses resultados, foi encontrada uma diferença estatisticamente significativa em relação à cena mais preferida (Kendall W, $\chi^2 = 9,941$, sig. = 0,002). Essa diferença está relacionada à expressiva maior preferência pela cena 17 (noturna) (88,2%) (Tabela 4.32), devido, principalmente, à “existência de estímulo visual na cena” (100%) e (Tabela 4.33), e à menor preferência pela cena 18 (diurna) (11,8%) (Tabela 4.32), em razão, fundamentalmente, da “falta de estímulo visual na cena” (60,0%) (Tabela 4.33). Adicionalmente, a maioria (70,6%) dos indivíduos sem formação julgou não ser positiva a presença do exemplar 7 na estética do seu entorno (cena 18), mesmo que a avaliação positiva (29,4%) predomine sobre a avaliação negativa (17,7%) (Tabela 4.34). O julgamento neutro (52,9%) (Tabela 4.34) foi justificado, sobretudo, pela “falta de ornamentos decorativos na edificação” (44,4%), e a avaliação negativa, tanto pela desordem das formas da edificação em relação ao

entorno, quanto pelo impacto da merca e pelos materiais da edificação (33,3%) (Tabela 4.35).

Em relação às respostas do grupo 2, de 37 moradores do entorno, foi encontrada uma diferença estatisticamente significativa (Kendall W, $\chi^2 = 4,765$, sig. = 0,029) quanto à satisfação com a aparência das duas cenas do exemplar 7. Esta diferença está relacionada à melhor avaliação da cena 17 (noturna) com 73,4% de avaliações positivas e 3,3% de negativas, enquanto a cena 18 (diurna) obteve a pior avaliação com 10,0% de avaliações negativas e apenas 46,7% de positivas (Tabela 4.31). Contudo, não foi encontrada uma diferença estatisticamente significativa (Kendall W) quanto à cena mais preferida, por mais que tenha predominado a preferência da cena noturna (66,7%) e não da cena diurna (33,3%) (Tabela 4.32). Adicionalmente, uma expressiva parte (46,7%) dos moradores julgou não ser positiva a presença do exemplar 7 na estética do seu entorno (cena 18), mesmo que a avaliação positiva (53,4%) predomine sobre a avaliação negativa (16,7%) (Tabela 4.34). O julgamento neutro (30,0%) (Tabela 4.34) foi justificado, principalmente, pela “falta de existência de estímulo visual na edificação” (55,6%) (Tabela 4.35), e a avaliação negativa está relacionada, principalmente, à “diferença entre as formas da edificação e das demais” (80,0%).

Portanto, não é possível afirmar que existe uma tendência de uma cena do exemplar 7 ser melhor ou pior avaliada esteticamente pelo total do grupo 1, pois somente o subgrupo dos indivíduos sem formação universitária confirmou essa avaliação de forma significativa. Contudo, existe uma tendência de a cena noturna ser a mais preferida esteticamente pela totalidade do grupo 1, por ser mais estimulante visualmente. Já em relação às avaliações dos moradores, existe uma tendência da cena noturna com o exemplar 7 ser a melhor avaliada e ser satisfatória esteticamente, ao contrário da cena diurna, mas não é possível confirmar uma maior ou menor preferência por uma cena. Ainda, ambos os grupos 1 e 2 não avaliaram o impacto do exemplar do tipo “construído para alugar” 7 de forma positiva na estética do seu entorno na cena diurna. Por mais que parte dos respondentes perceba a edificação como estimulante visualmente e avalie de forma positiva seus materiais, outra parte importante percebe a falta de estímulo visual e de ornamentos na edificação, assim como a percebe suas formas muito diferentes e desordenadas em relação às edificações vizinhas.

Exemplar 8

Uma diferença estatisticamente significativa (Kendall W, $\chi^2 = 61,257$, sig. = 0,000) foi encontrada quanto à satisfação com a aparência das três cenas do exemplar “construído para alugar” 8 (Figura 4.8) pelo total de 85 respondentes do grupo 1.



Figura 4.8: Cenas do exemplar 8

Essa diferença está relacionada à melhor avaliação da cena 19 (noturna) com expressivas 84,7% de avaliações positivas e apenas 3,5% de negativas, enquanto a cena 21 (anterior ao exemplar) obteve à pior avaliação com 36,5% de avaliações negativas e apenas 25,9% de positivas (Tabela 4.36). A cena 20 (diurna) foi pior avaliada que a cena 19 (noturna), mas melhor avaliada que a cena 21 (anterior ao exemplar), e obteve 69,4% de avaliações positivas e 5,9% de avaliações negativas (Tabela 4.36).

Tabela 4.36: Níveis de satisfação com a aparência das cenas 19, 20 e 21 do exemplar 8

Grupo	Subgrupo (n° respondentes)	Cena	Muito bonita	Bonita	Nem bonita nem feia	Feia	Muito feia	mvo K	mvo K-W	Mm-W
1	Arquitetos (28)	C19(n)	9(32,1)	16(57,1)	2(7,1)	1(3,6)	0(0)	1,53	43,39	-
		C20(d)	4(14,3)	18(64,3)	5(17,9)	1(3,6)	0(0)	1,93	40,71	-
		C21(a)	1(3,6)	8(28,6)	7(25)	11(39,3)	1(3,6)	2,54	43,75	-
	Não Arquitetos (40)	C19(n)	14(35,0)	19(47,5)	6(15,0)	1(2,5)	0(0)	1,57	44,03	-
		C20(d)	10(25,0)	19(47,5)	10(25)	1(2,5)	0(0)	1,93	39,39	-
		C21(a)	2(5,0)	7(17,5)	18(17,5)	13(32,5)	0(0)	2,50	42,29	-
	Sem formação (17)	C19(n)	8(47,1)	6(35,5)	2(11,8)	1(5,90)	0(0)	1,59	39,94	-
		C20(d)	1(5,90)	7(41,2)	6(35,3)	3(17,6)	0(0)	1,84	55,26	-
		C21(a)	0(0)	4(23,5)	7(41,2)	6(35,3)	0(0)	2,58	43,44	-
Total (85)	C19(n)	31(36,5)	41(48,2)	10(11,8)	3(3,5)	0(0)	1,32	-	65,84	
	C20(d)	15(17,6)	44(51,8)	21(24,7)	5(5,9)	0(0)	2,15	-	51,69	
	C21(a)	3(3,5)	19(22,4)	32(37,6)	30(35,3)	1(1,2)	2,53	-	62,81	
2	Moradores (34)	C19(n)	23(67,6)	10(29,4)	1(2,9)	0(0)	0(0)	1,19	-	45,40
		C20(d)	0(0)	1(2,9)	9(26,5)	13(38,2)	0(0)	2,44	-	80,87
		C21(a)	1(2,9)	8(23,5)	20(58,8)	5(14,7)	0(0)	2,37	-	52,99

Nota: Cn(letra): número da cena (tipo de cena: n=noturna com exemplar; d= diurna com exemplar; a= anterior ao exemplar); n(%) número absoluto de respondentes que avaliaram a cena na categoria em questão (porcentagem de respondentes em relação às amostras individuais ou total); mvo K = média dos valores ordinais obtida através do teste Kendall W (os valores menores referem-se às cenas mais satisfatórias e sua comparação deve ser feita na vertical dentro de cada subgrupo); mvo K-W = média dos valores ordinais obtida através do teste Kruskal-Wallis (os valores menores referem-se às cenas mais satisfatórias e sua comparação deve ser feita na vertical entre as avaliações de cada tipo de cena, por exemplo C19, pelos arquitetos, não arquitetos com formação universitária e indivíduos sem formação universitária); mW-U = média dos valores ordinais obtida pelo teste estatístico Mann-Whitney U (os valores menores referem-se às cenas mais satisfatórias e sua comparação deve ser feita na vertical entre as avaliações de cada tipo de cena, por exemplo C19, pelo total de respondentes do grupo 1 e do grupo 2)

Ainda, foi encontrada uma diferença estatisticamente significativa em relação à cena mais preferida (Kendall W, $\chi^2 = 22,612$, sig. = 0,000) e menos preferida (Kendall W, $\chi^2 = 67,788$, sig. = 0,023) pelo total do grupo 1. Essa diferença corrobora a maior preferência pela cena 19 (noturna) (56,5%) (Tabela 4.37), devido, principalmente, à "existência de estímulo visual na cena" (89,6%) (Tabela 4.38).

Tabela 4.37: Cenas mais e menos preferidas – cenas 19, 20 e 21 do exemplar 8

	Cena mais preferida					Cena menos preferida				
	Grupo 1 (n° respondentes)				Grupo2	Grupo 1 (n° respondentes)				Grupo2
	Total (85)	Arq. (28)	N.Arq. (40)	S.F. (17)		Total (85)	Arq. (28)	N.Arq. (40)	S.F. (17)	
C19(n)	48(56,5)	20(71,4)	19(47,5)	9(52,9)	31(91,2)	8(9,4)	1(3,6)	7(17,5)	0(0)	0(0)
mvo K	2,35	2,57	2,21	2,29	2,87	1,64	1,55	1,76	1,50	1,50
mvo K-W	-	49,36	39,19	41,50	-	-	40,52	46,44	39,00	-
mM-U	54,10	-	-	-	74,75	61,60	-	-	-	56,00
C20(d)	24(28,2)	4(14,3)	15(37,5)	5(29,4)	0(0)	13(15,3)	4(14,3)	3(7,5)	6(35,3)	21(61,8)
mvo K	1,92	1,71	2,06	1,94	1,50	1,73	1,71	1,61	2,03	2,43
mvo K-W	-	37,07	46,94	43,50	-	-	42,57	39,69	51,50	-
mM-U	64,80	-	-	-	48,00	52,10	-	-	-	79,75
C21(a)	13(15,3)	4(14,3)	6(15)	3(17,6)	3(8,8)	64(75,3)	23(82,1)	30(75)	11(64,7)	13(38,2)
mvo K	1,73	1,71	1,73	1,76	1,63	2,63	2,73	2,63	2,47	2,07
mvo K-W	-	42,57	42,88	44,00	-	-	45,91	42,88	38,50	-
mM-U	61,10	-	-	-	57,25	66,30	-	-	-	44,25

Nota: Cn(letra): número da cena (tipo de cena: n=noturna com exemplar; d= diurna com exemplar; a= anterior ao exemplar); n(%) número absoluto de respondentes avaliaram a cena na categoria em questão (porcentagem de respondentes em relação às amostras individuais ou total); Arq= Arquitetos; N.Arq.= Não arquitetos; S.F.= Respondentes sem formação universitária; M.= Moradores; mvo K = média dos valores ordinais obtida através do teste Kendall W (os valores maiores referem-se às cenas mais apontadas como mais ou menos preferidas e a comparação entre os valores deve ser feita na vertical dentro de cada grupo); mvo K-W = média dos valores ordinais obtida através do teste Kruskal-Wallis (os valores maiores referem-se à maior preferência pela cena e a comparação entre os valores deve ser feita na vertical entre as avaliações de cada tipo de cena, por exemplo C19, pelos arquitetos, não arquitetos com formação universitária e indivíduos sem formação universitária); mM-U = (os valores maiores referem-se às cenas mais satisfatórias e sua comparação deve ser feita na vertical entre as avaliações de cada tipo de cena, por exemplo C19, pelo total de respondentes do grupo 1 e do grupo 2)

Tabela 4.38: Principais justificativas para as preferências – cenas 19, 20 e 21 do exemplar 8 (continua)

Cena mais preferida - cena 19							
Justificativas dos respondentes	Total(48)	Arq.(20)	N.Arq.(19)	S.F.(9)	Phi	Sig	M (31)
Existência de estímulo visual na cena	43(89,6)	20(100)	16(84,2)	7(77,8)	0,298	0,119	31(100)
Organização entre os elementos das edificações	18(37,5)	9(45,0)	4(21,1)	5(55,6)	0,286	0,141	5(16,1)
Similaridade entre as formas das edificações	9(18,8)	3(15,0)	5(26,3)	1(11,1)	0,161	0,537	0(0)
Cena mais preferida - cena 20							
Justificativas dos respondentes	Total(24)	Arq. (4)	N.Arq.(15)	S.F.(5)	Phi	Sig	M (0)
Existência de estímulo visual na cena	14(58,3)	4(100)	8(53,3)	2(40,0)	0,393	0,157	0(0)
Organização entre os elementos das edificações	9(37,5)	2(50,0)	4(26,7)	3(60,0)	0,296	0,350	0(0)
Familiaridade com a cena	8(33,3)	2(50,0)	6(40,0)	0(0)	0,371	0,192	0(0)
Similaridade entre as formas das edificações	8(33,3)	2(50,0)	2(13,3)	4(80,0)	0,581	0,017	0(0)
Similaridade entre as larguras das edificações	4(16,7)	1(25,0)	3(20,0)	0(0)	0,235	0,517	0(0)

Tabela 4.38: Principais justificativas para as preferências – cenas 19, 20 e 21 do exemplar 8 (conclusão)

Cena menos preferida - cena 20							
Justificativas dos respondentes	Total (13)	Arq. (4)	N. Arq. (3)	S.F. (6)	Phi	Sig	M (21)
Diferença entre as larguras das edificações	4(30,8)	1(25,0)	0(0)	3(50,0)	0,433	0,296	0(0)
Diferença entre as formas das edificações	4(30,8)	2(50,0)	0(0)	2(33,3)	0,397	0,359	6(28,6)
Desorganização entre os elementos das edificações	4(30,8)	3(75,0)	1(33,3)	0(0)	0,699	0,042	14(66,7)
Falta de estímulo visual na cena	2(50,0)	2(66,7)	2(33,3)	0(0)	0,267	0,629	3(14,3)
Cena menos preferida - cena 21							
Justificativas dos respondentes	Total (64)	Arq. (23)	N. Arq. (30)	S.F. (11)	Phi	Sig	M (13)
Falta de estímulo visual na cena	39(60,9)	15(65,2)	19(63,3)	5(45,5)	0,146	0,507	6(46,2)
Diferença entre as formas das edificações	26(40,6)	11(47,8)	9(30,0)	6(54,5)	0,208	0,249	3(23,1)
Diferença entre as alturas das edificações	26(40,6)	12(52,2)	9(30,0)	5(45,5)	0,208	0,249	8(61,5)
Desorganização entre os elementos das edificações	20(31,3)	5(21,7)	11(36,7)	4(36,4)	0,154	0,470	3(23,1)

Nota: Arq.= Arquitetos; N.Arq.= Não arquitetos; S.F..= Respondentes sem formação universitária; M.= Moradores; n(%) número absoluto de respondentes que selecionaram a variável (porcentagem de respondentes em relação às amostras individuais ou total); são apresentadas as principais justificativas para as cenas mais expressivas; os valores de Phi e Sig foram obtidos por meio de tabulação cruzada.

No entanto, por mais que a cena diurna com o exemplar 8 (cena 20) tenha sido bem avaliada esteticamente, e melhor avaliada que a cena anterior ao exemplar (cena 21), uma expressiva parte do grupo 1 (44,0%) não avaliou positivamente (avaliações neutras e negativas) o impacto do exemplar 8 na estética do seu entorno imediato (cena 20), mesmo que a avaliação positiva (56,0%) tenha sido mais expressiva que a avaliação negativa (11,9%) (Tabela 4.39).

Tabela 4.39: Níveis de satisfação com a presença do exemplar 8 no seu entorno imediato - cena 20

Grupo	Subgrupo	M.P.	P.	N.P.N.N	N.	M.N.	mvo K-W	mM-U
1	Arquitetos (28)	6(21,4)	12(42,9)	6(21,4)	4(14,3)	0(0)	38,54	-
	Não Arquitetos (40)	6(15,0)	14(35,0)	17(42,5)	1(2,5)	2(5,0)	43,54	-
	Sem formação (16)	0(0)	9(56,3)	4(25,0)	3(18,8)	3(18,8)	46,84	-
	Total (84)	12(14,3)	35(41,7)	27(32,1)	8(9,5)	2(2,4)	-	51,75
2	Moradores (34)	1(1,6)	6(17,6)	12(35,3)	15(44,1)	0(0)	-	78,65

Nota: n(%) número absoluto de respondentes que avaliaram a cena na categoria em questão (porcentagem de respondentes em relação às amostras individuais ou total); M.P = muito positivo; P. = positivo; N.P.N.N. = nem positivo, nem negativo; N. = negativo; M.N. = muito negativo; mvo K-W = média dos valores ordinais obtida através do teste Kruskal-Wallis (os valores menores referem-se à maior satisfação com a presença do exemplar na cena e a comparação entre deve ser feita na vertical entre cada grupo); mW-U = média dos valores ordinais obtida pelo teste estatístico Mann-Whitney U (os valores menores referem-se à maior satisfação com a presença do exemplar na cena e a comparação entre grupos deve ser feita na vertical).

Os julgamentos neutros (32,1%) (Tabela 4.39) para a presença do exemplar 8 na estética do seu entorno na cena diurna (cena 20) foram justificados pelo total do grupo 1, fundamentalmente, pela “diferença entre as formas da edificação e as das demais” (44,4%) (Tabela 4.40), e os negativos foram em razão, principalmente, da “diferença

entre as larguras da edificação e as das demais” (80,0%) (Tabela 4.40). A avaliação positiva está relacionada, principalmente, aos “materiais da edificação” (61,7%) e à “existência estímulo visual na edificação” (53,2%) (Tabela 4.40).

Tabela 4.40: Principais justificativas para satisfação com a presença do exemplar 8 na estética do seu entorno – cena 20

Avaliações muito positivas e positivas		Grupo 1				Grupo 2
Principais justificativas	Total (47)	Arq. (18)	N.Arq. (20)	S.F. (9)	M. (7)	
Materiais da edificação	29(61,7)	14(77,7)	9(45,0)	6(66,6)	6(85,7)	
Existência estímulo visual na edificação	25(53,2)	12(66,6)	7(35,0)	6(66,6)	6(85,7)	
Impacto da marca do estabelecimento na edificação	17(36,1)	10(55,5)	4(20,0)	3(33,3)	2(28,6)	
Relação ordenada entre as formas da edificação e das demais	15(31,9)	8(44,4)	6(30,0)	1(11,1)	2(28,6)	
Similaridade entre as formas da edificação e as das demais	12(25,5)	3(16,6)	5(25,0)	4(44,4)	2(28,6)	
Avaliações nem positivas, nem negativas		Grupo 1				Grupo 2
Principais justificativas	Total (27)	Arq. (6)	N.Arq. (17)	S.F. (4)	M. (12)	
Diferença entre as formas da edificação e das demais	12(44,4)	3(50,0)	7(41,2)	2(50,0)	0(0)	
Existência de estímulo visual na edificação	5(18,5)	1(16,7)	3(17,6)	2(50,0)	4(33,3)	
Impacto da marca do estabelecimento na edificação	4(14,8)	0(0)	3(17,6)	1(25,0)	0(0)	
Similaridade entre as alturas da edificação e as das demais	3(11,1)	1(16,7)	1(5,9)	1(25,0)	3(25,0)	
Materiais da edificação	3(11,1)	1(16,7)	2(11,8)	0(0)	0(0)	
Similaridade entre as formas da edificação e das demais	2(7,4)	0(0)	1(5,9)	0(0)	0(0)	
Avaliações negativas e muito negativas		Grupo 1				Grupo 2
Principais justificativas	Total (10)	Arq. (4)	N.Arq. (3)	S.F. (3)	M. (15)	
Diferença entre as larguras da edificação e as das demais	8(80,0)	2(50,0)	2(66,6)	3(100)	12(80,0)	
Relação desordenada entre as formas da edificação e as das demais	3(30,0)	1(25,0)	1(33,3)	1(14,3)	11(73,4)	
Impacto da marca do estabelecimento na edificação	2(20,0)	1(25,0)	1(33,3)	0(0)	4(26,7)	
Falta de estímulo visual	1(10,0)	0(0)	0(0)	1(14,3)	2(13,4)	

Nota: n(%) número absoluto de respondentes que selecionaram a variável (porcentagem de respondentes em relação às amostras individuais ou total); Arq= Arquitetos; N.Arq.= Não arquitetos; S.F.= Respondentes sem formação universitária; M.= Moradores

Também, uma diferença estatisticamente significativa (Kendall W, $\chi^2 = 18,347$, sig. = 0,000) foi encontrada quanto à satisfação com a aparência das três cenas do exemplar 8 pelos 28 arquitetos. Essa diferença está relacionada à melhor avaliação da cena 19 (noturna) com expressivas 89,2% de avaliações positivas e apenas 3,6% de negativas, enquanto a cena 21 (anterior ao exemplar) obteve à pior avaliação com 42,8% de avaliações negativas e apenas 32,2% de positivas (Tabela 4.36). A cena 20 (diurna) foi pior avaliada que a cena 19 (noturna), mas melhor avaliada que a cena 21 (anterior ao exemplar), e obteve 78,6% de avaliações positivas e 21,5% de avaliações negativas (Tabela 4.36). Ainda, foi encontrada uma diferença estatisticamente significativa em relação à cena mais preferida (Kendall W, $\chi^2 = 18,286$, sig. = 0,000)

e menos preferida (Kendall W, $\chi^2 = 30,500$, sig. = 0,023). Essa diferença confirma a maior preferência pela cena 19 (noturna) (71,4%) (Tabela 4.37), devido, principalmente, à "existência de estímulo visual na cena" (100%) e à "organização entre os elementos das edificações" (45,0%) (Tabela 4.38), e a menor preferência pela cena 21 (anterior ao exemplar) (82,1%) (Tabela 4.37), em razão, fundamentalmente, da "falta de estímulo visual na cena" (65,2%) e da "diferença entre as alturas das edificações" (52,2%) (Tabela 4.38). Adicionalmente, 64,3% dos arquitetos avaliou positivamente o impacto do exemplar 8 na estética do seu entorno imediato (cena 20), mas ainda assim, 35,7% não avaliou este impacto como positivo (avaliações neutras e negativas) (Tabela 4.39). A avaliação positiva está relacionada, principalmente, aos "materiais da edificação" (77,7%) e à "existência estímulo visual na edificação" (66,6%) (Tabela 4.40), enquanto que o julgamento neutro (21,4%) (Tabela 4.39) foi justificado, sobretudo, pela "diferença entre as formas da edificação e as das demais" (50,0%) (Tabela 4.40).

Ainda, foi encontrada uma diferença estatisticamente significativa (Kendall W, $\chi^2 = 29,086$, sig. = 0,000) quanto à satisfação com a aparência das três cenas do exemplar 8 pelos 40 não arquitetos com formação universitária. Essa diferença está relacionada à melhor avaliação da cena 19 (noturna) com expressivas 82,5% de avaliações positivas e apenas 2,5% de negativas, enquanto a cena 21 (anterior ao exemplar) obteve à pior avaliação com 42,9% de avaliações negativas e apenas 32,2% de positivas (Tabela 4.36). A cena 20 (diurna) foi pior avaliada que a cena 19 (noturna), mas melhor avaliada que a cena 21 (anterior ao exemplar), e obteve 77,5% de avaliações positivas e 2,5% de avaliações negativas (Tabela 4.36). Ainda, foi encontrada uma diferença estatisticamente significativa em relação à cena mais preferida (Kendall W, $\chi^2 = 6,650$, sig. = 0,036) e menos preferida (Kendall W, $\chi^2 = 31,850$, sig. = 0,023). Essa diferença corrobora a maior preferência pela cena 19 (noturna) (47,5%) (Tabela 4.37), devido, principalmente, à "existência de estímulo visual na cena" (84,2%) (Tabela 4.38), e a menor preferência pela cena 21 (anterior ao exemplar) (75,0%) (Tabela 4.37), em razão, fundamentalmente, da "falta de estímulo visual na cena" (63,3%) (Tabela 4.38). No entanto, por mais que a cena diurna com o exemplar 8 (cena 20) tenha sido melhor avaliada que a cena anterior ao exemplar (cena 21), metade dos não arquitetos com formação (50,0%) não avaliou positivamente (avaliações neutras e negativas) o impacto do exemplar 8 na estética

do seu entorno imediato (cena 20), mesmo que a avaliação positiva (50,0%) tenha sido mais expressiva que a avaliação negativa (7,5%) (Tabela 4.39). O julgamento neutro (21,4%) (Tabela 4.39) foi justificado, sobretudo, pela “diferença entre as formas da edificação e as das demais” (41,2%) (Tabela 4.40), e a avaliação negativa foi decorrente, sobretudo, da “diferença entre as larguras da edificação e as das demais” (66,6%) (Tabela 4.40).

Também, foi encontrada uma diferença estatisticamente significativa (Kendall W, $\chi^2 = 16,259$, sig. = 0,000) quanto à satisfação com a aparência das três cenas do exemplar 8 pelos 17 indivíduos sem formação universitária. Essa diferença está relacionada à melhor avaliação da cena 19 (noturna) com expressivas 82,6% de avaliações positivas e apenas 5,9% de negativas, enquanto a cena 21 (anterior ao exemplar) obteve à pior avaliação com 35,3% de avaliações negativas e apenas 23,5% de positivas (Tabela 4.36). A cena 20 (diurna) foi pior avaliada que a cena 19 (noturna), mas melhor avaliada que a cena 21 (anterior ao exemplar), e obteve 47,1% de avaliações positivas e 17,6% de avaliações negativas (Tabela 4.36). Não foi encontrada uma diferença estatisticamente significativa em relação à cena mais preferida (Kendall W), mas foi encontrada quanto à e menos preferida (Kendall W, $\chi^2 = 10,706$, sig. = 0,005). A cena 21 (anterior ao exemplar) foi a menos preferida (64,7%) (Tabela 4.37), em razão, fundamentalmente, da “diferença entre as formas das edificações” (54,5%), da “falta de estímulo visual na cena” (45,5%) e da “diferença entre as alturas das edificações” (45,5%) (Tabela 4.38). Contudo, uma expressiva (43,8%) parte dos indivíduos sem formação não avaliou positivamente (avaliações neutras e negativas) o impacto do exemplar 8 na estética do seu entorno imediato (cena 20), mesmo que a avaliação positiva (53,6%) tenha sido mais expressiva que a avaliação negativa (18,8%) (Tabela 4.39). O julgamento neutro (21,4%) (Tabela 4.39) foi justificado, sobretudo, pela “diferença entre as formas da edificação e as das demais” (50,0%) e pela “existência de estímulo visual na edificação” (50,0%) (Tabela 4.40), e a avaliação negativa foi decorrente, sobretudo, da “diferença entre as larguras da edificação e as das demais” (100%) (Tabela 4.40). Já a avaliação positiva está relacionada, fundamentalmente, aos “materiais da edificação” (66,6%) e à “existência estímulo visual na edificação” (66,6%) (Tabela 4.40).

Em relação às respostas do grupo 2, de 34 moradores do entorno, foi encontrada uma diferença estatisticamente significativa (Kendall W, $\chi^2 = 38,889$, sig. = 0,000) quanto

à satisfação com a aparência das três cenas do exemplar 8 (Figura 4.8). Essa diferença está relacionada à melhor avaliação da cena 19 (noturna) com expressivas 97,0% de avaliações positivas e nenhuma negativa, enquanto a cena 20 (diurna) obteve a pior avaliação com 38,2% de avaliações negativas e apenas 2,9% de positivas (Tabela 4.36). A cena 21 (anterior ao exemplar) foi pior avaliada que a cena 19 (noturna), mas melhor avaliada que a cena 20 (diurna), e obteve 26,4% de avaliações positivas e 14,7% de avaliações negativas (Tabela 4.36). Ainda, foi encontrada uma diferença estatisticamente significativa em relação à cena mais preferida (Kendall W, $\chi^2 = 51,588$, sig. = 0,036) e menos preferida (Kendall W, $\chi^2 = 19,824$, sig. = 0,023). Essa diferença corrobora a maior preferência pela cena 19 (noturna) (91,2%) (Tabela 4.37), devido, principalmente, à "existência de estímulo visual na cena" (100%) (Tabela 4.38), e a menor preferência pela cena 20 (diurna) (38,20%) (Tabela 4.37), em razão, fundamentalmente, da "desorganização entre os elementos das edificações" (66,7%) (Tabela 4.38). A menor preferência pela cena 20 (diurna) é sustentada, também, pelo predomínio a avaliação negativa (44,1%) sobre a avaliação positiva (19,2%) e neutra (35,3%) quanto à presença do exemplar 8 na estética do seu entorno imediato (cena 20), (Tabela 4.39), realizada pelos moradores. Esta avaliação negativa está relacionada, principalmente, à "diferença entre as formas da edificação e das demais" (80,0%) e à "relação desordenada entre as formas da edificação e as das demais" (73,4%) (Tabela 4.40).

Portanto, para o total do grupo 1 e seus subgrupos, assim como para o grupo de moradores (grupo 2), fica comprovada a clara maior valorização e preferência da cena noturna com exemplar 8, sendo ela muito satisfatória esteticamente, estimulante e organizada visualmente. Contudo, enquanto que ficou demonstrada a tendência da menor valorização e menor preferência pela aparência da cena anterior ao exemplar 8 pelo grupo 1, o grupo 2 indicou como muito insatisfatória e menos preferida a cena diurna com o exemplar (mesmo que este grupo também esteja insatisfeito com a cena anterior ao exemplar). Os dois grupos avaliaram a cena noturna como estimulante e organizada visualmente, a cena anterior ao exemplar como carente de estímulo visual e desorganizada, e a cena diurna como estimulante visualmente para o grupo 1 e desorganizada para o grupo 2. Em complemento, não pode ser afirmado que o exemplar 8 é positivo para a estética do seu entorno, pois, ou as avaliações positivas não são expressivamente mais significativas que as neutras e negativas para o grupo

1, e o impacto é claramente mais negativo para grupo 2. Estas avaliações estão relacionadas, principalmente, à percepção de que as formas e larguras do exemplar são muito diferentes e desordenadas em relação às edificações vizinhas.

Exemplar 9

Neste exemplar, não foi realizada a avaliação da cena anterior à presença da edificação tipo “construído para alugar”, pois não havia informação visual disponível e que pudesse ser utilizada nesta pesquisa.

Não foi encontrada uma diferença estatisticamente significativa (Kendall W) quanto à satisfação com a aparência das duas cenas do exemplar “construído para alugar” 9 (Figura 4.9) ou quanto à maior e menor preferência delas pelo total dos 84 respondentes do grupo 1, pois ambas foram classificadas como muito insatisfatórias esteticamente.



Figura 4.9: Cenas do exemplar 9

A cena 22 teve apenas 22,6% de avaliações positivas e 38,1% de negativas, enquanto a cena 23 teve 13,1% de avaliações positivas e 35,7% negativas (Tabela 4.41).

Tabela 4.41: Níveis de satisfação com a aparência das cenas 22 e 23 do exemplar 9 (continua)

Grupo	Subgrupo (n° respondentes)	Cena	Muito bonita	Bonita	Nem bonita nem feia	Feia	Muito feia	mvo K	mvo K-W	Mm-W
1	Arquitetos (28)	C22(n)	0(0)	2(7,1)	13(46,4)	11(39,3)	2(7,1)	1,50	49,09	-
		C23(d)	0(0)	1(3,6)	15(53,6)	10(35,7)	2(7,1)	1,50	48,14	-
	Não Arquitetos (40)	C22(n)	2(5,0)	11(27,5)	16(40)	10(25)	1(2,5)	1,46	36,08	-
		C23(d)	2(5,0)	6(15,0)	22(55,0)	9(22,5)	1(2,5)	1,54	36,65	-
	Sem formação (16)	C22(n)	1(6,3)	3(18,8)	4(25,0)	5(31,3)	3(18,8)	1,53	47,03	-
		C23(d)	0(0)	2(12,5)	6(37,5)	8(50,0)	0(0)	1,47	47,25	-
	Total (84)	C22(n)	3(3,6)	16(19)	33(39,3)	26(31)	6(7,1)	1,49	-	57,60
		C23(d)	2(2,4)	9(10,7)	43(51,2)	27(32,1)	3(3,6)	1,51	-	57,78

Tabela 4.41: Níveis de satisfação com a aparência das cenas 22 e 23 do exemplar 9 (conclusão)

Grupo	Subgrupo (n° respondentes)	Cena	Muito bonita	Bonita	Nem bonita nem feia	Feia	Muito feia	mvo K	mvo K-W	Mm-W
2	Moradores (31)	C22(n)	0(0)	8(25,8)	10(32,3)	10(32,3)	3(9,7)	1,52	-	59,10
		C23(d)	0(0)	2(6,5)	19(61,3)	9(29,0)	1(3,2)	1,48	-	58,60

Nota: Cn(letra): número da cena (tipo de cena: n=noturna com exemplar; d= diurna com exemplar; a= anterior ao exemplar); n(%) número absoluto de respondentes que avaliaram a cena na categoria em questão (porcentagem de respondentes em relação às amostras individuais ou total); mvo K = média dos valores ordinais obtida através do teste Kendall W (os valores menores referem-se às cenas mais satisfatórias e sua comparação deve ser feita na vertical dentro de cada subgrupo); mvo K-W = média dos valores ordinais obtida através do teste Kruskal-Wallis (os valores menores referem-se às cenas mais satisfatórias e sua comparação deve ser feita na vertical entre as avaliações de cada tipo de cena, por exemplo C22, pelos arquitetos, não arquitetos com formação universitária e indivíduos sem formação universitária); mW-U = média dos valores ordinais obtida pelo teste estatístico Mann-Whitney U (os valores menores referem-se às cenas mais satisfatórias e sua comparação deve ser feita na vertical entre as avaliações de cada tipo de cena, por exemplo C22, pelo total de respondentes do grupo 1 e do grupo 2)

A não preferência expressiva de uma cena (Tabela 4.42) pode ser explicada pela percepção de falta de estímulo visual das mesmas (Tabela 4.43).

Tabela 4.42: Cenas mais e menos preferidas – cenas 22 e 23 do exemplar 9

	Cena mais preferida				
	Grupo 1 (n° respondentes)				Grupo 2
	Total (84)	Arq. (28)	N.Arq. (40)	S.F. (16)	M. ()
C22(n)	45(53,6)	15(53,6)	22(55,0)	8(50,0)	11(35,5)
mvo K	1,54	1,54	1,55	1,50	1,35
mvo K-W	-	42,50	43,10	41,00	-
mM-U	60,80	-	-	-	50,40
C23(d)	39(46,4)	13(46,4)	18(45,0)	8(50,0)	20(64,5)
mvo K	1,46	1,46	1,45	1,50	1,65
mvo K-W	-	42,50	41,90	44,00	-
Mm-U	55,20	-	-	-	65,60

Nota: Cn(letra): número da cena (tipo de cena: n=noturna com exemplar; d= diurna com exemplar; a= anterior ao exemplar); n(%) número absoluto de respondentes avaliaram a cena na categoria em questão (porcentagem de respondentes em relação às amostras individuais ou total); Arq= Arquitetos; N.Arq.= Não arquitetos; S.F.= Respondentes sem formação universitária; M.= Moradores; mvo K = média dos valores ordinais obtida através do teste Kendall W (os valores maiores referem-se às cenas mais apontadas como mais ou menos preferidas e a comparação entre os valores deve ser feita na vertical dentro de cada grupo); mvo K-W = média dos valores ordinais obtida através do teste Kruskal-Wallis (os valores maiores referem-se à maior preferência pela cena e a comparação entre os valores deve ser feita na vertical entre as avaliações de cada tipo de cena, por exemplo C22, pelos arquitetos, não arquitetos com formação universitária e indivíduos sem formação universitária); mW-U = (os valores maiores referem-se às cenas mais satisfatórias e sua comparação deve ser feita na vertical entre as avaliações de cada tipo de cena, por exemplo C22, pelo total de respondentes do grupo 1 e do grupo 2)

Tabela 4.43: Principais justificativas para as preferências – cenas 22 e 23 do exemplar 9

Justificativas dos respondentes	Cena não-preferida - cena 22						
	Total (39)	Arq. (13)	N. Arq. (18)	S.F. (8)	Phi	Sig	M (20)
Diferença entre as formas das edificações	7(17,9)	3(23,1)	2(11,1)	2(25,0)	0,166	0,585	0(0)
Desorganização entre os elementos das edificações	8(20,5)	5(38,5)	2(11,1)	1(12,5)	0,315	0,145	5(25,0)
Falta de estímulo visual na cena	26(66,7)	10(76,9)	9(50,0)	7(87,5)	0,337	0,109	16(80,0)
Justificativas dos respondentes	Cena não-preferida - cena 23						
	Total (45)	Arq. (15)	N. Arq. (22)	S.F. (8)	Phi	Sig	M (11)
Diferença entre as larguras das edificações	5(11,1)	2(13,3)	2(9,1)	1(12,5)	0,064	0,913	3(27,3)
Diferença entre as alturas das edificações	10(22,2)	3(20,0)	3(13,6)	4(50,0)	0,318	0,103	0(0)
Diferença entre as formas das edificações	7(15,6)	4(26,7)	2(9,1)	1(12,5)	0,219	0,338	0(0)
Desorganização entre os elementos das edificações	8(17,8)	4(26,7)	2(9,1)	2(25,0)	0,223	0,328	4(36,4)
Falta de estímulo visual na cena	29(64,4)	10(66,7)	13(59,1)	6(75,0)	0,124	0,706	8(72,7)

Nota: Arq= Arquitetos; N.Arq.= Não arquitetos; S.F.= Respondentes sem formação universitária; M.= Moradores; n(%) número absoluto de respondentes que selecionaram a variável (porcentagem de respondentes em relação às amostras individuais ou

total); são apresentadas as principais justificativas para as cenas mais expressivas;); os valores de Phi e Sig foram obtidos por meio de tabulação cruzada.

Adicionalmente, a maioria (76,2%) do grupo 1 não julgou ser positiva (avaliações neutras e negativas) a presença do exemplar 9 na estética do seu entorno (cena 23) (Tabela 4.44).

Tabela 4.44: Níveis de satisfação com a presença do exemplar 9 no seu entorno imediato - cena 23

Grupo	Subgrupo	M.P.	P.	N.P.N.N	N.	M.N.	mvo K-W	mM-U
1	Arquitetos (28)	0(0)	4(14,3)	14(50)	9(32,1)	1(3,6)	49,02	-
	Não Arquitetos (40)	1(2,5)	10(25)	25(62,5)	3(7,5)	1(2,5)	36,59	-
	Sem formação (16)	0(0)	5(31,3)	4(25,0)	7(43,8)	0(0)	45,88	-
	Total (84)	1(1,2)	19(22,6)	43(51,2)	19(22,6)	2(2,4)	-	54,49
2	Moradores (31)	0(0)	4(12,9)	14(45,2)	10(32,3)	3(9,7)	-	67,52

Nota: n(%) número absoluto de respondentes que avaliaram a cena na categoria em questão (porcentagem de respondentes em relação às amostras individuais ou total); M.P = muito positivo; P. = positivo; N.P.N.N. = nem positivo, nem negativo; N. = negativo; M.N. = muito negativo; mvo K-W = média dos valores ordinais obtida através do teste Kruskal-Wallis (os valores menores referem-se à maior satisfação com a presença do exemplar na cena e a comparação entre deve ser feita na vertical entre cada grupo); mW-U = média dos valores ordinais obtida pelo teste estatístico Mann-Whitney U (os valores menores referem-se à maior satisfação com a presença do exemplar na cena e a comparação entre grupos deve ser feita na vertical).

A avaliação negativa (25,0%) (Tabela 4.44) para a presença do exemplar 9 na estética do seu entorno na cena diurna (cena 23) foram justificados pelo total do grupo 1, fundamentalmente, pela “falta estímulo visual na edificação” (76,1%), pela “diferença entre as formas da edificação e das demais” (52,3%) e pela “falta de ornamentos decorativos na edificação” (52,3%) (Tabela 4.45). Já o julgamento neutro (51,2%) (Tabela 4.44) apontou, fundamentalmente, o aspecto negativo da “falta estímulo visual na edificação” (48,8%) (Tabela 4.45).

Tabela 4.45: Principais justificativas para satisfação com a presença do exemplar 9 na estética do seu entorno – cena 23 (continua)

Avaliações muito positivas e positivas	Grupo 1				Grupo 2
	Total (20)	Arq. (4)	N.Arq. (11)	S.F. (5)	M. (4)
Existência estímulo visual na edificação	7(33,3)	2(50,0)	0(0)	5(100)	3(75,0)
Materiais da edificação	7(33,3)	2(50,0)	3(27,2)	2(40,0)	2(50,0)
Diferença entre as formas da edificação e das demais	4(20,0)	1(25,0)	3(27,2)	0(0)	0(0)
Impacto da marca do estabelecimento na edificação	3(15,0)	1(25,0)	1(9,0)	1(20,0)	0(0)
Avaliações nem positivas, nem negativas	Grupo 1				Grupo 2
	Total (43)	Arq. (14)	N.Arq. (25)	S.F. (4)	M. (14)
Falta estímulo visual na edificação	21(48,8)	8(57,1)	11(44,0)	2(50,0)	8(57,2)
Falta de ornamentos decorativos na edificação	10(27,9)	2(14,3)	6(24,0)	4(100)	4(28,6)
Materiais da edificação	10(23,3)	5(35,7)	4(16,0)	1(25,0)	3(21,4)
Diferença entre as formas da edificação e das demais	5(11,6)	3(21,4)	2(8,0)	0(0)	3(21,4)
Relação desordenada entre as formas da edificação e as das demais	5(11,6)	0(0)	2(8,0)	3(75,0)	7(50,0)
Diferença entre as larguras da edificação e as das demais	3(7,0)	0(0)	0(0)	3(75,0)	3(21,4)

Tabela 4.45: Principais justificativas para satisfação com a presença do exemplar 9 na estética do seu entorno – cena 23 (conclusão)

Avaliações negativas e muito negativas	Grupo 1				Grupo 2
	Total (21)	Arq. (10)	N.Arq. (4)	S.F. (7)	M. (13)
Falta estímulo visual na edificação	16(76,1)	8(80,0)	2(50,0)	6(85,7)	5(38,5)
Diferença entre as formas da edificação e das demais	11(52,3)	4(40,0)	2(50,0)	5(71,4)	5(38,5)
Falta de ornamentos decorativos na edificação	11(52,3)	4(40,0)	2(50,0)	5(71,4)	7(53,8)
Relação desordenada entre as formas da edificação e as das demais	6(22,2)	1(10,0)	2(50,0)	3(42,9)	9(69,2)

Nota: n(%) número absoluto de respondentes que selecionaram a variável (porcentagem de respondentes em relação às amostras individuais ou total); Arq= Arquitetos; N.Arq.= Não arquitetos; S.F.= Respondentes sem formação universitária; M.= Moradores

Também, não foi encontrada uma estatisticamente significativa (Kendall W) quanto à satisfação com a aparência das duas cenas (Figura 4.9) do exemplar 9 ou quanto à maior e menor preferência delas pelo grupo de 28 arquitetos, pois todas as cenas foram avaliadas como muito insatisfatórias, sendo a cena 23 (diurna) um pouco pior avaliada que a cena 22 (noturna) (Tabela 4.41). Em complemento, a expressiva maioria (85,7%) dos arquitetos não julgou ser positiva (avaliações neutras e negativas) a presença do exemplar 9 na estética do seu entorno (cena 23) (Tabela 4.44). Estas avaliações negativas (35,7%) e neutras (50,0%) (Tabela 4.44) estão relacionadas, principalmente, à “falta estímulo visual na edificação” (80,0% para negativas e 57,1%, para neutras) (Tabela 4.45).

Da mesma forma, não foi encontrada uma diferença estatisticamente significativa (Kendall W) quanto à satisfação com a aparência das duas cenas do exemplar 9 (Figura 4.9) ou quanto à maior e menor preferência delas pelo grupo de 40 não arquitetos com formação universitária. Ambas foram muito mal avaliadas (Tabela 4.41). Adicionalmente, a maioria (72,5%) dos não arquitetos com formação não julgou ser positiva (avaliações neutras e negativas) a presença do exemplar 9 na estética do seu entorno (cena 23), mesmo que a avaliação positiva (27,5%) seja maior que a negativa (10,0%) (Tabela 4.44). A avaliação a neutra (62,5%) (Tabela 4.44) e a negativa estão relacionadas, fundamentalmente, aos aspectos negativos da “falta de estímulo visual na edificação” (57,1% para neutra e 80,0% para negativa) (Tabela 4.45).

Também, não foi encontrada uma diferença estatisticamente significativa (Kendall W) quanto à satisfação com a aparência das duas cenas do exemplar 9 (Figura 4.9) ou quanto à maior e menor preferência delas pelo grupo de 16 indivíduos sem formação universitária, pois ambas as cenas foram muito mal avaliadas (Tabela 4.41). Contudo,

a maioria (68,8%) dos indivíduos sem formação não julgou ser positiva (avaliações neutras e negativas) a presença do exemplar 9 na estética do seu entorno (cena 23) (Tabela 4.44). Estas avaliações negativas (43,8%) (Tabela 4.44) estão relacionadas, principalmente, à falta de estímulo visual na edificação” (85,7%), assim como à “diferença entre as formas da edificação e das demais” (71,4%) e à “falta de ornamentos decorativos na edificação” (71,4%) (Tabela 4.45).

Quanto às avaliações do grupo 2, de 31 moradores do entorno, também não foi encontrada uma diferença estatisticamente significativa (Kendall W) quanto à satisfação com a aparência das duas cenas do exemplar 9 (Figura 4.9) ou quanto à maior e menor preferência delas, pois tanto a cena 23 (diurna) quanto a cena 22 (noturna) foram muito mal avaliadas (Tabela 4.41). Contudo, a expressiva maioria (87,2%) dos moradores não julgou ser positiva (avaliações neutras e negativas) a presença do exemplar 9 na estética do seu entorno (cena 23) (Tabela 4.44). Estas avaliações negativas (42,0%) estão relacionadas, principalmente, à “relação desordenada entre as formas da edificação e as das demais” (69,2%) e à “falta de ornamentos decorativos na edificação” (53,8%) (Tabela 4.45).

Portanto, considerando as avaliações individuais das aparências das cenas do exemplar 9 e as preferências por estas pelo total do grupo 1, seus subgrupos e o total do grupo 2, não existem diferenças estéticas significativas entre as cenas 22 (noturna) e 23 (diurna), pois ambas as cenas são muito insatisfatórias e carecem de estímulo visual e organização. Contudo, os grupos avaliaram de maneira de insatisfatória o impacto do exemplar 9 na estética do seu entorno, devido, principalmente, à percepção de falta de estímulo visual na edificação, à desordem em relação às suas formas e das edificações vizinhas, assim como à falta de ornamentos decorativos na edificação.

4.1.1.1 Considerações sobre o objetivo específico 1

Nas cenas do exemplar 1, foi constatada a maior satisfação e preferência com a aparência da cena 1 (noturna), e a menor da cena 3 (anterior ao exemplar) pelo total do grupo 1, seus subgrupos e total do grupo 2. A cena 2 (diurna) foi melhor avaliada que a cena 3 e pior avaliada que a cena 1. Contudo, as cenas 1 e a 2 são insatisfatórias esteticamente, e a cena 3 é muito insatisfatória para estes grupos, com exceção da avaliação da cena 1 pelo grupo de moradores (grupo 2). A cena mais

valorizada foi percebida como a mais estimulante visualmente, e a menos valorizada como a menos estimulante e a mais desorganizada visualmente. A cena diurna foi percebida como mais estimulante que cena anterior ao exemplar. Contudo, mesmo que a aparência da cena diurna com exemplar seja mais satisfatória que a da cena anterior com o exemplar, o impacto do exemplar 1 na estética do seu entorno não é positivo, devido à percepção de desordem do exemplar em relação a edificações vizinhas, ao impacto negativo da marca do estabelecimento e à falta de estímulo visual da edificação.

Na avaliação das aparências das cenas do exemplar 2, foi constatada apenas a maior preferência dos arquitetos pela cena 4 (diurna) do que pela cena 5 (anterior ao exemplar), e a maior satisfação e preferência com a aparência da cena 5 pelos não arquitetos com formação. Esta discordância contribui para que não exista diferença significativa entre as avaliações pelo total do grupo 1. Já para os moradores (grupos 2), a aparência da cena anterior ao exemplar (cena 5) é claramente a mais valorizada e preferida esteticamente. Os grupos justificaram a maior preferência pela cena anterior ao exemplar devido à existência de estímulo visual, enquanto que a preferência pela cena diurna foi em razão da organização de seus elementos. Contudo, nenhuma cena é satisfatória esteticamente para os grupos acima. Ainda, o exemplar 2 é percebido como negativo para a estética do seu entorno, em razão dos seus materiais (placas metálicas), falta de estímulo visual e diferença de formas em relação ao entorno.

Nas cenas do exemplar 3, foi constatada a menor preferência pela aparência da cena 8 (anterior ao exemplar) e da cena 7 (diurna) do que pela aparência da cena 6 (noturna) pelo total do grupo 1. Já nos subgrupos, os arquitetos desvalorizaram mais a aparência da cena 8 (anterior ao exemplar) do que a da cena 7 (diurna) e da cena 6 (noturna). Os não arquitetos com formação, valorizaram mais a cena noturna, e menos a cena anterior ao exemplar, assim como preferiram menos esta cena (cena 8). A cena 8 foi percebida por esses grupos como menos estimulante visualmente. Já os moradores (grupos 2) claramente preferiram e avaliaram de maneira mais satisfatória a aparência da cena 8 (anterior ao exemplar), e pior avaliaram e indicaram como menos preferida a cena 7 (diurna). Os moradores preferiram a cena 8 por ser estimulante visualmente e valorizaram mais a vegetação da cena que os demais grupos. Também, com exceção desta cena anterior ao exemplar para o grupo de

moradores, a aparência de todas as cenas foi avaliada insatisfatoriamente. Ainda, todos os grupos avaliaram o exemplar 3 como negativo (grupo 1) ou muito negativo (grupo 2) para a estética do seu entorno, por julgarem que ele carece de estímulo visual e de ornamentos, e por desvalorizarem seus materiais.

Considerando as cenas do exemplar 4, foi constatada a maior satisfação e preferência com a aparência da cena 10 (diurna) para todos os grupos de respondentes, pois a mesma é percebida como a mais estimulante e organizada visualmente, sendo a única satisfatória esteticamente entre as 3 cenas deste exemplar. A cena 11 (anterior ao exemplar) é a menos valorizada pelo total do grupo 1, enquanto que a menos valorizada pelo grupo 2 (moradores) é a cena 9 (noturna), por a perceberem como menos estimulante visualmente. No entanto, por mais que a cena diurna com o exemplar 4 seja a melhor avaliada, este exemplar não é percebido como positivo para a estética do seu entorno, devido a sua falta de estímulo visual e desorganização deste em relação ao seu entorno, segundo todos os grupos.

Nas cenas do exemplar 5, o total do grupo 1 tende a avaliar individualmente melhor a aparência da cena 13 (diurna), e pior a da cena 12 (noturna), e tende a preferir mais as cenas 14 (anterior ao exemplar) e a cena 13 (diurna) do que a cena 12 (noturna), assim como tende a preferir menos a cena 12 (noturna) e a cena 14 (anterior ao exemplar). Logo, a cena diurna é a que tem menos chance de ser a menos preferida e a cena noturna é a que tem a menor chance de ser a mais preferida. Para o grupo 1, a cena 14 (anterior ao exemplar) é ao mesmo tempo estimulante visualmente e desorganizada, a cena 13 é estimulante visualmente e a 12 carece de estímulo visual. Já o grupo dos moradores claramente avaliou melhor e preferiu a cena anterior ao exemplar, por ela ser estimulante visualmente e pelas características formais casa da cena. Este grupo desvalorizou mais a cena noturna, por ela carecer de estímulo visual. Contudo, com exceção da cena 14 para o grupo dos moradores, as demais cenas são insatisfatórias ou muito insatisfatórias esteticamente para todos os grupos. Ainda, ficou constatado que a presença do exemplar 5 é negativa (grupo 1) ou muito negativa (grupo 2) para a estética do seu entorno, por carecer de estímulo visual e contribuir para a desordem do entorno.

Considerando as cenas do exemplar 6, foi constatada a maior satisfação e preferência com a aparência da cena 16 (diurna) e não da cena 15 (noturna) para todos os grupos de respondentes, por ela ser mais estimulante e organizada visualmente. Contudo, a

cena diurna é satisfatória apenas para o grupo 1 (não moradores). Ainda, o exemplar 6 não é positivo ou satisfatório para a estética do seu entorno segundo o grupo 1, e é muito insatisfatório segundo o grupo 2 (moradores), pois os grupos perceberam negativamente a diferença entre as formas deste exemplar e as do entorno, a desorganização deste exemplar em relação às edificações vizinhas, os materiais da edificação e a falta de estímulo visual.

Quanto às cenas do exemplar 7, ficou constatada a maior preferência do total grupo 1 pela aparência da cena noturna (cena 17), por ser mais estimulante visualmente que a cena diurna (cena 18). Os moradores (grupo 2) avaliaram de maneira mais satisfatória apenas a aparência da cena 17. Ainda, os grupos não avaliaram de forma positiva a presença do exemplar 7 na estética do seu entorno, devido à falta de estímulo visual e de ornamentos nesta edificação, à percepção de desorganização de formas muito diferentes em relação às edificações vizinhas.

Na avaliação das cenas do exemplar 8, foi constatada a maior satisfação e preferência com a aparência da cena noturna (cena 19) por todos os grupos, devido à existência de estímulo visual e organização na cena, sendo ela muito satisfatória esteticamente. Contudo, o grupo 1 desvalorizou mais a aparência da cena anterior ao exemplar (cena 21), e o grupo 2 a cena diurna com o exemplar (cena 20). Ambos grupos indicaram que a cena 21 é carente de estímulo visual e é desorganizada, e que a cena 20 é estimulante para o grupo 1 e desorganizada para o grupo 2. A cena 21 é insatisfatória esteticamente para os dois grupos, e a cena 20 é satisfatória apenas para o grupo 1. Ainda, não é possível afirmar que o exemplar 8 é satisfatório ou positivo para a estética do seu entorno, devido à percepção de suas formas e larguras diferentes e desordenadas em relação às edificações vizinhas.

Quanto ao exemplar 9, apenas é possível afirmar que o seu impacto é insatisfatório para a estética do seu entorno, devido à sua carência de estímulo visual e ornamentos decorativos, assim como pela desordem de suas formas em relação às edificações vizinhas.

Portanto, um número pouco expressivo dentre as vinte e três cenas analisadas tiveram suas aparências julgadas de maneira satisfatória. Os resultados indicam que cenas noturnas com exemplares do tipo “construído para alugar” não são melhor avaliadas ou mais preferidas que cenas diurnas com estes exemplares, ou vice-versa,

considerando as respostas dos grupos 1 (não moradores) e dos seus subgrupos (arquitetos, não arquitetos com formação universitária e indivíduos sem formação universitária) e do grupo 2 (moradores). Já ao comparar os níveis de satisfação e as preferências entre as cenas diurnas ou noturnas, com os exemplares do tipo “construído para alugar”, e as cenas anteriores a estes exemplares, prevaleceu a maior valorização estética das cenas com a tipologia para o grupo 1. Já o grupo 2 valorizou mais as cenas anteriores aos exemplares, mesmo que em metade dos casos as cenas preferidas tenham sido as com a tipologia “construído para alugar. As principais justificativas para as avaliações estéticas foram relacionadas aos conceitos da estética formal. Quando maior a percepção de ordem e estímulo visual nas cenas, melhor a valorização destas. Já a falta de estímulo visual e a desorganização dos elementos nas cenas foram as principais justificativas para a menor valorização da aparência das cenas. Os resultados também demonstram que os moradores parecem valorizar mais expressivamente o conceito de estímulo visual e a presença de vegetação nas cenas em comparação aos não moradores. Contudo, quando questionados especificamente sobre a presença de todos os nove exemplares analisados em seus ambientes predominantemente residenciais, predominaram as avaliações insatisfatórias por todos os grupos. Estas avaliações foram justificadas, principalmente, devido à percepção de que este tipo de edificação carece de estímulo visual, contribui para a desordem da cena, tem seus materiais da fachada avaliados negativamente, carece de ornamentos decorativos e possuem formas muito diferentes das edificações vizinhas. As marcas dos estabelecimentos também foram mencionadas como influenciadoras das avaliações negativas dos impactos dos exemplares, contudo, não ficou claro se estes anúncios comerciais influenciaram na percepção de desordem ou no excesso de complexidade nas cenas. Logo, não é possível afirmar que estas edificações são positivas para os seus entornos urbanos, pois para isto deveriam ser avaliadas de maneira satisfatória.

4.1.2 OBJETIVO ESPECÍFICO 2: Averiguar a existência de diferenças nas avaliações estéticas pelos respondentes com distintos níveis e tipos de formação universitária

Foi encontrada uma diferença estatisticamente significativa (K-W, $\chi^2 = 6,545$, sig. = 0,038) entre arquitetos, não arquitetos com curso universitário e pessoas sem

formação universitária quanto aos níveis de satisfação com a aparência da cena 2 (diurna) do exemplar 1 (Figura 4.1). Essas diferenças estão relacionadas à melhor avaliação desta cena pelos não arquitetos com formação universitária (62,5% de avaliações positivas) e à pior avaliação pelos indivíduos sem formação universitária (31,8% de avaliações positivas) (Tabela 4.1), embora não predomine a avaliação satisfatória para nenhum grupo. Assim, não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas (Kruskall-Wallis) quanto aos níveis de satisfação com as demais cenas ou quanto às cenas do exemplar 1 mais e menos preferidas ou quanto aos níveis de satisfação com a presença deste exemplar na estética do seu entorno por esses três grupos. Contudo, nas justificativas para as respostas “nem positivas nem negativas” da presença do exemplar 1 na estética do seu entorno, a “relação desordenada entre as formas da edificação e as das demais” foi bem mais mencionada pelos os arquitetos (30,8%) do que pelos não arquitetos (4,8%) e pelos sem formação (0%) (Tabela 4.4). Quanto as respostas “negativas ou muito negativas” nesta mesma avaliação, a “diferença entre as formas da edificação” foi mais mencionada pelos arquitetos (83,3%) e pelos sem formação (66,6%) do que pelos não arquitetos (11,1%) (Tabela 4.4). No entanto, não é possível relacionar uma maior ou menor valorização do conceito de ordem por um grupo ou por outro, pois outras variáveis relacionadas a este conceito foram mencionadas por todos os grupos (Tabela 4.5). Portanto, por mais que exista diferença quanto à maior satisfação com a cena diurna pelos não arquitetos com formação universitária, e possa existir diferença em algumas justificativas para a avaliação do impacto do exemplar 1 na estética do seu entorno, as preferências pelas cenas e o nível de satisfação com o impacto do exemplar não foram afetados pelos tipos e níveis de formação universitária dos indivíduos.

Também, foi encontrada uma diferença estatisticamente significativa (K-W, $\chi^2 = 28,697$, sig. = 0,000) quanto à satisfação com a aparência da cena 5 (anterior ao exemplar) do exemplar 2 (Figura 4.2) os diferentes níveis e tipos de formação universitária. Essas diferenças estão relacionadas à melhor avaliação da cena 5 e à maioria de julgamentos positivos (72,5%) pelos não arquitetos com formação universitária, à menor intensidade de avaliações positivas (47,7%) pelos sem formação universitária, e à pior avaliação pelos arquitetos, com a predominância de avaliações negativas (19,6%) sobre as positivas (16,7%) (Tabela 4.6). Não foi

encontrada diferença estatisticamente significativa (Kruskall Wallis) quanto à satisfação com a aparência da cena 4 (diurna). Contudo, foi encontrada uma diferença estatisticamente significativa quanto à preferência da cena 4 (diurna) (K-W, $\chi^2 = 14,518$, sig. = 0,001) e quanto à preferência da cena 5 (K-W, $\chi^2 = 14,518$, sig. = 0,001) (anterior ao exemplar), pois, enquanto os arquitetos preferiram a cena 4 (diurna), os não arquitetos preferiram a cena 5 (Tabela 4.7). Assim, a diferença está relacionada à maior intensidade de preferência da cena diurna pelos arquitetos (72,2%) (Tabela 4.7), devido, principalmente, à percepção de aspectos relacionados à organização da cena (similaridade de alturas e formas e organização dos elementos) (Tabela 4.8), e à menor intensidade de preferência pelos não arquitetos com formação (30,8%) e pelos indivíduos sem formação universitária (47,6%) (Tabela 4.7), em razão, fundamentalmente, da falta de estímulo visual na cena (Tabela 4.8). A diferença na preferência da cena anterior ao exemplar também está relacionada à maior preferência desta cena pelos não arquitetos com formação universitária (69,2%) e pelos indivíduos sem formação (Tabela 4.7) (52,4%), devido, principalmente, à existência de estímulo visual na cena, às características formais da casa da cena e a aspectos relacionados à organização da cena (organização dos seus elementos e similaridade de alturas) (Tabela 4.8), e à menor preferência desta cena pelos arquitetos (27,8%) (Tabela 4.7), em razão, principalmente, à diferença entre alturas e formas das edificações da cena (Tabela 4.8). Contudo, não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas (Kruskall-Wallis) quanto aos níveis de satisfação com o impacto da presença exemplar 2 na estética do seu entorno imediato, pois a avaliação de todos os grupos não foi positiva (Tabela 4.9) e não houve diferença expressiva nas justificativas destes julgamentos (Tabela 4.10). Entretanto, devido às diferenças encontradas nas avaliações individuais das cenas e nas preferências entre as cenas do exemplar 2, a diferença entre os tipos e níveis de formação universitária influenciaram nas avaliações estéticas. Portanto, os arquitetos valorizaram mais a cena que julgaram mais organizada visualmente (cena 4 – diurna), e os demais respondentes valorizam mais a cena que julgaram mais estimulante visualmente (cena 5 – anterior ao exemplar).

Não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas (Kruskall Wallis) quanto aos níveis de satisfação com as 3 cenas do exemplar 3 (Figura 4.3), quanto à cena mais preferida ou quanto aos níveis satisfação com a presença deste exemplar

na estética do seu entorno, de acordo com os níveis e tipos de formação universitária. Todos avaliaram as cenas como insatisfatórias (Tabela 4.11) e preferiram mais a cena noturna (cena 6), assim como não avaliaram a presença do exemplar 3 como positiva no seu entorno. Contudo, foi encontrada uma diferença estatisticamente significativa quanto à menor preferência pela cena 7 (diurna) (K-W, $\chi^2 = 11,872$, sig. = 0,003) e pela cena 8 (anterior ao exemplar) (K-W, $\chi^2 = 9,293$, sig. = 0,010). Enquanto a cena 7 (diurna) foi a menos preferida para a maioria dos arquitetos (61,8%), ela foi a menos preferida para 25,5% dos não arquitetos com formação universitária e para 28,6% dos indivíduos sem formação universitária (Tabela 4.12). Por outro lado, enquanto a cena 8 (anterior ao exemplar) foi a menos preferida por 20,6% dos arquitetos (20,6%), ela foi a menos preferida para a maioria (54%) dos não arquitetos com formação universitária e para 42,9% dos indivíduos sem formação universitária (Tabela 4.12). Não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas (Phi e Sig) quanto às justificativas para essas evidências (Tabela 4.13). Portanto, não existem diferenças entre os três grupos com distintos níveis e tipos de formação com relação às avaliações individuais e à cena preferida, embora exista em relação à cena menos preferida. Enquanto a cena diurna com o exemplar 3 é a menos valorizada pelos arquitetos, a cena com a edificação anterior ao exemplar é a menos valorizada pelos não arquitetos, com ou sem formação universitária.

Ainda, foi encontrada diferença estatisticamente significativa quanto à satisfação com a aparência da cena 9 (noturna) (K-W, $\chi^2 = 7,402$, sig. = 0,025) do exemplar 4 (Figura 4.4) de acordo com os níveis e tipos de formação universitária. Essas diferenças estão relacionadas à melhor avaliação da cena pelos não arquitetos com formação universitária (46,8% de avaliações positivas) em comparação aos arquitetos (25,9% de avaliações positivas) e indivíduos sem formação universitária (23,8% de avaliações positivas), embora a cena seja insatisfatória esteticamente para os três grupos (Tabela 4.16). Não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas (Kruskal-Wallis) quanto à satisfação com as demais cenas ou quanto à maior preferência das cenas, pois todos os grupos preferiram mais a cena diurna (cena 10) (Tabela 4.17). Contudo, foi encontrada uma diferença estatisticamente quanto à menor preferência pela cena 9 (noturna) (K-W, $\chi^2 = 11,235$, sig. = 0,004) e cena 11 (K-W, $\chi^2 = 8,133$, sig. = 0,017) (Tabela 4.17). Essas diferenças estão relacionadas à menor preferência desta cena 9 (noturna) pelos indivíduos sem formação universitária (57,1%) e pelos

não arquitetos com formação universitária (36,2%) do que pelos arquitetos (12,9%), assim como à menor preferência desta cena 11 (anterior ao exemplar) por parte dos arquitetos (80,6%) do que pelos não arquitetos (57,4%) e pelos sem formação (42,9%) (Tabela 4.17), significando a cena menos preferida foi diferente para estes grupos. Não foi encontrada diferença estatisticamente significativa (Kruskall-Wallis) quanto à menor preferência pela cena 10 (diurna) ou quanto aos níveis de satisfação com a presença do exemplar 4 na estética do seu entorno, pois as avaliações dos grupos não foram satisfatórias.

Tanto as principais justificativas para as preferências e não preferências das cenas do exemplar 4 (Figura 4.4) foram as mesmas, relacionadas, principalmente à existência ou falta de estímulo visual (Tabela 4.18). Mesmo sem diferenças quanto ao impacto do exemplar, a variável “diferença entre as formas da edificação e das demais” foi mais mencionada pelos arquitetos (46,1%) do que pelos não arquitetos (4,5%) e pelos sem formação (0,0%) para as avaliações neutras do impacto do exemplar, enquanto a “falta estímulo visual na edificação” foi mais indicada pelos não arquitetos com formação (36,4%) e pelos sem formação (12,5%) do que pelos arquitetos (7,7%) (Tabela 4.20). Contudo, nesta avaliação, não é possível relacionar a maior ou menor valorização de um conceito relacionado à ordem ou estímulo visual por um grupo ou outro, pois outras variáveis relacionadas a esses conceitos foram mencionadas por todos os grupos com expressividade (Tabela 4.20). Portanto, só existe diferença entre os três grupos com distintos níveis e tipos de formação com relação às avaliações individuais de uma cena e quanto à cena menos preferida. Enquanto a cena noturna com o exemplar 4 foi a menos valorizada pelos não arquitetos e pelos indivíduos sem formação, a cena com a edificação anterior ao exemplar é a menos valorizada pelos arquitetos.

Foi encontrada uma diferença estatisticamente quanto à satisfação com a aparência da cena 12 (noturna) (K-W, $\chi^2 = 6,235$, sig. = 0,044) e da cena 13 (diurna) (K-W, $\chi^2 = 5,85$, sig. = 0,027) do exemplar 5 (Figura 4.5) de acordo com os diferentes níveis e tipos de formação universitária, embora as cenas não sejam satisfatórias para os grupos. Essas diferenças estão relacionadas à melhor avaliação desta cena 12 (noturna) pelos indivíduos sem formação universitária (22,8% de avaliações positivas) e pelos não arquitetos com formação universitária (32,3% de avaliações positivas), e à pior avaliação pelos arquitetos (10,0% de avaliações positivas e 40,0% de negativas)

(Tabela 4.21). Essas diferenças também estão relacionadas à melhor avaliação desta cena 13 (diurna) pelos não arquitetos com formação universitária (64,2% de avaliações positivas), e à pior avaliação pelos arquitetos (30,0% de avaliações positivas) e pelos indivíduos sem formação (36,8%) (Tabela 4.21). Não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas (Kruskall-Wallis) quanto à satisfação com a cena 14 (anterior ao exemplar), quanto aos níveis de satisfação com o impacto do exemplar 5 na estética do seu entorno ou quanto à maior e menor preferência destas cenas (Tabela 4.22). Quanto às justificativas para a preferência da cena 14 do exemplar 5, não foram encontradas diferenças significativas (Sig e Phi). Portanto, a cena noturna foi melhor avaliada pelos indivíduos não arquitetos com ou sem formação e pior avaliada pelos arquitetos, e a cena diurna foi melhor avaliada pelos não arquitetos com formação e pior avaliada pelos demais grupos. Contudo, essas diferenças nas avaliações individuais das cenas do exemplar 5 não geraram diferenças significativas nas preferências das cenas e no impacto deste exemplar na estética do seu entorno.

Não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas (Kruskall Wallis) quanto à satisfação com a aparência das duas cenas do exemplar 6 (Figura 4.6), ou quanto às preferências por estas cenas ou quanto ao nível de satisfação com a presença deste exemplar na estética do seu entorno, de acordo com os níveis e tipos de formação universitária. Todos grupos avaliaram de forma mais insatisfatória a cena 15 (noturna), e mais satisfatória a cena 16 (diurna) (Tabela 4.26), sendo esta última a cena mais preferida por eles (Tabela 4.27). Também, todos os grupos indicaram que o impacto do exemplar 6 não pode ser classificado como satisfatório para a estética do seu entorno (Tabela 4.28). As principais justificativas para as avaliações estéticas de preferências foram as mesmas para todos os grupos, e apenas pode ser constatada diferença (Phi e Sig) na maior indicação da “existência de estímulo visual na cena” pelos arquitetos (78,3%) do que pelos não arquitetos com formação (36,8%) e pelos sem formação (53,3), contudo, todos indicaram com expressividade esta variável na maior preferência pela cena 16 (Tabela 4.28). Ainda, a similaridade entre as alturas das edificações foi mencionada mais expressivamente (Phi e Sig) pelos arquitetos (43,5%) do que pelos não arquitetos com formação (13,2%) e pelos sem formação (6,7%) (Tabela 4.28). Contudo, essas diferenças não afetaram as preferências estéticas. Portanto, os tipos e níveis de formação universitária não

afetaram os níveis de satisfação e preferências nas avaliações estéticas relacionadas ao exemplar 6.

Foi encontrada diferença estatisticamente significativa quanto ao nível de satisfação com a aparência da cena 17 (noturna) (K-W, $\chi^2 = 6,242$, sig. = 0,044) do exemplar 7 (Figura 4.7) pelos diferentes tipos e níveis de formação acadêmica. Essa diferença está relacionada à melhor avaliação desta cena pelos indivíduos sem formação universitária (76,4% de avaliações positivas), em comparação às avaliações dos arquitetos (46,5% de avaliações positivas) e dos não arquitetos com formação universitária (57,5% de avaliações positivas) (Tabela 4.31). Não foi encontrada diferença estatisticamente significativa (Kruskall Wallis) quanto aos níveis de satisfação da cena 18 (diurna). Ainda, foi encontrada diferença estatisticamente significativa quanto à maior preferência pela cena 17 (noturna) (K-W, $\chi^2 = 6,100$, sig. = 0,047), embora todos os grupos tenham preferido esta cena. Essa diferença está relacionada à maior preferência pela cena 17 (noturna) pelos indivíduos sem formação universitária (88,2%) em comparação à preferência dos não arquitetos com formação (57,5%) e dos arquitetos (53,6%) (Tabela 4.32). Não foram encontradas diferenças significativas (Phi e Sig) nas principais justificativas para a preferência das cenas (Tabela 4.33), que estão relacionadas à existência de estímulo visual e à organização dos elementos das cenas. Não foi encontrada diferença estatisticamente significativa (Kruskall-Wallis) quanto aos níveis de satisfação com o impacto do exemplar 7 na estética do seu entorno, pois todos os grupos não estão satisfeitos com este impacto (Tabela 4.34). As principais justificativas para este julgamento foram as mesmas para todos os grupos, relacionadas aos conceitos de ordem e estímulo visual, embora os arquitetos não tenham mencionado a “falta de ornamentos decorativos na edificação”, enquanto os não arquitetos com formação (27,3%) e os sem formação (44,4%) indicaram esta variável nas avaliações “nem positivas nem negativas” (Tabela 4.35). Contudo, outras variáveis relacionadas ao estímulo visual foram mencionadas por todos os grupos. Portanto, os indivíduos sem formação universitária valorizaram mais a cena noturna com o exemplar 7 do que os arquitetos e não arquitetos com formação. Contudo, esta cena foi a mais preferida por todos os grupos, e não foram encontradas diferenças nas justificativas para estas preferências, que estão relacionadas à existência de estímulo visual nas cenas e à organização dos seus elementos.

Também, foi encontrada diferença estatisticamente significativa quanto ao nível de satisfação com a aparência da cena 20 (diurna) (K-W, $\chi^2 = 6,2499$, sig. = 0,043) do exemplar 8 (Figura 4.8) de acordo com os tipos e níveis de formação universitária. Essa diferença está relacionada à avaliação satisfatória da aparência desta cena pelos indivíduos não arquitetos com formação universitária (72,5% de avaliações positivas) e pelos arquitetos (78,6% de avaliações positivas), e à avaliação mais insatisfatória pelos sem formação universitária (47,1% de avaliações positivas e 17,6% de avaliações negativas) (Tabela 4.36). Não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas (Kruskall-Wallis) quanto aos níveis de satisfação com as demais cenas ou quanto à cena mais preferida e quanto aos níveis de satisfação com o impacto do exemplar 8 na estética do seu entorno. Todos os grupos preferiram mais a cena 19 (noturna) (Tabela 4.37) e não avaliaram de forma satisfatória a presença do exemplar 8 na estética da cena diurna (cena 20) (Tabela 4.39). Contudo, foi encontrada diferença estatisticamente significativa (K-W, $\chi^2 = 7,062$, sig. = 0,029) quanto à menor preferência pela cena 20 (diurna) do exemplar 8 (Figura 4.8). Esta cena foi menos preferida por apenas 7,5% dos indivíduos não arquitetos com formação universitária, e foi menos preferida por 15,3% dos arquitetos e por 35,3% dos indivíduos sem formação universitária, o que significa que enquanto esta cena é a segunda menos preferida pelos arquitetos e pelos sem formação, ela é a terceira menos preferida pelos não arquitetos com formação (Tabela 4.37). Contudo, isso não influenciou na escolha da menor preferência pela cena 21 (anterior ao exemplar) por todos os grupos (Tabela 4.37). Foi encontrada uma diferença significativa (Phi e Sig) apenas quanto à justificativa “desorganização entre os elementos das edificações” para esta menor preferência da cena 21, pois os arquitetos (75,0%) a mencionaram mais expressivamente que os não arquitetos com formação (33,3%) e os sem formação (0,0%) (Tabela 4.38). Contudo, outras variáveis relacionadas ao conceito de ordem e também ao estímulo visual foram mencionadas consideravelmente por todos os indivíduos para esta e para outras preferências de cenas deste exemplar, assim como para a avaliação do impacto do exemplar 8 na estética do seu entorno, sendo mencionadas de forma parecida, não podendo ser estabelecida alguma diferença mais expressiva (Tabela 4.38). Portanto, o nível e tipo de formação universitária influenciou apenas na avaliação da cena diurna com o exemplar 8 e na menor preferência por esta cena, pois os indivíduos sem formação claramente a desvalorizaram mais esteticamente em comparação aos demais grupos. As principais

justificativas para essas diferenças foram as mesmas para todos os grupos, contudo, os indivíduos sem formação não mencionaram a desorganização dos elementos das edificações, enquanto os demais indivíduos claramente foram mais afetados com este aspecto na cena diurna. No entanto, não é possível afirmar que este tenha sido o motivo para a diferença encontrada. Assim, as avaliações individuais das demais cenas, assim como a cena mais e menos preferida e à satisfação com o impacto do exemplar 8 na estética do seu entorno não foram influenciadas pelos níveis e tipos de formação universitária dos respondentes.

Não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas (Kruskall Wallis) quanto aos níveis de satisfação das duas cenas do exemplar 9 (Figura 4.9), ou quanto às preferências entre essas cenas, ou quanto aos níveis de satisfação com o impacto deste exemplar na estética do seu entorno, de acordo com grupos de diferentes níveis e tipos de formação universitária. Todos os grupos avaliaram de forma insatisfatória as cenas (Tabela 4.41), preferiram as cenas com intensidade parecida (Tabela 4.42), assim como avaliaram o impacto do exemplar 9 de forma insatisfatória na estética do seu entorno (Tabela 4.44). As principais justificativas para as preferências dos grupos foram as mesmas, todos os grupos avaliaram as cenas como desorganizadas e com falta de estímulo visual (Tabela 4.43). Foi encontrada diferença significativa (Phi e Sig) apenas em relação à variável “existência de estímulo visual na cena”, que foi mais mencionada pelos indivíduos sem formação universitária (62,5%) do que pelos arquitetos (23,1%) e não arquitetos com formação (11,1%) para a preferência da cena 23 (diurna) (Tabela 4.43). Portanto, o tipo e nível de formação universitária não influenciou nas avaliações estéticas relacionadas ao exemplar 9.

4.1.2.1 Considerações sobre o objetivo específico 2

As diferenças entre os grupos de respondentes de acordo com o nível e tipo de formação acadêmica influenciam nos níveis de satisfação com a aparência da cena 1 (diurna) do exemplar 1, que foram melhor avaliadas pelos não arquitetos com formação e pior avaliadas pelos demais respondentes. Contudo, tal diferença não influenciou nas preferências entre as cenas. Já nas cenas do exemplar 2, os arquitetos valorizaram mais e preferiram a cena que julgaram mais organizada visualmente (cena diurna), e os demais respondentes valorizam mais e preferiram a cena que julgaram mais estimulante visualmente (cena anterior ao exemplar). Ainda, enquanto

a cena diurna com o exemplar 3 é a menos valorizada pelos arquitetos, a cena com a edificação anterior ao exemplar é a menos valorizada demais grupos. Também, enquanto a cena noturna com o exemplar 4 foi a menos valorizada pelos não arquitetos e pelos indivíduos sem formação, a cena com a edificação anterior ao exemplar é a menos valorizada pelos arquitetos. Contudo, a cena menos preferida foi diferente: os indivíduos sem formação universitária indicaram como menos preferida a cena noturna com exemplar 4 e os demais escolheram a cena anterior ao exemplar 4.

Já a aparência da cena noturna do exemplar 5 foi melhor avaliada pelos indivíduos não arquitetos com ou sem formação e pior avaliada pelos arquitetos, e a cena diurna foi melhor avaliada pelos não arquitetos com formação e pior avaliada pelos demais grupos. Contudo, essas diferenças nas avaliações individuais das cenas do exemplar 5 não geraram diferenças significativas nas preferências das cenas e no impacto deste exemplar na estética do seu entorno. Também, por mais que os indivíduos sem formação universitária tenham valorizado mais e preferido com mais intensidade a cena noturna com o exemplar 7 do que os arquitetos e não arquitetos com formação, esta cena foi a mais preferida por todos os grupos, e não foram encontradas diferenças nas justificativas para estas preferências, que estão relacionadas à existência de estímulo visual nas cenas e à organização dos seus elementos.

O nível e tipo de formação universitária influenciou apenas na avaliação da aparência da cena diurna com o exemplar 8 e na menor preferência por esta cena, pois os indivíduos sem formação claramente a desvalorizaram mais esteticamente em comparação aos demais grupos. Mesmo que os indivíduos sem formação não tenham mencionado a desorganização dos elementos das edificações, enquanto os demais indivíduos claramente tenham sido mais afetados com este aspecto na cena diurna, não é possível afirmar que este tenha sido o motivo para a diferença encontrada.

Portanto, apenas em três casos a diferença entre grupos acarretou na diferença entre a escolha das cenas mais ou menos preferidas entre arquitetos e os demais grupos, afetando 4 das 23 cenas. As demais diferenças pontuais nos níveis de satisfação de 6 cenas e nas intensidades de maior preferência de 2 cenas e menor preferência de 1 cena não geraram discordâncias entre as avaliações dos três grupos considerados. Em complemento, os resultados não foram suficientes para apontar a valorização mais significativa de uma justificativa para as avaliações estéticas, pois todos os

grupos mencionaram, principalmente, aspectos relacionados tanto ao conceito de ordem como ao conceito de estímulo visual, mesmo que a intensidade possa ter variado um pouco em determinadas cenas. Portanto, considerando todas as avaliações de aparência das cenas, as preferências e os níveis com a satisfação da presença dos exemplares na estética de seus entornos, as diferenças encontradas entre arquitetos, não arquitetos e indivíduos sem formação não foram suficientes para afetar de maneira determinante os julgamentos estéticos envolvendo as edificações do tipo “construído para alugar”.

4.1.3 OBJETIVO ESPECÍFICO 3: Investigar a existência de diferenças nas avaliações estéticas de acordo com o nível de familiaridade dos respondentes com as cenas.

Foram considerados familiares os indivíduos residentes a um período de tempo que os permitisse conhecer o entorno antes da implantação dos exemplares, assim como deveriam morar a uma distância de até 500 metros destas edificações.

Não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas (Mann-Whitney) quanto aos níveis de satisfação com as 3 cenas do exemplar 1 (Figura 4.1), quanto às preferências destas cenas, ou quanto os níveis de satisfação com a presença deste exemplar 1 na estética do seu entorno entre os não moradores (grupo 1) e os moradores (grupo 2). Quanto às justificativas para a preferência pela cena 2 (diurna), as variáveis relacionadas ao conceito de ordem foram expressivamente mais mencionadas pelos não moradores do que pelos moradores, que valorizaram mais expressivamente o estímulo visual e a familiaridade com a cena (Tabela 4.3). Contudo, a maior familiaridade com a cena 3 (com a edificação que foi substituída pelo exemplar 1) do que com a cena 2 (diurna com o exemplar 1) não gerou uma melhor avaliação e uma preferência pela cena 3 pelos moradores da área onde se encontra o exemplar 1. Quanto às justificativas para as avaliações neutras do impacto do exemplar 1 na estética do seu entorno, os moradores mencionaram mais (50,0%) a variável “materiais da edificação” do que os não moradores (8,90%), assim como nas avaliações negativas, onde 62,5% dos moradores indicaram esta justificativa, em comparação com 27,7% dos não moradores (Tabela 4.4). Portanto, não foi constatada uma relação entre uma maior valorização da cena e a familiaridade com tal cena, estando as avaliações individuais das cenas e do impacto do exemplar 1 na estética

do seu entorno, assim como as preferências, mais relacionadas aos aspectos formais do que aos simbólicos.

Ainda, não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas (Mann-Whitney) quanto aos níveis de satisfação com as duas cenas do exemplar 2 (Figura 4.2), quanto à presença deste exemplar na estética do seu entorno imediato, ou quanto às preferências entre os não moradores (grupo 1) e os moradores (grupo 2), mesmo que o grupo 2 tenha preferido a cena anterior ao exemplar e o grupo 1 não tenha tido uma preferência ce A principal justificativa para a maior preferência pela cena 5, tanto para moradores quanto para não moradores foi a existência de estímulo visual, contudo, quanto às demais justificativas, os moradores mencionaram com maior intensidade a familiaridade com esta cena (29,2%) do que os não moradores (8,7%) (Tabela 4.8). As principais justificativas para a preferência da cena 4 para não moradores foram mais relacionadas à organização da cena, enquanto que para os moradores foi a existência de estímulo visual, e os moradores mencionaram com maior intensidade (33,3%) a familiaridade com esta cena do que os não moradores (9,6%) (Tabela 4.8). Ainda, ambos os grupos avaliaram o impacto do exemplar 2 na estética do seu entorno de forma mais negativa (Tabela 4.9). Portanto, o fato dos moradores serem mais familiares tanto com a cena diurna com o exemplar quanto com a cena anterior ao exemplar não afetou diferenças entre as avaliações e preferências, mesmo que a preferência tenha sido justificada (de forma expressiva) com base na familiaridade com a cena. Assim, a estética formal está mais relacionada do que a estética simbólica com as avaliações e preferências dos grupos.

Foi encontrada diferença estatisticamente significativa (Mann Whitney $U=905,000$; sig. = 0,001) na avaliação da cena 7 (diurna) (Figura 4.3) do exemplar 3 pelos não moradores (grupo 1) e pelos moradores (grupo 2), predominando a melhor avaliação pelos não moradores (49,1% de avaliações positivas pelos moradores e 14,3% de positivas pelos não moradores), mesmo que esta cena não possa ser classificada como satisfatória esteticamente por ambos os grupos (Tabela 4.11). Adicionalmente, foi encontrada uma diferença estatisticamente significativa (Mann Whitney $U=974,5000$; sig. = 0,003) quanto à satisfação com a cena 8 (anterior ao exemplar) (Figura 4.3), onde os moradores a avaliam como muito mais satisfatória (75,0% de avaliações positivas) que os não moradores (41,5% de avaliações positivas) (Tabela 4.11). Não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas (Mann

Whitney U) quanto à satisfação com a cena 6 (Tabela 4.11) (Figura 4.3). Também, foi encontrada diferença estatisticamente significativa quanto à maior preferência pela cena 6 (noturna) (Mann Whitney U=1016,000; sig. = 0,002), quanto à maior preferência pela cena 7 (diurna) (Mann Whitney U=596,000; sig. = 0,000) e quanto à maior preferência pela cena 8 (anterior ao exemplar) (Mann Whitney U=596,000; sig. = 0,000). As diferenças estão relacionadas à expressiva maior preferência da cena 6 (noturna) (38,7%) e 7 (diurna) (28,3%) por parte dos não moradores, e à expressiva maior preferência da cena 8 (anterior ao exemplar) pelos moradores (92,9%) (Tabela 4.12). Adicionalmente, foi encontrada uma diferença estatisticamente significativa entre as avaliações quanto à menor preferência pela cena 7 (diurna) (Mann Whitney U=822,500; sig. = 0,000) e quanto à menor preferência pela cena 8 (anterior ao exemplar) (Mann Whitney U=920,500; sig. = 0,000). As diferenças encontradas estão relacionadas à menor preferência pela cena 7 (diurna) (82,1%) por parte dos moradores e à menor preferência pela cena 8 (anterior ao exemplar) (40,6%) por parte dos não moradores (Tabela 4.12). Não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas (Mann Whitney U) quanto à menor preferência pela cena 6 (noturna). Quanto às justificativas apontadas para as preferências, a familiaridade com a cena não foi apontada pelos moradores para justificar suas preferências pela cena 8 (anterior ao exemplar 3) de forma significativa (11,5%), sendo mais mencionada pelos não moradores (25,7%) (Tabela 4.13), justamente os menos familiares com a cena. A existência da vegetação foi muito mais valorizada pelos moradores (65,4%) do que pelos não moradores (25,7%) na preferência pela cena 8 (anterior ao exemplar), assim como a existência de estímulo visual, mencionada por 92,3% dos moradores e por 54,3% não moradores (Tabela 4.13).

Ainda relacionado ao exemplar 3, foi encontrada uma diferença estatisticamente significativa (Mann Whitney U=382,500; sig. = 0,000) entre as avaliações dos não moradores e moradores quanto à satisfação com a presença do exemplar 3 na estética do seu entorno (Figura 4.3). Essa diferença está relacionada à expressiva pior avaliação do impacto do exemplar pelos moradores (82,2% de avaliações negativas e muito negativas) em comparação às avaliações dos não moradores (19,0% de avaliações negativas) (Tabela 4.14). Mesmo que os resultados indiquem uma avaliação não satisfatória também para os não moradores, ainda assim eles tiveram 30,5% de julgamentos positivos, contra nenhum (0%) dos moradores (Tabela 4.14).

Quanto às justificativas para as avaliações negativas do impacto deste exemplar 3, os materiais utilizados na fachada da edificação foram bem mais mencionados pelos moradores (91,3%) do que pelos não moradores (10,0%), a falta de ornamentos na edificação foi mais mencionada pelos moradores (78,3%) do que pelos não moradores (25,0%) e a retirada da vegetação foi mencionada apenas pelos moradores (26,1%) (Tabela 4.15). Contudo, todas as justificativas apontadas pelos dois grupos para as avaliações mais expressivas estão relacionadas aos aspectos formais da edificação, e não estão relacionados aos aspectos simbólicos de familiaridade com a cena ou com a edificação (Tabela 4.15).

Portanto, existe uma clara diferença na valorização estética das cenas do exemplar 3 pelos não moradores (grupo 1) e moradores do entorno (grupo 2). Os não moradores tendem a valorizar mais a cena diurna (cena 7) e a noturna (cena 6) com o exemplar 3, enquanto os moradores tendem a valorizar mais a cena com a edificação anterior ao exemplar 3 (cena 8), assim como tendem a estarem muito mais insatisfeitos com o impacto do exemplar 3 na estética do seu entorno do que os não moradores. Contudo, essas diferenças não estão relacionadas à familiaridade com as cenas, e sim aos aspectos formais destas, indicando que os moradores são mais críticos e tendem a valorizar mais o estímulo visual e a preservação da vegetação na cena 8, enquanto os não moradores não parecem tão afetados por esta última justificativa.

Não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas (Mann-Whitney) quanto aos níveis de satisfação com as três cenas analisadas do exemplar 4 (Figura 4.4), quanto aos níveis de satisfação com a presença deste exemplar no seu entorno imediato, ou quanto às preferências das cenas entre os não moradores (grupo 1) e os moradores (grupo 2), mesmo que os moradores tenham apontado a cena 9 (noturna) como a menos preferida e os não moradores tenham apontado a cena 11 (anterior ao exemplar) como a menos preferida (Tabela 4.17). Todos os grupos preferiram mais a mesma cena 10 (diurna) (Tabela 4.17) e as avaliações individuais das cenas deste exemplar 4 foram similares, pois todos os grupos não avaliaram de forma satisfatória as cenas 9 e 11, e avaliaram mais satisfatoriamente a cena 10 (diurna) (Tabela 4.16). Quanto às justificativas para as preferências das cenas, os não moradores mencionaram mais (23,3%) a justificativa “familiaridade com a cena” do que os moradores (4,8%) para preferência da cena 10 (diurna) (Tabela 4.18). Contudo, a maior familiaridade com a cena 10 justamente pelos não moradores (que tendem a

ser menos familiares com a região) não gerou uma melhor avaliação e uma maior preferência por esta cena por estes indivíduos se comparados com os moradores. Portanto, não foi constatada uma relação entre uma maior valorização da cena e a familiaridade com tal cena, estando as avaliações individuais das cenas e as preferências mais relacionadas à estética formal do que à estética simbólica.

Foi encontrada diferença estatisticamente significativa entre as avaliações dos não moradores (grupo 1) e moradores (grupo 2) quanto à satisfação com a aparência da cena 12 (noturna) (Mann Whitney U=848,500; sig. = 0,007) e da cena 14 (anterior ao exemplar) (Mann Whitney U=745,500; sig. = 0,001) do exemplar 5 (Figura 4.5). A cena 12 (noturna) foi melhor avaliada pelos não moradores, e a cena 14 (anterior ao exemplar) foi melhor avaliada pelos moradores do que pelos não moradores (Tabela 4.13). Não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas (Mann Whitney U) quanto à satisfação com a aparência da cena 13 (diurna). Contudo, foi encontrada diferença estatisticamente significativa quanto à maior preferência pela cena 13 (diurna) (Mann Whitney U=870,500; sig. = 0,006), quanto à maior preferência pela cena 14 (anterior ao exemplar) (Mann Whitney U=762,500; sig. = 0,001) e quanto à menor preferência pela cena 14 (anterior ao exemplar) (Mann Whitney U=879,000; sig. = 0,006). A cena 13 (diurna) foi mais preferida pelos não moradores (44,0%) do que pelos moradores (14,8%), e cena 14 (anterior ao exemplar) foi mais preferida pelos moradores (85,2%) do que pelos não moradores (47,3%) (Tabela 4.22). Ainda, a cena 14 (anterior ao exemplar) foi expressivamente menos preferida pelos não moradores (39,6%) do que pelos moradores (9,1%) (Tabela 4.22). Não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas (Mann Whitney U) quanto à maior preferência pela cena 12, ou à menor preferência pelas cenas 12 e 13. Quanto às justificativas para a preferência da cena 14, anterior ao exemplar, a existência de estímulo visual na cena e as características da casa foram mais mencionadas pelos moradores (91,3% e 34,8%, respectivamente) do que pelos não moradores (34,9% e 14,0%), enquanto que a familiaridade com a cena e a diferença entre as formas das edificações foram mais mencionadas pelos não moradores (23,3% e 27,9%, respectivamente) do que os moradores (4,3% ambas variáveis) (Tabela 4.23).

Ainda, foi encontrada diferença estatisticamente significativa (Mann Whitney U=597,500; sig. = 0,000) quanto aos níveis de satisfação com o impacto do exemplar

5 na estética do seu entorno (Figura 4.5). Essa diferença está relacionada à expressiva pior avaliação do impacto do exemplar pelos moradores (74,1% de avaliações negativas e muito negativas) em comparação aos não moradores (19,8% de avaliações negativas e muito negativas) (Tabela 4.24), mesmo que o impacto também não possa ser avaliado como positivo para os não moradores. As principais justificativas para estas avaliações foram as mesmas e de intensidades parecidas, relacionadas à desordem e falta de estímulo visual para as avaliações negativas, e relacionadas à existência de estímulo visual e ordem para as positivas, sem que fossem mencionados aspectos relacionados à familiaridade (Tabela 4.25).

Portanto, fica clara a maior valorização da cena noturna e diurna com o exemplar 5 pelos não moradores, enquanto existe a clara maior valorização da cena anterior ao exemplar pelos moradores, tanto que estes avaliaram de forma muito mais negativa o impacto do exemplar 5 na estética do seu entorno. Ainda, os motivos para essas avaliações estéticas estão claramente mais relacionados à estética formal do que à simbólica, e justamente os indivíduos mais familiares com as cenas foram os que menos mencionaram a familiaridade para suas preferências estéticas. Logo, a maior familiaridade com a cena não foi o motivo para as diferenças entre as intensidades das avaliações de moradores e não moradores, e sim os aspectos formais das cenas e do exemplar 5, indicando que os moradores foram mais críticos ao realizar avaliações estéticas de cenas no entorno da sua residência.

Foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre as avaliações dos não moradores (grupo 1) e moradores (grupo 2) quanto à satisfação com a aparência da cena 15 (noturna) (Mann Whitney U=1060,500; sig. = 0,005) e da cena 16 (diurna) (Mann Whitney U=822,500; sig. = 0,000) do exemplar 6 (Figura 4.6). Essas diferenças estão relacionadas ao maior nível de satisfação com ambas as cenas pelos não moradores (Tabela 4.26). A cena 15 (noturna) foi classificada como insatisfatória esteticamente para ambos os grupos (24,4% de avaliações negativas ou muito negativas pelos não moradores e 48,6% pelos moradores) e a cena 16 (diurna) foi classificada como satisfatória esteticamente pelos não moradores (77% de avaliações positivas e muito positivas) e menos satisfatória pelos moradores (34,3% de avaliações positivas e muito positivas) (Tabela 4.26). Não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas (Mann Whitney U) quanto à maior preferência das cenas 15 e 16. Contudo, quanto às justificativas para as preferências,

o grupo de moradores mencionou mais expressivamente (21,2%) a “existência de vegetação”, em comparação com os não moradores (3,9%), assim como a existência de estímulo visual (90,9% pelos moradores e 52,6% pelos não moradores) para a preferência da cena diurna (cena 16) (Tabela 4.28). A familiaridade com a cena foi apontada por 12,1% dos moradores como justificativa para maior preferência pela cena 16, sendo também apontada por 14,5% dos não moradores (Tabela 4.28). Também, foi encontrada diferença estatisticamente significativa (Mann Whitney $U=636,000$; sig. = 0,000) quanto ao nível de satisfação com o impacto do exemplar 6 na estética do seu entorno. Essa diferença está relacionada à expressiva pior avaliação do impacto do exemplar pelos moradores (65,7% de avaliações negativas e muito negativas) em comparação aos não moradores (13,8% de avaliações negativas) (Tabela 4.29), embora os não moradores não tenham classificado como satisfatório este impacto. As justificativas mais expressivas para estas avaliações foram as mesmas para os dois grupos, contudo, a falta de estímulo visual do exemplar 6 foi claramente mais mencionada pelos moradores (60,9%) do que pelos não moradores (16,7%) na avaliação negativa do impacto deste exemplar (Tabela 4.30). Não foram mencionadas justificativas relacionadas à familiaridade com a cena para estes julgamentos (Tabela 4.30).

Portanto, os resultados indicam a maior valorização estética das cenas diurna e noturna com o exemplar 6 pelos não moradores, e a expressiva maior insatisfação com o impacto deste exemplar na estética do seu entorno pelos moradores, mesmo que essas diferenças não tenham influenciado nas cenas mais preferidas. Contudo, as justificativas para as preferências e para os níveis de satisfação com o impacto do exemplar 6 no seu entorno indicam que as avaliações estão baseadas nos aspectos formais das cenas e da edificação, e não estão relacionados à maior familiaridade com uma cena, indicando que os moradores valorizaram mais a presença de estímulo visual e a presença de vegetação em uma cena do que os não moradores.

Não foi encontrada diferença estatisticamente significativa (Mann Whitney U) quanto aos níveis de satisfação com a aparência das duas cenas do exemplar 7 (Figura 4.7), quanto ao impacto deste exemplar na estética do seu entorno ou quanto à preferência entre as cenas pelos grupos de moradores e não moradores. Ambos os grupos avaliaram melhor a cena 17 (noturna) e preferiram mais esta cena (Tabela 4.32), assim como não avaliaram de forma satisfatória o impacto do exemplar 7 na estética

do seu entorno na cena diurna (cena 18) (Tabela 4.34). Quanto às justificativas mencionadas para a preferência da cena 17, as principais justificativas foram as mesmas e de intensidades parecidas, e a familiaridade foi mencionada por 11,3% dos não moradores e 15,0% dos moradores (Tabela 4.33). Ainda, as principais justificativas para os níveis de satisfação com o impacto do exemplar na estética do seu entorno foram as mesmas para os dois grupos e não foram identificadas diferenças significativas entre elas, além de não ter sido mencionada a familiaridade como motivo para as avaliações (Tabela 4.35). Portanto, o fato dos respondentes serem moradores ou não do entorno (ou mais ou menos familiares com o entorno) não influenciou as avaliações estéticas relacionadas ao exemplar 7.

Foi encontrada diferença estatisticamente significativa (Mann Whitney $U=948,500$; sig. = 0,001) quanto ao nível de satisfação com a aparência da cena 19 (noturna) do exemplar 8 (Figura 4.8) pelos indivíduos moradores e não moradores. Os moradores avaliaram esta cena de forma mais intensamente positiva que os não moradores, embora ambos os grupos a tenham julgado como muito satisfatória esteticamente: 97,0% de avaliações muito bonitas e bonitas pelos moradores e 84,7% de avaliações muito bonitas e bonitas pelos não moradores (Tabela 4.36). Adicionalmente, foi encontrada diferença estatisticamente significativa (Mann Whitney $U=738,500$; sig. = 0,000) quanto ao nível de satisfação com a aparência da cena 20 (diurna), onde os não moradores claramente a avaliam de forma muito mais satisfatória que os moradores, predominando as avaliações positivas para os não moradores (69,4% de avaliações muito bonitas e bonitas) e as negativas para os moradores (38,2% de avaliações feias ou muito feias) (Tabela 4.36). Não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas (Mann Whitney U) quanto ao nível de satisfação com a aparência da cena 21 (anterior ao exemplar), pois ambos os grupos não a avaliaram e forma satisfatória.

Ainda, quanto ao exemplar 8, foi encontrada diferença estatisticamente significativa quanto à maior preferência pela cena 19 (noturna) (Mann Whitney $U=943,500$; sig. = 0,000) entre os moradores e não moradores. Por mais que esta cena tenha sido a mais preferida pelos dois grupos, os moradores a mencionaram mais expressivamente (91,2%) que os não moradores (56,5%) (Tabela 4.37). Já a diferença estatisticamente significativa encontrada quanto à maior preferência pela cena 20 (diurna) (Mann Whitney $U=1037,000$; sig. = 0,001) foi em decorrência da maior

expressividade de não moradores (28,2%) que a mencionaram como preferida do que os moradores (0,0%) (Tabela 4.37). Também, foi encontrada diferença estatisticamente significativa quanto à menor preferência pela cena 20 (diurna) (Mann Whitney U=773,500; sig. = 0,000) e quanto à menor preferência pela cena 21 (anterior ao exemplar) (Mann Whitney U=1504,500; sig. = 0,000). Essas diferenças estão relacionadas à escolha da cena 20 (diurna) como a menos preferida por 61,8% dos moradores, enquanto apenas 15,3% dos não moradores a indicaram, assim como estão relacionadas à escolha da cena 21 (anterior ao exemplar) como a cena menos preferida por 75,3% dos não moradores, enquanto 38,2% dos moradores indicaram esta cena (Tabela 4.37). Os não moradores mencionaram com mais intensidade aspectos relacionados à organização da cena 19 (noturna) (37,5% para organização entre elementos e 18,8% para similaridade entre as formas) do que os moradores (16,1% para organização entre elementos e 0% para similaridade entre as formas) para a preferência desta cena (Tabela 4.38). Para a menor preferência pela cena 20, os moradores (66,7%) foram mais afetados pela desorganização entre os elementos das edificações que os não moradores (30,8%), contudo, estes também mencionaram outras variáveis relacionadas à desorganização (Tabela 4.38). Em relação à variável “familiaridade com a cena” como justificativa para a preferência, ela foi mencionada por 33,3% dos não moradores quanto à cena 20 (diurna) e não foi mencionada pelos moradores (Tabela 4.38). Quanto à cena 21, não houve diferença significativa entre as justificativas mencionadas para sua preferência (Tabela 4.38).

Ainda, foi encontrada diferença estatisticamente significativa (Mann Whitney U=U:777,000; sig. = 0,000) quanto ao nível de satisfação com o impacto do exemplar do 8 (Figura 4.8) na estética do seu entorno pelos grupos de moradores e não moradores. Essa diferença está relacionada à expressiva pior avaliação do impacto do exemplar pelos moradores (44,1% de avaliações negativas e muito negativas) em comparação aos não moradores (11,9% de avaliações negativas) (Tabela 4.39). Mesmo que os resultados indiquem uma avaliação insatisfatória também para os não moradores, ainda assim eles tiveram 56,0% de julgamentos positivos, contra 19,2% dos moradores (Tabela 4.39). As justificativas mencionadas tanto pelos moradores, quanto pelos não moradores foram as mesmas (Tabela 4.40). Contudo, para os moradores, o exemplar é percebido expressivamente de forma mais desorganizada em relação ao seu entorno (73,4%) do que para os não moradores (30,0%) nas

avaliações negativas (Tabela 4.40). Não foram indicadas justificativas relacionadas à maior familiaridade com a cena pelos moradores e não moradores para esta avaliação estética.

Portanto, as diferenças encontradas quanto às avaliações estéticas do exemplar 8 indicam haver uma maior valorização da cena noturna com exemplar pelos moradores, mesmo que os não moradores também a avaliem muito satisfatoriamente e ambos os grupos tenham preferido esta cena. Contudo, as diferenças indicam a clara desvalorização da cena diurna com o exemplar e da relação deste com seu entorno pelos moradores, indicando que eles foram mais afetados pela desorganização dos elementos da cena e do exemplar 8 em relação ao seu entorno do que os não moradores, e indicaram ser esta a cena menos preferida. Já os moradores claramente valorizaram mais a cena diurna com o exemplar, e não a indicaram como a cena menos preferida, embora não tenham avaliado de forma satisfatória o exemplar 8 para a estética do seu entorno. A familiaridade com a cena foi apenas mencionada pelos não moradores (os menos familiares com a cena) nas preferências pela cena diurna com exemplar, contudo esta não foi a cena mais preferida por eles. Desta forma, as diferenças encontradas entre as avaliações de moradores e não moradores não estão relacionadas à maior familiaridade com as cenas, não estando relacionadas à estética simbólica, e sim à estética formal.

Não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas (Mann Whitney U) quanto aos níveis de satisfação das duas cenas do exemplar 9 (Figura 4.9) ou quanto às preferências por estas cenas pelos grupos de moradores e não moradores. Tanto a cena 22 (noturna) e quanto a cena 23 (diurna) foram avaliadas como insatisfatórias para os dois grupos (Tabela 4.41) e os moradores preferiram mais a cena diurna e os não moradores a noturna (Tabela 4.42). A “familiaridade com a cena” foi mais mencionada pelos moradores (27,3%) do que pelos não moradores (2,2%) (Tabela 4.43) para a preferência da cena 22 (noturna), contudo, além de esta não ser a principal justificativa, esta cena não foi a mais preferida pelos moradores. Em relação à preferência pela cena 23, as principais justificativas foram as mesmas para os dois grupos e a familiaridade foi mencionada de forma quase igual tanto por moradores (15,0%) quanto por não moradores (17,9%), não sendo a principal justificativa (Tabela 4.43). Contudo, foi encontrada uma diferença estatisticamente significativa (Mann Whitney U= U: 1007,000; sig. = 0,044) quanto ao nível de satisfação com o impacto

do exemplar 9 na estética do seu entorno por moradores e não moradores. Essa diferença está relacionada à pior avaliação do impacto do exemplar pelos moradores (42,0% de avaliações negativas e muito negativas) em comparação aos não moradores (25,0% de avaliações negativas) (Tabela 4.44). Mesmo que os resultados indiquem uma avaliação insatisfatória também para os não moradores, ainda assim eles tiveram 23,8% de julgamentos positivos, em comparação a 12,9% dos moradores (Tabela 4.44). As principais justificativas mencionadas tanto pelos moradores, quanto pelos não moradores foram as mesmas para a avaliação deste impacto (Tabela 4.45). Contudo, os moradores mencionaram com mais intensidade a “relação desordenada entre as formas da edificação e as das demais” (69,2%) do que os não moradores (22,2%) na avaliação negativa e muito negativa, assim como na avaliação nem positiva e nem negativa (50,0% por moradores e 11,6% por não moradores) (Tabela 4.45). Portanto, por mais que não tenha sido encontrada diferença significativa nas avaliações estéticas individuais das cenas e nas preferências, foi constatada a maior insatisfação com a presença do exemplar 9 na estética do seu entorno pelos moradores do que pelos não moradores, por mais que os não moradores também não tenham avaliado este impacto positivamente. Contudo, não foi encontrada relação entre a familiaridade com as cenas e suas avaliações estéticas. Portanto, o fato de haver diferença entre a avaliação estética do impacto do exemplar 9 no seu entorno está relacionada à estética formal, como a desorganização deste exemplar em relação ao seu entorno, e não estão relacionados à estética simbólica.

4.1.3.1 Considerações sobre o objetivo específico 3

Não foram encontradas diferenças significativas nas avaliações estéticas das aparências relacionadas aos exemplares 1, 2, 4 e 7. Mesmo que os moradores (grupo 2) tenham mencionado mais que os não moradores (grupo 1) a familiaridade nas justificativas para as cenas mais preferidas dos exemplares 1 e 2, tal fator não gerou uma melhor avaliação ou preferência destas cenas pelos moradores, e as principais justificativas foram principalmente relacionadas à estética formal e não à simbólica.

Já os não moradores (grupo 1) tendem a valorizar mais a aparência e preferirem mais as cenas diurna (cena 7) e noturna (cena 6) com o exemplar 3, enquanto os moradores (grupo 2) tendem a valorizar mais a aparência e preferirem a cena com a edificação anterior ao exemplar 3 (cena 8). Também, os moradores tendem a estarem muito mais insatisfeitos com o impacto do exemplar 3 na estética do seu entorno do que os não

moradores, embora os não moradores não estejam satisfeitos com este impacto. Estas diferenças estão relacionadas principalmente à clara maior valorização da presença de vegetação e de estímulo visual na cena anterior ao exemplar 3 pelos moradores do que os não moradores, ao indicarem a preferência pela cena 8. Também, o grupo 2 mencionou muito mais negativamente os materiais e falta de ornamentos do exemplar 3, assim como a retirada da vegetação para justificar sua insatisfação com a presença da edificação no seu entorno imediato. Assim, não foi a familiaridade que foi responsável por afetar as avaliações estéticas, e sim os aspectos formais das cenas.

Também, é clara a maior valorização das aparências e a maior preferência das cenas noturna e diurna com o exemplar 5 pelos não moradores (grupo 1), enquanto existe a clara maior valorização da aparência e maior preferência da cena anterior ao exemplar pelos moradores (grupo 2), embora ambos os grupos tenham apontado como mais e menos preferidas as mesmas cenas. Os moradores parecem valorizar mais o estímulo visual da cena mais preferida, assim como as características da casa da cena, em comparação aos não moradores, que mencionaram mais as diferenças entre formas das edificações. Também, os moradores avaliaram de forma muito mais negativa o impacto do exemplar 5 na estética do seu entorno, embora os não moradores não tenham avaliado este impacto positivamente. Logo, a familiaridade com as cenas não foi o motivo para as diferenças entre as intensidades das avaliações de moradores e não moradores

Ainda, existe a clara maior valorização estética das cenas diurna e noturna com o exemplar 6 pelos não moradores (grupo 1), e a expressiva maior insatisfação com o impacto deste exemplar 6 na estética do seu entorno pelos moradores (grupo 2), mesmo que essas diferenças não tenham influenciado na cena mais preferida por esses grupos. Ficou constatada a maior valorização do estímulo visual e da presença de vegetação pelos moradores do que pelos não moradores nas justificativas para a cena preferida, assim como a falta de estímulo visual afetou muito mais aqueles do que estes no impacto do exemplar 6 na estética do seu entorno. Logo, a familiaridade com as cenas não foi o motivo para as diferenças entre as intensidades das avaliações de moradores e não moradores.

Existe uma maior valorização da aparência e maior preferência da cena noturna com exemplar 8 pelos moradores (grupo 2), mesmo que os não moradores (grupo 1)

também a avaliem muito satisfatoriamente e ambos os grupos tenham preferido esta cena. Contudo, existe a clara maior desvalorização da aparência da cena diurna com o exemplar 8, sua menor preferência e pior avaliação do impacto deste exemplar na estética do seu entorno pelos moradores do que pelos não moradores. O grupo 2 foi mais afetado pela desorganização da cena diurna, assim como pela relação desordenada do exemplar 8 em relação às edificações vizinhas. Em oposto, os moradores desvalorizaram mais a cena anterior ao exemplar, e valorizaram mais a cena diurna com o exemplar, que julgaram mais organizada e estimulante. Portanto, não foi a familiaridade que afetou as avaliações estéticas e preferências.

Ainda, foi constatada a maior insatisfação com a presença do exemplar 9 na estética do seu entorno pelos moradores (grupo 2) do que pelos não moradores (grupo 1), por mais que os estes também não tenham avaliado o impacto do exemplar positivamente. Os moradores mencionaram mais intensidade a desordem entre as formas do exemplar e o entorno para justificar esta avaliação, contudo, outros aspectos relacionados ao conceito de ordem foram mencionados por ambos os grupos. Logo, a familiaridade com as cenas não foi o motivo para as diferenças entre as intensidades das avaliações de moradores e não moradores.

Portanto, por mais que os moradores valorizem mais as cenas anteriores aos exemplares que os não moradores, que por sua vez tendem a valorizar mais as cenas diurnas e noturnas com os exemplares, as principais justificativas para os julgamentos estéticos, tanto dos moradores, quanto dos não moradores estão baseadas na estética formal, e não na estética simbólica (familiaridade com a cena).

4.2 AVALIAÇÃO DO USO DE EDIFICAÇÕES DO TIPO “CONSTRUÍDO PARA ALUGAR”

Neste item são investigados os objetivos específicos relacionados ao objetivo geral (ii): identificar os níveis de satisfação com a localização das diferentes atividades das edificações tipo “construído para alugar” nos entornos predominantemente residenciais e averiguar se a tipologia “construído para alugar” é satisfatória para o desempenho das atividades que abriga, de acordo com diferentes grupos de indivíduos relacionados à estas estruturas.

4.2.1 OBJETIVO ESPECÍFICO 4: Identificar os níveis de satisfação com a localização das diferentes atividades das edificações tipo “construído para alugar” nos entornos predominantemente residenciais, considerando a compatibilidade e demanda destas atividades, movimentos e usos decorrentes destas, segundo a percepção de moradores dos entornos e clientes.

Foram questionadas as satisfações com a adequação das atividades dos estabelecimentos das edificações do tipo “construído para alugar” nas suas localizações, assim como as justificativas para tais julgamentos. Foram consideradas as avaliações dos indivíduos clientes dos estabelecimentos, os moradores do entorno, sendo que estes também poderiam ser clientes.

A seguir são tratadas as avaliações das 10 atividades dos nove exemplares analisados 9. Na análise da adequação da atividade do exemplar 1 (loja de mobiliário) (Figura 4.10) para o seu entorno, embora 56,8% do total da amostra (apenas moradores, apenas clientes, moradores e clientes) tenha avaliado como adequada, 20,4% a avaliou como inadequada, e 15,9% não soube julgar (Tabela 4.46).

Tabela 4.46: Satisfação com a adequação da localização da atividade do exemplar 1 (Loja de mobiliário solto 1) no seu entorno

Morador e Cliente (9 – 20,4%)			Apenas morador (28 – 63,6%)			Apenas cliente (7 – 15,9%)			Total (44 – 100%)		
Ad.	Inad.	N.S	Ad.	Inad.	N.S.	Ad.	Inad.	N.S	Ad.	Inad.	N.S
3	5	1	18	6	4	4	1	2	25	12	7
(33,3)	(55,6)	(11,1)	(64,3)	(21,4)	(14,3)	(57,1)	(14,3)	(28,6)	(56,8)	(27,3)	(15,9)

Notas: n(%) = número absoluto de respondentes que avaliaram a atividade em questão (porcentagem de respondentes em relação às amostras individuais ou total); Ad. = adequado; Inad. = inadequado; N.S. = não sei

A adequação da atividade do exemplar 1 (loja de mobiliário) foi em razão, principalmente da percepção de que “existe demanda para a atividade no entorno” (87,5% do total da amostra), enquanto a inadequação foi justificada, fundamentalmente, pela “incompatibilidade da atividade com o uso entorno” (83,3% do total da amostra) (Tabela 4.47). Ainda, 20,4% do total de indivíduos são moradores do entorno e ao mesmo tempo clientes da loja de mobiliário, representando 24,3% do total de moradores questionados (apenas moradores e moradores que também são clientes) (Tabela 4.46).

Tabela 4.47: Razões para adequação da localização da atividade do exemplar 1 (Loja de mobiliário) no seu entorno

Localização adequada (25)				
Justificativa	Morador e Cliente (3)	Apenas morador (18)	Apenas cliente (4)	Total (25)
Compatibilidade da atividade com o uso do entorno	0(0)	6(33,3)	0(0)	6(24,0)
Existe demanda da atividade no entorno	3(100)	14(77,8)	4(100)	21(87,5)
Localização inadequada (12)				
Justificativa	Morador e Cliente (5)	Apenas morador (6)	Apenas cliente (1)	Total (12)
Incompatibilidade da atividade com o uso do entorno	4(80,0)	6(100)	0(0)	10(83,3)
Não existe demanda da atividade no entorno	2(40,0)	2(33,3)	0(0)	4(33,3)
Aumento movimento carros no entorno	1(20,0)	3(50,0)	1(100)	5(41,6)

Notas: n(%) = número absoluto de respondentes que selecionaram a justificativa para avaliação da atividade em questão (porcentagem de respondentes em relação às amostras individuais ou total)

Portanto, as avaliações positivas para adequação da atividade do exemplar 1 no seu entorno residencial não são expressivas se comparadas ao total da amostra. Contudo, o fato de pouco mais de um quinto dos moradores ser cliente da loja de mobiliário, indica que existe uma demanda considerável, mesmo que a atividade tenha sido apontada como mais incompatível do que compatível com o uso residencial tanto por moradores quanto por clientes.

Quanto à análise da adequação da atividade do exemplar 2 (ferragem) (Figura 4.10) no seu entorno, a expressiva maioria do total da amostra (apenas moradores, apenas clientes, moradores e clientes) a avaliou como adequada (75,7%), apenas 16,2% a percebeu como inadequada, e 8,1% não souberam avaliar (Tabela 4.48).

Tabela 4.48: Satisfação com a adequação da localização da atividade do exemplar 2 (ferragem) no seu entorno

Morador e Cliente (21 – 56,7%)			Apenas morador (15 – 40,5%)			Apenas cliente (1 – 2,7%)			Total (37 – 100%)		
Ad.	Inad.	N.S.	Ad.	Inad.	N.S.	Ad.	Inad.	N.S.	Ad.	Inad.	N.S.
16(76,2)	5(23,8)	0(0)	11(73,3)	1(6,7)	3(20,0)	1(100)	0(0)	0(0)	28(75,7)	6(16,2)	3(8,1)

Notas: n(%) = número absoluto de respondentes que avaliaram a atividade em questão (porcentagem de respondentes em relação às amostras individuais ou total); Ad. = adequado; Inad. = inadequado; N.S. = não sei

Para o total da amostra, a adequação da atividade do exemplar 2 (ferragem) foi em razão, principalmente da percepção de que “existe demanda para a atividade no entorno” (89,3%), enquanto a inadequação foi justificada, fundamentalmente, pela incompatibilidade desse uso com o entorno (83,3%) e ao aumento do número de carros para a região (66,6%) (Tabela 4.49). A adequação também é corroborada pela quantidade (56,7%) do total de indivíduos que são moradores do entorno e ao mesmo

tempo clientes da ferragem, representando 58,3% do total de moradores questionados (apenas moradores e moradores que também são clientes) (Tabela 4.48).

Tabela 4.49: Razões para adequação da localização da atividade do exemplar 2 (ferragem) no seu entorno

Localização adequada (28)				
Justificativa	Morador e Cliente (16)	Apenas morador (11)	Apenas cliente (1)	Total (28)
Compatibilidade da atividade com o uso do entorno	2(12,5)	2(18,2)	0(0)	4(14,3)
Existe demanda da atividade no entorno	15(93,8)	10(90,9)	0(0)	25(89,3)
Aumento movimento pedestres no entorno	2(12,5)	3(27,3)	1(100)	6(21,4)
Localização inadequada (6)				
Justificativa	Morador e Cliente (5)	Apenas morador (1)	Apenas cliente (0)	Total (6)
Incompatibilidade da atividade com o uso do entorno	4(80,0)	1(100)	0(0)	5(83,3)
Aumento movimento carros no entorno	4(80,0)	0(0)	0(0)	4(66,6)

Notas: n(%) = número absoluto de respondentes que selecionaram a justificativa para avaliação da atividade em questão (porcentagem de respondentes em relação às amostras individuais ou total)

Portanto, a atividade comercial da loja de ferragem do exemplar 2 é percebida como adequada para o seu entorno residencial pela clara maioria do total da amostra (apenas moradores, apenas clientes e moradores que também são clientes). Além disso, esta atividade é utilizada por mais da metade dos moradores da área considerada e é percebida a existência de demanda no entorno residencial, tanto por moradores quanto por clientes.

Em relação à análise da adequação da atividade do exemplar 3 (farmácia) (Figura 4.10) no seu entorno, quase a totalidade (90,6%) dos respondentes (apenas moradores, apenas clientes, e moradores que também são clientes) a avaliou como adequada, e apenas 1 respondente (3,1% do total) a avaliou como inadequada (Tabela 4.50).

Tabela 4.50: Satisfação com a adequação da localização da atividade do exemplar 3 (farmácia) no seu entorno

Morador e Cliente (26 – 81,3%)			Apenas morador (2 – 6,2%)			Apenas cliente (4 – 12,5%)			Total (32 – 100%)		
Ad.	Inad.	N.S.	Ad.	Inad.	N.S.	Ad.	Inad.	N.S.	Ad.	Inad.	N.S.
25(96,2)	0(0)	1(3,8)	1(50,0)	1(50,0)	0(0)	3(75,0)	0(0)	1(25,0)	29(90,6)	1(3,1)	2(6,3)

Notas: n(%) = número absoluto de respondentes que avaliaram a atividade em questão (porcentagem de respondentes em relação às amostras individuais ou total); Ad. = adequado; Inad. = inadequado; N.S. = não sei

Para o total da amostra, a expressiva adequação do exemplar 3 (farmácia) foi devido, principalmente, à percepção de que “existe demanda para a atividade no entorno” (86,2%) e ao “aumento movimento pedestres no entorno” (37,9%) (Tabela 4.51). A adequação também é corroborada pela quantidade (81,3%) do total de indivíduos são moradores do entorno e ao mesmo tempo clientes da farmácia, representando 92,8%

do total de moradores questionados (apenas moradores e moradores que também são clientes) (Tabela 4.50).

Tabela 4.51: Razões para adequação da localização da atividade do exemplar 3 (farmácia) no seu entorno

Localização adequada (29)				
Justificativa	Morador e Cliente (25)	Apenas morador (1)	Apenas cliente (3)	Total (29)
Compatibilidade da atividade com o uso do entorno	1(4,0)	0(0)	0(0)	1(3,4)
Existe demanda da atividade no entorno	22(88,0)	1(100)	2(66,7)	25(86,2)
Aumento movimento pedestres no entorno	10(40,0)	0(0)	1(33,3)	11(37,9)
Localização inadequada (1)				
Justificativa	Morador e Cliente (0)	Apenas morador (1)	Apenas cliente (0)	Total (1)
Incompatibilidade da atividade com o uso do entorno	0(0)	1(100)	0(0)	1(100)

Notas: n(%) = número absoluto de respondentes que selecionaram a justificativa para avaliação da atividade em questão (porcentagem de respondentes em relação às amostras individuais ou total)

Assim, a atividade comercial da farmácia (exemplar 3) é percebida como muito adequada para o seu entorno residencial pela clara maioria da amostra (apenas moradores, apenas clientes e moradores que também são clientes). Ainda, esta atividade é utilizada por quase a totalidade dos moradores da área considerada e é percebida a existência de demanda no entorno residencial, assim como o aumento no número de pedestres na rua, tanto por moradores quanto por clientes.

Quanto à análise da adequação da atividade exemplar 4 (loja de mobiliário) (Figura 4.10) para o seu entorno, embora 52,8% do total da amostra (apenas moradores, apenas clientes, moradores e clientes) tenha a avaliado como adequada, 36,1% avaliou como inadequada, e 11,1% não soube julgar (Tabela 4.52).

Tabela 4.52: Satisfação com a adequação da localização da atividade do exemplar 4 (loja de mobiliário) no seu entorno

Morador e Cliente (10 – 27,8%)			Apenas morador (22 – 61,1%)			Apenas cliente (4 – 11,1%)			Total (36 – 100%)		
Ad.	Inad.	N.S	Ad.	Inad.	N.S.	Ad.	Inad.	N.S	Ad.	Inad.	N.S
6	4	0	11	8	3	2	1	1	19	13	4
(60,0)	(40,0)	(0)	(50,0)	(36,4)	(13,6)	(50,0)	(25,0)	(25,0)	(52,8)	(36,1)	(11,1)

Notas: n(%) = número absoluto de respondentes que avaliaram a atividade em questão (porcentagem de respondentes em relação às amostras individuais ou total); Ad. = adequado; Inad. = inadequado; N.S. = não sei

A adequação da atividade do exemplar 4 (loja de mobiliário) foi em razão, principalmente da percepção de que “existe demanda da atividade no entorno” (52,6% do total da amostra), enquanto a inadequação foi justificada, fundamentalmente, pela “incompatibilidade da atividade com o uso do entorno” (92,3% do total da amostra) (Tabela 4.53). Ainda, 27,8% do total de indivíduos são moradores do entorno e ao mesmo tempo clientes da loja de mobiliário, representando 32,2% do total de

moradores questionados (apenas moradores e moradores que também são clientes) (Tabela 4.52).

Tabela 4.53: Razões para adequação da localização da atividade do exemplar 4 (loja de mobiliário) no seu entorno

Localização adequada (19)				
Justificativa	Morador e Cliente (6)	Apenas morador (11)	Apenas cliente (2)	Total (19)
Compatibilidade da atividade com o uso do entorno	3(50,0)	1(9,1)	1(50,0)	5(26,31)
Existe demanda da atividade no entorno	2(33,3)	7(63,6)	1(50,0)	10(52,6)
Desenvolvimento de atividades sociais no local	1(16,7)	3(27,3)	0(0)	4(21,1)
Localização inadequada (13)				
Justificativa	Morador e Cliente (4)	Apenas morador (8)	Apenas cliente (1)	Total (13)
Incompatibilidade da atividade com o uso do entorno	4(100)	7(87,5)	1(100)	12(92,3)
Não existe demanda da atividade no entorno	2(50,0)	2(25,0)	0(0)	4(30,8)

Notas: n(%) = número absoluto de respondentes que selecionaram a justificativa para avaliação da atividade em questão (porcentagem de respondentes em relação às amostras individuais ou total)

Portanto, as avaliações positivas para adequação da atividade do exemplar 4 no seu entorno residencial não são expressivas se comparadas ao total da amostra. Contudo, o fato de quase pouco mais de um terço dos moradores ser cliente da loja de mobiliário, indica que existe uma demanda considerável, mesmo que a atividade tenha sido apontada como mais incompatível do que compatível para o entorno residencial pelo total da amostra.

Em relação à análise da adequação da atividade do exemplar 5 (loja de vestuário infantil) (Figura 4.10) no seu entorno, a expressiva maioria dos respondentes do total da amostra (apenas moradores, apenas clientes, moradores e clientes) a avaliou como adequada (78,8%), apenas 12,1% a percebeu como inadequada, e 9,1% não soube avaliar (Tabela 4.54).

Tabela 4.54: Satisfação com a adequação da localização da atividade do exemplar 5 (loja de vestuário infantil) no seu entorno

Morador e Cliente (10 – 30,3%)			Apenas morador (17 – 51,5%)			Apenas cliente (6 – 18,2%)			Total (33 – 100%)		
Ad.	Inad.	N.S	Ad.	Inad.	N.S.	Ad.	Inad.	N.S	Ad.	Inad.	N.S
9(90,0)	1(10,0)	0(0)	11(64,7)	3(17,6)	3(17,6)	6(100,0)	0(0)	0(0)	26(78,8)	4(12,1)	3(9,1)

Notas: n(%) = número absoluto de respondentes que avaliaram a atividade em questão (porcentagem de respondentes em relação às amostras individuais ou total); Ad. = adequado; Inad. = inadequado; N.S. = não sei

Para o total da amostra, a adequação da atividade do exemplar 5 (loja de vestuário infantil) foi em razão, principalmente da percepção de que “existe demanda da atividade no entorno” (76,9%) e do “aumento movimento pedestres no entorno” (34,6%) (Tabela 4.55). Ainda, 30,3% do total de indivíduos são moradores do entorno

e ao mesmo tempo clientes da loja de vestuário, representando 37,1% do total de moradores questionados (apenas moradores e moradores que também são clientes) (Tabela 4.55).

Tabela 4.55: Razões para adequação da localização da atividade do exemplar 5 (loja de vestuário infantil) no seu entorno

Localização adequada (26)				
Justificativa	Morador e Cliente (9)	Apenas morador (11)	Apenas cliente (6)	Total (26)
Compatibilidade da atividade com o uso do entorno	0(0)	4(36,4)	1(16,7)	5(19,2)
Existe demanda da atividade no entorno	9(100)	6(54,5)	5(83,3)	20(76,9)
Aumento movimento pedestres no entorno	5(55,6)	4(36,4)	0(0)	9(34,6)
Localização inadequada (4)				
Justificativa	Morador e Cliente (1)	Apenas morador (3)	Apenas cliente (0)	Total (4)
Incompatibilidade da atividade com o uso do entorno	1(100)	3(100)	0(0)	4(100)

Notas: n(%) = número absoluto de respondentes que selecionaram a justificativa para avaliação da atividade em questão (porcentagem de respondentes em relação às amostras individuais ou total)

Portanto, esta atividade comercial da loja de roupa infantil é percebida como adequada para o seu entorno residencial pela maioria do total da amostra (apenas moradores, apenas clientes e moradores que também são clientes). Ainda esta atividade é utilizada por mais de um terço dos moradores da área considerada e é percebida a existência de demanda no entorno residencial e o aumento no movimento de pedestres, tanto por moradores quanto por clientes

Quanto à adequação da atividade do exemplar 6 (loja de mobiliário) (Figura 4.10) para o seu entorno, 57,5% do total da amostra (apenas moradores, apenas clientes, moradores e clientes) a avaliou como inadequada, 37,5% a avaliou como adequada, e 5,0% não soube julgar (Tabela 4.56). Tanto a maioria dos “apenas moradores” (57,1%) e dos “moradores e clientes” (71,4%) avaliou esta atividade como inadequada (Tabela 4.56).

Tabela 4.56: Satisfação com a adequação da localização da atividade do exemplar 6 (loja de mobiliário) no seu entorno

Morador e Cliente (7 – 17,5%)			Apenas morador (28 – 70,0%)			Apenas cliente (5 – 12,5%)			Total (40 – 100%)		
Ad.	Inad.	N.S.	Ad.	Inad.	N.S.	Ad.	Inad.	N.S.	Ad.	Inad.	N.S.
2	5	0	11	16	1	2	2	1	15	23	2
(28,6)	(71,4)	(0)	(39,3)	(57,1)	(3,6)	(40,0)	(40,0)	(20,0)	(37,5)	(57,5)	(5,0)

Notas: n(%) = número absoluto de respondentes que avaliaram a atividade em questão (porcentagem de respondentes em relação às amostras individuais ou total); Ad. = adequado; Inad. = inadequado; N.S. = não sei

Para o total da amostra (representando tanto clientes como moradores), a inadequação da atividade do exemplar 6 (loja de mobiliário) foi em razão principalmente, da “incompatibilidade da atividade com o uso do entorno” (86,9%) e

de que “não existe demanda da atividade no entorno” (52,2%) (Tabela 4.57). Ainda, 37,5% dos moradores questionados que avaliaram de forma inadequada (57,1%) a atividade no entorno (Tabela 4.57), mencionaram que seria melhor que tivesse sido inserida uma atividade complementar ao uso residencial naquele local, como um café, pois qualificaria mais a esquina do quarteirão, atraindo mais pessoas.

Tabela 4.57: Razões para adequação da localização da atividade do exemplar 6 (loja de mobiliário) no seu entorno

Localização adequada (15)				
Justificativa	Morador e Cliente (2)	Apenas morador (11)	Apenas cliente (2)	Total (15)
Compatibilidade da atividade com o uso do entorno	0(0)	2(18,2)	2(100)	4(26,7)
Existe demanda da atividade no entorno	1(50,0)	9(81,8)	0(0)	10(66,7)
Desenvolvimento de atividades sociais no local	2(100)	2(18,2)	0(0)	4(26,7)
Localização inadequada (23)				
Justificativa	Morador e Cliente (5)	Apenas morador (16)	Apenas cliente (2)	Total (23)
Incompatibilidade da atividade com o uso do entorno	4(80,0)	14(87,5)	2(100)	20(86,9)
Não existe demanda da atividade no entorno	3(60,0)	9(56,3)	0(0)	12(52,2)
Melhor seria uma atividade com mais vivacidade, como um café	0(0)	6(37,5)	0(0)	6(26,1)

Notas: n(%) = número absoluto de respondentes que selecionaram a justificativa para a avaliação da atividade em questão (porcentagem de respondentes em relação às amostras individuais ou total)

Também, 17,5% do total de indivíduos são moradores do entorno e ao mesmo tempo clientes da loja de mobiliário, representando 20% do total de moradores questionados (apenas moradores e moradores que também são clientes) (Tabela 4.56). A parcela do total da amostra que julgou a atividade adequada indicou, fundamentalmente, que “existe demanda da atividade no entorno” (66,7% - “moradores e clientes” e “apenas moradores”) e que a atividade é compatível com o local (26,7% - “apenas clientes”) (Tabela 4.57).

Portanto, a atividade comercial da loja de mobiliário do exemplar 6 é percebida como inadequada para o seu entorno residencial, pois predominaram julgamentos negativos, devido à incompatibilidade desta atividade com o seu entorno. Mesmo que tenha sido indicada a falta de demanda pela loja de mobiliário, deve ser considerado que um quinto do total dos indivíduos moradores são clientes, o que indica que, mesmo sendo incompatível com o uso residencial, em parte, há demanda para esta atividade.

O exemplar 7 é dividido em duas unidades e duas atividades diferentes: salão de beleza (localizado à esquerda na indicação do exemplar na Figura 4.10) e uma farmácia (localizada à direita na indicação do exemplar na Figura 4.10). Em relação à avaliação da atividade de salão de beleza (exemplar 7) no seu entorno, a expressiva maioria (86,8%) totalidade dos respondentes (apenas moradores, apenas clientes, e moradores que também são clientes) a avaliou como adequada, e apenas 5,3% a avaliou como inadequada (Tabela 4.58)

Tabela 4.58: Satisfação com a adequação da localização da atividade salão de beleza (exemplar 7) no seu entorno

Morador e Cliente (6 – 15,6%)			Apenas morador (23 – 60,5%)			Apenas cliente (9 – 23,7%)			Total (38 – 100%)		
Ad.	Inad.	N.S	Ad.	Inad.	N.S.	Ad.	Inad.	N.S	Ad.	Inad.	N.S
6(100)	0(0)	0(0)	18(78,3)	2(8,7)	3(13,0)	9(100)	0(0)	0(0)	33(86,8)	2(5,3)	3(7,9)

Notas: n(%) = número absoluto de respondentes que avaliaram a atividade em questão (porcentagem de respondentes em relação às amostras individuais ou total); Ad. = adequado; Inad. = inadequado; N.S. = não sei

A expressiva adequação da atividade de salão de beleza foi em razão, principalmente, de que “existe demanda para a atividade no entorno” (75,8% - total da amostra) e do “desenvolvimento de outras atividades sociais no local” (24,2% - “apenas moradores” ou “apenas clientes”) (Tabela 4.59) como conversas entre pedestres junto à edificação ou eventos sociais, por exemplo. Ainda, por mais que apenas 15,6% do total da amostra são moradores e clientes, representando 20,7% do total de moradores consultados (Tabela 4.58), 75% deles indicou a existência de demanda pela atividade (Tabela 4.59).

Tabela 4.59: Razões para adequação da localização da atividade salão de beleza do (exemplar 7) no seu entorno

Salão de beleza 1				
Localização adequada (33)				
Justificativa	Morador e Cliente (6)	Apenas morador (18)	Apenas cliente (9)	Total (33)
Desenvolvimento de atividades sociais no local	0(0)	6(33,3)	2(22,2)	8(24,2)
Existe demanda da atividade no entorno	5(83,4)	13(72,2)	7(77,8)	25(75,8)
Compatibilidade da atividade com o uso do entorno	1(16,7)	1(5,5)	1(11,1)	5(9,1)
Localização inadequada (2)				
Justificativa	Morador e Cliente (0)	Apenas morador (2)	Apenas cliente (0)	Total (2)
Aumento movimento carros no entorno	0(0)	2(100)	0(0)	2(100)

Notas: n(%) = número absoluto de respondentes que selecionaram a justificativa para avaliação da atividade em questão (porcentagem de respondentes em relação às amostras individuais ou total)

Portanto, a atividade salão de beleza é percebida como muito adequada para o seu entorno residencial pela clara maioria da amostra (apenas moradores, apenas clientes e moradores que também são clientes). Ainda, esta atividade é utilizada em torno de

um quinto dos moradores, mas é percebida a existência de sua demanda no entorno residencial tanto por moradores quanto por clientes.

Quanto à análise da adequação da atividade farmácia do exemplar 7 (Figura 4.10) para o seu entorno residencial, a quase totalidade dos indivíduos (apenas moradores, apenas clientes, e moradores que também são clientes) a avaliou como adequada (94,1%), nenhum a avaliou como inadequada e 5,9% não soube julgar (Tabela 4.60).

Tabela 4.60: Satisfação com a adequação da localização da atividade farmácia (exemplar 7) no seu entorno

Morador e Cliente (24 – 70,6%)			Apenas morador (5 – 14,7%)			Apenas cliente (5 – 14,7%)			Total (34 – 100%)		
Ad.	Inad.	N.S	Ad.	Inad.	N.S.	Ad.	Inad.	N.S	Ad.	Inad.	N.S
22	0(0)	2	5	0(0)	0(0)	5	0(0)	0(0)	32(94,1)	0(0)	2(5,9)

Notas: n(%) = número absoluto de respondentes que avaliaram a atividade em questão (porcentagem de respondentes em relação às amostras individuais ou total); Ad. = adequado; Inad. = inadequado; N.S. = não sei

Para o total da amostra, a expressiva adequação do exemplar da farmácia do exemplar 7 foi devido, principalmente, à percepção de que “existe demanda para a atividade no entorno” (78,1%) e “desenvolvimento de outras atividades sociais no local” (25,0%) (Tabela 4.61).

Tabela 4.61: Razões para adequação da localização da atividade farmácia (exemplar 7) no seu entorno

Justificativa	Localização adequada (32)			
	Morador e Cliente (22)	Apenas morador (5)	Apenas cliente (5)	Total (32)
Compatibilidade da atividade com o uso do entorno	1(4,5)	0(0)	3(60,0)	6(12,5)
Existe demanda da atividade no entorno	18(81,8)	4(80,0)	3(60,0)	25(78,1)
Desenvolvimento de atividades sociais no local	5(22,7)	3(60,0)	0(0)	8(25,0)

Notas: Legenda: n(%) = número absoluto de respondentes que selecionaram a justificativa para avaliação da adequação (porcentagem de respondentes em relação às amostras individuais ou total);

Este resultado também é corroborado pelo expressivo número de moradores que também são clientes do estabelecimento (70,6%), representando 82,8% do total dos moradores questionados (Tabela 4.60). Assim, a atividade comercial da farmácia é percebida como muito adequada para o seu entorno residencial pela clara maioria da amostra (apenas moradores, apenas clientes e moradores que também são clientes). Ainda, esta atividade é utilizada pela expressiva maioria dos moradores da área considerada, além de ser percebida a existência de demanda no entorno por todos os respondentes.

Quanto à análise da adequação da atividade do exemplar 8 (academia) (Figura 4.10) no seu entorno residencial, a expressiva maioria dos respondentes (apenas

moradores, apenas clientes, e moradores que também são clientes) a avaliou como adequada (86,7%), e apenas 8,3% a julgou inadequada (Tabela 4.62),

Tabela 4.62: Satisfação com a adequação da localização da atividade do exemplar 8 (academia) no seu entorno

Morador e Cliente (1 – 1,7%)			Apenas morador (33 – 50,0%)			Apenas cliente (26 – 43,3%)			Total (60 – 100%)		
Ad.	Inad.	N.S	Ad.	Inad.	N.S.	Ad.	Inad.	N.S	Ad.	Inad.	N.S
1(100)	0(0)	0(0)	27(81,8)	4(12,1)	2(6,1)	24(92,3)	1(3,8)	1(3,8)	52(86,7)	5(8,3)	3(5,0)

Notas: n(%) = número absoluto de respondentes que avaliaram a atividade em questão (porcentagem de respondentes em relação às amostras individuais ou total); Ad. = adequado; Inad. = inadequado; N.S. = não sei

Para o total da amostra, a expressiva adequação da atividade academia foi devido, fundamentalmente, à percepção de que “existe demanda para a atividade no entorno” (76,9%), ao “desenvolvimento de atividades sociais no local” (46,2%) e ao “aumento do movimento pedestres no entorno” (30,8%) (Tabela 4.63). Estas justificativas explicam que, embora apenas 1,6% dos respondentes sejam clientes e moradores (2,9% do total de moradores), os resultados indicam a maior satisfação com a atividade por 81,8% dos moradores (Tabela 4.62).

Tabela 4.63: Razões para adequação da localização da atividade do exemplar 8 (academia) no seu entorno

Localização adequada (52)				
Justificativa	Morador e Cliente (1)	Apenas morador (27)	Apenas cliente (24)	Total (52)
Desenvolvimento de atividades sociais no local	0(0)	13(48,1)	11(45,8)	24(46,2)
Existe demanda da atividade no entorno	1(100)	23(85,2)	16(66,7)	40(76,9)
Aumento movimento pedestres no entorno	0(0)	16(59,3)	0(0)	16(30,8)
Localização inadequada (5)				
Justificativa	Morador e Cliente (0)	Apenas morador (4)	Apenas cliente (1)	Total (5)
Incompatibilidade da atividade com o uso do entorno	0(0)	1(25,0)	0(0)	1(20,0)
Existe demanda da atividade no entorno	0(0)	3(75,0)	1(100)	3(60,0)

Notas: n(%) = número absoluto de respondentes que selecionaram a justificativa para avaliação da atividade em questão (porcentagem de respondentes em relação às amostras individuais ou total)

Portanto, a atividade de academia é percebida como muito adequada para o seu entorno residencial pela clara maioria da amostra (apenas moradores, apenas clientes e moradores que também são clientes). Por mais que a atividade quase não seja utilizada pelos moradores do entorno imediato, eles, junto aos clientes, indicaram a existência de demanda e de outras atividades decorrentes do uso da academia que são benéficas para o entorno residencial.

Na análise da adequação da atividade do exemplar 9 (salão de beleza) (Figura 4.10) no seu entorno residencial, a expressiva maioria dos respondentes (apenas moradores, apenas clientes, e moradores que também são clientes) a avaliou como adequada (89,2%), e apenas 5,4% a avaliou como inadequada (Tabela 4.64).

Tabela 4.64: Satisfação com a adequação da localização da atividade do exemplar 9 (salão de beleza) no seu entorno

Morador e Cliente (10 – 27,0%)			Apenas morador (21 – 56,8%)			Apenas cliente (6 – 16,2%)			Total (37 – 100%)		
Ad.	Inad.	N.S	Ad.	Inad.	N.S.	Ad.	Inad.	N.S	Ad.	Inad.	N.S
10(100)	0(0)	0(0)	17(81,0)	2(9,5)	2(9,5)	6(100)	0(0)	0(0)	33(89,2)	2(5,4)	2(5,4)

Notas: n(%) = número absoluto de respondentes que avaliaram a atividade em questão (porcentagem de respondentes em relação às amostras individuais ou total); Ad. = adequado; Inad. = inadequado; N.S. = não sei

Para o total da amostra a expressiva adequação da atividade salão de beleza foi devido, principalmente, à percepção de que “existe demanda para a atividade no entorno” (93,9%) e ao “aumento do movimento de pedestres no entorno” (27,3%) (Tabela 4.65). Ainda, 27,0% dos respondentes são clientes e moradores, representando 32,3% dos moradores questionados (Tabela 4.64).

Tabela 4.65: Razões para adequação da localização da atividade do exemplar 9 (salão de beleza) no seu entorno

Localização adequada (33)				
Justificativa	Morador e Cliente (10)	Apenas morador (17)	Apenas cliente (6)	Total (33)
Compatibilidade	3(30,0)	1(5,9)	0(0)	4(12,1)
Demanda	10(100)	15(88,2)	6(100)	31(93,9)
Aumento movimento pedestres	6(60,0)	3(17,6)	0(0)	8(27,3)
Localização inadequada (2)				
Justificativa	Morador e Cliente (0)	Apenas morador (2)	Apenas cliente (0)	Total (2)
Incompatibilidade	0(0)	2(100)	0(0)	2(100)

Notas: Legenda: n(%) = número absoluto de respondentes que selecionaram a justificativa para a adequação da localização da atividade (porcentagem de respondentes em relação às amostras individuais ou total);

Portanto, a atividade salão de beleza é percebida como muito adequada para o seu entorno residencial pela clara maioria da amostra (apenas moradores, apenas clientes e moradores que também são clientes). Ainda, esta atividade é utilizada por em torno de um terço dos moradores, além de ser mencionada existência de demanda no entorno residencial e aumento no número de pedestres, tanto por moradores quanto por clientes.

4.2.1.1 Considerações sobre o objetivo específico 4

De acordo com a análise das 10 atividades dos 9 exemplares tipo “construído para alugar” fica demonstrado que a atividade de farmácia (exemplares 3 e 7) foi expressivamente apontada como muito adequada para os entornos residenciais considerados, devido à percepção de existência de demanda, corroborada pela expressiva quantidade de clientes que são moradores destes entornos imediatos. Em alguns casos, esta quantidade representou quase a totalidade da amostra, como no

caso do exemplar 3. Além disso, os resultados indicam que esta satisfação também está relacionada a percepção positiva do aumento no número de pedestres e de trocas sociais decorrente deste tipo de atividade, de acordo com todos respondentes.

Não necessariamente os clientes das atividades de salão de beleza (exemplares 7 e 9) e academia (exemplar 8) são moradores do entorno imediato destes locais. Contudo, a percepção positiva do aumento de trocas sociais entre pessoas e do aumento no número de pedestres decorrentes deste uso, somada à percepção de demanda dos moradores e clientes ocasionou uma percepção muito satisfatória ou adequada destas atividades em meios predominantemente residenciais.

As atividades loja de roupa infantil e ferragem foram percebidas como adequadas para suas localizações em meios predominantemente residenciais, ambas devido à percepção de demanda, corroborada pelo número de clientes que reside nas proximidades, embora este número não seja tão representativo como o da atividade farmácia. Assim como as demais atividades que foram percebidas como muito satisfatórias, estas também tendem a aumentar o número de pedestres nos entornos, segundo a amostra consultada.

Já a atividade lojas de mobiliário (exemplares 1, 4 e 6) é menos adequada ou inadequada em entornos predominantemente residenciais, por serem percebidas de maneira incompatível nestes entornos, de acordo com as avaliações das amostras de clientes e moradores. Contudo, o fato de uma parcela significativa dos clientes ser moradora das proximidades, indica que há uma demanda por este tipo de atividade e que esta deve ser considerada, corroborada pelas justificativas apresentadas pela parcela que julgou adequada a atividade nas localizações analisadas.

Portanto, para as localizações em entornos predominantemente residenciais, as atividades comerciais de farmácia, salão de beleza e academia tendem a ser percebidas mais expressivamente como adequadas, seguida das atividades de loja de roupa e ferragem, que são percebidas como adequadas. Todas estas adequações foram justificadas pela existência de demanda, pelo aumento do número de pedestres e de trocas sociais nos seus entornos. Já a atividade de loja de mobiliário é percebida como mais inadequada para estes entornos, embora exista uma demanda significativa para esta atividade na sua localização. Em complemento, a justificativa “compatibilidade com o uso do entorno” foi utilizada com pouca expressividade em

todas as avaliações de atividades adequadas, e foi expressivamente utilizada nos julgamentos inadequados.

4.2.2 OBJETIVO ESPECÍFICO 5: Averiguar se a tipologia “construído para alugar” é satisfatória para o desempenho das atividades que abriga, considerando as avaliações de clientes e locatários quanto à estética e ao uso interno, assim como as principais justificativas relacionadas a esse uso.

Os resultados apresentados são provenientes dos questionários aplicados aos clientes (tabelas 4.66, 4.67 e 4.68), e das entrevistas realizadas com os locatários dos estabelecimentos.

Quanto ao espaço interno da loja de mobiliário (exemplar 1) (Figura 4.11), a expressiva maioria dos clientes (87,5%) avaliou a sua aparência de maneira muito satisfatória (Tabela 4.66).



Figura 4.10: Interior da “loja de mobiliário (Exemplar 1)
Fonte: Google Ideia360 @2016

Tabela 4.66: Satisfação com a aparência interna dos estabelecimentos pelos clientes

Avaliação	Exemplares – Ex.n(n)									
	Ex.1 (16)	Ex.2 (22)	Ex.3 (30)	Ex.4 (14)	Ex.5 (16)	Ex.6 (12)	Ex.7 (s=16/f=30)	Ex.8 (28)	Ex.9 (16)	
Muito Bonita	4 (25,0)	1 (4,5)	0(0)	8 (57,1)	9 (56,3)	2 (16,7)	4 (25,0)	2 (6,7)	19 (67,8)	4 (25,0)
Bonita	10 (62,5)	11 (50,0)	13 (40,6)	4 (28,6)	7 (43,7)	10 (83,3)	11 (68,8)	15 (50,0)	8 (28,6)	8 (50,0)
Nem Bonita Nem Feia	2 (12,5)	10 (45,5)	17 (53,1)	2 (14,3)	0(0)	0(0)	1 (6,2)	13 (43,3)	1 (3,6)	4 (25,0)
Feia	0(0)	0(0)	0(0)	0(0)	0(0)	0(0)	0(0)	0(0)	0(0)	0(0)
Muito Feia	0(0)	0(0)	0(0)	0(0)	0(0)	0(0)	0(0)	0(0)	0(0)	0(0)

Notas: n(%) número absoluto de respondentes avaliaram a cena na categoria em questão (porcentagem de respondentes em relação às amostras individuais ou total; s = salão de beleza; f = farmácia (referem-se ao exemplar 7, que possui dois usos)

O interior da edificação também foi avaliado como adequado para a atividade que abriga (loja de mobiliário) pela grande maioria dos clientes (81,3%; Tabela 4.67), em razão, fundamentalmente, da quantidade de espaço do local (100%) (Tabela 4.67).

Tabela 4.67: Adequação das edificações para as atividades que abrigam conforme os clientes

Avaliação	Exemplares – Ex.n(n)									
	Ex.1 (16)	Ex.2 (22)	Ex.3 (30)	Ex.4 (14)	Ex.5 (16)	Ex.6 (12)	Ex.7 (s=15/f=29)	Ex.8 (28)	Ex.9 (16)	
Adequada	13(81,3)	20 (90,9)	29 (96,6)	13 (92,9)	15 (93,8)	11 (91,7)	13 (86,7)	28 (96,6)	23 (82,2)	15 (93,7)
Inadequada	3 (18,8)	2 (9,1)	0(0)	1 (7,1)	0(0)	1 (8,3)	2(13,3)	1(3,4)	0(0)	1 (6,3)
Não sei	0(0)	0 (0)	1(3,3)	0(0)	1 (6,2)	0(0)	0(0)	0(0)	5(17,8)	0(0)

Notas: n(%) número absoluto de respondentes avaliaram a categoria em questão (porcentagem de respondentes em relação às amostras individuais ou total; s = salão de beleza; f = farmácia (referem-se ao exemplar 7, que possui dois usos)

Tabela 4.68: Justificativas dos clientes para as avaliações das edificações para as atividades que abrigam

Edificação adequada										
Avaliação	Ex.1 (13)	Ex.2 (20)	Ex.3 (29)	Ex.4 (13)	Ex.5 (15)	Ex.6 (11)	Ex.7 (s=15/f=28)	Ex.8 (23)	Ex.9 (16)	
Edificação é espaçosa	13 (100)	18 (90,0)	25 (86,2)	13 (100)	15 (100)	11 (100)	13 (100)	28 (100)	23 (100)	13 (100)
Não soube opinar	0(0)	0(0)	4 (13,8)	0 (0)	0 (0)	0 (0)	0 (0)	0 (0)	0 (0)	0(0)
Edificação Inadequada										
Avaliação	Ex.1 (3)	Ex.2 (2)	Ex.3 (0)	Ex.4 (1)	Ex.5 (0)	Ex.6 (1)	Ex.7 (s=0/f=0)	Ex.8 (0)	Ex.9 (1)	
Atividades em andares diferentes	3 (100)	0(0)	0(0)	0 (0)	0 (0)	0 (0)	2 (100)	0 (0)	0 (0)	3 (100)
Edificação não é espaçosa	0 (0)	2 (100)	0(0)	1 (100)	0 (0)	1 (100)	2 (100)	1 (100)	0 (0)	0 (0)

Notas: n(%) número absoluto de respondentes que selecionaram a justificativa em questão para a avaliação da cena na categoria em questão (porcentagem de respondentes em relação às amostras individuais ou total; s = salão de beleza; f = farmácia (referem-se ao exemplar 7, que possui dois usos)

Esses resultados são corroborados pela satisfação da locatária com a adequação da edificação para ser uma loja de mobiliário, tendo informado que existe espaço suficiente para exposição das mercadorias e bom fluxo interno. Ela também afirmou que o exemplar atendeu às necessidades da atividade de venda de mobiliário, principalmente, em razão dos produtos desta loja não possuírem uma dimensão muito grande. Ainda, ela mencionou como positivo o fato da edificação possuir planta baixa livre, que permite a flexibilidade dos espaços. Ainda, a locatária informou que foi possível fazer algumas adaptações na rede elétrica para atender às necessidades da atividade na loja. Contudo, disse existir uma restrição considerável quanto às modificações possíveis de serem realizadas pela locatária. Por outro lado, embora não afete o seu nível de satisfação, ela também mencionou que a distribuição em três andares não é a melhor que poderia existir, pois o ideal seria que todos os produtos estivessem expostos em um mesmo andar. Adicionalmente, a distribuição dos produtos em andares diferentes foi mencionada como justificativa pela totalidade dos clientes (Tabela 4.68) que avaliaram a edificação como inadequada (18,8%) para abrigar a loja de mobiliário (Tabela 4.67).

Portanto, internamente a edificação do exemplar 1 atende às necessidades dos clientes de forma muito satisfatória tanto quanto à estética, como quanto ao uso, devido à quantidade de espaço adequada na loja. Para a locatária, por mais que ela tenha mencionado alguns aspectos que poderiam ser melhorados, as características positivas, como a quantidade de espaço e flexibilidade, tornam a sua avaliação do interior da edificação satisfatória para abrigar a loja de mobiliário.

Quanto ao espaço interno da ferragem (exemplar 2) (Figura 4.12), a maioria dos clientes (54,5%) avaliou a sua aparência de maneira satisfatória, mas parte expressiva a avaliou de forma neutra (45,5%) (Tabela 4.66)



Figura 4.11: Interior da ferragem (Exemplar 2)
Fonte: Google Street View @2016 (por André Sieler)

O interior da edificação também foi avaliado como adequado para a atividade que abriga (ferragem) pela grande maioria dos clientes (90,9%; Tabela 4.67), em razão, fundamentalmente, da quantidade de espaço do local (100%) (Tabela 4.68). Não foi possível confirmar este resultado com o locatário, mas em entrevista informal, um dos funcionários do local afirmou estar satisfeito com a adequação da edificação para ser uma ferragem. Ele afirmou que existe espaço suficiente para exposição das mercadorias e bom fluxo interno, além da edificação possuir pé direito alto e vãos livres que permitem organizar as mercadorias de diferentes formas.

Portanto, internamente a edificação do exemplar 2 atende às necessidades dos clientes de forma não tão satisfatória quanto à estética, embora não seja insatisfatória, e de forma muito satisfatória quanto ao uso, devido à quantidade de espaço adequada na loja. Ainda, para o funcionário da loja a edificação é satisfatória para abrigar a ferragem, devido à quantidade de espaço e flexibilidade do local.

Quanto ao espaço interno da farmácia (exemplar 3), a maioria dos clientes (e 53,1%) avaliou a sua aparência de maneira satisfatória, mas expressiva parte dos clientes (40,6%) avaliou de maneira neutra ou "nem bonita nem feia" (Tabela 4.66). O interior

da edificação também foi avaliado como adequado para a atividade que abriga pela grande maioria dos clientes (86,2%; Tabela 4.67), em razão, fundamentalmente, da quantidade de espaço do local (86,2%) (Tabela 4.68). Não foi possível confirmar este resultado com o locatário, mas em entrevista informal, os funcionários informaram como pontos positivos que existe espaço suficiente para a organização das gôndolas de produtos e bom fluxo interno. Contudo, eles informaram como negativo o fato as grandes esquadrias com vidros fixos da fachada da edificação, que não permitem a ventilação natural do ambiente interno e também são um problema quando à incidência direta de luz solar. Eles não informaram estarem satisfeitos ou insatisfeitos com o interior da edificação.

Portanto, internamente a edificação do exemplar 3 atende às necessidades dos clientes quanto ao uso devido à quantidade de espaço adequada na loja. Não é possível afirmar que o interior da edificação é satisfatório esteticamente para os clientes, pois as avaliações positivas foram pouco expressivas. Ainda, não é possível afirmar que a edificação é satisfatória para abrigar a farmácia quanto ao conforto interno (iluminação e ventilação), mas é satisfatória quanto à quantidade de espaço e flexibilidade.

Quanto ao espaço interno da loja de mobiliário (exemplar 4) (Figura 4.13), a expressiva maioria dos clientes (85,7%) avaliou a sua aparência de maneira muito satisfatória (Tabela 4.66).



Figura 4.12: Interior da loja de mobiliário (Exemplar 4)

Fonte: Google Idea360 @2016

O interior da edificação também foi avaliado como adequado para a atividade que abriga (loja de mobiliário) pela grande maioria dos clientes (92,9%; Tabela 4.67), em razão, fundamentalmente, da quantidade de espaço do local (100%) (Tabela 4.68). Esses resultados são corroborados pela satisfação do locatário com a adequação da edificação para ser uma loja de mobiliário, tendo informado um nível de satisfação 8

(em uma escala de 1 a 10, sendo 1 muito insatisfeito e 10 muito satisfeito). Ele afirmou que o exemplar atendeu às necessidades da atividade de venda de mobiliário, principalmente, em razão do vão livre e da área útil interna, mesmo que tenha dito que esta poderia ser ainda um pouco maior. Ainda, ao mesmo tempo que ele mencionou como positivo a ampla vitrine para a visibilidade interna dos produtos, ele afirmou que as fachadas em vidro também são um problema, devido ao alto custo com a climatização e a impossibilidade de ventilação natural, pois os vidros das fachadas são fixos. O locatário sugeriu que a edificação deveria ter proteção solar da fachada, como brises, assim como poderia possuir mecanismos de captação de energia solar e água da chuva, o que seria um diferencial, pois diminuiria os gastos de eletricidade e água.

Portanto, internamente a edificação do exemplar 4 atende às necessidades dos clientes de forma muito satisfatória tanto quanto à estética, como quanto ao uso, devido à quantidade de espaço adequada na loja. Para o locatário, por mais que tenha mencionado aspectos importantes que poderiam ser melhorados relacionados ao conforto térmico e de custos com recursos naturais, as características positivas, como a quantidade de espaço, tornam a sua avaliação do interior da edificação satisfatória para abrigar a loja de mobiliário.

Em relação ao espaço interno da loja de vestuário infantil (exemplar 5) (Figura 4.14), a totalidade dos clientes (100%) avaliou a sua aparência de maneira muito satisfatória (Tabela 4.66).



Figura 4.13: Interior da loja de vestuário infantil (Exemplar 5)

Fonte: www.aspatricias.com.br

O interior da edificação também foi avaliado como adequado para a atividade que abriga (loja de vestuário infantil) pela grande maioria dos clientes (93,8%; Tabela 4.67), em razão, fundamentalmente, da quantidade de espaço do local (100%) (Tabela

4.68). Esses resultados são corroborados pela satisfação da locatária com a adequação da edificação para ser uma loja de vestuário infantil, tendo informado que existe espaço suficiente para exposição das mercadorias e bom fluxo interno. Ainda, ela informou que sobra espaço do andar superior, onde ela considera uma parte administrativa e é onde as crianças que frequentam a loja com seus pais podem executar outras atividades, como brincar e desenhar, por exemplo. Também, a proprietária mencionou a grande vitrine como ponto positivo pela possibilidade de exposição das mercadorias, mas afirmou ser necessário o uso constante de ar condicionado, pois há incidência direta de luz solar e a edificação não possui proteção, e também não há a possibilidade de ventilação natural. Ainda, a proprietária afirmou que a escolha por alugar a edificação não teve relação com a estética do exterior do prédio, que ela descreveu como “sem graça” por carecer de detalhes na fachada da edificação. Ela informou que preferiria alugar uma casa convencional que fosse adaptável à loja, pois seria mais bonita e convidativa.

Portanto, internamente edificação do exemplar 5 atende às necessidades dos clientes de forma muito satisfatória tanto quanto à estética, como quanto ao uso, devido à quantidade de espaço adequada na loja. Para a locatária, por mais que ela tenha mencionado aspectos negativos, as características positivas, como a quantidade de espaço, tornam a sua avaliação do interior da edificação satisfatória para abrigar a loja de vestuário infantil.

Quanto ao espaço interno da loja de mobiliário (exemplar 6), a totalidade dos clientes (100%) avaliou a sua aparência de maneira muito satisfatória (Tabela 4.66). O interior da edificação também foi avaliado como adequado para a atividade que abriga (loja de mobiliário) pela grande maioria dos clientes (91,7%; Tabela 4.67), em razão, fundamentalmente, da quantidade de espaço do local (100%) (Tabela 4.68). Não foi possível contatar o locatário da edificação. Contudo, por observação em visita ao local, pode ser avaliado que a edificação tem espaço suficiente para exposição dos produtos e fluxo de pessoas. Ainda, devido à colocação de placas externas na fachada por parte do locatário, não foi observado problema quanto à incidência solar.

Portanto, internamente edificação do exemplar 6 atende às necessidades dos clientes de forma muito satisfatória tanto quanto à estética, como quanto ao uso, devido à quantidade de espaço adequada na loja. No que foi possível a pesquisadora analisar em visita ao local, a edificação parece atender às necessidades da sua atividade,

contudo, não é possível afirmar se o locatário está satisfeito ou insatisfeito com a edificação.

A edificação do exemplar 7 é dividida em duas unidades e dois usos. Quanto ao espaço interno do salão de beleza (exemplar 7), a expressiva maioria dos clientes (93,8%) avaliou a sua aparência de maneira muito satisfatória (Tabela 4.66). O interior da edificação também foi avaliado como adequado para a atividade que abriga pela grande maioria dos clientes (86,7%; Tabela 4.67), em razão, fundamentalmente, da quantidade de espaço do local (86,7%) (Tabela 4.68). Não foi possível contatar o locatário da edificação. Quanto ao espaço interno da farmácia (exemplar 7) (Figura 4.20), a maioria dos clientes (56,7%) avaliou a sua aparência de maneira satisfatória e 43,3% de forma neutra ou “nem bonita nem feia” (Tabela 4.66). O interior da edificação também foi avaliado como adequado para a atividade que abriga pela grande maioria dos clientes (96,6%; Tabela 4.67), em razão, fundamentalmente, da quantidade de espaço do local (100%) (Tabela 4.68). Não foi possível contatar o locatário da edificação, mas em conversa informal com os funcionários, o espaço foi avaliado por eles de maneira satisfatória, devido espaço suficiente para exposição das mercadorias e bom fluxo interno. Contudo, foi mencionado o problema da incidência solar direta na edificação, que acarreta no uso constante de ar condicionado e de cortinas, devido à impossibilidade da abertura dos vidros da fachada.

Portanto, internamente edificação do exemplar 7 (salão de beleza) atende às necessidades dos clientes de forma muito satisfatória tanto quanto à estética, como quanto ao uso, devido à quantidade de espaço adequada na loja. Quanto à farmácia, não é possível afirmar que sua aparência interna é predominante satisfatória, mas seu uso interno é muito satisfatório para os clientes, em razão da quantidade de espaço adequada na loja. Não foi possível obter a avaliação do locatário, mas, segundo os funcionários, a edificação é satisfatória para abrigar o uso de farmácia, devido à quantidade de espaço, mas insatisfatória quanto ao conforto térmico.

Quanto ao espaço interno da academia (exemplar 8) (Figura 4.15), a expressiva maioria dos clientes (96,4%) avaliou a sua aparência de maneira muito satisfatória (Tabela 4.66).



Figura 4.14: Interior da academia (Exemplar 8)

Fonte: www.juliafleck.com.br

O interior da edificação também foi avaliado como adequado para a atividade que abriga (academia) pela grande maioria dos clientes (82,2%; Tabela 4.67), em razão, fundamentalmente, da quantidade de espaço do local (100%) (Tabela 4.68). Esses resultados são corroborados pela satisfação da locatária com a adequação da edificação para ser uma academia, tendo informado um nível de satisfação 4 (em uma escala de 1 a 5, sendo 1 muito insatisfeito e 5 muito satisfeito). Ela mencionou como positivo a área útil interna, o pé direito alto e o vão livre, pois comporta os equipamentos utilizado para os treinamentos, que possuem grandes dimensões, assim como as estruturas para escaladas na parede ou em corda, por exemplo. Contudo, como pontos negativos a locatária mencionou a falta de um elevador, pois a edificação tem 3 andares. Ainda, a escada não estava de acordo com as normas de prevenção contra incêndio, e a proprietária teve que realizar as correções para a liberação de funcionamento do estabelecimento. Também, foi mencionado a falta de um local para carga e descarga de produtos e equipamentos, o que acarretou na necessidade de desmontar parte da estrutura da fachada de vidro fixo para a entrada de equipamentos. A fachada em pele de vidro fixo foi apontada como um grande problema, pois não é possível ventilar naturalmente o local e a incidência solar é muito forte, sendo necessário uso constante de ar condicionado com mecanismo especial de troca de ar. A proprietária afirmou que deveriam ter brises na fachada da edificação para minimizar estes problemas. Ainda, a falta de uma previsão no projeto elétrico para uma carga maior acarretou a adaptação de todo o projeto elétrico para a atividade da academia.

Portanto, internamente a edificação do exemplar 8 atende às necessidades dos clientes de forma muito satisfatória tanto quanto à estética, como quanto ao uso, devido à quantidade de espaço adequada na loja. Para a locatária, por mais que ela tenha mencionado muitos problemas relacionados ao conforto térmico interno e à acessibilidade vertical, as características positivas, como a quantidade de espaço, tornam a sua avaliação do interior da edificação satisfatória para abrigar a academia.

Quanto ao espaço interno do salão de beleza (exemplar 9) (Figura 4.16), a maioria dos clientes (75,0%) avaliou a sua aparência de maneira satisfatória (Tabela 4.66).

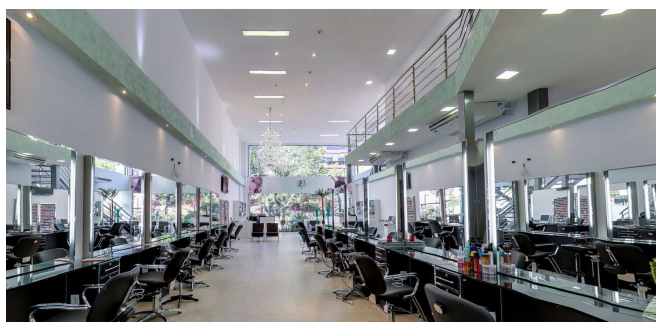


Figura 4.15: Interior do “salão de beleza 2” (Exemplar 9)

Fonte: Google Idea360 @2016

O interior da edificação foi avaliado como adequado para a atividade que abriga (salão de beleza) pela grande maioria dos clientes (93,7%; Tabela 4.67), em razão, fundamentalmente, da quantidade de espaço do local (100%) (Tabela 4.68). Adicionalmente, o locatário da edificação informou um nível de 3,75 de satisfação (em uma escala de 1 a 5, sendo 1 muito insatisfeito e 5 muito satisfeito), com o interior da edificação para abrigar o salão de beleza. Como aspectos positivos ele apontou a área útil interna, o pé direito alto, vão livre e a flexibilidade dos espaços. Como pontos negativos, ele mencionou a impossibilidade de modificar os pontos elétricos sem utilizar canalizações aparentes, pois a edificação não permite que a fiação elétrica seja embutida na parede. Outro problema é a fachada frontal da edificação em vidro fixo, que não permite a abertura e a ventilação natural, além de não possuir proteção solar. Ainda, a posição das esperas das máquinas evaporadoras de ar condicionado em uma das principais fachadas frontais da edificação foi mencionado como muito negativo, por ser feio para a aparência da edificação.

Portanto, internamente edificação do exemplar 9 atende às necessidades dos clientes de forma satisfatória quanto à estética, e muito satisfatória como quanto ao uso, devido à quantidade de espaço adequada na loja. Para o locatário, por mais que ele

tenha mencionado problemas, como o conforto térmico interno, as características positivas, como a quantidade de espaço e a flexibilidade, tornam a sua avaliação do interior da edificação satisfatória para abrigar a academia.

4.2.2.1 Considerações sobre o objetivo específico 5

Internamente, todas as 9 edificações e seus 10 estabelecimentos atenderam de forma muito satisfatória os clientes quanto ao uso, devido à quantidade de espaço dos locais, única justificativa apontada por todos os respondentes. Quanto à estética interna, apenas as farmácias e a ferragem foram avaliadas de maneira mais neutra, não podendo ser afirmado que são satisfatórias.

Foi possível obter informações junto aos locatários ou funcionários quanto à adequação interna de 8 das 9 edificações tipo “construído para alugar” para 8 de 10 atividades: exemplares 1 (loja de mobiliário), 2 (ferragem), 3 (farmácia), 4 (loja de mobiliário), 5 (loja de roupa infantil), 7 (farmácia), 8 (academia) e 9 (salão de beleza). Todos os locatários entrevistados indicaram estar predominantemente satisfeitos com as edificações internamente para abrigar os seus estabelecimentos, principalmente devido à quantidade de espaço, flexibilidade e vitrines amplas das edificações. Não foram identificados problemas significativos nas edificações dos exemplares 1 e 2. Contudo, nas demais edificações (exemplares 3, 4, 5, 7, 8 e 9), os problemas relatados pelos locatários e funcionários são significativos. Em todas estas unidades foi mencionado que suas fachadas com esquadrias ou pele de vidro sem possibilidade de abertura para ventilação natural são um aspecto insatisfatório, devido à necessidade constante de uso de ar condicionado. Também, foi afirmado que estas fachadas não possuem proteção solar, como brises, e o sol incide diretamente dentro das edificações, o que aumenta o desconforto térmico, mesmo com o uso de cortinas internas. Ainda, estes fatores foram apontados pelo locatário do exemplar 4 (loja de mobiliário), como geradores de maiores despesas com energia elétrica e gasto de recursos naturais que poderiam. Em complemento, além de todos estes problemas relacionados ao conforto térmico e de despesas com energia, a locatária do exemplar 8 (academia), mencionou incômodos com questões de acessibilidade interna da edificação, como a escada que estava fora do padrão exigido pelas normas de proteção contra incêndio.

Assim, é possível afirmar que as edificações do tipo “construído para alugar” atendem às necessidades dos clientes de forma muito satisfatória internamente, considerando o tamanho adequado dos espaços e sua estética predominantemente satisfatória. Contudo, tais edificações atendem às necessidades dos locatários e funcionários apenas quanto à quantidade de espaço e à flexibilidade, mas não atendem às necessidades de conforto interno. Assim, não é possível afirmar que as mesmas são adequadas quanto ao conforto térmico para os indivíduos que permanecem mais tempo no interior destas edificações, como locatários e funcionários.

4.2.3 OBJETIVO ESPECÍFICO 6: Analisar o nível de satisfação quanto às áreas de estacionamento e os acessos para pedestres e para automóveis, de acordo com a percepção de clientes e locatários.

Os resultados apresentados são provenientes dos questionários aplicados aos clientes e das entrevistas realizadas com os locatários dos estabelecimentos. A expressiva maioria dos clientes (87,5%) informou que utiliza o carro para se deslocar até a loja de mobiliário (exemplar 1) (Figura 4.17), e apenas 12,5% mencionou que vai a pé (Tabela 4.69).



Figura 4.16: Área estacionamento e acessos ao exemplar 1

Fonte: Fonte: montagem com utilização de fotografia do Google Street View @2016

Tabela 4.69: Principal meio de transporte utilizado pelos clientes para chegar ao estabelecimento

Modo de deslocamento	Exemplares – Ex.n(n)									
	Ex.1 (16)	Ex.2 (22)	Ex.3 (30)	Ex.4 (14)	Ex.5 (16)	Ex.6 (12)	Ex.7 (s=16/f=30)	Ex.8 (28)	Ex.9 (19)	
A pé	2 (12,5)	17 (77,3)	23 (76,7)	2 (14,28)	11 (68,8)	2 (16,7)	4 (25,0)	22 (73,3)	8 (28,6)	14 (87,5)
Carro	14 (87,5)	10 (45,5)	12 (40,0)	12 (85,7)	8 (50,0)	10 (83,3)	12 (75,0)	16 (53,3)	21 (75,0)	5 (31,3)
Bicicleta	0(0)	0(0)	0(0)	0(0)	0(0)	0(0)	0(0)	0(0)	1 (3,6)	0(0)

Notas: n(%) número absoluto de respondentes que selecionaram a categoria em questão (porcentagem de respondentes em relação às amostras individuais ou total; s = salão de beleza; f = farmácia (referem-se ao exemplar 7, que possui dois usos)

Ainda, a área de estacionamento do exemplar 1 foi avaliada como muito insatisfatória pela maioria dos clientes (81,3%) (Tabela 4.70).

Tabela 4.70: Avaliações pelos clientes dos acessos e áreas de estacionamento

Avaliação	Ex.1 (16)	Ex.2 (22)	Ex.3 (30)	Ex.4 (14)	Ex.5 (16)	Ex.6 (12)	Ex.7 (37)	Ex.8 (27)	Ex.9 (16)
Adequada	2 (12,5)	7 (31,8)	26 (81,3)	4 (28,6)	1 (6,3)	9 (75,0)	34 (91,9)	12 (42,9)	2 (12,5)
Inadequada	13 (81,3)	12 (54,5)	2 (6,3)	9 (64,3)	14 (87,5)	3 (25,0)	1 (2,7)	11 (39,3)	13 (81,3)
Não sei	1 (6,3)	3 (13,6)	2 (6,3)	1 (7,1)	1 (6,3)	0(0)	2 (5,4)	5 (17,8)	1 (6,3)

Notas: n(%) número absoluto de respondentes que selecionaram a categoria em questão (porcentagem de respondentes em relação às amostras individuais ou total; o exemplar 7 possui dois usos, mas estacionamento em comum.

Esta avaliação insatisfatória da área de estacionamento da loja de mobiliário ocorreu em razão, principalmente, do “acesso difícil para o carro” (100%), do “tamanho das vagas inadequado” (100%) e do “trajeto inadequado entre estacionamento e edificação” (76,9%) (Tabela 4.71). Esse resultado é corroborado pelas informações fornecidas pela locatária do estabelecimento, que mencionou a dificuldade em acessar o estacionamento, pois “a edificação fica em um setor da rua onde os carros passam em alta velocidade”. Ainda, ela informou que o ideal seria haver mais espaço para vagas de estacionamento.

Tabela 4.71: Justificativas para as avaliações pelos clientes dos acessos e áreas de estacionamento

Avaliação	Acessos e áreas adequadas								
	Ex.1 (2)	Ex.2 (7)	Ex.3 (26)	Ex.4 (4)	Ex.5 (1)	Ex.6 (9)	Ex.7 (34)	Ex.8 (12)	Ex.9 (2)
Acesso fácil para o carro	1 (50,0)	6 (85,7)	19 (73,1)	4 (100)	1 (100)	9 (100)	33 (97,1)	8 (66,7)	1 (50,0)
Trajeto adequado entre estacionamento e edificação	1 (50,0)	5 (71,4)	0(0)	0(0)	0(0)	0(0)	9 (26,5)	5 (41,7)	0(0)
Tamanho vagas adequado	0(0)	3 (42,9)	16 (64,5)	1(25,0)	0(0)	3 (33,3)	25 (73,5)	2 (16,7)	1 (50,0)
Avaliação	Acessos e áreas inadequadas								
	Ex.1 (13)	Ex.2 (12)	Ex.3 (2)	Ex.4 (9)	Ex.5 (14)	Ex.6 (3)	Ex.7 (1)	Ex.8 (11)	Ex.9 (13)
Acesso difícil para o carro	13 (100)	11 (91,7)	0(0)	8 (88,9)	14 (100)	0(0)	0(0)	5 (45,5)	11 (84,6)
Tamanho das vagas inadequado	13 (100)	10 (83,3)	0(0)	7 (77,8)	13 (92,9)	1 (33,3)	0(0)	5 (45,5)	9 (69,2)

Trajeto inadequado entre estacionamento e edificação	10 (76,9)	6 (50,0)	2 (100)	7 (77,8)	7 (50,0)	3 (100)	1 (100)	5 (45,5)	7 (53,8)
--	--------------	-------------	------------	-------------	-------------	------------	------------	-------------	-------------

Notas: n(%) número absoluto de respondentes que selecionaram as justificativas para a avaliação dos acessos e área de estacionamento (porcentagem de respondentes em relação às amostras individuais ou total; o exemplar 7 possui dois usos, mas estacionamento em comum).

Adicionalmente, os clientes da loja de mobiliário (exemplar 1) julgaram de forma insatisfatória (81,3%) o acesso do pedestre da calçada à porta da edificação (Tabela 4.72).

Tabela 4.72: Avaliações pelos clientes dos acessos de pedestres aos estabelecimentos

Avaliação	Ex.1 (16)	Ex.2 (22)	Ex.3 (30)	Ex.4 (14)	Ex.5 (16)	Ex.6 (12)	Ex.7 (s=15/f=29)	Ex.8 (27)	Ex.9 (16)	
Adequada	3 (18,8)	8 (36,4)	15 (50,0)	10 (71,4)	9 (56,3)	10 (83,3)	15 (100)	23 (79,3)	22 (78,6)	3 (18,8)
Inadequada	13 (81,3)	12 (54,5)	14 (46,6)	5 (28,6)	6 (37,5)	2 (16,7)	0(0)	3 (10,3)	3 (10,7)	12 (75,0)
Não sei	0(0)	2 (9,1)	1 (3,3)	0(0)	1 (6,3)	0(0)	0(0)	3 (10,3)	2 (7,1)	1 (6,3)

Notas: n(%) número absoluto de respondentes que selecionaram a categoria em questão (porcentagem de respondentes em relação às amostras individuais ou total; s = salão de beleza; f = farmácia (referem-se ao exemplar 7, que possui dois usos)

Esta avaliação insatisfatória do acesso do pedestre da calçada à porta da loja de mobiliário ocorreu em razão, principalmente, da “falta de diferenciação entre caminho dos carros e dos pedestres” (100%) (Tabela 4.73) (Figura 17). Contudo, esse aspecto não foi mencionado pela locatária na entrevista. Portanto, fica constatado que as áreas de estacionamento e acessos aos carros e aos pedestres são muito insatisfatórias para os clientes, embora a locatária tenha mencionado como inadequados apenas o acesso aos carros e o tamanho das vagas de estacionamento.

Tabela 4.73: Justificativas para as avaliações pelos clientes dos acessos de pedestres aos estabelecimentos

Acessos adequados										
Avaliação	Ex.1 (3)	Ex.2 (8)	Ex.3 (15)	Ex.4 (10)	Ex.5 (9)	Ex.6 (10)	Ex.7 (s=15/f=23)	Ex.8 (22)	Ex.9 (3)	
Revestimento piso adequado	3 (100)	2 (25,0)	15 (100)	10 (100)	6 (66,7)	1 (50,0)	13 (86,7)	19 (82,6)	16 (72,7)	2 (66,7)
Sinalização clara da entrada	1 (33,3)	7 (87,5)	0(0)	1 (11,1)	3 (33,3)	0(0)	2 (13,3)	9 (39,1)	12 (54,5)	2 (66,7)
Diferenciação entre caminho dos carros e dos pedestres	0(0)	0(0)	0(0)	0(0)	0(0)	10 (100)	4 (26,7)	5 (21,7)	4 (18,2)	0(0)
Acessos inadequados										
Avaliação	Ex.1 (13)	Ex.2 (12)	Ex.3 (14)	Ex.4 (4)	Ex.5 (6)	Ex.6 (2)	Ex.7 (s=0/f=3)	Ex.8 (3)	Ex.9 (12)	
Revestimento piso inadequado	0(0)	2 (16,7)	3 (21,4)	0(0)	2 (33,3)	2 (100)	0(0)	1 (33,3)	2 (66,7)	1 (6,25)
Falta de diferenciação entre caminho dos carros e dos pedestres	13 (100)	10 (83,3)	14 (100)	4 (100)	6 (100)	0(0)	0(0)	2 (33,3)	1 (33,3)	11 (91,7)

Notas: n(%) número absoluto de respondentes que selecionaram as justificativas para a avaliação dos acessos de pedestres (porcentagem de respondentes em relação às amostras individuais ou total; s = salão de beleza; f = farmácia (referem-se ao exemplar 7, que possui dois usos)

A maioria dos clientes (77,3%) informou que utiliza o carro para se deslocar até a ferragem (exemplar 2) (Figura 4.18), e uma parte expressiva (45,5%) mencionou ir a pé (Tabela 4.69). A área de estacionamento foi avaliada como insatisfatória por 54,5% dos clientes e como satisfatória para 37,7% (Tabela 4.70). As avaliações insatisfatórias foram justificadas pelo “acesso difícil para o carro” (100%), pelo “tamanho das vagas inadequado” (100%) e pelo “trajeto inadequado entre o estacionamento e edificação” (50,0%) (Figura 4.73), enquanto os julgamentos positivos foram em razão do “acesso fácil para o carro” (85,7%), do “trajeto adequado entre estacionamento e edificação” (71,4%) e do “tamanho vagas adequado” (42,9%) (Tabela 4.71). Contudo, todos os clientes consultados se referiram ao estacionamento externo, não tendo sido possível avaliar as vagas do subsolo.



Figura 4.17: Área estacionamento e acessos ao exemplar 2

Fonte: autora

Adicionalmente, os clientes da ferragem (exemplar 2) julgaram de forma insatisfatória (54,5%) o acesso do pedestre da calçada à porta da edificação (Tabela 4.72), foi a “falta de diferenciação entre caminho dos carros e dos pedestres” (83,3%) (Tabela 4.71) (Figura 4.18). Apenas 36,4% dos clientes julgou satisfatório este acesso do pedestre da calçada à edificação (Tabela 4.72), devido à “sinalização clara da entrada” (87,5%) (Tabela 4.73). Não foi possível obter informações do locatário. Portanto, fica constatado que as áreas de estacionamento externas e acessos aos carros e aos pedestres são insatisfatórias para os clientes.

A maioria dos clientes (76,7%) informou que vai a pé à farmácia (exemplar 3) (Figura 4.19), uma parte expressiva (40,0%) informou que utiliza o carro (Tabela 4.69). A área de estacionamento foi avaliada como satisfatória (81,3%) (Tabela 4.70), em razão, fundamentalmente, do “acesso fácil para o carro” (73,1%) e do “tamanho

adequado das vagas” (64,5%) (Tabela 4.71). Esse resultado é corroborado pelas informações fornecidas pelo funcionário do estabelecimento, que informou não perceber problemas com o acesso ou com a área do estacionamento. Ele também mencionou que os clientes utilizam o espaço de estacionamento da loja ao lado que está desocupada, mas que isso não ocorre com frequência (Figura 4.19).



Figura 4.18: Área estacionamento e acessos ao exemplar 3

Fonte: autora

Adicionalmente, apenas 50% dos clientes da farmácia (exemplar 3) julgaram de forma satisfatória o acesso do pedestre da calçada à porta da edificação (Tabela 4.72), em razão da “falta de diferenciação entre caminho dos carros e dos pedestres” (100%) (Tabela 4.73) (Figura 19). Os 46,6% que informaram estarem satisfeitos (Tabela 4.72) justificaram pelo “revestimento adequado do piso” (100%) (Tabela 4.71). Quatro moradores que também são clientes do estabelecimento mencionaram que, algumas vezes, ao entrar e sair das vagas, os carros entram em conflito com a circulação dos pedestres na calçada (Figura 4.19). Portanto, fica constatado que as áreas de estacionamento e acessos aos carros são muito satisfatórias e aos pedestres são insatisfatórias, de acordo com os clientes.

A expressiva maioria dos clientes (85,7%) informou que utiliza o carro para se deslocar à loja de mobiliário (exemplar 4) (Figura 4.20) (Tabela 4.69). Ainda, a área de estacionamento externo foi avaliada como satisfatória por apenas 28,6% dos clientes, predominando o julgamento insatisfatório (64,3%) (Tabela 4.70), em razão do “acesso difícil para o carro” (88,9%), do “tamanho das vagas inadequado” (77,8%) e do “trajeto inadequado entre estacionamento e edificação” (77,8%). O locatário informou que um dos motivos dos pontos positivos da edificação é a possibilidade de estacionamento. Contudo, todos os clientes consultados afirmaram ter utilizado apenas o estacionamento externo, pois não sabiam da existência do estacionamento no

subsolo, que tem seu acesso na descida da Rua Anita Garibaldi, e não na Rua Mariland (onde é o acesso ao pedestre) (Figura 4.20).



Figura 4.19: Área estacionamento e acessos ao exemplar 4

Fonte: Fonte: montagem com utilização de fotografia do Google Street View @2016

Adicionalmente, os clientes da loja de mobiliário (exemplar 4) julgaram de forma insatisfatória (71,4%) o acesso do pedestre da calçada à porta da edificação (Tabela 4.72), em razão, principalmente, da “falta de diferenciação entre caminho dos carros e dos pedestres” (100%) (Tabela 4.73) (Figura 23). Contudo, esse aspecto não foi mencionado pelo locatário na entrevista. Portanto, fica constatado que as áreas de estacionamento externas e acessos aos carros e aos pedestres são insatisfatórias para os clientes, embora o locatário não tenha mencionado como inadequadas.

A maioria dos clientes (68,8%) informou que utiliza o carro para se deslocar à loja de vestuário infantil (exemplar 5) (Figura 4.21), e metade (50,0%) mencionou que vai a pé (Tabela 4.69). A área de estacionamento foi avaliada como muito insatisfatória pela maioria dos clientes (87,5%) (Tabela 4.70), em razão, principalmente, do “acesso difícil para o carro” (100%), do “tamanho das vagas inadequado” (92,9%) e do “trajeto inadequado entre estacionamento e edificação” (50,0%) (Tabela 4.71). Esse resultado é corroborado pelas informações fornecidas pela locatária do estabelecimento, que mencionou a dificuldade em acessar o estacionamento e a falta de mais vagas (Figura 4.21).



Figura 4.20: Área estacionamento e acessos ao exemplar 5

Fonte: autora

Adicionalmente, embora 56,3% dos clientes da loja de vestuário infantil (exemplar 5) tenham avaliado o acesso do pedestre da calçada à porta da edificação de maneira satisfatória, 37,5% julgaram-no insatisfatória. (Tabela 4.72) (Figura 4.21). A principal justificativa para a insatisfação foi a “falta de diferenciação entre caminho dos carros e dos pedestres” (100%), enquanto que para o julgamento satisfatório foi o “revestimento adequado do piso” (66,7%) (Tabela 4.73). Contudo, esse aspecto não foi mencionado pela locatária na entrevista. Portanto, fica constatado que as áreas de estacionamento e acessos aos carros são muito insatisfatórias, e aos pedestres são insatisfatórias.

A maioria dos clientes (83,3%) informou que utiliza o carro para se deslocar à loja de mobiliário (exemplar 6) (Figura 4.22), e apenas 16,7% mencionou que vai a pé (Tabela 4.69). Ainda, a área de estacionamento do exemplar 1 foi avaliada como satisfatória pela maioria dos clientes (75,0%) (Tabela 4.70), em razão, principalmente, do “acesso fácil para o carro” (100%) (Tabela 4.71).



Figura 4.21: Área estacionamento e acessos ao exemplar 6

Fonte: autora

Adicionalmente, os clientes da loja de mobiliário (exemplar 6) julgaram de forma muito satisfatória (83,3%) o acesso do pedestre da calçada à porta da edificação (Tabela 4.72), em razão, principalmente, da “diferenciação entre caminho dos carros e dos pedestres” (100%) (Tabela 4.73) (Figura 4.22). Não foi possível obter informações do locatário. Portanto, fica constatado que as áreas de estacionamento e acessos aos carros e aos pedestres são muito satisfatórias para os clientes.

O exemplar 7 possui 2 unidades e dois usos: salão de beleza e farmácia. A maioria dos clientes (75,0%) informou que utiliza o carro para se deslocar ao salão de beleza (exemplar 7), e 25,0% mencionou que vai a pé (Tabela 4.69), enquanto que a maioria (73,3%) dos clientes da farmácia informou ir a pé e outra parte expressiva (53,3%) de carro (Tabela 4.69). A área de estacionamento do exemplar 7 (Figura 4.23) é compartilhada por ambas as lojas, e foi avaliada como muito satisfatória pela maioria dos clientes (91,9%) (Tabela 4.70), em razão, fundamentalmente, do “acesso fácil para o carro” (97,1%) e do “tamanho das vagas adequado” (73,5%) (Tabela 4.71).

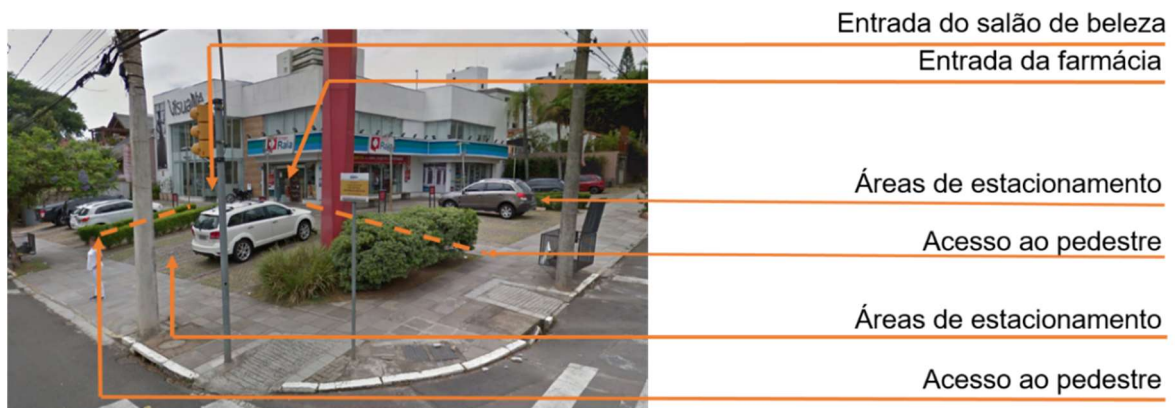


Figura 4.22: Área estacionamento e acessos ao exemplar 7

Fonte: Fonte: montagem com utilização de fotografia do Google Street View @2016

Adicionalmente, os clientes do salão de beleza (exemplar 7) (Figura 4.23) julgaram de forma muito satisfatória (100%) o acesso do pedestre da calçada à porta da edificação (Tabela 4.72) em razão, principalmente, do “revestimento piso adequado” (86,7%) (Tabela 4.73). Ainda, os clientes da farmácia (exemplar 7) julgaram de forma satisfatória (79,3%) o acesso do pedestre da calçada à porta da edificação (Tabela 4.72) em razão, principalmente, do “revestimento piso adequado” (82,6%) e da “sinalização clara da entrada do estabelecimento” (39,1%) (Tabela 4.73). Não foi possível entrevistar os locatários dos dois estabelecimentos. Portanto, fica constatado

que as áreas de estacionamento e acessos aos carros e aos pedestres são muito satisfatórias para os clientes tanto do salão de beleza, quando da farmácia.

A maioria dos clientes (75,0%) informou que utiliza o carro para se deslocar à academia (exemplar 8) (Figura 4.24), e 28,6% mencionou que vai a pé (Tabela 4.69). Ainda, esse estabelecimento foi o único no qual foi mencionado o uso de bicicleta (3,6% do total da amostra do exemplar 8) (Tabela 4.69). A área de estacionamento foi avaliada como muito satisfatória por apenas 42,9% dos clientes (Tabela 4.70), em razão, principalmente, do “acesso fácil para o carro” (66,7%) e do “trajeto adequado entre estacionamento e edificação” (41,7%) (Tabela 4.71). Já os 39,3% que avaliaram de maneira insatisfatória este aspecto (Tabela 4.70) justificaram pelo “acesso difícil para o carro” (45,5%), pelo “tamanho das vagas inadequado” (45,5%) e pelo “trajeto inadequado entre estacionamento e edificação” (45,5%) (Tabela 4.71). Esse resultado é corroborado pelas informações fornecidas pela locatária do estabelecimento, que mencionou ter alugado a edificação com a possibilidade de estacionamento na calçada, mas que as vagas não foram regularizadas junto à prefeitura pelo responsável pela aprovação da edificação. Logo, ela disse que isso impede que os clientes utilizem as vagas, ou, quando eles conseguem, podem não conseguir sair, pois outros carros estacionam na rua, junto ao cordão que não está rebaixado (Figura 4.24). Assim, a locatária informou que teve que estabelecer um convênio pago com o estacionamento da edificação do lado oposto da rua, até que o problema seja resolvido.

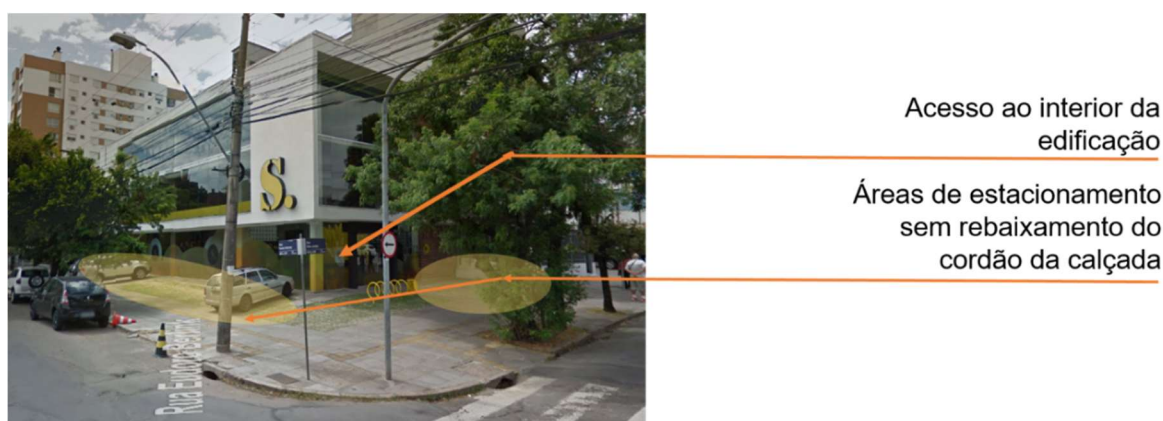


Figura 4.23: Área estacionamento e acessos ao exemplar 8

Fonte: montagem com utilização de fotografia do Google Street View @2016

Adicionalmente, os clientes da academia (exemplar 8) julgaram de forma satisfatória (78,6%) o acesso do pedestre da calçada à porta da edificação (Tabela 4.72), em razão, principalmente, do “revestimento do piso adequado” (72,7%) e da “sinalização

clara da entrada do estabelecimento” (54,5%) (Tabela 4.73). A locatária também disse estar satisfeita com esta avaliação. Portanto, fica constatado que as áreas de estacionamento e acessos aos carros são insatisfatórias, e os acessos aos pedestres são satisfatórios, tanto para os clientes quanto para a locatária.

A expressiva maioria dos clientes (87,5%) informou que vai a pé ao salão de beleza (exemplar 9) (Figura 4.25), e 31,3% mencionou ir de carro (Tabela 4.69). A área de estacionamento foi avaliada como muito insatisfatória pela maioria dos clientes (81,3%) (Tabela 4.70), em razão, principalmente, do “acesso difícil para o carro” (84,6%), o “tamanho das vagas inadequado” (69,2%) e o “trajeto inadequado entre estacionamento e edificação” (53,8%) (Tabela 4.71). As vagas do estacionamento são externas em frente à edificação e no subsolo, e os clientes da amostra utilizaram os dois tipos de estacionamento. Cinco clientes mencionaram nas respostas do questionário que a área de manobra dos carros não é adequada, tanto no subsolo quanto na rua. Contudo, esses aspectos não foram mencionados pelo locatário na entrevista, que disse estar satisfeito com a área de estacionamento.

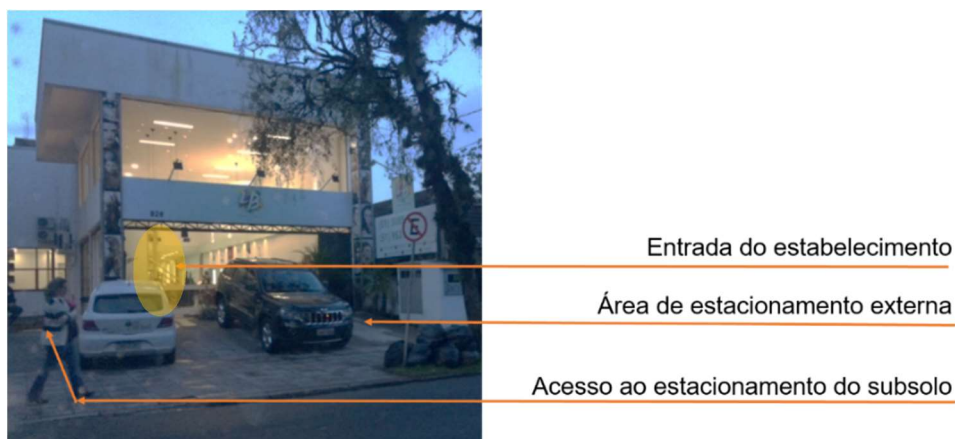


Figura 4.24: Área estacionamento e acessos ao exemplar 9

Fonte: autora

Adicionalmente, os clientes do salão de beleza (exemplar 9) julgaram de forma insatisfatória (75,0%) o acesso do pedestre da calçada à porta da edificação (Tabela 4.72), em razão, principalmente, da “falta de diferenciação entre caminho dos carros e dos pedestres” (91,7%) (Tabela 4.73). Esse resultado é corroborado por cinco moradores do entorno que procuraram a pesquisadora durante a aplicação dos questionários e demonstrarem sua insatisfação com os carros dos clientes que são deixados na área de circulação da calçada, colocando em perigo e impedindo o deslocamento adequado dos pedestres. Contudo, esses aspectos não foram mencionados pelo locatário na entrevista. Portanto, fica constatado que as áreas de

estacionamento e acessos aos carros e aos pedestres são muito insatisfatórias para os clientes, embora o locatário tenha mencionado estar satisfeito.

4.2.3.1 Considerações sobre o objetivo específico 6

Dos 10 estabelecimentos investigados, as lojas de mobiliário (exemplares 1, 4 e 6) foram as únicas nas quais os clientes mencionaram usar com muito mais expressividade o carro do que se deslocar a pé até os exemplares. Nos demais estabelecimentos, estas duas maneiras de deslocamento foram muito mencionadas, e em 3 deles, a frequência a pé foi mais expressiva: exemplares 3 (ferragem), 7 (farmácia) e 9 (salão de beleza). A bicicleta foi utilizada em apenas um estabelecimento (academia), não sendo expressiva.

Apenas o exemplar 6 (loja de mobiliário) e o exemplar 7 (salão de beleza e farmácia) tiveram tanto o acesso e áreas de estacionamento quanto o acesso do pedestre à edificação avaliados de maneira expressivamente satisfatória pelos clientes.

Embora o acesso e a área de estacionamento do exemplar 3 (farmácia) tenham sido avaliados de maneira expressivamente satisfatória, o acesso do pedestre foi avaliado de maneira insatisfatória pelos clientes. O exemplar 8 (academia) obteve avaliações insatisfatórias quanto o acesso e à área de estacionamento, e satisfatórias quanto ao acesso do pedestre à edificação, tanto por clientes quanto pela locatária. Os exemplares 2 (ferragem) e 4 (loja de mobiliário), tiveram avaliações insatisfatórias destes dois aspectos, contudo, só foram obtidas respostas relacionadas ao estacionamento externo destes locais, e não às vagas do subsolo, e o locatário do exemplar 4 não mencionou insatisfação com o estacionamento.

Os exemplares 1 (loja de mobiliário), 5 (loja de vestuário infantil) e 9 (salão de beleza) obtiveram avaliações expressivamente insatisfatórias dos clientes quanto ao acesso e vagas de estacionamento e quanto ao acesso do pedestre às edificações, embora somente os locatários dos exemplares 1 e 5 tenham dito estarem insatisfeitos com as áreas de estacionamento.

As principais justificativas para as avaliações dos acessos e das áreas de estacionamento foram a existência (para avaliações satisfatórias) ou a falta (para avaliações insatisfatórias) de: fácil acesso, tamanhos adequados das vagas e trajeto

adequado entre o estacionamento e a entrada da edificação. Ainda, no exemplar 8 (academia), a locatária relacionou o problema com as vagas de estacionamento à não regularização destas junto à prefeitura. Quanto às avaliações dos acessos dos pedestres à edificação, as avaliações satisfatórias dos clientes apontaram principalmente revestimentos de piso adequados e a diferenciação entre o caminho dos pedestres e o dos carros. Já as avaliações insatisfatórias apontaram a falta da diferenciação entre o caminho dos carros e pedestres.

Portanto, apenas 2 dos 9 exemplares possuem tanto acessos para carros e áreas de estacionamento quanto acessos de pedestres às edificações que atendem às necessidades dos clientes e locatários, número pouco expressivo diante da importância da acessibilidade adequada às edificações.

4.2.4 OBJETIVO ESPECÍFICO 7: Analisar a relação entre a localização do estabelecimento e seu desempenho conforme as avaliações dos locatários e agentes imobiliários, assim como por meio do padrão de utilização dos clientes (suas motivações, frequências e distância da residência) e a acessibilidade ao local.

Os resultados apresentados são provenientes dos questionários aplicados aos clientes e das entrevistas realizadas com os locatários dos estabelecimentos e agentes imobiliários.

A locatária da loja de mobiliário (exemplar 1) informou que o principal aspecto para escolha da edificação foi a localização. Durante a entrevista, ela classificou a localização em um nível 4 de importância (em uma escala de 1 a 5, sendo 1 correspondente a pouco importante e 5 a muito importante). Segundo ela, a atual localização da loja possui um fluxo intenso de pessoas e veículos, o que seria positivo para maior visualização da edificação e captação de clientes. De fato, a rua Anita Garibaldi é uma via arterial de 2º nível da cidade, ou seja, se comunica com diversas vias importantes (se comunica com aproximadamente 20 vias, dentre elas a Avenida Carlos Gomes – arterial de 1º nível) (Figura 3.2 - Capítulo 3) e possui intenso movimento de veículos e significativo movimento de pedestres. Adicionalmente, ela afirmou que o principal motivo para a sua satisfação com o desempenho da edificação,

de modo geral, é justamente a localização. Contudo, ela também informou que o estabelecimento estava há apenas um ano no local, e que o tempo não era suficiente para uma opinião mais avalizada sobre a adequação da localização do estabelecimento.

Em relação aos resultados dos clientes, ao serem questionados sobre os motivos que os levaram a utilizar o estabelecimento, o principal foi o “produto ou serviço oferecido no estabelecimento” (100%), apenas uma parcela menor (18,8%) indicou a “proximidade com a residência” e nenhum (0%) disse ser em decorrência do local estar “caminho para residência ou para o trabalho” (Tabela 4.74).

Tabela 4.74: Principais motivos para utilização das atividades pelos clientes

Justificativas	Exemplares – Ex.n(n)									
	Ex.1 (16)	Ex.2 (22)	Ex.3 (30)	Ex.4 (14)	Ex.5 (16)	Ex.6 (12)	Ex.7 (s=16/f=30)	Ex.8 (28)	Ex.9 (16)	
Proximidade com a residência	3 (18,8)	19 (86,4)	24 (80,0)	3(21, 4)	13 (81,3)	2 (16,7)	13 (81,3)	18 (60,0)	8 (28,6)	10 (62,5)
Caminho para residência ou para o trabalho	0 (0)	1(4,5)	11 (36,7)	2 (14,3)	2 (12,5)	0(0)	2 (12,5)	9 (30,0)	2 (7,1)	8 (50,0)
Produto ou serviço oferecido no estabelecimento	16 (100)	3 (13,6)	12 (40,0)	12 (85,7)	13 (81,3)	10 (83,3)	9 (56,3)	13 (43,3)	21 (75,0)	0 (0)

Nota: n(%) = número absoluto de respondentes que selecionaram a categoria em questão (porcentagem de respondentes em relação às amostras individuais ou total); Ex.n (n) = Identificação do exemplar (tamanho da amostra); s = salão de beleza; f = farmácia (referem-se ao exemplar 7, que possui dois usos)

Esses resultados vão ao encontro do tipo de produto oferecido, que é um bem durável que não é consumido a todo momento, tanto que a maioria dos clientes (68,8% - 11 de 16) disse ter estado apenas uma vez no local no último ano de julho de 2015 a junho de 2016 (Tabela 4.75).

Tabela 4.75: Frequência uso dos estabelecimentos pelos clientes no período do último ano

Frequência	Exemplares – Ex.n(n)									
	Ex.1 (16)	Ex.2 (22)	Ex.3 (30)	Ex.4 (14)	Ex.5 (16)	Ex.6 (12)	Ex.7 s=15/f=30	Ex.8 (28)	Ex.9 (16)	
1 vez	11(68,8)	4(18,2)	0(0)	10 (71,4)	7(43,8)	10 (83,3)	1(6,7)	3(10,3)	2(7,4)	4 (25,0)
De 2 a 5 vezes	5(31,3)	14(63,6)	11(36,7)	4(28,6)	8(50,0)	2(16,7)	4 (26,7)	6(20,7)	2(7,4)	11(68,8)
6 a 10 vezes	0(0)	2(9,1)	7 (23,3)	0(0)	0(0)	0(0)	10 (66,7)	8(27,6)	2 (7,4)	0 (0)
Mais 10 vezes	0(0)	2(9,1)	12(40,0)	0(0)	1 (6,3)	0(0)	0(0)	13(43,3)	21 (77,8)	1 (6,3)

Nota: n(%) = número absoluto de respondentes que selecionaram a categoria em questão (porcentagem de respondentes em relação às amostras individuais ou total); Ex.n (n) = Identificação do exemplar (tamanho da amostra); s = salão de beleza; f = farmácia (referem-se ao exemplar 7, que possui dois usos)

Ainda, embora apenas uma minoria tenha relacionado a utilização do estabelecimento com a proximidade da residência, o fato de uma expressiva parte (61,1% - 9 de 16) dos clientes morar a uma distância de até 5 quadras do estabelecimento (Tabela 4.76)

sugere que tal proximidade tenha facilitado o consumo deste tipo de produto, até pela visibilidade do estabelecimento para os moradores da área.

Tabela 4.76: Distância entre as moradias dos clientes e os estabelecimentos

Exemplar	≥ 1 quadra	1> e ≥ 2 quadras	2> e ≥ 5 quadras	5> e ≥ 10 quadras	10> quadras
Ex.1 (16)	1(11,1)	0(0)	8(50,0)	1(6,3)	5(31,3)
Ex.2 (22)	13(59,1)	7(31,8)	1(4,5)	0(0)	1(4,5)
Ex.3 (30)	11(36,7)	10(33,3)	5(16,7)	1(3,3)	1(3,3)
Ex.4 (14)	3(21,4)	3(21,4)	4(28,6)	2(14,3)	2(14,3)
Ex.5 (16)	4(25,0)	6(37,5)	0(0)	2(12,5)	3(18,8)
Ex.6 (12)	5 (41,7)	1 (8,3)	1 (8,3)	2 (16,7)	3 (25,0)
Ex.7 (s=16)	1(6,3)	5(31,3)	0(0)	9(56,2)	1(6,3)
Ex.7 (f=30)	0(0)	11(36,7)	13(43,3)	5(16,7)	1(3,3)
Ex.8 (28)	1 (3,7)	0(0)	0(0)	15(53,6)	11 (40,7)
Ex.9 (16)	6 (37,5)	3 (18,8)	1(6,3)	6(37,5)	0(0)

Nota: n(%) = número absoluto de respondentes que selecionaram a categoria em questão (porcentagem de respondentes em relação às amostras individuais ou total); Ex.n (n) = Identificação do exemplar (tamanho da amostra); 1 quadra = aproximadamente 100 metros; s = salão de beleza; f = farmácia (referem-se ao exemplar 7, que possui dois usos)

Os agentes imobiliários, por sua vez, disseram estar satisfeitos com o negócio realizado, e destacam a importância da localização para o desempenho do estabelecimento. Entretanto, eles afirmaram que a localização para implantar a edificação do tipo “construído para alugar” 1 não foi escolhida, mas foi baseada na existência de um terreno cujo proprietário demonstrou interesse em investir na edificação para obter renda com a locação. Ainda, desde o momento que a edificação foi construída no ano de 2015, ela está alugada, o que indica que do ponto de vista comercial há um bom retorno, pelo menos, para os proprietários e agentes imobiliários.

A proprietária mencionou a localização e o fluxo de pessoas e automóveis na rua como o principal motivo para a maior visibilidade da loja de mobiliário (exemplar 1) e captação fregueses. Por mais que os clientes não tenham apontado a proximidade com a sua residência como o principal motivo para a escolha do estabelecimento, o fato deste estar localizado em uma via de fácil acesso e boa exposição, pode ter facilitado a sua escolha. Ainda, o fato da maioria dos clientes da amostra residirem próximos ao local, indica que a localização escolhida está de acordo com seu público alvo, estando, assim, indiretamente relacionada ao seu desempenho.

Não foi possível realizar a entrevista com o locatário da ferragem (exemplar 2). Este estabelecimento está localizado na rua Anita Garibaldi (Figura 3.2 - Capítulo 3). Em relação aos resultados dos clientes, ao serem questionados sobre os motivos que os levaram a utilizar o estabelecimento, o principal foi a “proximidade com a residência” (86,4%), e uma pequena parte (13,6%) disse ser pelo “produto ou serviço oferecido

no estabelecimento” (Tabela 4.74). Ainda, a quase totalidade (95,4% - 21 de 22) da amostra de clientes reside a uma distância de até 5 quadras do estabelecimento (Tabela 4.76), e uma expressiva parte (63,6% - 14 de 22) disse ter usando o estabelecimento de 2 a 5 vezes no último ano de julho de 2015 a junho de 2016 (Tabela 4.75).

Os agentes imobiliários, por sua vez, disseram estar satisfeitos com o negócio realizado (exemplar 2), e destacam a importância da localização para o desempenho do estabelecimento. Ainda, mencionaram que tanto, o proprietário da edificação quanto o locatário estão satisfeitos com o desempenho, o primeiro com a rentabilidade da locação, e o segundo com o desempenho do estabelecimento. Um dos principais motivos apontados pelos agentes imobiliários para este desempenho satisfatório foi a demanda que havia por uma ferragem no entorno residencial em questão, principalmente devido ao fechamento uma ferragem antiga do bairro que funcionada a uma distância aproximada de uma quadra da localização do exemplar. Ainda, informaram que, por mais que na região exista uma outra ferragem (a uma distância de aproximada de 700 metros), é importante para este tipo de atividade comercial que os clientes consigam se deslocar rapidamente a pé. A construção da edificação foi finalizada em 2015 e foi alugada em um período de até 1 ano, o que indica que do ponto de vista comercial há um bom retorno, pelo menos, para os proprietários e agentes imobiliários.

É possível afirmar que, para a atividade ferragem (do exemplar 2), a sua localização está muito relacionada ao seu desempenho, pois praticamente todos os clientes residem muito próximos ao local e a utilizam, com considerável frequência, justamente por este motivo. Em complemento, os agentes imobiliários informaram que o desempenho deste estabelecimento está muito relacionado a sua localização, que está relacionada a grande demanda dos moradores do entorno.

Não foi possível realizar a entrevista com o locatário da farmácia (exemplar 3). O estabelecimento está localizado na rua Cristóvão Colombo, uma via arterial de 2º nível, de mão dupla com intenso movimento de automóveis e significativo movimento de pedestres (se comunica com aproximadamente 39 vias, dentre elas a Avenida Dom Pedro II, vias arterial de nível, e Avenida Plínio Brasil Milano, Rua Feliz da Cunha e Avenida Benjamin Constant, por exemplo, vias arteriais 2º nível), esquina com a rua Portugal (se comunica com 10 ruas, dentre elas a Avenida Assis Brasil, via arterial de

2° nível), que, no momento da pesquisa, estava classificada como uma via coletora (Figura 3.3 - Capítulo 3), devido a sua utilização como desvio da rua Cristóvão Colombo, em decorrência da realização de uma obra para construção de uma trincheira que possibilitará a maior acessibilidade na região. Originalmente a rua Portugal era via era classificada como “local” e possuía menor movimento, mas mesmo assim já era uma via com boa acessibilidade.

Em relação aos resultados dos clientes da farmácia (exemplar 3), ao serem questionados sobre os motivos que os levaram a utilizar o estabelecimento, o principal foi “proximidade com a residência” (80,0%), embora uma parte expressiva também tenha mencionado o “caminho para residência ou para o trabalho” (36,7%) e o “produto ou serviço oferecido no estabelecimento” (40,0%) (Tabela 4.74). Esses resultados são corroborados pela distância da residência da expressiva maioria dos clientes (86,7% - 26 de 30) ser de até 5 quadras (Tabela 4.76) e as frequências de utilização de 40% (12 de 30) dos clientes ser de 10 vezes no último ano de julho de 2015 a junho de 2016 (Tabela 4.75). Os agentes imobiliários, por sua vez, disseram estar satisfeitos com o negócio realizado, e destacam a importância da localização para o desempenho do estabelecimento. Ainda, afirmaram que deve melhorar muito o desempenho do local após a conclusão das obras da trincheira da rua Cristóvão Colombo. Inclusive, disseram que isso deve contribuir para que a loja anexada à farmácia seja alugada. O exemplar 3 foi construído em 2015, e foi alugada logo em seguida para a farmácia, mas a unidade ao lado continuava vazia até janeiro de 2017.

Embora não tenha sido possível questionar o locatário sobre sua satisfação com o desempenho da localização da edificação, é possível afirmar por meio das respostas dos clientes que, para a atividade farmácia (exemplar 3), a sua localização está estreitamente relacionada ao seu desempenho, pois praticamente todos os clientes residem muito próximos ao local e a utilizam com expressiva frequência, justamente por este motivo. Em complemento, os agentes imobiliários afirmam que a localização desse estabelecimento é muito importante para seu desempenho, e se disseram satisfeitos com esse empreendimento.

O locatário da loja de mobiliário (exemplar 4) informou que contratou uma empresa especializada para pesquisar e estabelecer qual seria a melhor localização na cidade para implementar a loja, de acordo com locais onde os clientes em potencial passariam pelo menos em algum dia da semana de carro ou a pé. Localizada em uma

esquina na rua Anita Garibaldi e possui intenso movimento de veículos e significativo movimento de pedestres, e a rua Mariland é uma via coletora (se comunica com aproximadamente 14 vias, dentre elas a Rua Cristóvão Colombo e a Rua Vinte Quatro de Outubro, vias arteriais de 2º nível) com considerável fluxo de automóveis (Figura 3.2 - Capítulo 3). Durante a entrevista, o locatário relacionou a localização e a rentabilidade da loja em um nível 3 de importância (em uma escala de 1 a 5, sendo 1 correspondente a pouco relacionado e 5 a muito relacionado), e se disse satisfeito. Segundo ele, a captação de novos clientes está sendo muito boa, principalmente considerando a localização da loja fora das áreas tradicionais do mercado de decoração e mobiliário da cidade.

Em relação aos resultados dos clientes da loja de mobiliário (exemplar 4), ao serem questionados sobre os motivos que os levaram a utilizar o estabelecimento, o principal foi o “produto ou serviço oferecido no estabelecimento” (85,7%), e apenas uma parcela menor (21,4%) indicou a “proximidade com a residência” e o “caminho para residência ou para o trabalho” (14,3%) (Tabela 4.74). Esses resultados vão ao encontro do tipo de produto oferecido, que é um bem durável que não é consumido a todo momento, tanto que a maioria dos clientes (71,4% - 10 de 14) disse ter estado apenas uma vez no local no último ano de julho de 2015 a junho de 2016 (Tabela 4.75). Embora apenas uma minoria tenha relacionado a utilização do estabelecimento com a proximidade da residência, o fato de uma expressiva parte (71,4% - 10 de 14) dos clientes morar a uma distância de até 5 quadras do estabelecimento (Tabela 4.76) sugere que tal proximidade tenha facilitado o consumo deste tipo de produto, até pela visibilidade de tal estabelecimento para os moradores da área. Os agentes imobiliários, por sua vez, disseram estar satisfeitos com o negócio realizado, e destacam a importância da localização para o desempenho do estabelecimento. Ainda, a construção da edificação foi finalizada em 2015, e desde então, esteve sempre alugada, o que indica que do ponto de vista comercial há um bom retorno, pelo menos, para os proprietários e agentes imobiliários.

O locatário do exemplar 4 mencionou a localização e o fluxo de pessoas e automóveis na rua como o principal motivo para a maior visibilidade da loja e captação fregueses. Por mais que os clientes não tenham apontado a proximidade com a sua residência como o principal motivo para a escolha do estabelecimento, o fato deste estar localizado em uma via de fácil acesso e boa exposição, pode ter facilitado a sua

escolha. Ainda, o fato da maioria dos clientes da amostra residirem próximos ao local, indica que a localização escolhida está de acordo com seu público alvo, estando, assim, indiretamente relacionada ao seu desempenho. Em complemento, a satisfação dos agentes imobiliários e o fato da edificação estar locada desde sua construção pode indicar que a mesma está condizente com o tipo de atividade que ali ocorre.

A locatária da loja de vestuário infantil (exemplar 5) informou que o principal aspecto para escolha da edificação foi a localização, acessibilidade e o fluxo de pessoas que passavam pelo local. A edificação está localizada na rua Coronel Lucas de Oliveira (se comunica com 19 vias, dentre elas a Rua Vinte Quatro de Outubro, A Rua Anita Garibaldi, a Avenida Nilópolis, a Avenida Ipiranga - vias arteriais de 2º nível – e a Avenida Protásio Alves – via arterial de 1º nível), esquina com a rua Eudoro Berlink (se comunica com 10 vias) (Figura 3.2 - Capítulo 3), duas vias do tipo coletoras, importantes na cidade e que possuem bom fluxo de carros e pedestres. Durante a entrevista, a locatária classificou a localização com a rentabilidade do estabelecimento em um nível 5 de importância (em uma escala de 1 a 5, sendo 1 correspondente a pouco importante e 5 a muito importante). Segundo ela, o movimento de clientes está muito bom e ela está muito satisfeita com a localização. Em relação aos resultados dos clientes da loja de vestuário infantil, ao serem questionados sobre os motivos que os levaram a utilizar o estabelecimento, os principais foram o “produto ou serviço oferecido no estabelecimento” (81,3%) e “proximidade com a residência” (81,3%) (Tabela 4.74). Corroborando esse resultado, 62,5% (10 de 16) dos clientes disse residir a uma distância de até 5 quadras (Tabela 4.76) e a metade dos clientes (50,0% - 8 de 16) disse ter estado de 2 a 5 vezes no local no último ano de julho de 2015 a junho de 2016 (Tabela 4.75). Não foi possível obter informações dos agentes imobiliários, mas o fato da construção ter finalizado em 2013 e ter sido alugada no primeiro ano, indica que do ponto de vista comercial há um bom retorno, pelo menos, para os proprietários e agentes imobiliários.

A proprietária da loja de roupa infantil (exemplar 5) mencionou a localização e o fluxo de pessoas e automóveis na rua como o principal motivo para o sucesso do estabelecimento. Ainda, expressiva parte dos clientes residem muito próximos ao local e o utilizam com uma frequência significativa, além de terem esta proximidade como motivo para utilizar o local. Em complemento, o fato da edificação estar locada desde

sua construção pode corroborar esses resultados. Assim, a localização deste estabelecimento está muito relacionada ao seu desempenho.

Não foi possível realizar a entrevista com o locatário da loja de mobiliário (exemplar 6). Contudo, o estabelecimento está localizado na rua Anita Garibaldi, via arterial de 2º nível da cidade (se comunica com aproximadamente 20 vias, dentre elas a Avenida Carlos Gomes – arterial de 1º nível) e possui intenso movimento de veículos e significativo movimento de pedestres, esquina com Rua Coronel Bordini, uma via coletora (se comunica com 13 vias, dentre elas a Avenida Cristóvão Colombo, a Rua Vinte e Quatro de Outubro e a Rua Mostardeiro, vias arteriais de 2º nível) (Figura 3.2 - Capítulo 3) de fluxo intenso de veículos e significativo movimento de pedestres. Em relação aos resultados dos clientes, ao serem questionados sobre os motivos que os levaram a utilizar o estabelecimento, o “produto ou serviço oferecido no estabelecimento” (83,3%), apenas uma parcela menor (16,7%) indicou a “proximidade com a residência” (Tabela 4.74). Esses resultados vão ao encontro do tipo de produto oferecido, que é um bem durável que não é consumido a todo momento, tanto que a maioria dos clientes (83,3% - 10 de 12) disse ter estado apenas uma vez no local no último ano de julho de 2015 a junho de 2016 (Tabela 4.75). Ainda, embora apenas uma minoria tenha relacionado a utilização do estabelecimento com a proximidade da residência, o fato de uma expressiva parte (58,3% - 7 de 12) dos clientes morar a uma distância de até 5 quadras do estabelecimento e o restante morar a até 10 quadras (Tabela 4.76) sugere que tal proximidade tenha facilitado o consumo deste tipo de produto, até pela visibilidade de tal estabelecimento para os moradores da área. Os agentes imobiliários, por sua vez, disseram estar satisfeitos com o negócio realizado, e destacam a importância da localização para o desempenho do estabelecimento, que está próximo a outras de lojas que comercializam produtos de decoração ou mobiliário para o lar na rua Coronel Bordini e na rua Quintino Bocaiúva, o que traria benefícios para a atual atividade da edificação. Ainda, o fato da edificação estar alugada desde o momento da finalização da sua construção (entre o ano de 2012 e 2013), indica que do ponto de vista comercial há um bom retorno, pelo menos, para os proprietários e agentes imobiliários.

Embora os clientes não tenham apontado a proximidade com a sua residência como o principal motivo para a escolha do estabelecimento, o fato de estar localizado em uma via de fácil acesso e boa exposição, pode ter facilitado a sua escolha. Ainda, o

fato da maioria dos clientes da amostra residirem próximos ao local, indica que a localização escolhida está de acordo com seu público alvo, estando, assim, indiretamente relacionada ao seu desempenho. Em complemento, o fato da mesma estar locada desde sua construção pode indicar que a mesma está condizente com o tipo de atividade que ali ocorre.

Não foi possível realizar a entrevista com o locatário do salão de beleza ou com o da farmácia (exemplar 7). Ambos os estabelecimentos estão localizados na Rua Comendador Rheingantz (se comunica com 7 vias, dentre elas a Avenida Plínio Brasil Milano e a Rua Anita Garibaldi, vias arteriais de 2º nível), esquina com a rua Pedro Ivo (se comunica com 10 vias, dentre elas a Avenida Carlos Gomes – arterial de 1º nível) (Figura 3.2 - Capítulo 3), duas vias locais que possuem bom movimento de pessoas e veículos. Em relação aos resultados dos clientes do salão de beleza, ao serem questionados sobre os motivos que os levaram ao estabelecimento, os principais foram a “proximidade com a residência” (81,3%) e o “produto ou serviço oferecido no estabelecimento” (56,3%) (Tabela 4.74). Corroborando a primeira justificativa, 37,6% (6 de 16) dos clientes informou residir a uma distância de até 5 quadras e 56,2% (9 de 16) a uma distância de 5 a 10 quadras (Tabela 4.76). Ainda, a maior parte deles (66,7% - 10 de 16) informou ter utilizado o estabelecimento de 6 a 10 vezes no último ano de julho de 2015 a junho de 2016 (Tabela 4.75). Quanto aos resultados dos clientes da farmácia, ao serem questionados sobre os motivos que os levaram ao estabelecimento, os principais foram a “proximidade com a residência” (60,0%) e o “produto ou serviço oferecido no estabelecimento” (43,3%) e o “caminho para residência ou para o trabalho” (30,0%) (Tabela 4.74). Corroborando a justificativa principal, 80,0% (24 de 30) dos clientes informou residir a uma distância de até 5 quadras do estabelecimento (Tabela 4.76) e maior parte deles (43,3% - 13 de 30) informou ter ido ao local mais de 10 vezes no último ano de julho de 2015 a junho de 2016 (Tabela 4.75). Os agentes imobiliários, por sua vez, disseram estar satisfeitos com o negócio realizado, e destacam a importância da localização para o desempenho do estabelecimento. Eles afirmaram que existia muita demanda para as duas atividades naquela localização residencial. Ainda, a construção da edificação foi finalizada no ano de 2011, e o tempo para a locação foi em menos de um ano, se mantendo sempre alugada.

Embora não tenha sido possível entrevistar os locatários, é possível afirmar por meio das respostas dos clientes que, para a atividade salão de beleza e farmácia (exemplar 7), a sua localização está estreitamente relacionada ao seu desempenho, pois praticamente todos os clientes residem muito próximos ao local e a utilizam com expressiva frequência, justamente por este motivo. Em complemento, os agentes imobiliários afirmam que a localização desse estabelecimento e o fato da mesma estar locada desde sua construção pode indicar que a mesma está condizente com o tipo de atividade que ali ocorre.

A locatária da academia (exemplar 8) informou que contratou uma empresa especializada para pesquisar e estabelecer qual seria a melhor localização na cidade para implementar o estabelecimento, de acordo com locais onde moram clientes em potencial ou que passem pelo local com frequência. O resultado desta pesquisa indicou que a melhor localização seria nos bairros Bela Vista, Mont'Serrat, Auxiliadora ou Moinhos de Vento. A academia se estabeleceu na rua Silva Jardim (se comunica com 10 vias, dentre elas a Avenida Plínio Brasil Milano e a Rua Anita Garibaldi, vias arteriais de 2º nível), esquina com a Rua Eudoro Berlink (se comunica com 10 vias) (Figura 3.2 - Capítulo 3), ambas vias com significativo fluxo de carros e pedestres, além de ser um local próximo a outros estabelecimentos comerciais, por mais que a região seja predominantemente residencial. Durante a entrevista, a locatária classificou a localização como o ponto mais importante da edificação. Ainda, classificou em um nível 3 a relação da localização e do desempenho da edificação (em uma escala de 1 a 5, sendo 1 correspondente a pouco importante e 5 a muito importante), pois informou que o estabelecimento estava há menos de um ano no local, e que o tempo não era suficiente para uma opinião mais avalizada sobre a o seu desempenho.

Em relação aos resultados dos clientes, ao serem questionados sobre os motivos que os levaram a utilizar a academia (exemplar 9) os principais foram o “produto ou serviço oferecido no estabelecimento” (75,0%) e a “proximidade com a residência” (28,6%) (Tabela 4.74). Tais resultados sustentam o tipo de atividade desta academia, que é um treinamento para um público muito específico, e que não tenderia a atrair pessoas apenas pela proximidade com a moradia. De fato, a maior parte dos clientes (94,3% - 26 de 28) informou residir a uma distância maior de 5 quadras do estabelecimento, contudo, destes, 53,6% (15 de 28) indicaram morar a até 10 quadras (Tabela 4.76).

Pelo fato de ser uma academia, a expressiva maioria (77,8% - 21 de 28) disse ter ido ao local mais de 10 vezes o local no último ano de julho de 2015 a junho de 2016 (Tabela 4.75). Não foi possível obter informações dos agentes imobiliários, mas o fato de ela ter demorado até 2 anos para ser alugada pela primeira vez indica que pode ter havido algum problema com a edificação ou com seu valor alto de locação antes de se estabelecer o primeiro locatário.

A proprietária mencionou a localização como principal motivo para a maior visibilidade da academia (exemplar 8) e captação de usuários. Por mais que os clientes não tenham apontado a proximidade com a sua residência como o principal motivo para a escolha do estabelecimento, o fato deste estar localizado em um bairro onde eles residem, pode ter facilitado a sua escolha. Ainda, o fato de expressiva parte dos clientes da amostra residirem próximos ao local, indica que a localização escolhida está de acordo com seu público alvo, estando, assim, diretamente relacionada ao seu desempenho. Contudo, não é possível afirmar que outro estabelecimento teria esta mesma relação, ao considerar que a edificação levou um tempo significativo para ser alugada.

O locatário do salão de beleza (exemplar 9) informou que o principal ponto positivo e decisivo para escolha da edificação foi sua localização em uma rua com alto fluxo de carros e a proximidade aos seus clientes em potencial. A edificação está localizada na rua Anita Garibaldi. Durante a entrevista, o locatário classificou a localização em um nível 5 de relação com o desempenho do estabelecimento (em uma escala de 1 a 5, sendo 1 correspondente a pouco importante e 5 a muito importante). Segundo ele, a localização representa mais de 50% de importância do sucesso deste tipo de negócio. Em relação aos resultados dos clientes, ao serem questionados sobre os motivos que os levaram a utilizar o estabelecimento, os principais foram o a “proximidade com a residência” (62,5%) e o “produto ou serviço oferecido no estabelecimento” (50,0%) (Tabela 4.74). Corroborando esses resultados, a maior parte dos clientes (62,6% - 10 de 16) informou residir a uma distância de até 5 quadras do estabelecimento, e o restante a uma distância de até 10 quadras (Tabela 4.76). Ainda, 68,8% (11 de 16) deles disse ter utilizado o salão de beleza de 2 a 5 vezes no último ano de julho de 2015 a junho de 2016 (Tabela 4.75).

Os agentes imobiliários, por sua vez, disseram estar satisfeitos com o negócio realizado, e destacam a importância da localização para o desempenho do

estabelecimento. Esta é a segunda atividade que a edificação abriga, pois, a primeira foi uma loja de mobiliário. Contudo, foi contato que entre a primeira e a segunda locação, a loja ficou mais de um ano vazia. Em complemento, foi feito contato com uma das gerentes da loja de mobiliário e ela informou que o aluguel da edificação era muito caro, e os clientes captados não foram decorrentes da visibilidade da loja naquela via, e sim, continuaram a ser por indicação de outras pessoas. A loja então se mudou para uma localização a uma distância aproximada de 3 quadras do exemplar com um aluguel muito mais baixo, em uma via de característica local, e não arterial. A gerente informou que a loja não perdeu ou ganhou mais clientes com a mudança, contudo, que para aquela loja de mobiliário, o cliente não foi influenciado pela visibilidade da loja, e sim pela reputação e qualidade do produto.

Portanto, para a atividade salão de beleza (exemplar 9), sua localização tende a estar relacionada ao seu desempenho, considerando a satisfação do locatário e o fato da maioria dos clientes residem próximos e mencionaram como principais justificativas de utilização esta proximidade, junto ao tipo de produto oferecido. Em complemento, os agentes imobiliários relacionaram muito a localização com o desempenho do estabelecimento e se disseram satisfeitos. A entrevista com os antigos locatários do local corrobora a importância da localização, como região ou bairro para o desempenho da atividade comercial, mas indica que, dependendo do tipo da atividade, uma determinada rua pode ser mais importante para uma determinada atividade do que para outra.

4.2.4.1 Considerações sobre o objetivo específico 7

Independentemente de estarem em vias locais, arteriais ou coletoras, todas os exemplares analisados estão em localizações na cidade com boa acessibilidade e visibilidade, se conectando a outras vias importantes. Sete entre nove edificações estão em vias arteriais de 2º nível, se conectando a um número significativo de vias importantes da cidade de Porto Alegre

A ferragem (exemplar 2) e as farmácias (exemplares 3 e 7), comércios de primeira necessidade, além de estarem localizados em vias arteriais ou coletas, foram os exemplares nos quais pode ser constatada maior relação direta entre o desempenho do estabelecimento e a sua localização em meios residenciais, pois a maior parte ou a quase totalidade dos clientes é moradora do entorno imediato. Esses clientes e

moradores utilizam estes locais com significativa frequência, indicando utilizar devido justamente a essa proximidade com a suas residências, o que também indica haver demanda por estes comércios. Ainda, as informações dos agentes imobiliários corroboram esses resultados, e o fato destes exemplares estarem alugados desde suas construções, indica que as suas localizações podem estar condizentes com as atividades de ferragem e farmácia.

Também foi encontrada relação entre as localizações dos salões de beleza (exemplar 7 e 9) e da loja de roupa infantil (exemplar 5) com os desempenhos dos estabelecimentos, embora não tenha sido tão expressivo quanto das farmácias e da ferragem. Este resultado é decorrente da quantidade significativa de clientes que são moradores do entorno, e que utilizam os locais por este motivo e pelo tipo de produto ou serviço oferecido nestes estabelecimentos. Corroborando esses resultados dos clientes, os locatários do exemplar 9 e 5 afirmaram ser a localização, sua acessibilidade e fluxo de pessoas os principais motivos para a escolha das edificações para seus estabelecimentos, e se disseram satisfeitos com os seus desempenhos. Da mesma forma, os agentes imobiliários confirmaram esta relação quanto aos exemplares 7 e 9. Ainda, tanto o exemplar 7, quanto o exemplar 5 estão alugados desde a sua construção, indicando que as localizações dos seus estabelecimentos parecem condizentes com as atividades. O salão de beleza do exemplar 9 é a segunda locação da edificação, pois a primeira foi uma loja de mobiliário, que forneceu informações indicando que o seu desempenho está mais relacionado a uma região, e não especificamente a uma rua ou a um trecho específico, mesmo que a edificação esteja localizada em uma via arterial da cidade. Corroborando tal fato, a edificação ficou um longo período sem ser alugada, entre uma locação e outra, o que pode sustentar as informações do antigo locatário deste exemplar 9.

A relação entre a localização dos estabelecimentos academia (exemplar 8) e lojas de mobiliário (exemplar 1, 4 e 6) com o desempenho destas atividades foi constatado de forma mais indireta do que a dos demais exemplares. Os locatários informaram que escolheram as localizações de acordo com as regiões e vias com maiores fluxos de pessoas, automóveis e de acordo com a proximidade da residência ou caminho do seu público alvo. Eles relacionaram de forma expressiva as suas localizações com o desempenho dos seus negócios, em relação à região, e se disseram satisfeitos. Contudo, os clientes não mencionaram a proximidade com a sua residência como o

principal motivo para a escolha destes estabelecimentos, mas o fato deles estarem localizado em uma via de fácil acesso e boa exposição, pode ter facilitado a sua escolha. Ainda, o fato de parte significativa dos clientes da amostra residirem próximos a esses estabelecimentos, indica que a localização está atingindo seu público alvo. Também, o fato dos exemplares onde estão as lojas de mobiliário terem sido alugadas rapidamente desde a sua implementação e permanecerem alugadas, pode indicar que a localização condiz com a atividade de loja de mobiliário. Contudo, o exemplar 8, da academia, demorou um tempo maior para ser locado, mas não foi possível relacionar este fato com a sua localização, que é muito acessível na região e na cidade.

Portanto, todos os locatários se disseram satisfeitos com o desempenho dos seus estabelecimentos e relacionaram tal fato com a localização, e todos os agentes imobiliários contatados informaram que as atividades das edificações têm seu desempenho relacionado a suas localizações, principalmente devido à sua maior visibilidade. O que variou foram os diferentes níveis de acessibilidade requerida para cada tipo de atividades: os bens de conveniência dependeram mais da acessibilidade local e os bens de compra por comparação se relacionaram mais a acessibilidade global. Por exemplo, as atividades de primeiras necessidades, como as farmácias e ferragem, tiveram maior relação entre seus desempenhos e suas localizações em uma via específica. O desempenho das atividades de salões de beleza e a loja infantil também possuem uma relação importante com a localização, embora não tão intensamente constatada como as de farmácias e ferragem. Já as lojas de mobiliário e a academia, que, ou fornecem produtos que não são consumidos por impulso ou com frequência (loja de mobiliário), ou são específicas para determinado público (academia), parecem ter seu desempenho relacionado de forma mais indireta com a sua localização, não dependendo tanto de uma via específica, mas sim de uma região ou de um bairro próximos ao seu público alvo, embora determinada via possa facilitar a visibilidade de determinada marca e influenciar no seu consumo.

4.3 CONSIDERAÇÕES SOBRE OS OBJETIVOS ESPECÍFICOS DA PESQUISA

4.3.1 Objetivo 1: analisar e comparar níveis de satisfação e preferências estéticas de cenas, nos períodos diurno e noturno, com edificações do tipo “construído para alugar” e cenas com as edificações substituídas, considerando a percepção de diferentes grupos de indivíduos.

Este objetivo foi verificado através de 3 objetivos específicos.

4.3.1.1 Objetivo específico 1

O primeiro objetivo específico foi analisar e comparar os níveis de satisfação e preferências estéticas de cenas, nos períodos diurno e noturno, com edificações do tipo “construído para alugar” e cenas com as edificações substituídas, em entornos consolidados e predominantemente residenciais, considerando aspectos relacionados aos conceitos de ordem e estímulo visual. As cenas foram avaliadas por diferentes grupos: o total do grupo 1 (não moradores do entorno - compreende os subgrupos de indivíduos com formação universitária em arquitetura, os com formação distinta de arquitetura e os sem formação) e o total do grupo 2 (moradores do entorno).

Entre as comparações dos conjuntos de cenas sem exemplares anteriores às edificações do tipo “construído para alugar”, as avaliações e preferências dos respondentes não indicaram uma maior valorização por determinada cena apenas por esta ser noturna ou diurna. Isto ocorre, pois, as avaliações estão relacionadas à percepção de ordem e estímulo visual destas cenas, quanto maior o nível de estímulo visual e ordem da cena, mais valorizada. Assim, as cenas noturnas com edificações do tipo “construído para alugar” não indicaram ser mais ou menos estimulantes, ou mais ou menos organizadas visualmente em relação as cenas diurnas.

Quanto aos seis conjuntos de cenas onde houve a comparação entre os três tipos de cenas, um número pouco expressivo dentre 18 cenas analisadas teve suas aparências julgadas de maneira satisfatória tanto pelos respondentes. Apenas duas cenas, uma diurna (Figura 4.4) e uma noturna (Figura 4.8) obtiveram julgamentos satisfatórios de suas aparências, ambas por serem percebidas como organizadas e estimulantes visualmente, sendo inclusive estas as cenas mais valorizadas.

Quanto aos seis conjuntos de cenas onde houve a comparação entre os três tipos de cenas dos conjuntos avaliados, as cenas noturnas ou diurnas com exemplares foram mais preferidas que as cenas anteriores em 4 exemplares (exemplares 1, 3, 4, e 8). Contudo, isto não significa que as cenas anteriores tenham sido as menos preferidas. As justificativas para todas as preferências de todos os respondentes foram baseadas predominantemente na estética formal: quando maior a percepção de estímulo visual e ordenamento nas cenas, mais valorizada.

Contudo, mesmo que as cenas com os exemplares tenham sido melhor avaliadas, ao questionar os respondentes especificamente sobre como a presença da tipologia “construído para alugar” impactava na estética dos seus entornos, utilizando para tal avaliação as cenas diurnas, todos os grupos julgaram tal presença nos nove exemplares como insatisfatórias, sendo apontado com frequência que as mesmas eram negativas ou muito negativas. Os respondentes justificaram as avaliações, principalmente, devido à percepção de que este tipo de edificação carece de estímulo visual, contribui para a desordem da cena, tem seus materiais avaliados negativamente, carece de ornamentos decorativos e possui formas muito diferentes das edificações vizinhas. Por exemplo, alguns moradores e locatários descreveram os exemplares como apenas caixas com paredes de vidro, afirmando que este tipo de arquitetura não é visualmente estimulante, e, em quatro casos, os locatários disseram que apenas pelas características estéticas das edificações não teriam escolhido os locais para seus estabelecimentos.

As marcas dos estabelecimentos também foram mencionadas como influenciadoras das avaliações do impacto da presença de cinco dos nove exemplares na estética dos seus entornos (exemplar 1, exemplar 3, exemplar 4, exemplar 6 e exemplar 7). Contudo, não ficou claro se tais anúncios influenciaram a percepção de estímulo visual, de ordem ou desordem nas cenas, pois a justificativa foi utilizada tanto para avaliações positivas, quanto para as neutras e para as negativas.

Assim, para os respondentes, as cenas com os “construídos para alugar” (tanto diurnas quanto noturnas) tendem a ser mais valorizadas em comparação com as avaliações das cenas anteriores aos exemplares, o que poderia contribuir um pouco para melhorar a estética do local. No entanto, a presença das edificações não foi suficiente para que as cenas sejam avaliadas como agradáveis visualmente. Ainda, o fato de todos os grupos avaliar que os exemplares do tipo “construído para alugar” impactam na estética de seus entornos de forma insatisfatória, não permite afirmar que estas edificações são positivas para os seus entornos urbanos.

4.3.1.2 Objetivo específico 2

O segundo objetivo específico pretendeu averiguar a existência de diferenças nas avaliações estéticas pelos respondentes com distintos níveis e tipos de formação universitária. Para tal, foram consideradas as respostas de indivíduos com formação

universitária em arquitetura, indivíduos com formação universitária distinta de arquitetura, design e artes, assim como indivíduos sem formação universitária.

Foram encontradas diferenças quanto aos níveis de satisfação com a aparência de 8 das 23 cenas analisadas. Contudo, tal fato não gerou divergência quanto à insatisfação dos grupos (arquitetos, não arquitetos com formação universitária e indivíduos sem formação universitária) com a aparência da maioria destas cenas. Apenas houve divergência quanto à satisfação com a aparência de 3 cenas: a cena diurna do exemplar 5 foi satisfatória apenas para os não arquitetos, a cena noturna do exemplar 7 foi satisfatória apenas para os indivíduos sem formação, e a cena diurna do exemplar 8 foi satisfatória apenas para os não arquitetos com formação e para os arquitetos. Contudo, tal fato não influenciou na cena mais ou menos preferida por todos os grupos. A diferença entre as avaliações dos grupos foi mais expressiva quanto à valorização das cenas do exemplar 2, onde os arquitetos preferiram mais a cena que julgaram a mais organizada, e os demais respondentes preferiram mais a cena que julgaram mais estimulante visualmente.

Só foram constatadas diferenças na cena menos preferida em dois casos (exemplar 3 e exemplar 4). A cena diurna do exemplar 3 foi a menos preferida pelos arquitetos, que a julgaram menos estimulante, enquanto a cena anterior ao exemplar foi a menos preferida pelos demais respondentes, que a julgaram menos estimulante. Já a cena anterior ao exemplar 4 foi a menos preferida pelos arquitetos, que a julgaram menos estimulante visualmente e desorganizada, enquanto a cena noturna foi menos preferida pelos demais indivíduos, que a julgaram menos estimulante visualmente.

Os resultados mostram que os tipos e níveis de formação universitária não influenciaram os níveis de satisfação com a presença dos nove exemplares na estética dos seus entornos, pois nenhuma avaliação foi positiva para nenhum grupo, e todos utilizaram, fundamentalmente, as mesmas justificativas para estas avaliações, relacionadas à falta de estímulo visual dos exemplares e desorganização destes em relação ao entorno imediato.

4.3.1.3 Objetivo específico 3

O terceiro objetivo específico foi investigar a existência de diferenças nas avaliações estéticas de acordo com o nível de familiaridade dos respondentes com as cenas. Foram encontradas diferenças nos níveis de satisfação com a aparência de seis cenas

com exemplares do tipo “construído para alugar”. Para tal, foram consideradas as respostas de indivíduos não moradores (indivíduos não familiares) e indivíduos moradores do entorno dos exemplares analisados (indivíduos familiares). Para assegurar o nível de familiaridade, foram considerados moradores os indivíduos residentes a uma distância de até 500 metros de cada exemplar e por um tempo que permitisse o indivíduo conhecer a cena anterior a implantação da edificação do tipo “construído para alugar”. Os indivíduos não moradores não poderiam residir a menos de 500 metros dos exemplares, e também responderam não conhecer as cenas anteriores aos exemplares.

Com exceção da cena noturna do exemplar 8, as demais foram avaliadas de maneira mais insatisfatória pelos moradores do que os não moradores, e apenas as cenas diurnas de dois exemplares foram avaliadas como satisfatórias por não moradores e como insatisfatórias por moradores (cenas diurnas dos exemplares 6 e 8). Em relação a aparência das seis cenas anteriores aos exemplares do tipo “construído para alugar”, foram encontradas diferenças em duas cenas, as quais foram avaliadas muito satisfatoriamente por moradores, e insatisfatoriamente por não moradores (cena anterior do exemplar 8 e cena anterior do exemplar 5).

Também, foram encontradas diferenças na maior preferência de sete cenas (cenas do exemplar 3, cenas diurna e anterior do exemplar 5; cenas noturna e diurna do exemplar 8) e na menor preferência de cinco cenas (cenas diurna e anterior do exemplar 3, cena anterior do exemplar 5; cenas diurna e anterior do exemplar 8), onde, com exceção da cena noturna do exemplar 8, foi constatada a maior valorização dos moradores pelas cenas anteriores aos exemplares do tipo “construído para alugar”, e maior valorização dos não moradores pelas cenas diurnas ou noturnas com estes exemplares. Estas diferenças ocasionaram a discordância entre a preferência da cena anterior do exemplar 3 pelos moradores e a preferência da cena noturna deste exemplar pelos não moradores. Também, ocasionaram apenas a escolha de cenas menos preferidas nos exemplares 3 e 8, onde os não moradores desvalorizaram mais as cenas anteriores aos exemplares.

Ainda, a presença de cinco (exemplares 3, 5, 6, 8 e 9) dos nove exemplares “construído para alugar” foi avaliada de maneira expressivamente mais insatisfatória

pelos moradores em comparação às avaliações dos não moradores, embora nenhum exemplar tenha sido avaliado positivamente por nenhum grupo.

Portanto, as diferenças indicam a tendência de maior valorização das cenas anteriores aos exemplares pelos moradores em comparação aos não moradores (que tendem a valorizar mais as cenas diurnas e noturnas com os exemplares). Contudo, as justificativas para preferências nas avaliações estéticas indicam um número pouco expressivo de moradores do entorno dos exemplares que relacionou seus julgamentos à “familiaridade com a cena”. As cenas com maior nível de organização e de estímulo visual foram as preferidas, tanto pelos moradores quanto pelos não moradores. Quando foram encontradas diferenças entre as justificativas das avaliações estéticas de moradores e não moradores, estas indicaram que os moradores parecem ser mais afetados pela presença ou falta de estímulo visual e de vegetação nas cenas. Por exemplo, ao justificar a preferência por pela cena anterior ao exemplar 3, os moradores mencionaram quase três vezes mais a “existência de vegetação na cena” e quase duas vezes mais a “existência de estímulo visual” em comparação aos moradores. Ainda, como exemplo, os moradores mencionaram quase nove vezes mais “os materiais da edificação” e quase três vezes mais a “falta de ornamentos da edificação” para justificar o impacto negativo do exemplar 3 na estética do seu entorno.

Ainda, quando questionados especificamente sobre o impacto da presença dos exemplares do tipo “construído para alugar” na estética dos seus entornos, a percepção de familiaridade não foi mencionada em nenhuma justificativa, mesmo que os moradores fossem familiares com todas as cenas avaliadas, inclusive as anteriores aos exemplares. Pelo contrário, as principais justificativas apontadas pelos dois grupos indicaram a relação das avaliações estéticas com os aspectos formais das cenas ou das edificações.

Portanto, foi encontrada uma tendência de os moradores avaliarem as cenas anteriores aos exemplares melhor do que os não moradores. Contudo, as justificativas mencionadas revelam que a maior familiaridade com as cenas com as edificações anteriores aos exemplares (por parte dos moradores em comparação aos não moradores) não fez parte de tais justificativas. Logo, a familiaridade não influenciou de maneira expressiva nas avaliações estéticas das cenas.

4.3.2 Objetivo 2: identificar os níveis de satisfação com a localização das diferentes atividades das edificações tipo “construído para alugar” nos entornos predominantemente residenciais e averiguar se esta tipologia é satisfatória para o desempenho das atividades que abriga, de acordo com diferentes grupos de indivíduos relacionados à estas estruturas.

O segundo objetivo deste estudo foi verificado através de 4 objetivos específicos.

4.3.2.1 Objetivo específico 4

O quarto objetivo específico, relacionado ao segundo objetivo deste estudo, foi identificar os níveis de satisfação com a localização das diferentes atividades das edificações tipo “construído para alugar” nos entornos predominantemente residenciais, considerando a compatibilidade e demanda destas atividades, movimentos e usos decorrentes destas, segundo a percepção de moradores dos entornos e clientes.

Dentre as 10 atividades dos 9 exemplares, as farmácias, atividades de primeiras necessidades, foram as mais expressivamente apontadas como adequadas para os entornos predominantemente residenciais tanto por clientes quanto por moradores. Estas avaliações são decorrentes da percepção destes respondentes da existência de demanda pela atividade, do aumento do número de pedestres e de trocas sociais na rua decorrentes deste uso. Em seguida, as atividades salão de beleza, academia, loja de roupa infantil e ferragem foram todas percebidas como adequadas para seus entornos residenciais, tanto por clientes, quanto por moradores. As justificativas para estas avaliações positivas estão relacionadas à existência de demanda, ao aumento no número de pedestres na rua e do desenvolvimento de outras atividades sociais nos espaços urbanos adjacentes decorrentes destes usos, além de tais avaliações serem sustentadas pelo número de clientes que também são moradores do entorno. Já as atividades das lojas de mobiliário foram percebidas como menos adequadas ou inadequadas para suas localizações, devido à incompatibilidade deste uso com os dos entornos predominantemente residenciais, de acordo com clientes e locatários.

Portanto, a maior parte das edificações do tipo “construído para alugar” analisadas estão abrigando atividades que tendem a ser percebidas por moradores e clientes como adequadas para os espaços urbanos predominantemente residenciais.

4.3.2.2 Objetivo específico 5

Relacionado ao objetivo 2 deste estudo, o objetivo específico 5 averiguou se a tipologia “construído para alugar” é satisfatória para o desempenho das atividades que abriga, considerando as avaliações de clientes e locatários quanto à estética e ao uso interno, assim como as principais justificativas relacionadas a esse uso.

Foi verificado que, internamente, todas as edificações e suas atividades atenderam de maneira muito satisfatória os clientes quanto ao uso, devido à quantidade de espaço, conforme justificado por todos os respondentes. Já quanto à estética interna, apenas os estabelecimentos de primeiras necessidades, como as farmácias e a ferragem foram avaliadas de maneira mais neutra, não podendo ser afirmado que são satisfatórias.

Dos exemplares nos quais foi possível obter informações de locatários ou funcionários (lojas de mobiliário, ferragem, farmácias, loja de roupa infantil, academia; salão de beleza), todos estão satisfeitos com o interior das edificações, devido à quantidade de espaço, flexibilidade e vitrines amplas.

Contudo os problemas apontados por locatários e funcionários, em seis dos nove exemplares (uma loja de mobiliário, duas farmácias, loja de roupa infantil, academia, e um salão de beleza), relacionados ao conforto térmico devido às amplas fachadas em vidros fixos, que impossibilitam a abertura das janelas para ventilação natural e ocasionam a necessidade de uso contínuo de ar condicionado, são muito significativos. Conforme mencionado por três locatários (uma loja de mobiliário, academia e loja de roupas), tais aspectos contribuem para um gasto expressivo de energia para manter a temperatura agradável no interior desses estabelecimentos. Conforme foi afirmado por locatários e funcionários, em determinados turnos do dia é necessário o bloqueio da luz solar por meio de cortinas internas, bloqueando também o contato visual entre a rua e o interior. Tal fato seria minimizado caso houvesse alguma proteção na fachada, como brises externos, observação realizada por três locatários. Portanto, mesmo que os locatários tendam a estar satisfeitos com o funcionamento interno das edificações, tais problemas de conforto térmico e

consequentes bloqueios visuais revelam problemas a serem superados nas edificações do tipo “construído para alugar”.

Assim, é possível afirmar que as edificações do tipo “construído para alugar” tendem a atender às necessidades dos clientes de forma muito satisfatória, considerando a aparência interna e o tamanho dos espaços. Contudo, tais edificações atendem às necessidades dos locatários e funcionários quanto à quantidade de espaço e à flexibilidade, mas não quanto ao conforto térmico. Assim, não é possível afirmar que as edificações do tipo ‘construído para alugar’ são adequadas para os indivíduos que permanecem mais tempo no interior destas edificações.

4.3.2.3 Objetivo específico 6

O sexto objetivo específico deste estudo foi analisar o nível de satisfação quanto às áreas de estacionamento e os acessos para pedestres e para automóveis, de acordo com a percepção de clientes e locatários. Foi verificado que os clientes das lojas de mobiliário informaram que se deslocam mais de carro do que a pé a estes locais. Nos demais estabelecimentos, estes dois modos de deslocamento foram muito mencionados pelos clientes, embora predominem clientes pedestres na ferragem, nas duas farmácias e no salão de beleza.

Apenas dois dos nove exemplares do tipo “construído para alugar” tiveram o acesso do automóvel, as áreas de estacionamento e o acesso do pedestre à edificação avaliados como muito adequados pelos clientes. Três dos nove exemplares obtiveram avaliações expressivamente inadequadas quanto a estes dois aspectos investigados, embora somente dois locatários destes exemplares tenham afirmado que estavam insatisfeitos com as áreas de estacionamento. Os outros quatro dos nove exemplares tiveram ou o acesso de pedestres ou o acesso e as áreas de estacionamento, avaliados como inadequados. As principais justificativas para as avaliações dos acessos e das áreas de estacionamento foram a existência (para avaliações satisfatórias) ou a falta (para avaliações insatisfatórias) de: fácil acesso, tamanhos adequados das vagas e trajeto adequado entre o estacionamento e a entrada da edificação. Quanto às avaliações dos acessos dos pedestres à edificação, as avaliações satisfatórias dos clientes apontaram principalmente revestimentos de piso adequados e a diferenciação entre o caminho dos pedestres e o dos carros. Já as

avaliações insatisfatórias apontaram a falta da diferenciação entre o caminho dos carros e pedestres.

Portanto, é possível concluir que tanto os acessos do pedestre ao interior dos exemplares do tipo “construído para alugar” como os acessos dos automóveis e as áreas de estacionamento avaliadas tendem a ser inadequados, tanto para os clientes dos estabelecimentos, quanto para alguns locatários.

4.3.2.4 Objetivo específico 7

O sétimo objetivo específico foi analisar a relação entre a localização do estabelecimento e seu desempenho conforme as avaliações dos locatários e agentes imobiliários, assim como por meio do padrão de utilização dos clientes (suas motivações, frequências e distância da residência) e a acessibilidade ao local.

Os resultados obtidos mostram que todos os exemplares do tipo “construído para alugar” estão em localizações com boa acessibilidade quanto aos bairros e regiões da cidade, sendo que sete entre nove edificações estão em vias arteriais de 2º nível, e em dois casos estão em ruas coletoras, se conectando a um número significativo de vias importantes da cidade de Porto Alegre.

As edificações que abrigam as atividades de primeiras necessidades, como as farmácias e ferragem, localizadas em ruas arteriais de 2º nível, possuem um desempenho muito relacionado à sua localização em tais ruas, pois seus clientes são na maioria moradores do entorno, e justificaram utilizar o estabelecimento justamente pela proximidade. Os desempenhos das edificações que abrigam os salões de beleza e a loja infantil, também tendem a estar associados às suas localizações em determinadas vias, embora não pareçam ser tão dependentes quanto as farmácias e ferragem. Isto porque as justificativas para a utilização destes locais pelos clientes (que moram na sua maioria nas proximidades) foi tanto a proximidade com as suas residências, quanto o tipo de produto ou serviço oferecido, corroborando as informações dos locatários de um dos salões de beleza e da loja infantil, que disseram procurar vias importantes, nas quais, além de próximas ao seu público alvo, tivessem maior visibilidade para procura dos seus produtos ou serviços.

Já as lojas de mobiliário, que fornecem produtos não consumidos por impulso ou consumidos com menor frequência, e a academia, que é um uso de um público

específico, parecem ter seu desempenho mais relacionado a uma região ou bairro, e não tanto a uma via específica. Tais resultados são corroborados pelos locatários destes estabelecimentos ao informar que escolheram as localizações primeiro de acordo com uma região onde estivesse seu público alvo, e depois estabeleceram as vias onde existiam edificações disponíveis e que tivessem maior visibilidade.

Todos os locatários se disseram satisfeitos com o desempenho dos seus estabelecimentos e relacionaram tal fato com a localização, e todos os agentes imobiliários contatados informaram que as atividades das edificações têm seu desempenho satisfatório relacionado às suas localizações, pois as edificações estão locadas e possuem boa visibilidade nos espaços urbanos. Ainda, o fato da maioria das construções ter sido locada logo após a finalização da sua construção (as três lojas de mobiliários, as farmácias, a ferragem, um salão de beleza) ou de ter demorado no máximo 1 ano para isto (academia, loja de roupa infantil, e um salão de beleza), e o fato delas se manterem a maior parte do tempo ocupadas, tende a indicar que as atividades estão condizentes com suas localizações.

Assim, em todas as atividades investigadas parece existir uma relação entre desempenho da atividade e localização adequada, sendo as atividades de primeiras necessidades as mais dependentes da visibilidade, do movimento de pessoas e potenciais clientes nas proximidades.

CAPÍTULO 5: CONCLUSÕES

5.1 INTRODUÇÃO

Neste capítulo são apresentadas as conclusões e relevância dos resultados da pesquisa. Inicialmente são revisados os principais pontos referentes ao problema de pesquisa, e os objetivos. Após, são apresentados os principais, as suas implicações e importância, as limitações do estudo e sugestões para futuras investigações.

5.2 PROBLEMA DE PESQUISA E OBJETIVOS

Neste trabalho foram investigados os impactos de edificações do tipo “construído para alugar” na estética e no uso dos espaços urbanos. Esta tipologia está compreendida no grupo de edificações que são desenvolvidas pelo mercado imobiliário para se obter

renda por meio da locação do comércio (p. ex., LIMA, 1995; AMATO, 2009; LIMA, MONETTI, ALENCAR; 2011). Edificações como estas são comumente descritas apenas como estruturas flexíveis e com grandes vitrines para exposição do seu comércio ou serviço (p. ex., ALLEGRI, 2015). Contudo, as inserções destas edificações nos espaços urbanos ocorrem sem que se evidencie, em muitos casos, a real demanda da população envolvida (VARGAS, 2001; MARASCHIN, 2011), ou, ainda, sem que exista uma preocupação em estabelecer uma relação com a estética e o uso do entorno envolvido (p. ex., VARGAS, 2001).

Os estudos que avaliam a qualidade visual dos espaços construídos para locação do comércio buscam explorar o comportamento dos usuários do comércio, a fim de compreender as sensações e percepções próprias dos espaços do comércio de varejo, sem uma preocupação específica com sua relação com o espaço urbano (por exemplo, ENGELS et al., 1995; THANG e TAN, 2003; POPKOWSKY, SINHA e SAHGAL, 2004; MEHRABIAN e RUSSELL, 1974; KOOLHAAS et. al., 2001). Já o conhecimento relacionado às edificações construídas pelo mercado imobiliário para locação ao comércio e ao uso dos espaços urbanos, se concentram sobretudo nos impactos de grandes centros de compras no solo urbano, e nas transformações socioeconômicas e espaciais decorrentes dessas estruturas (p. ex MARASCHIN; 2008; 2011; 2013; ARAÚJO, 2005; ERKIP E OZUDURU; 2015). Portanto, não foram encontrados estudos específicos relacionados às edificações do tipo “construído para alugar” em meios urbanos predominantemente residenciais. Adicionalmente, existe uma necessidade de aprofundar o conhecimento sobre tipologias desenvolvidas pelo mercado imobiliário para o comércio, conforme já salientado por Vargas (2008).

Ainda, é importante destacar que o tipo de atividade comercial pode impactar na experiência dos indivíduos nos espaços urbanos de diferentes maneiras (p. ex., GEHL, 2013; LAY; REIS, 2002; REIS; LAY, 2006), o que deve ser considerado na inserção de novas atividades e edificações nos espaços urbanos.

Neste sentido, é necessário compreender os impactos gerados pela inserção de edificações do tipo “construído para alugar” e suas atividades comerciais também em contextos urbanos consolidados e residenciais, inserções estas que tendem a ocorrer por meio de substituições de edificações (ALLEGRI, 2016). Ainda o impacto de uma edificação comercial à noite pode ser muito diferente da percepção do mesmo local durante o dia (GEHL, 2013).

Assim, com base nestas principais justificativas, elaboradas a partir da revisão da literatura (Capítulo 2), foram definidos os objetivos desta pesquisa, que são apresentados a seguir, juntamente com os principais resultados obtidos.

5.3 PRINCIPAIS RESULTADOS OBTIDOS

Os resultados analisados permitiram elaborar considerações relevantes sobre o impacto de edificações do tipo “construído para alugar” na estética e no uso dos espaços urbanos.

5.3.1 **Objetivo (i): analisar e comparar níveis de satisfação e preferências estéticas de cenas, nos períodos diurno e noturno, com edificações do tipo “construído para alugar” e cenas com as edificações substituídas, considerando a percepção de diferentes grupos de indivíduos.**

Este objetivo foi verificado através de três objetivos específicos.

5.3.1.1 Objetivo específico 1

O primeiro objetivo específico foi analisar e comparar os níveis de satisfação e preferências estéticas de cenas, nos períodos diurno e noturno, com edificações do tipo “construído para alugar” e cenas com as edificações substituídas, em entornos consolidados e predominantemente residenciais, considerando aspectos relacionados aos conceitos de ordem e estímulo visual. Para tal, 23 cenas foram avaliadas por diferentes grupos.

Ao avaliar as cenas diurnas e noturnas com edificações do tipo “construído para alugar” e cenas anteriores à estas edificações, apenas 4 cenas foram julgadas satisfatórias esteticamente. Em relação às preferências, não foi constatada maior ou menor valorização de cenas diurnas ou noturnas com exemplares. Ou seja, a iluminação das edificações do tipo “construído para alugar” à noite não foi suficiente para uma melhor avaliação dos respondentes. Contudo, as cenas noturnas e diurnas com exemplares foram, em geral, mais preferidas que as cenas anteriores. No entanto, isto não significa que as cenas anteriores tenham sido as menos preferidas quando realizada a comparação entre três cenas: diurna, noturna e anterior ao exemplar. As justificativas para todas as preferências foram baseadas predominantemente na estética formal: quando maior a percepção de estímulo visual

e ordenamento nas cenas, mais valorizada. Tais resultados reforçam as afirmações de que a ordem e o estímulo visual são aspectos inerentes à avaliação estética dos espaços construídos (p. ex., REIS et al, 2014; NASAR, 1997; LANG, 1992; REIS, 2002; WEBER, 1995).

No entanto, mesmo que as cenas com os exemplares tenham sido, em geral, mais valorizadas, ao questionar os respondentes especificamente sobre como a presença da tipologia “construído para alugar” impactava na estética dos seus entornos, utilizando para tal avaliação as cenas diurnas, os respondentes julgaram a presença dos exemplares de maneira predominantemente negativa. Os respondentes justificaram as avaliações, principalmente, devido à percepção de que este tipo de edificação carece de estímulo visual, contribui para a desordem da cena, tem seus materiais avaliados negativamente, carece de ornamentos decorativos e possui formas muito diferentes das edificações vizinhas. Por exemplo, alguns moradores e locatários descreveram os exemplares como apenas caixas com paredes de vidro, afirmando que este tipo de arquitetura não é visualmente estimulante. Estas justificativas reafirmam a importância da existência de relação mais ordenada das edificações com seus entornos e maiores níveis de estímulo visual (maiores detalhamentos e ornamentos, por exemplo) para que exista uma percepção de qualidade visual (p. ex., BAFNA et al, 2010; REIS et al, 2011; 2010; 2014; STAMPS, 2000).

Ainda, as marcas dos estabelecimentos também foram mencionadas como influenciadoras das avaliações do impacto da presença dos exemplares na estética dos seus entornos. Contudo, não ficou clara a relação dos anúncios e as avaliações, pois a justificativa foi utilizada tanto para julgamentos positivos, quanto para as neutros e negativos. Embora não tenha ficado clara a relação, tal resultado reafirma que a marca do estabelecimento ou sua identidade visual pode impactar nas paisagens urbanas, conforme constatou Portella (2003; 2014) em estudos de centros comerciais, visto que os elementos dos anúncios podem influenciar na percepção de ordem e estímulo visual das cenas (WEBER, 1995; LANG, 1987).

Portanto, não é possível afirmar que as edificações do tipo “construído para alugar” contribuíram para a melhoria estética das paisagens urbanas analisadas, mesmo que as cenas com estas edificações tendam a ser mais valorizadas em comparação as cenas anteriores à presença destas estruturas. As aparências das cenas julgadas com

esta tipologia não tendem a ser satisfatórias, e a presença destas estruturas foi julgada de maneira negativa para a estética do seu entorno. Tais resultados confirmam a colocação de alguns autores de que para os incorporadores envolvidos com as estruturas construídas para locação do comércio, muitas vezes, não existe uma preocupação em estabelecer uma relação com a estética do entorno (p. ex., VARGAS; ARAÚJO, 2014; VARGAS, 2001). Logo, faz-se necessário melhorar a estética destas edificações, para que elas não sejam apenas inseridas seguindo um padrão que desconsidera o entorno existente. Ainda, reforçam a necessidade de que se desenvolvam controles estéticos por parte de políticas públicas sobre novos empreendimentos com finalidade de uso comercial em nível nacional, como já ocorre em algumas cidades dos Estados Unidos e da Austrália (p. ex., STAMPS, 2000; GEHL, 2013), onde a qualidade estética do espaço urbano de interesse público (SANOFF, 1991; REIS; LAY, 2003, 2006).

Também, a importância dos resultados é ressaltada ao considerar que a estética de edificações do tipo “construído para alugar” pode influenciar negativamente no desempenho dos estabelecimentos, visto que estudos consideram necessária a percepção de um bom nível de estímulo visual nas fachadas das lojas para atrair os indivíduos e consumidores, podendo ser determinante para a utilização desses espaços (p. ex., MORETTO, REIS, 2008; TURLEY e MILLIMAN, 2000; D’ANGELO, 2004). Ainda, o fato de uma estética impactar no uso dos espaços urbanos (p. ex., GEHL, 2013; REIS; LAY, 2006; STAMPS, 2000) enfatiza a importância da aparência positiva que deveriam ter os estabelecimentos comerciais.

5.3.1.2 Objetivo específico 2

O segundo objetivo específico pretendeu averiguar a existência de diferenças nas avaliações estéticas pelos respondentes com distintos níveis e tipos de formação universitária. Para tal, foram consideradas as respostas de indivíduos com formação universitária em arquitetura, indivíduos com formação universitária distinta de arquitetura, design e artes, assim como indivíduos sem formação universitária.

Por mais que tenham sido encontradas diferenças quanto aos níveis de satisfação com a aparência de 8 das 23 cenas analisadas, tal fato não gerou divergência quanto à insatisfação dos grupos com a aparência da maioria destas cenas. Foi encontrada

diferença mais expressiva apenas quanto à valorização das cenas de apenas um exemplar (exemplar 2), onde os arquitetos preferiram mais a cena que julgaram a mais organizada, e os demais respondentes preferiram mais a cena que julgaram mais estimulante visualmente. Este resultado específico vai ao encontro daqueles de outros estudos (REIS et al, 2011; 2014) que constatam que, quando alguma diferença mais expressiva foi encontrada entre as avaliações dos três grupos, esta tendia a estar relacionada a uma maior valorização da presença de ordem nas cenas por parte dos arquitetos e uma maior valorização da existência de estímulo visual por parte dos não arquitetos com formação e dos indivíduos sem formação universitária. Contudo, tal relação de maior valorização do conceito de ordem pelos arquitetos, e de estímulo visual pelos demais grupos, não se repetiu na diferença encontrada entre as cenas menos preferidas de dois exemplares (exemplar 3 e 4). Neste caso, a falta de estímulo visual foi utilizada por todos os grupos como principal justificativa para escolha da cena menos valorizada esteticamente.

Quando cenas com maior qualidade visual, com ordenamento dos seus elementos e bom nível de estímulo visual foram avaliadas pelos três grupos, os resultados demonstraram que todos a julgaram de maneira mais positiva (por exemplo, cena noturna do exemplar 8). Assim como, quando cenas apresentaram desordem e falta de estímulo visual, todos os grupos as avaliaram negativamente. Tais resultados corroboram os estudos de Reis e outros (2011) ao afirmar que não existem diferenças expressivas caso estes conceitos estejam claramente presentes em determinada cena ou edificação, e reforçam a importância da presença de ordem e estímulo visual em uma cena para a sua percepção visual satisfatória (WEBER, 1995; LANG, 1987).

Ainda, os resultados mostram que os tipos e níveis de formação universitária não influenciaram os níveis de satisfação com a presença dos nove exemplares na estética dos seus entornos, pois nenhuma destas avaliações foi positiva para nenhum grupo. Os respondentes utilizaram, fundamentalmente, as mesmas justificativas para estas avaliações, relacionadas à falta de estímulo visual dos exemplares e desorganização destes em relação ao entorno imediato. Tais resultados reafirmam a importância da estética empírica, ao sustentar que indivíduos com formações diferentes tendem a ter respostas semelhantes nas avaliações estéticas (WEBER, 1995; LANG, 1987), e, assim, não corroboram a afirmação de que “a beleza está nos

olhos de quem vê”, onde cada indivíduo teria uma reação estética distinta quanto ao elemento observado (Ruskin apud LANG, 1987).

Portanto, as diferenças encontradas não foram expressivas, e não suportam as afirmações de que arquitetos e leigos tenderiam a avaliar a qualidade visual do ambiente de maneira expressivamente distinta (p.ex., NASAR, 1998; KAPLAN apud Garling e Evans, 1991; FAWCETT; ELLINGHAM; PLATT, 2008), ou que a formação do indivíduo seria diferenciadora do nível de satisfação com o ambiente (p. ex., LANG, 1987). Assim, os resultados deste objetivo reforçam as pesquisas (p. ex., REIS et al, 2011; REIS; BIAVATTI; PEREIRA, 2014) que constataam a inexistência de diferença expressiva entre grupos com distintos níveis e tipos de formação acadêmica.

5.3.1.3 Objetivo específico 3

O terceiro objetivo específico, relacionado ao objetivo 1, foi investigar a existência de diferenças nas avaliações estéticas de acordo com o nível de familiaridade dos respondentes com as cenas. Para tal, foram consideradas as respostas de indivíduos não moradores (indivíduos não familiares) e indivíduos moradores do entorno dos exemplares analisados (indivíduos familiares).

Foram encontradas diferenças nos níveis de satisfação com a aparência de 8 das 23 cenas: 6 cenas com exemplares do tipo “construído para alugar” e 2 cenas anteriores aos exemplares. Com exceção de uma, as demais cenas diurnas ou noturnas com os exemplares foram avaliadas de maneira mais satisfatória pelos não moradores e de maneira insatisfatória pelos moradores. Da mesma forma, os moradores avaliaram de forma satisfatória as cenas anteriores aos exemplares, e os não moradores, de forma mais insatisfatória. Este padrão se repetiu nas diferenças encontradas na maior preferência de 7 cenas e na menor preferência de 5 cenas, onde, com exceção de uma, foi constatada a maior valorização dos moradores pelas cenas anteriores aos exemplares do tipo “construído par alugar”, e maior valorização dos não moradores pelas cenas diurnas ou noturnas com estes exemplares. Contudo, tais diferenças ocasionaram a discordância entre a cena mais preferida em apenas 1 exemplar, e entre a cena menos preferida em 2 exemplares. Ainda, a presença de 5 dos 9 exemplares foi avaliada de maneira expressivamente mais insatisfatória pelos moradores em comparação às avaliações dos não moradores, embora nenhum

exemplar tenha sido avaliado expressivamente de maneira positiva por nenhum grupo.

Contudo, as justificativas para preferências nas avaliações estéticas indicam um número pouco expressivo de moradores do entorno dos exemplares que relacionou seus julgamentos à “familiaridade com a cena”. As cenas com maior nível de organização e de estímulo visual foram as preferidas, tanto pelos moradores quanto pelos não moradores. Quando foram encontradas diferenças entre as justificativas das avaliações estéticas, estas indicaram que os moradores parecem ser mais afetados pela presença ou falta de estímulo visual e de vegetação nas cenas. Por exemplo, ao justificar a preferência por pela cena anterior ao exemplar 3, os moradores mencionaram quase três vezes mais a “existência de vegetação na cena” e quase duas vezes mais a “existência de estímulo visual” em comparação aos moradores. Contudo, são necessários estudos específicos para confirmar tal relação.

Quando questionados especificamente sobre o impacto da presença dos exemplares do tipo “construído para alugar” na estética dos seus entornos, a percepção de familiaridade não foi mencionada em nenhuma justificativa, mesmo que os moradores fossem familiares com todas as cenas avaliadas, inclusive as anteriores aos exemplares. Pelo contrário, as principais justificativas apontadas pelos dois grupos indicaram a relação das avaliações estéticas com os aspectos formais das cenas ou das edificações, reafirmando a importância da consideração dos conceitos de ordem e estímulo visual nas avaliações estéticas (p.ex., REIS et al, 2011; STAMPS, 2000; NASAR, 1998; WEBER, 1995; LANG, 1987; BAFNA et al, 2010). Portanto, as justificativas para as avaliações estéticas indicam que as diferenças encontradas nas avaliações estéticas entre moradores e não moradores não estão relacionadas à percepção de maior ou menor familiaridade das cenas avaliadas. As principais justificativas para os julgamentos estéticos dos dois grupos parecem estar baseadas na estética formal, e não na estética simbólica, corroborando os resultados da pesquisa de Reis, Biavatti e Pereira (2014).

Logo, a familiaridade não afetou as preferências estéticas, pois não modificou com expressividade avaliações estéticas e preferências, contradizendo Porteous (1996) ao afirmar que existe uma clara influência da familiaridade sobre as avaliações estéticas dos indivíduos. A diferença entre as valorizações estéticas dos moradores e não

moradores poderia estar no fato dos primeiros terem conhecido ao vivo as cenas anteriores aos exemplares, sem que sua avaliação dependesse exclusivamente das fotografias. A avaliação dos não moradores, que responderam não conhecer as cenas anteriores aos exemplares, pode ter sido prejudicada pelos registros fotográficos existentes.

5.3.2 Objetivo (ii): identificar os níveis de satisfação com a localização das diferentes atividades das edificações tipo “construído para alugar” nos entornos predominantemente residenciais e averiguar se esta tipologia é satisfatória para o desempenho das atividades que abriga, de acordo com diferentes grupos de indivíduos relacionados à estas estruturas.

O segundo objetivo deste estudo foi verificado através de 4 objetivos específicos.

5.3.2.1 Objetivo específico 4

O quarto objetivo específico, relacionado ao segundo objetivo deste estudo, foi identificar os níveis de satisfação com a localização das diferentes atividades das edificações tipo “construído para alugar” nos entornos predominantemente residenciais, considerando a compatibilidade e demanda destas atividades, movimentos e usos decorrentes destas, segundo a percepção de moradores dos entornos e clientes.

Os resultados referentes a este objetivo indicam que as farmácias, salão de beleza, academia, loja de roupa infantil e ferragem, atividades de primeiras necessidades ou uso imediato, inseridas nas estruturas do tipo “construído para alugar” analisadas, foram expressivamente apontadas como adequadas para os entornos predominantemente residenciais tanto por clientes quanto por moradores. Tal resultado reafirma o conhecimento existente de que este tipo de atividade é bem aceito onde há demanda e concentração de usuários em meio residencial, por exemplo, servindo como uso de apoio ou complementar (p. ex. VARGAS, 2001). Para os respondentes, existe a percepção de que demanda para estas atividades nos entornos investigados, assim como o aumento do número de pedestres e de trocas sociais na rua decorrentes destes usos. Além disso, tais avaliações são sustentadas pelo número de clientes que também é morador do entorno.

Tais resultados também reafirmam os diferentes estudos que indicam que atividades de consumo imediato seriam mais benéficas para os espaços urbanos, no sentido de maior fomentador de interação social (p. ex., GEHL et al, 2013; JACOBS, 1961; APPLEBYARD & LINTELL, 1972). Gehl (2013), por exemplo, evidencia que estas atividades tendem a movimentar mais os entornos urbanos de forma qualificada, através de movimentos de pedestres. Também, tais resultados reafirmam a importância que o comércio de varejo tem na vida social das cidades (p. ex., ALLEGRI, 2016; JAYNE, 2006).

Já as atividades das lojas de mobiliário foram percebidas pelos moradores e clientes como menos adequadas ou inadequadas para suas localizações, devido à percepção de incompatibilidade deste uso com os dos entornos. Tal percepção está de acordo com a afirmação de Vargas (2001) de que a incompatibilidade de uma atividade poderia influenciar no nível de satisfação dos indivíduos. Como exemplo, alguns moradores responderam que seria mais interessante para a região se junto à determinada loja de mobiliário houvesse uma atividade de apoio que promovesse maior interação social, como um café. Tal afirmação corrobora conceitos abordados por Gehl (2013), ao destacar a importância de atividades de consumo imediato para a qualificação de espaços urbanos comerciais ou residenciais. No entanto, o fato dos respondentes afirmarem que este tipo de atividade parece menos adequada para seus entornos, não significa que as lojas de mobiliário impactam negativamente nos espaços urbanos analisados. Em complemento, uma parcela significativa dos clientes das lojas de mobiliário respondeu que é moradora dos entornos imediatos.

Portanto, a maior parte das edificações do tipo “construído para alugar” analisadas estão abrigando atividades que tendem a ser percebidas por moradores e clientes como adequadas para os espaços urbanos predominantemente residenciais.

5.3.2.2 Objetivo específico 5

Relacionado ao objetivo 2 deste estudo, o objetivo específico 5 averiguou se a tipologia “construído para alugar” é satisfatória para o desempenho das atividades que abriga, considerando as avaliações de clientes e locatários quanto à estética e ao uso interno, assim como as principais justificativas relacionadas a esse uso.

Quanto à estética interna, as edificações foram avaliadas como muito satisfatórias. Apenas as farmácias e a ferragem foram avaliadas de maneira mais neutra, não podendo ser afirmado que são satisfatórias. Contudo, mesmo que tal neutralidade possa estar relacionada à maior importância dada à funcionalidade destes locais do que propriamente à estética (p. ex., THANG; TAN, 2003; TURLEY; MILLIMAN, 2000), não significa que a qualidade visual interna destes estabelecimentos não possa ser melhorada. Mesmo que o comércio deste tipo de produto tenda a considerar que a venda de seus produtos não dependa tanto da aparência interna da edificação, já é conhecido que a qualidade estética pode influenciar na satisfação do indivíduo em relação a qualquer espaço (p.ex., STAMPS, 2000).

Foi verificado que, internamente, todas as edificações e suas atividades atenderam de maneira muito satisfatória os clientes quanto ao uso, devido à quantidade de espaço, conforme justificado por todos os respondentes. Tal resultado é muito relevante, visto que os clientes seriam um dos principais agentes para o sucesso ou insucesso de uma atividade comercial (p. ex., VARGAS, 2001; MORETTO, 2007), e são eles que geram os maiores movimentos nos espaços urbanos abertos adjacentes decorrentes do uso das edificações (p. ex., GEHL, 2013; LYNCH; HACK, 1984). As informações provenientes de locatários e funcionários indicaram a satisfação com a quantidade e flexibilidade de espaço e as vitrines amplas. Tais resultados reafirmam autores (p. ex. VOORDT; MAARLEVELD, 2006) que relacionam o adequado funcionamento dos espaços internos com a possibilidade de flexibilização e capacidade de adaptação para diferentes atividades, assim como com o tamanho das áreas adequadas para que as atividades ocorram de forma confortável. Portanto, neste sentido, as edificações do tipo “construído para alugar” atingiram um dos seus principais objetivos, que é o de promover espaços flexíveis para diferentes tipos de atividades, como é o caso de diversas edificações construídas com o objetivo de locação (p. ex., LIMA, 1995; 2011; VARGAS, ARAÚJO, 2014; TERRA, 2004).

Contudo, foram mencionados por locatários e funcionários problemas significativos relacionados ao conforto térmico. As amplas fachadas em vidros fixos da tipologia foram apontadas como responsáveis por impossibilitar a ventilação natural, pelo gasto excessivo de energia e pelo bloqueio visual entre interior e exterior da edificação, ocasionado pela necessidade do uso de cortinas internas para bloqueio da luz solar. Para os locatários, falta a preocupação dos agentes implementadores das edificações

ao não colocar proteções nas fachadas, como brises externos, e que não são inseridos pelos locatários devido ao alto custo desses elementos. Também, o bloqueio visual decorrente da necessidade de uso de cortinas vai de encontro do que é mencionado como importante para um aumento da vivacidade urbana, visto que o térreo das edificações é onde ocorre a maior parte de trocas visuais, que contribuem para a atração às atividades nas edificações (GEHL, 2013; GEHL; KAEFFER; REIGSTAD, 2006). Particularmente, o comércio, que depende muito da visibilidade de suas vitrines, também é lesado por tais bloqueios visuais (p. ex., THANG; TAN, 2003; TURLEY; MILLIMAN, 2000). Portanto, mesmo que os locatários tendam a estar satisfeitos com o funcionamento interno das edificações, tais problemas de conforto térmico e consequentes bloqueios visuais revelam dificuldades a serem superados nas edificações do tipo “construído para alugar”.

5.3.2.3 Objetivo específico 6

O sexto objetivo específico deste estudo foi analisar o nível de satisfação quanto às áreas de estacionamento e os acessos para pedestres e para automóveis, de acordo com a percepção de clientes e locatários. Esta análise permite uma avaliação das áreas de transição da edificação, importantes para entender o seu bom funcionamento, além de impactar no uso dos espaços urbanos, como das calçadas.

Foi verificado que os clientes da maioria dos estabelecimentos se deslocam tanto a pé, quanto de carro. Contudo, predominam clientes pedestres na ferragem, nas duas farmácias e no salão de beleza, e clientes de carro nas lojas de mobiliário. Tal informação reafirma que as edificações que abrigam as atividades de primeiras necessidades e de consumo imediato contribuem para o aumento no número de pedestres na rua (p. ex., GEHL et al, 2013; KARSSENBERG et al, 2016).

Apenas dois dos nove exemplares do tipo “construído para alugar” tiveram o acesso do automóvel, as áreas de estacionamento e o acesso do pedestre à edificação avaliados como muito adequados pelos clientes. Os demais exemplares obtiveram avaliações inadequadas por clientes e locatários, podendo ser relacionada a ambos aspectos investigados, ou a apenas um deles (acessos de pedestres ou o acesso e as áreas de estacionamento). As principais justificativas para as avaliações dos acessos e das áreas de estacionamento foram a existência (para avaliações satisfatórias) ou a falta (para avaliações insatisfatórias) de: fácil acesso, tamanhos

adequados das vagas e trajeto adequado entre o estacionamento e a entrada da edificação. Quanto às avaliações dos acessos dos pedestres à edificação, as avaliações satisfatórias dos clientes apontaram principalmente revestimentos de piso adequados e a diferenciação entre o caminho dos pedestres e o dos carros. Já as avaliações insatisfatórias apontaram a falta da diferenciação entre o caminho dos carros e pedestres. Tais resultados são negativos, pois os acessos, que permitem os movimentos para o interior da edificação e reforçam os movimentos nos espaços abertos, assim como os estacionamentos, são muito importantes para que essas edificações sejam consideradas adequadas para seu uso (p. ex., TURLEY; MILLIMAN, 2000; VOORDT; MAARLEVELD, 2006; HUGSON, 2012; MORETTO, 2007). Ainda, tais aspectos podem influenciar de forma negativa o sucesso de uma atividade comercial (KOPPELMAN E HAUSER, 1978 apud OU et al. 2006).

Considera-se preocupante que tantas edificações tenham seus acessos de pedestre avaliadas de forma insatisfatória, principalmente considerando o número de clientes que se dirigem a pé a estes locais, e que todos os clientes questionados não possuíam nenhuma restrição de movimento, tal como uso de cadeira de rodas. Por exemplo, respondentes idosos mencionaram que a avaliação do acesso ao pedestre ao interior de uma das farmácias avaliada era muito satisfatória, pois não havia inclinação significativa no piso, o que é positivo para eles e por isso se dirigiram a este estabelecimento, e não a outro.

Portanto, é possível concluir que tanto os acessos do pedestre ao interior dos exemplares do tipo “construído para alugar” como os acessos dos automóveis e as áreas de estacionamento avaliadas tendem a ser inadequados, tanto para os clientes dos estabelecimentos, quanto para alguns locatários. Tais fatos evidenciam a necessidade de ser dada maior importância aos acessos e estacionamentos por aqueles envolvidos nos projetos e implantações de edificações comerciais do tipo “construído para alugar”.

5.3.2.4 Objetivo específico 7

O último objetivo específico foi analisar a relação entre a localização do estabelecimento e seu desempenho conforme as avaliações dos locatários e agentes imobiliários, assim como por meio do padrão de utilização dos clientes (suas motivações, frequências e distância da residência) e a acessibilidade ao local. Por

mais que as atividades comerciais analisadas englobem diferentes tipos, elas compreendem as atividades que mais aparecem nas edificações do tipo “construído para alugar” em Porto Alegre. Em complemento, mesmo existindo o conhecimento da estreita relação entre o comércio e a localização, através da teoria econômica neoclássica (CHRISTALLER, 1966), foram relevantes neste estudo as percepções dos locatários e agentes imobiliários, considerando que muitas das edificações do tipo “construído para alugar” são inseridas aleatoriamente no tecido urbano. Assim, os resultados obtidos com este objetivo complementam a avaliação do desempenho destas edificações no espaço urbano.

Os exemplares do tipo “construído para alugar” analisados estão em meios com usos predominantemente residenciais, em localizações com boa acessibilidade quanto aos bairros e regiões da cidade. Os resultados obtidos indicam que as edificações analisadas que abrigam as atividades de farmácia, ferragem, salões de beleza e loja de roupa infantil tendem a possuir um desempenho mais relacionado à sua localização em tais ruas, reforçada pelos seus clientes que são na maioria moradores do entorno, e justificaram utilizar o estabelecimento justamente pela proximidade com a residência, e também pelo tipo de produto. Já as lojas de mobiliário (que fornecem produtos consumidos com menor frequência) e a academia (que é um uso frequente, mas de um público específico), tiveram seu desempenho mais relacionado a uma região ou bairro, e não tanto a uma via específica. As informações dos clientes, os locatários que disseram procurar vias específicas para seus comércios foram justamente os de farmácias e ferragem, enquanto os demais indicaram procurar uma região mais ampla, como um bairro. Contudo, todos procuraram localizações em pontos de maior acessibilidade aos seus usuários, se beneficiando de uma concentração de movimento, conceito mencionado por diversos autores (p.ex., PENN, 2005; VARGAS, 2001).

Ainda, todos os locatários e agentes imobiliários se disseram satisfeitos com o desempenho dos seus estabelecimentos e relacionaram tal fato com a localização, reafirmando o conhecimento existente da relação do comércio com a localização (p. ex., VARGAS, 2011; VARGAS, ARAÚJO, 2014). Assim, os exemplares analisados parecem suprir as necessidades dos clientes e locatários. Portanto, considerando que a localização da edificação tende a ser apontada como um aspecto determinante para o adequado desempenho de uma atividade comercial (TURLEY; MILLIMANN, 2000;

MORETTO; REIS, 2008), as edificações do tipo “construído para alugar” analisadas apresentam o potencial de abrigarem atividades comerciais semelhantes às analisadas de maneira bem-sucedida. Ainda, os resultados deste objetivo reforçam o entendimento da forte dependência do comércio com a localização (p. ex., VARGAS, 2011).

Portanto, considerando os resultados obtidos nesta investigação, espera-se que estes possam contribuir para o entendimento de que é necessária a melhoria estética das edificações do tipo “construído para alugar”, assim como a maior consideração das características formais dos entornos urbanos destas estruturas. Por mais que as avaliações tenham mostrado que em alguns casos as cenas com os exemplares são mais valorizadas, estas cenas também obtiveram avaliações insatisfatórias quanto suas aparências. Ainda, o impacto específico destas edificações foi avaliado pelos respondentes como negativo para a estética dos entornos predominantemente residenciais, não permitindo afirmar que este modelo de edificação é positivo para os espaços urbanos analisados. Espera-se que os atributos formais identificados nestas avaliações possam ser utilizados para a melhoria das edificações já existentes ou de novas edificações deste tipo que venham a ser inseridas nos espaços urbanos. Nesse sentido, a importância da percepção de ordem e estímulo visual nas cenas e nas edificações para avaliações positivas é destacado, podendo ser alcançado com maiores níveis de detalhamento das fachadas das edificações do tipo “construído para alugar”, assim como com a melhor articulação destas edificações com seus entornos, aumentando a percepção de ordem nas cenas urbanas. Ainda, a constatação de que as diferenças entre as avaliações estéticas de moradores e não moradores, encontradas nesta pesquisa, não estão relacionadas ao nível de familiaridade dos indivíduos, e sim aos aspectos formais das cenas e edificações avaliados, reforçam a relação entre a qualidade visual e o conceito da estética formal. Também, as diferenças não expressivas entre grupos de diferentes níveis e tipos de formação universitária, auxiliam tal compreensão. Logo, espera-se que estes resultados reforcem a importância da qualidade visual de qualquer espaço urbano, residencial ou comercial, para melhor experiência dos indivíduos no ambiente construído.

Também, almeja-se que os resultados contribuam para o entendimento dos impactos positivos de determinadas atividades comerciais inseridas nas edificações do tipo

“construído para alugar” no uso dos espaços urbanos, em especial as atividades de primeiras necessidades ou de consumo imediato, ao ser confirmado que elas contribuem para a vivacidade dos espaços urbanos residenciais e para a melhoria da experiência dos usuários de tais espaços. Nesse sentido, as atividades da tipologia “construído para alugar” contribuem de forma muito positiva ao abrigar, na sua maioria, atividades comerciais que funcionam como suporte ao uso residencial. Também, mesmo que a quantidade de áreas internas e a flexibilidade do interior das edificações sejam muito satisfatórias, espera-se que sejam consideradas melhorias com relação ao conforto térmico da tipologia para os usuários que permanecem mais tempo nestas edificações, assim como com relação aos acessos às edificações para carros e pedestres e ao tamanho das áreas de estacionamento, que, na sua maioria, são insatisfatórios. Adicionalmente, almeja-se que os resultados possam contribuir para o entendimento de que as edificações do tipo “construído para alugar” nas localizações em contextos residenciais e consolidados apresentam o potencial de abrigarem atividades comerciais bem-sucedidas, tanto para os investidores quanto para os clientes e moradores.

Por fim, espera-se que os resultados desta pesquisa contribuam não somente para o entendimento dos impactos de edificações “construídas para alugar” na estética e no uso dos espaços urbanos, mas também que sirvam de suporte para outros estudos relacionados à espaços urbanos, à estética urbana, e a atividades comerciais em meio residenciais, com objetivo de melhorar a experiência dos indivíduos no ambiente construído.

5.4 LIMITAÇÕES DO ESTUDO E SUGESTÕES PARA PESQUISAS FUTURAS

Devido ao tempo para a realização da pesquisa e os vários métodos empregados na investigação, não foi possível utilizar a análise sintática para investigar o grau de acessibilidade dos exemplares do tipo “construído para alugar” na cidade de Porto Alegre. Tal método teria sido utilizado para verificar os níveis de integração dos segmentos onde estão localizados os exemplares, com objetivo de entender o potencial de movimento de pessoas nestes locais.

Não foi encontrada dificuldade na aplicação dos questionários via internet para o grupo de indivíduos com formação em arquitetura, com formação distinta de

arquitetura, design ou artes e sem formação universitária. Contudo, houve dificuldade em conseguir que a amostra de moradores e clientes respondesse via internet. Por este motivo, se fez necessária a aplicação com a presença da pesquisadora.

Quanto a novos estudos, poderiam ser consideradas as percepções estéticas de não moradores e de moradores próximos a edificações comerciais com distintas atividades, incluindo as do tipo “construído para alugar”, tanto em áreas urbanas residências quanto em áreas comerciais, assim como os usos de tais edificações e das áreas urbanas próximas. Isto ajudaria a aprofundar o conhecimento acerca das diferenças encontradas entre as avaliações estéticas destes dois grupos.

REFERÊNCIAS

ALLEGRI, Alessia. Os Novos Modelos Urbanos das Actividades Comerciais. **V Coloquio Internacional Sobre Comercio e a Cidade: uma relação de origem.** SÃO PAULO. MARÇO, 2016

ALLEGRI, Alessia. What kind of commerce for the city? The case study of lisbon and the urban dimension of its comercial spaces. 1970-2010. P.40-55 **Journal of Architecture.** Universidade de Los Andes. Colombia. Diciembre de 2015.

AMATO, Fernando Bontorim. Implantação de Empreendimentos de Base Imobiliária por meio de fundos de investimento imobiliário: Critérios de governança dos recursos financeiros para mitigação de riscos capaz de potencializar a captação de investimentos privados com característica de poupança. São Paulo, 2009. **Tese.** Núcleo de Real Estate, Departamento de Engenharia de Construção Civil, USP, 2009.

APPLEYARD, Donald; LINTELL, Mark. **The Environmental Quality of City Streets: The Residents' Viewpoint.** Institute of Urban & Regional Development, 1972

BAFNA, Sonit; ANTUNEZ, Carina; HYUN, Myung Seok; LEE, Hyun Kyung Lee; LU, Yi. The Visual Functioning of Buildings: Outline of a Possible General Theory. **The Journal of Space Syntax**, v.1, l.1, 2010. p.133-148

CHING, Francis D. K. D. Form, **Space and Order.** New York: Van Nostrand Reinhold, 1996.

CHRISTALLER, Walter. **Central Places in Southern Germany.** Englewood Cliffs: Prentice-Hall, 1966.

CROSS, Lisa Tucker; KÜLLER, Rikard. Environmental atmosphere of outdoor residential areas in southern sweden: a comparison of experts and residents. **Journal of Architectural and Planning Research**. Pág. 74-89, Spring, 2004

CULLEN, Gordon. **El Paisaje Urbano: Tratado de estética urbanística**. Blume e Labor, 1974.

DEVLIN, K. ; NASAR, J. L. The beauty and the beast: Some preliminary comparisons of “high” versus “popular” residential architecture and public versus architect judgments of same. **Journal of Environmental Psychology**, v. 9, n. 4, p. 333-344, 1989.

ENGELS, James F.; BLACKWELL, Roger D.; MINIARD, Paul W., **Comportamento do Consumidor**, Ed. Livros Técnicos e científicos, São Paulo 1995.

ERKIP, F., OZUDURU, B. H. Retail development in Turkey: An account after two decades of shopping malls in the urban scene. *Progress in Planning* (2015). **Progress in Planning**, Vol. 102, Nov. 2015, Elsevier. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1016/j.progress.2014.07.001>

FAWCETT, W. ; ELLINGHAM, I. ; PLATT, S. Reconciling the Architectural Preferences of Architects and the Public: The Ordered Preference Model. **Environment and Behavior**, v. 40, n. 5, p. 599-618, 2008.

FRANCIS, M. (1991). ‘Urban Open Spaces’, in ZUVE and MOORE, **Advances in Environment, Behaviour and Design**, vol.1, pp71-106

FRENCESCATO, G.; WEIDERMANN, S.; ANDERSON, J. Evaluating the built environment from the users’point of view: An attitudinal model of residential satisfactions. In W. Preiser (Ed.), **Building evaluation** (pág. 181-198), New York: Plenum. 1990)

GAMBIM, Paula Silva. A influência de atributos espaciais na interação entre grupos heterogêneos em ambientes residenciais. **Dissertação de mestrado**, PROPUR, UFRGS, 2007.

GARLING, T.; EVANS, G.W. **Environment, Cognition, and Action: An Integrated Approach**. Oxford: Oxford University Press, 1991

GEHL, Jan. **Cidades para Pessoas**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.

GEHL, GEMZOE, KIKNAES, SONDERGAARD. **New City Life Conpenhague: The Danish Architectural Press**, 2006.

GEHL, Jan; KAEFER, Lotte Johansen; REIGSTAD, Solveig. Close encounters with buildings. **Urban Design International**. 11, 29–47. 2006

GEIST, Johann F. Arcades: **The History of a Building Type**. Trad. Newman J.O.; Smith J.H. Cambridge, Mass, and London: MIT Press. 1993.

GIFFORD, R. et al. Decoding Modern Architecture: a lens model approach for understanding the aesthetic differences of architects and laypersons. **Environment and Behavior**, Thousand Oaks, v. 32, n. 2, p. 163-187, mar. 2000.

GOLDBERG, David. Tentativi riusciti, di piegare le catene commerciali alla costruzione della città, attraverso il mixed-use. / The Incredible Shrinking Box: Retailers shape stores to fit urban settings. **Michigan Land Use Institute**. Set 2005.

GOODRICH, Ronald J. Designing for Human Behavior: Architecture and the Behavioral Sciences, In Lang, John; BUNETTE, Charles; MOLESKI, Walter Surveys; VACHON, David, **Questionnaires, and Interviews**, 1974.

GREGOLETTO, Débora. Impactos de edifícios altos na percepção da estética urbana. **Dissertação de mestrado**. Porto Alegre: UFRGS, 2013. Dissertação, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, PROPUR, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2013.

GUY, Clifford M. (2007). **Planning for retail development**. New York: Routledge.

GUY, Clifford M.. **The retail Development Process**: Location, property and planning.. Londres: Routledge. 1994.

HERZOG, T. R.; KAPLAN, S.; KAPLAN, R. The Prediction of Preference For Familiar Urban Places. **Environment and Behavior**, Thousand Oaks, v. 8, n. 4, p. 627-456, 1976.

HUGSON. **City of Hughson**: Commercial Design Guidelines. 2012. Disponível em: http://hughson.org/wp-content/uploads/2012/09/Commercial-Design-Guidelines_12.pdf

INGRAM, D. R. The Concept of Accessibility: A Search for an Operational Form. **Regional Studies**. Vol. 5, 1971.

ISAACS, Raymond. The Urban Picturesque: An Aesthetic Experience of Urban Pedestrian Places. **Journal of Urban Design**, Vol. 5, No. 2, 145± 180, 2000

JACOBS, Jane. **The Death and Life of Great American Cities**. United States. Random House, 2011 (1961)

JAYNE, Mark. **Cities and consumption**. editor Routledge, London and New York, 2006.

JOHN, Naiana M. Avaliação estética do mobiliário urbano e do uso de abrigos de ônibus por cadeirantes. **Dissertação de mestrado**. UFRGS, Porto Alegre: 2012. 210 páginas.

KAPLAN, 1983. **Cognition and environment**: functioning in an uncertain world. Universidade de Michigan: Praeger, 1982. P.02-09.

KARSSENBER, Hans; LAVEN, Jeroen; GLASER, Meredith; VAN'T HOFF, Mattijs. **The City at Eye Level**: Lessons for street plinths. Eburon, 2016.

KOHLSDORF, Maria Elaine. **A apresentação da Forma da Cidade**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1996.

KOOLHAAS, Remment; CHUNG, Chuihua Judy; INABA, Jeffrey; LEONG, Sze Tsung. **Harvard Design School guide to shopping**. Harvard Design School Project on the City (Taschen Specials), 2001.

KOWARICK, Adriana; SILVA, Aline; RECKZIEGEL, Daniela; RODRIGUES, Mirian; Forgiarini, Francisco; LAY, Maria Cristina; REIS, Antônio Tarcísio. Estética urbana: uma análise no centro de porto alegre. **Encontro Nacional de Tecnologia do Ambiente Construído**, 2008.

LANG, J. Creating Architectural Theory: The Role of the Behavioural Sciences in **Environmental Design**. New York: Van Nostrand Reinhold Company, 1987.

LANG, J. Symbolic aesthetics in architecture: toward a research agenda. In: NASAR, J. L. (Ed.). **Environmental aesthetics: theory, research, and applications**. New York: Cambridge University Press, 1992. P. 11-26

LANG, Jon; BRUNETTE, Charles; MOLESKI, Walter; VACHON, David. **Designing for human behavior: Architecture and the Behavioral Sciences**. Community Development Serier, Vol. 6. Stroudsburg PA: Dowden, Hutchinson and Ross, 1974.

LAY, Maria Cristina; REIS, Antônio Tarcísio. Análise quantitativa na área de estudos Ambiente-Comportamento. **Ambiente Construído**, Porto Alegre, v. 5, n. 2, p. 21-36, abr./jun. 2005.

LIMA, Rocha JR, J. Princípios para análise de qualidade de empreendimentos: o caso dos empreendimentos de base imobiliária. (**Boletim Técnico – BT/PCC-153/95**) São Paulo: EPUSP, 1995.

LIMA Jr., João da Rocha; ALENCAR, Claudio Tavares; MONETTI, Eliane. **Real estate: modelagem e investimentos em empreendimentos imobiliários**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

LOS ANGELES. **Commercial citywide design guidelines: Pedestrian-Oriented/Commercial & Mixed-Use Projects**. Los Angeles, CA, 2011.

LYNCH, K. **A theory of good city form**. Massachussets, U.S.: MIT Press, 1981.

LYNCH, K. **The image of the city**. Cambridge, MA: MIT Press, 1960.

MARASCHIN, Clarice. Reflexões acerca da descentralização do comércio. **IV Colóquio Internacional sobre o comércio e cidade: uma relação de origem**. Uberlândia, 26 a 28 de março de 2013

MARASCHIN, Clarice; SHOPPING CENTERS E ESTRUTURA ESPACIAL URBANA. **VIII Seminário Internacional da LARES Mercados emergentes de Real Estate: novos desafios e oportunidades**. Setembro de 2008 São Paulo - SP – Brasil

MARASCHIN, Clarice; LAHORGUE, Maria Alice Oliveira da Cunha. O Comércio e o Espaço Urbano - O Caso De Porto Alegre. **XIV Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional** . RJ. 2011.

MEHRABIAN, Albert; RUSSELL, James A. **An approach to environmental psychology**. MIT Press, Cambridge, M.A. 1974.

MORETTO, Mateus Mengatto. Aspectos físico-espaciais, satisfação e preferência no comércio de varejo. Porto Alegre: UFRGS, 2007. **Dissertação**, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, PROPUR, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2007.

MORETTO, Mateus M.; REIS, Antônio T. L. A influência das variáveis físico-espaciais na satisfação e preferência pelo comércio de varejo. **XII Encontro Nacional de Tecnologia do Ambiente Construído (ENTAC)**. Fortaleza, CE, Brasil. Outubro de 2008

NASAR, J. L. **Environmental Aesthetics: theory, research, and applications**. New York: Cambridge University Press, 1992.

NASAR, J. L. **The evaluative image of the city**. Thousand Oaks: SAGE Publications, 1998.

NASAR, J. New Developments in Aesthetics for Urban Design. In: MOORE, G.; MARANS, R. (Eds.). **Advances in Environment, Behavior, and Design: Toward the Integration of Theory, Methods, Research, and Utilization**. Cambridge: Cambridge University Press, 1997

PARENTE, Juracy. **Varejo no Brasil: Gestão Estratégica**. São Paulo. Editora Atlas-SP. 2000.

POPKOWSKY, Peter; SINHA, Ashish; SAHGAL, Anna, The effect of multi-purpose on pricing and location strategy for grocery stores, **Journal of Retailing**, n. 80, p. 85-99. 2004.

PORTELLA, Adriana Araújo. **Visual Pollution: Advertising, Signage and Environmental Quality**. London: Ashgate, 2014.

PORTELLA, Adriana Araújo. A Qualidade Visual dos Centros de Comércio e a Legibilidade dos Anúncios comerciais. Porto Alegre: UFRGS, 2003. **Dissertação**, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, PROPUR, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2003.

PORTEOUS, J. D. **Environmental aesthetics: ideas, politics and planning**. London: Routledge, 1996.

PORTO, Paola Torneri. Método para gestão de portfólios de investimentos em edifícios de escritórios para locação no Brasil / P.T. Porto. Ed.rev. - São Paulo, 2010. 280p. **Tese**. Escola Politécnica da Universidade de São Paulo.

- RAPOPORT, A. **Human aspects of urban form: towards a man - environment approach to urban form and design**. Oxford: Pergamon Press. Urban and regional planning series, v. 15, 1977.
- REIS, A. Repertório, **Análise e Síntese**: uma introdução ao projeto arquitetônico. v. 1 Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.
- REIS, A.; LAY, M. C. Habitação de Interesse Social: uma análise estética. **Ambiente Construído**, Porto Alegre, v. 3, n. 4, p. 7-19, out./dez. 2003.
- REIS, A.; LAY, M.C. As Técnicas de APO Como Instrumento de Análise Ergonômica do Ambiente Construído – Curso Avaliação Pós-Ocupação. In: **ENCONTRO NACIONAL e I ENCONTRO LATINO-AMERICANO DE CONFORTO NO AMBIENTE CONSTRUÍDO**, 3., Gramado, 1995. Anais... Porto Alegre: ANTAC, 1995.
- REIS, A.; LAY, M.C. Avaliação da Qualidade de Projetos: uma abordagem perceptiva e cognitiva. **Ambiente Construído**, Porto Alegre, v. 6, n. 3, p. 21-34, jul./set. 2006.
- REIS, Antonio Tarcísio da Luz. Mass housing design, user participation and satisfaction. **Thesis**. Oxford Polytechnic, 1992.
- REIS, Antônio Tarcísio da Luz; LAY, Maria Cristina Dias. O projeto da habitação de interesse social e a sustentabilidade social. **Ambiente Construído**, Porto Alegre, v. 10, n. 3, p. 99-119, jul.;set. 2010
- REIS, Antônio Tarcísio da Luz; BIAVATTI, Camila Damiani; PEREIRA, Maria Lourdes. Composição arquitetônica e qualidade estética. **Ambiente Construído**, v. 14, n. 1, p. 191-213, jan./mar. 2014
- REIS, Antônio Tarcísio da Luz; BIAVATTI, Camila Damiani; PEREIRA, Maria Lourdes. Estética urbana: uma análise através das ideias de ordem, estímulo visual, valor histórico e familiaridade. **Ambiente Construído**, v. 11, n. 4, p. 185-204, dez. 2011.
- SANOFF, H. **Visual Research Methods in Design**. New York: Van Nostrand Reinhold, 1991.
- SILVA, Renata Rodrigues. Centros comerciais e shopping centers: transformações no espaço urbano de Uberlândia. **Dissertação**. Universidade Federal de Uberlândia (MG) 2012. 181 f.: il.
- SIMONE, Liliana D R. Forward a Re-conceptualization of Malls, Protomalls and other Pseudo-public Spaces: Evolution in Commercial Typologies in Santiago, Chile and Possibilities for Topological Restructuration. **Spaces and Flows: An International Conference on Urban and Extra Urban Studies**. Illinois, USA. Volume 2, Issue 3, 2012
- SIMONE, Liliana D R. Construindo a cidade do consumo em Santiago do Chile. **V Colóquio internacional sobre comércio e cidade**: uma relação de origem. 2016.
- SOMMER, R.; SOMMER, B. **A practical guide to behavioral research**: tools and techniques. New York: Oxford University Press, 2002.

STAMPS, Arthur E. III. Demographic effects in environmental aesthetics: A meta-analysis. **Journal of Planning Literature**, vol. 14, p. 155-175, 1999.

STAMPS, Arthur E. Some streets of San Francisco: preference effects of trees, cars, wires, and building. **Environment and Planning B: planning and design**, n.24, 1997. p.81-93.

STAMPS, Arthur E. **Psychology and the Aesthetics of the Built Environment**, San Francisco: Kluwe Academic Publisher, 2000.

THANG, Doreen C.L. e TAN, Benjamin L. B. Linking Consumer Perception to preference of retail stores: a empirical assessment of the multi attributes of store Image, **Journal of Retailing and consumer service**, n. 10, p. 193-200. 2003.

TURLEY, L. W.; MILLIMAN, Ronald E. Atmospheric Effects on Shopping Behavior: A Review of the Experimental Evidence. New York: **Journal of Business Research** 49. P.193–211, 2000.

UZZEL, D.; JONES, E. The Development of a Process-Based Methodology For Assessing the Visual Impact of Buildings. **Journal of Architectural and Planning Research**, Chicago, v. 17, n. 4, p. 330-343, 2000.

VARGAS, Heliana Comin. Comércio e serviços varejistas nos estudos urbanos e a complexidade na produção do conhecimento. Conferência de abertura do I Colóquio internacional de comércio e cidade: uma relação de origem. Set de 2005, São Paulo. **Anais do II CinCci**, São Paulo: FAUUSP-LABCOM, março 2008.

VARGAS, Heliana Comin. Do espaço da troca ao espaço do consumo: a permanência do local frente ao global. Congresso Internacional de Americanistas. **Anais do 53 ICA: A Arquitetura nas Américas: câmbios e continuidades da centralidade e estrutura da forma urbana**. México. 2009.

VARGAS, Heliana Comin. **Espaço Terciário: o lugar, a arquitetura e a imagem do comércio**. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2001

VARGAS, Heliana Comin. Gestão de áreas urbanas centrais: a experiência de santo André. **IX ENCONTRO NACIONAL DA ANPUR**. Rio de Janeiro, maio de 2001

VARGAS, Heliana Comin. O comércio e os serviços varejistas: principais agentes e sua inserção urbana. **Revista GEOUSP Espaço e Tempo**. N 8 FFLCH-USP /Humanitas, p 77-87.dezembro/2000.

VARGAS, Heliana Comin; ARAÚJO, Cristina Pereira. **Arquitetura e Mercado Imobiliário**. São Paulo: Editora Manoele, 2014

VARGAS, Heliana Comin; MENDES, Camila Faccioni. The Retailing Design in a Process of Urban Use Substitution. **6th international conference in retailing and services science**. Porto Rico: EIRASS, 1999.

VILLAÇA, Flávio. **Espaço Intra-Urbano no Brasil**. São Paulo: Studio Nobel: FAPESP: Lincoln Institute, 2001.

VOORDT, Theo J.M. Van der; MAARLEVELD, Maartje. Performance of office buildings from a user's perspective. **Ambiente Construído**, Porto Alegre, v.6, n.3, p.07-20, jul. /set.2006

VOORDT, Theo. J.M. Quality of design and usability: a vetruvian twin. **Ambiente Construído**, Porto Alegre, v.9, n.2, p.17-29, abr./jun. 2009

WEBER, Ralf. **On The Aesthetics of Architecture, A Psychological Approach to the Structure and the Order of Perceived Architectural Space**. São Francisco: Ashgate Publishing Company, 1995.

WHYTE, William H. **City: rediscovering the center**. New York: Anchor Books, 1990.

WITTEN, R.G. Riding the real estate cycle. **Real Estate Today**, p.42-48, Aug, 1987.

Fundação de Economia e Estatística. Índice de Vendas do comércio. Porto Alegre, 2016. Disponível em: <http://www.fee.rs.gov.br/indicadores/indice-de-vendas-do-comercio/teste-ivc/>

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Atlas do censo demográfico 2010**. Rio de Janeiro, 2013. Disponível em <<http://biblioteca.ibge.gov.br/biblioteca-catalogo.html?view=detalhes&id=264529>> acessado em: 08/09/2015

Bairros Vigentes. Companhia de Processamento de Dados de Porto Alegre (PROCEMPA). Prefeitura Municipal de Porto Alegre. Disponível em: http://lproweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/spm/usu_doc/bairros_vigentes_ultima_versao_2011.pdf

Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano Ambiental. p.430-439 Anexo 9: Classificação e perfis viários. Prefeitura Municipal de Porto Alegre.

SIDUSCON-RS. Sindicato da Indústria da Construção Civil no Estado do Rio Grande do Sul. **18º Censo do Mercado Imobiliário de Porto Alegre: Imóveis Novos**. Disponível em: <http://www.sinduscon-rs.com.br/wp-content/uploads/2013/06/18%C2%BA-Censo-2015.pdf>

UCHA, Danilo. Novo conceito imobiliário. **Jornal do Comércio**, Porto Alegre, 07 Abr. 2012. Disponível em <http://jcrs.uol.com.br/site/noticia.php?codn=92751>

ANEXO A
INFORMAÇÕES DO ESTUDO DE CASO - LEVANTAMENTO

Tabela A.1: Caracterização dos exemplares do estudo de caso (continua)

Exemplar	Bairro	Logradouro	Esquina	Ano da construção	Ocupação	Tempo para 1ª locação (anos)	Uso do solo da preexistência	preex. ident. cid.	lotes (n)	uso solo entorno	tecido urbano consolidado	atividade da edificação	estrutura	metragem	aberto x fechado (vidro x parede)	fachada: cor predominante	adições e subtrações de volume	fachada: textura aparente	fachada: ornamentos decorativos	fachada: letreiro	iluminação à noite	posição vagas estacionamento	posição dos recuos em relação aos vizinhos	alturas em relação aos vizinhos (esq/ dir)	pé direito (1=até 4m; 2=até 8m; 3= até 12m)	aluguel (mil) (1= até 15; 2=de 15 a 25; 3= acima 25)	turno de funcionamento
1	Mont'Serrat	Rua Anita Garibaldi	sim	2011	Locada	0	desc.	desc.	1	residencial	sim	loja mob sob medida	aço	desc.	parede	Branco	sim	policarbonato	não	sim	sim	frente e lateral	frente e lateral	menor/ igual	2	3	manhã e tarde
2	Mont'Serrat	Avenida Mariland	sim	<2011	Vazia	Vazia	residencial	desc.	1	residencial	sim	vazia	aço	1.000m²	vidro	Branco	sim	nenhuma	não	não	não	frente e subsolo	frente	menor/ menor	2	3	nenhum
3	Mont'Serrat	Avenida Mariland	sim	2015	Locada	0	misto	sim	1	residencial	sim	loja mob solto	aço	1.000m²	vidro	Cinza	sim	concreto	não	sim	sim	frente	frente	maior/ maior	2	3	manhã e tarde
4	Mont'Serrat	Rua Anita Garibaldi	não	2015	Locada	0	residencial	sim	1	residencial	sim	loja mob solto	aço	300m²	vidro	Preto	não	pedra natural	não	sim	sim	frente	frente	menor/ menor	2	1	manhã e tarde
5	Mont'Serrat	Rua Anita Garibaldi	não	2012	Locada	0	residencial	não	1	residencial	sim	loja mob solto	aço	250m²	vidro	Cinza	não	nenhuma	não	sim	sim	frente	não possui	igual/ igual	2	1	manhã e tarde
6	Mont'Serrat	Rua Anita Garibaldi	sim	2012<2013	Vazia	2<3	residencial	sim	1	residencial	sim	vazia	aço	370m²	vidro	Cinza	não	nenhuma	não	não	não	frente e subsolo	frente	maior/ menor	2	3	nenhum
7	Mont'Serrat	Rua Anita Garibaldi	não	2015	Locada	0	residencial	não	1	residencial	sim	ferragem	aço	600m²	vidro	Cinza	não	nenhuma	não	não	não	frente e subsolo	frente	menor/ menor	2	2	manhã e tarde
8	Mont'Serrat	Rua Anita Garibaldi	não	2011	Locada	0	nenhum	desc.	1	residencial	sim	salão de beleza	aço	600m²	vidro	Branco	não	nenhuma	não	não	sim	frente e subsolo	desc.	maior/ menor	2	2	manhã e tarde
9	Mont'Serrat	Rua Anita Garibaldi	sim	2015	Locada	0	misto	sim	2	residencial	sim	farmácia	aço	400m²	vidro	Marron	sim	tijolo	não	sim	sim	frente e lateral	frente e lateral	desc.	2	3	manhã/ tarde/ noite
10	Bela Vista	Rua Carlos Trein Filho	sim	2014	Locada	0	residencial	sim	2	residencial	sim	banco	aço	340m²	vidro	Azul	sim	metálica	não	sim	não	frente e lateral	frente e lateral	maior/ menor	2	3	manhã e tarde
10 / 2	Bela Vista	Rua Carlos Trein Filho	sim	2014	Vazia	1<2	residencial	sim		residencial	não	vazia	aço	300m²	vidro	Branco	não	metálica	não	não	não	feente	frente	maior/ menor	2	3	nenhum
11	Mont'Serrat	Rua Pedro Ivo	sim	2011	Locada	0	residencial	desc.	2	residencial	sim	farmácia	aço	190m²	vidro	Branco	sim	nenhuma	não	sim	sim	frente e lateral	frente e lateral	maior/ maior	2	2	manhã e tarde
11 / 2	Mont'Serrat	Rua Pedro Ivo	não	2011	Locada	0<1	residencial	desc.		residencial	não	salão de beleza	aço	350m²	vidro	Branco	sim	nenhuma	não	não	sim	frente e lateral	frente	maior/ maior	2	2	manhã e tarde
12	Mont'Serrat	Av Cel Lucas de Oliveira	sim	2011	Locada	0	residencial	desc.	1	residencial	sim	mob sob medida	aço	400m²	vidro	Branco	não	nenhuma	não	não	sim	frente	frente	maior/ maior	2	2	manhã e tarde
13	Mont'Serrat	Rua Eudoro Berlink	sim	2015	Locada	0<1	misto	sim	1	residencial	sim	academia	aço	600m²	vidro	Branco	sim	nenhuma	não	sim	sim	frente e lateral	frente e lateral	maior/ maior	3	3	manhã/ tarde/ noite
14	Auxiliadora	Av Cristóvão Colombo	sim	2015	Locada	0	residencial	sim	1	residencial	sim	farmácia	aço	200m²	parede	Branco	não	nenhuma	não	sim	sim	frente e lateral	frente e lateral	maior/ maior	2	2	manhã e tarde
14 / 2	Auxiliadora	Av Cristóvão Colombo	sim	2015	Vazia	Vazia	residencial	sim		residencial	não	vazia	convencional	200m²	parede	Cinza	não	nenhuma	não	não	não	frente	frente	maior/ maior	2	2	nenhum
15	Rio Branco	Rua Vicente da Fontoura	sim	2014	Locada	0	misto	sim	1	residencial	sim	farmácia	aço	200m²	vidro	Branco	sim	nenhuma	não	sim	sim	frente	frente	menor/ menor	2	2	manhã e tarde
16	Higienópolis	Av Cristóvão Colombo	sim	2014	Locada	0	misto	sim	1	residencial	não	farmácia	aço	200m²	vidro	Branco	não	nenhuma	não	sim	sim	frente e lateral	frente e lateral	igual/ igual	2	2	manhã/ tarde/ noite
17	Auxiliadora	Rua Silva Jardim	não	2015	Locada	0	nenhum	não	1	residencial	sim	loja mob solto	aço	500m²	vidro	Cinza	não	concreto	não	sim	sim	frente	frente	maior/ maior	2	3	manhã e tarde
18	Auxiliadora	Rua Silva Jardim	não	2015	Vazia	desc.	comercial	não	3	residencial	sim	Vazia	aço	620m²	vidro	Branco	não	nenhuma	não	não	não	frente	frente	menor/ menor	2	3	nenhum
19	Auxiliadora	Avenida Carlos Gomes	sim	2012	Vazia	3	nenhum	desc.	1	comercial	sim	Vazia	mista	550m²	vidro	Branco	sim	nenhuma	não	não	não	frente e lateral	frente e lateral	igual/ igual	3	3	nenhum
20	Passo D'Areia	Avenida Joao Wallig	sim	2016	Vazia	desc.	nenhum	não	1	comercial	desc.	Vazia	aço	1768m²	vidro	Cinza	não	nenhuma	não	não	não	frente	frente e lateral	maior/ igual	2	3	nenhum
21	Vila Jardim	Avenida Saturnino de Brito	não	2015	Vazia	desc.	nenhum	não	1	misto	não	Vazia	mista	485m²	vidro	Branco	sim	nenhuma	não	não	não	frente e subsolo	frente e lateral	menor/ igual	2	1	nenhum
22	Partenon	Avenida Bento Gonçalves	não	2015	Vazia	Vazia	residencial	não	1	misto	desc.	Vazia	aço	157m²	vidro	Branco	sim	nenhuma	não	não	não	desc.	desc.	maior/ igual	2	1	nenhum
23	Bom Fim	Avenida Osvaldo Aranha	não	2015	Vazia	Vazia	misto	não	1	comercial	sim	Vazia	aço	481,97m²	vidro	Cinza	não	nenhuma	não	não	não	desc.	desc.	menor/ igual	2	2	nenhum
24	Higienópolis	Rua Dom Pedro II	não	2015	Vazia	Vazia	residencial	sim	1	residencial	sim	Vazia	aço	451m²	vidro	Cinza	sim	nenhuma	não	não	não	frente	desc.	maior/ menor	2	3	nenhum
25	Passo D'Areia	Avenida Joao Wallig	não	2015	Vazia	Vazia	residencial	sim	2	misto	sim	Vazia	aço	202m²	vidro	Cinza	sim	nenhuma	não	não	não	frente	frente	maior/ maior	2	1	nenhum
26	Passo D'Areia	Avenida Joao Wallig	sim	2015	Vazia	Vazia	misto	não	2	residencial	sim	Vazia	mista	900m²	vidro	Branco	sim	nenhuma	não	não	não	frente	frente	maior/ maior	3	3	nenhum
27	São Sebastião	Rua Joaquim Silveira	não	2015	Vazia	Vazia	misto	não	2	misto	não	Vazia	aço	675m²	vidro	Marron	sim	nenhuma	não	não	não	frente	frente	maior/ maior	2	3	nenhum
28	Chácara das Pedras	Avenida Teixeira Mendes	não	2015	Vazia	Vazia	misto	não	2	residencial	sim	Vazia	aço	300,9m²	vidro	Cinza	não	concreto	não	não	não	frente	frente	maior/ maior	2	1	nenhum
29	Jardim Botânico	Rua Valparaíso	sim	2015	Locada	0	residencial	sim	1	residencial	sim	farmácia	aço	300m²	parede	Branco	não	metálica	não	sim	sim	frente e lateral	frente e lateral	igual/ igual	2	1	manhã e tarde
30	Rio Branco	Avenida Goethe	não	2011	Locada	0	desc.	desc.	1	comercial	sim	farmácia	aço	200m²	parede	Branco	não	metálica	não	sim	sim	frente	frente	igual/ igual	2	2	manhã/ tarde/ noite
30 / 2	Rio Branco	Avenida Goethe	não	2011	Locada	0	desc.	desc.		comercial	não	banco	aço	500m²	parede	Branco	sim	metálica	não	sim	não	frente	frente	igual/ igual	2	2	manhã e tarde
31	Bela Vista	Rua Casemiro de Abreu	sim	2014	Locada	0	residencial	desc.	1	misto	sim	farmácia	aço	380m²	vidro	Branco	não	nenhuma	não	sim	sim	frente e lateral	frente e lateral	maior/ maior	2	2	manhã/ tarde/ noite
32	Floresta	Av Cristóvão Colombo	sim	<2011	Locada	0	desc.	desc.	1	residencial	sim	farmácia	aço	460m²	vidro	Vermelho	não	nenhuma	não	sim	não	frente e lateral	frente e lateral	igual/ igual	2	2	manhã/ tarde/ noite
33	Petrópolis	Avenida Bagé	sim	2011<2014	Vazia	Vazia	residencial	sim	1	residencial	sim	farmácia	aço	430m²	parede	Branco	não	nenhuma	não	sim	sim	frente e lateral	frente e lateral	maior/ maior	2	2	manhã/ tarde/ noite
34	Bela Vista	Av. Dr. Nilo Peçanha	sim	2016	Vazia	desc.	residencial	sim	1	misto	sim	Vazia	aço	200m²	vidro	Branco	não	nenhuma	não	não	não	frente e lateral	desc.	menor/ igual	2	2	nenhum
34 / 2	Bela Vista	Av. Dr. Nilo Peçanha	sim	2016	Vazia	desc.	residencial	sim		misto	não	Vazia	aço	200m²	vidro	Branco	não	nenhuma	não	não	não	frente e lateral	desc.	menor/ igual	2	2	nenhum
34 / 3	Bela Vista	Av. Dr. Nilo Peçanha	sim	2016	Vazia	desc.	residencial	sim		misto	não	Vazia	aço	200m²	vidro	Branco	não	nenhuma	não	não	não	frente e lateral	desc.	menor/ igual	2	2	nenhum
34 / 4	Bela Vista	Av. Dr. Nilo Peçanha	sim	2016	Vazia	desc.	residencial	sim		misto	não	Vazia	aço	200m²	vidro	Branco	sim	nenhuma	não	não	não	frente e lateral	desc.	menor/ igual	2	2	nenhum
35	Higienópolis	Av. Cristóvão Colombo	não	2016	Vazia	desc.	residencial	sim	1	residencial	sim	vazia	aço	500m²	vidro	Cinza	sim	nenhuma	não	não	não	frente	frente	maior/ menor	2	3	nenhum
36	Bela Vista	Av. Dr. Nilo Peçanha	sim	2015	Locada	0	desc.	desc.	1	misto	sim	farmácia	aço	300m²	vidro	Branco	não	nenhuma	não	sim	sim	frente e lateral	desc.	igual/ igual	2	2	manhã/ tarde/ noite
37	Petrópolis	Av. Protasio Alves	sim	2015	Vazia	Vazia	nenhum	não	3	misto	não	vazia	aço	400m²	vidro	Branco	não	nenhuma	não	não	não	frente e lateral	frente	igual/ igual	2	2	nenhum
37 / 2	Petrópolis	Av. Protasio Alves	sim	2015	Vazia	Vazia	nenhum	não		misto	não	vazia	aço	400m²	vidro	Branco	sim	nenhuma	não	não	não	frente e lateral	frente	igual/ igual	2	2	nenhum

Tabela A.1: Caracterização dos exemplares do estudo de caso (conclusão)

Exemplar	Bairro	Logradouro	Esquina	Ano da construção	Ocupação	Tempo para 1ª locação (anos)	Uso do solo da preexistência	preex. Ident. cid.	lotes (n)	uso solo entorno	tecido urbano consolidado	atividade da edificação	estrutura	metragem	aberto x fechado (vidro x parede)	fachada: cor predominante	adições e subtrações de volume	fachada: textura aparente	fachada: ornamentos decorativos	fachada: letreiro	iluminação o à noite	posição vagas estacionamento	posição dos recuos em relação aos vizinhos	alturas em relação aos vizinhos (esq/ dir)	pé direito (1=até 4m; 2=até 8m; 3= até 12m)	aluguel (mil) (1= até 15; 2=de 15 a 25; 3= acima 25)	turno de funcionamento
38	Petrópolis	Rua Borges do Canto	sim	2016	Locada	desc.	comercial	sim	1	misto	não	desc.	aço	600m²	vidro	Cinza	não	nenhuma	não	desc.	desc.	frente e lateral	frente	maior/ menor	3	3	desc.
39	Petrópolis	Av. Protásio Alves	sim	2015	Locada	0	residencial	desc.	2	misto	sim	farmácia	aço	270m²	vidro	Branco	não	nenhuma	não	sim	sim	frente e lateral	frente e lateral	menor/ menor	2	2	manhã/ tarde/ noite
39 / 2	Petrópolis	Av. Protásio Alves	sim	2015	Vazia	Vazia	residencial	desc.		misto	não	vazia	aço	500m²	vidro	Branco	não	nenhuma	não	não	não	frente	frente	menor/ menor	2	2	nenhum
40	Rio Branco	Rua Castro Alves	sim	2015	Vazia	Vazia	residencial	sim	1	residencial	sim	vazia	aço	400m²	vidro	Branco	não	nenhuma	não	não	não	frente	frente	maior/ maior	2	2	nenhum
41	Rio Branco	Rua Eng. Teixeira Soares	sim	2016	Vazia	desc.	residencial	sim	1	residencial	sim	vazia	aço	600m²	vidro	Branco	não	nenhuma	não	não	não	frente e lateral	frente e lateral	maior/ menor	2	3	nenhum
42	São João	Rua Luzitana	sim	2015	Locada	desc.	residencial	sim	1	residencial	sim	desc.	aço	200m²	vidro	Branco	sim	nenhuma	não	não	desc.	frente	frente	maior/ igual	2	1	desc.
43	Higienópolis	Av. Cristóvão Colombo	sim	<2011	Locada	0	residencial	sim	1	residencial	sim	mob sob medida	aço	200m²	vidro	Preto	não	tijolo	não	não	sim	frente	frente	maior/ menor	2	1	manhã e tarde
44	Mont'Serrat	R. Artur Rocha	sim	2014	Locada	0<1	residencial	não	1	residencial	sim	loja persiana	aço	300m²	vidro	Branco	não	nenhuma	não	não	não	frente e lateral	frente e lateral	maior/ menor	2	2	manhã e tarde
45	Auxiliadora	Av. Mariland 856	sim	2016	Vazia	Vazia	comercial	sim	1	misto	sim	vazia	aço	desc.	vidro	Cinza	não	nenhuma	não	não	não	desc.	desc.	maior/ igual	desc.	desc.	nenhum
46	Rio Branco	R. Miguel Tostes	não	2015	Vazia	desc.	comercial	sim	2	misto	sim	vazia	aço	600m²	vidro	Cinza	não	nenhuma	não	não	não	frente	frente	maior/ maior	2	2	nenhum
47	Cristo Redentor	R. Dom Diogo de Souza	não	2014	Locada	desc.	residencial	sim	1	residencial	sim	desc.	aço	300m²	vidro	Cinza	sim	nenhuma	não	não	desc.	frente	frente	maior/ menor	2	1	desc.
48	Auxiliadora	Coronel Lucas de Oliveira	sim	2014	Locada	0	nenhum	não	1	misto	sim	loja acabamentos	aço	400m²	vidro	Marrom	sim	nenhuma	não	sim	não	frente e lateral	frente e lateral	menor/ igual	2	2	manhã e tarde
49	Auxiliadora	Rua Eudoro Berlink	sim	2014	Locada	0	comercial	sim	1	residencial	sim	loja vestuário infantil	aço	200m²	vidro	colorido	sim	adesivos	sim	sim	sim	frente e lateral	frente e lateral	maior/ maior	2	2	manhã e tarde
50	Medianeira	Av. Dr. Carlos Barbosa	sim	2014	Locada	desc.	residencial	sim	1	comercial	sim	igreja	aço	233m²	vidro	Branco	sim	metálica	não	não	desc.	frente	frente	maior/ maior	2	2	desc.
51	Petrópolis	Av. Protásio Alves	sim	2014	Locada	1	nenhum	não	1	misto	sim	desc.	aço	477,13 m²	vidro	Branco	não	nenhuma	não	não	desc.	frente	frente	maior/ maior	2	3	desc.
52	São João	Barão do Cotejipe	sim	2016	Vazia	desc.	desc.	não	1	residencial	sim	vazia	aço	440,25 m²	vidro	Cinza	não	nenhuma	não	não	não	frente	frente	maior/ igual	2	2	nenhum
53	São João	R. Dom Pedro II		2011	Vazia	3	desc.	sim	1	residencial	sim	vazia	aço	200m²	vidro	Branco	não	nenhuma	não	não	não	frente	frente	menor/ igual	2	1	nenhum
54	São João	R. Dom Pedro II	sim	2012	Locada	0<1	residencial	sim	1	residencial	sim	loja acabamentos	aço	500m²	vidro	Branco	não	nenhuma	não	sim	não	frente e lateral	frente e lateral	igual/ igual	2	2	manhã e tarde
55	Passo D'Areia	R. Dr. Prudente de Moraes	sim	2015	Vazia	desc.	desc.	sim	1	residencial	sim	vazia	aço	desc.	vidro	Branco	não	nenhuma	não	não	não	desc.	desc.	desc.	desc.	desc.	nenhum
56	Auxiliadora	Av. Nova York	sim	2016	em const.	em const.	residencial	sim	1	misto	sim	em const.	mista	300m²	vidro	Branco	sim	nenhuma	não	não	não	desc.	desc.	desc.	desc.	3	nenhum
57	Jardim Lindóia	Av. Sertório	não	2015	em const.	Vazia	comercial	não	1	comercial	não	em const.	mista	500m²	vidro	Marrom e Branco	sim	nenhuma	não	não	não	frente e lateral	desc.	igual/ igual	2	2	nenhum
58	Jardim Lindóia	Av. Sertório	não	2015	em const.	Vazia	desc.	não	1	comercial	não	em const.	aço	2100m²	vidro	Cinza	não	concreto	não	não	não	frente	desc.	igual/ igual	2	3	nenhum
59	Três Figueiras	R. João Caetano	sim	<2011	Locada	0	desc.	desc.	1	misto	sim	mob sob medida	aço	500m²	vidro	Cinza	não	concreto	não	sim	não	lateral	frente	maior/ igual	2	3	manhã e tarde
60	Passo D'Areia	Av. Nilo Peçanha	não	2012	Locada	0	nenhum	desc.	1	comercial	sim	loja acabamentos	aço	250m²	vidro	Preto	sim	nenhuma	não	sim	não	frente	frente	maior/ igual	2	3	manhã e tarde
61	Passo D'Areia	Av. Nilo Peçanha	não	<2011	Locada	0	nenhum	desc.	1	comercial	sim	salão de beleza	aço	300m²	vidro	Branco	não	nenhuma	não	não	sim	frente e lateral	frente e lateral	igual/ igual	2	2	manhã/ tarde/ noite
62	Jardim Botânico	R. Prof. Cristiano Fischer	sim	2014	Vazia	1	comercial	desc.	1	residencial	não	vazia	aço	237m²	vidro	Branco	sim	nenhuma	não	não	não	frente e lateral	frente e lateral	maior/ maior	2	1	nenhum
63	Rio Branco	Av. Goethe	não	2014	Vazia	desc.	residencial	não	1	comercial	sim	vazia	aço	130m²	vidro	Cinza	não	nenhuma	não	não	não	frente	frente	maior/ igual	2	1	nenhum
64	Navegantes	Av. Pernambuco	não	2014	Vazia	Vazia	desc.	sim	1	misto	sim	vazia	aço	195m²	vidro	Branco	não	nenhuma	não	não	não	frente	frente	maior/ maior	3	1	nenhum
65	Higienópolis	Av. Plínio Brasil Milano	não	2011	Locada	0<1	nenhum	desc.	1	misto	sim	farmácia	aço	387m²	vidro	Cinza	sim	nenhuma	não	sim	desc.	frente	frente	maior/ maior	2	1	manhã/ tarde/ noite
65 / 2	Higienópolis	Av. Plínio Brasil Milano	não	2011	Locada	0<1	desc.	desc.		misto	não	casa de festas	aço	387m²	vidro	Cinza	sim	nenhuma	não	sim	sim	frente	frente	maior/ maior	2	1	manhã/ tarde/ noite
66	Mont'Serrat	Rua Eudoro Berlink	sim	2013	vazia	Vazia	desc.	não	1	residencial	sim	vazia	aço	300m²	vidro	Branco	não	concreto	sim	não	não	frente	frente	maior/ igual	3	2	nenhum
67	Petrópolis	Av. Carlos Gomes	sim	<2011	Locada	0	desc.	desc.	1	misto	sim	farmácia	aço	600m²	vidro	Branco	não	nenhuma	não	sim	sim	frente	frente	menor/ igual	3	3	manhã/ tarde/ noite
68	Moinhos de Vento	R. Olávo Barreto Viana	não	<2011	Locada	0	desc.	desc.	1	misto	sim	loja mob solto	aço	200m²	vidro	Preto	não	nenhuma	não	sim	desc.	frente		igual/ igual	2	2	manhã e tarde
69	São João	Av. Benjamin Constant	não	<2011	Locada	0	desc.	desc.	3	misto	sim	mob sob medida	aço	150m²	vidro	Branco e Marrom	não	madeira	não	sim	sim	frente	frente	maior/ menor	2	1	manhã e tarde
69 / 2	São João	Av. Benjamin Constant	não	<2011	Locada	desc.	desc.	desc.		misto	não	mob sob medida	aço	250m²	vidro	Branco e Marrom	não	madeira	não	sim	sim	desc.	desc.	maior/ menor	2	2	manhã e tarde
69 / 3	São João	Av. Benjamin Constant	não	<2011	Locada	desc.	desc.	desc.		misto	não	loja vestuário	aço	150m²	vidro	Branco e Marrom	sim	madeira	não	sim	sim	desc.	desc.	maior/ menor	2	1	manhã e tarde
69 / 4	São João	Av. Benjamin Constant	não	<2011	Vazia	desc.	desc.	desc.		misto	não	vazia	aço	150m²	vidro	Branco e Marrom	não	madeira	não	não	sim	desc.	desc.	maior/ menor	2	1	nenhum
70	São João	Av. Benjamin Constant	não	2011	Locada	0<1	desc.	desc.	1	misto	sim	mob sob medida	aço	200m²	vidro	Branco	sim	nenhuma	não	sim	sim	frente	frente	menor/ igual	2	1	manhã e tarde
71	São João	Av. Benjamin Constant	sim	<2011	Locada	0	desc.	desc.	1	misto	sim	loja mob solto	aço	300m²	vidro	Branco	não	nenhuma	não	sim	sim	frente e lateral	frente e lateral	menor/ menor	2	1	manhã e tarde
72	São João	Av. Benjamin Constant	não	<2011	Locada	0	desc.	desc.	1	misto	sim	loja vestuário	aço	120m²	vidro	Cinza	não	nenhuma	não	sim	sim	frente		maior/ menor	2	1	manhã e tarde
72 / 2	São João	Av. Benjamin Constant	não	<2011	Locada	0	desc.	desc.		misto	não	loja mob solto	aço	120m²	vidro		não	nenhuma	não	sim	sim	frente		maior/ menor	2	1	manhã e tarde
73	Floresta	Av. Cristóvão Colombo	não	2015	Vazia	0	misto	sim	1	misto	sim	Vazia	aço	desc.	vidro	Branco	não	nenhuma	não	não	não	frente	frente	maior/ menor	2	1	nenhum
74	Azenha	Av. da Azenha	não	2015	Vazia	0<1	comercial	desc.	1	comercial	não	Vazia	aço	300m²	vidro	Branco	não	nenhuma	não	não	não	frente	frente	maior/ igual	2	2	nenhum
75	Passo D'Areia	Av. Assis Brasil	sim	2013	Vazia	2	comercial	não	2	comercial	sim	Vazia	aço	600m²	vidro	Branco	não	nenhuma	não	não	não			menor/ menor	2	3	nenhum

Legenda: preex. Ident. cid. = preexistências identidade cidade (edificações que possuem características formais que remetem a uma época da cidade de Porto Alegre, podendo ser históricas sem tombamento ou edificações mais recentes, mas que possuam compatibilidade formal com o entorno)
desc. = desconhecido

Tabela A.2: Pré-seleção de exemplares



(1) ferragem



(2) farmácia



(3) academia



(4) loja de acabamentos para casa



(5) Loja de mobiliário solto



(6) farmácia



(7) salão de beleza



(8) salão de beleza 1 farmácia



(9) agência bancária e desocupado



(10) desocupado



(11) Loja de mobiliário sob medida



(12) Loja de mobiliário sob medida



(13) farmácia e desocupado



(14) Loja de mobiliário sob medida



(15) Loja de mobiliário solto



(16) desocupado



(17) desocupado



(18) Loja de mobiliário solto

Fonte: (1) ao (16) e (1), Autora; (17) Google Street View 2016

ANEXO B
ENTREVISTAS E QUESTIONÁRIOS

Tabela B.1: Assuntos tratados nas entrevistas**Entrevista Locatários – tipo 1:**

- Tempo que é proprietário ou gerencia o estabelecimento
- Motivos para escolha da edificação
- Motivos para locação da edificação do tipo “construído para alugar” e não outro tipo
- Vantagens ela tem em relação a outras
- Principais pontos positivos e negativos da edificação e da localização
- As expectativas que haviam em relação ao local
- Satisfação com a edificação e a localização
- Importância da localização para a escolha do local
- Relação entre a localização e a rentabilidade do negócio
- Pontos que poderiam ser melhorados do ponto de vista da lógica da construção e da localização.

Entrevista agentes imobiliários – tipo 2:

- Motivos para escolha das localizações para implementação dos empreendimentos
- Existência ou não de previsão de duração dos empreendimentos
- Satisfação com os empreendimentos
- Motivos para satisfação
- Avaliação do retorno financeiro dos empreendimentos para a empresa e investidores

Entrevista inicial informal com agentes imobiliários:

- Se existem diferenças da prática imobiliário *built for rental* e da implantação dos empreendimentos em outras partes do mundo em comparação com o Brasil
- Fontes de informação que utilizaram para começar a implementar esses empreendimentos
- Existência ou não de um uso específico estabelecido antes do desenvolvimento do empreendimento
- Empreendimentos podem ser classificar como *built for rental*
- Existência ou não de um modelo pronto de edificação
- Determinantes para escolha de localizações dos empreendimentos
- Motivos para implementação de grande número de edificações nos bairros Auxiliadora, Mont’Serrat, Boa Vista, Bela Vista, entre outros levantados
- Foco comercial de loja dos empreendimentos *built for rental*
- Existência de um número de empreendimentos desse tipo na cidade de Porto Alegre

Nota: *built for rental* é utilizado na Entrevista Inicial pois é a maneira como esses empreendimentos são tratados pelo mercado imobiliário na cidade de Porto Alegre

Tabela B.2: Questionário 1 – avaliação estética de todas os exemplares**1 Escolaridade:**

Formação universitária em arquitetura

3 Faixa etária:

entre 18 e 30 anos

entre 31 e 60 anos

- Formação universitária distinta de arquitetura, design e artes
 Sem início ou conclusão de curso universitário

2 Gênero

- Feminino
 Masculino

- acima de 60 anos

4 E-mail: _____



CENA 1



CENA 2



CENA 3

5 Você acha a aparência da cena 1:

- muito bonita
 bonita
 nem bonita, nem feia
 feia
 muito feia

6 Você acha a aparência da cena 2:

- muito bonita
 bonita
 nem bonita, nem feia
 feia
 muito feia

7 Você acha a aparência da cena 3:

- muito bonita
 bonita
 nem bonita, nem feia
 feia
 muito feia

8 Você acha a cena 2:

- conhecida ou familiar
 desconhecida ou não-familiar

9 Você acha a cena 3:

- conhecida ou familiar
 desconhecida ou não-familiar

10 Indique a cena mais preferida quanto à aparência:

- cena 1
 cena 2
 cena 3

11 Indique as principais razões que justifiquem a cena mais preferida:

- similaridade entre as larguras das edificações
 diferença entre as larguras das edificações
 similaridade entre as alturas das edificações
 diferença entre as alturas das edificações
 similaridade entre as formas das edificações
 diferença entre as formas das edificações
 organização entre os elementos das edificações
 desorganização entre os elementos das edificações
 existência de estímulo visual na cena
 falta de estímulo visual na cena
 familiaridade com a cena analisada
 Outros:

12 Indique a cena menos preferida quanto à aparência:

- cena 1

13 Indique as principais razões que justifiquem a cena menos preferida:

- similaridade entre as larguras das edificações
 diferença entre as larguras das edificações
 similaridade entre as alturas das edificações
 diferença entre as alturas das edificações
 similaridade entre as formas das edificações
 diferença entre as formas das edificações
 organização entre os elementos das edificações
 desorganização entre os elementos das edificações
 existência de estímulo visual na cena
 falta de estímulo visual na cena
 familiaridade com a cena analisada
 Outros:

14 A presença da edificação assinalada (com triângulo vermelho) na cena 2 afeta a mesma de forma:

- muito positiva
 positiva
 nem positiva, nem negativa
 negativa
 muito negativa

15 Indique as principais razões que justifiquem a sua resposta anterior:

- similaridade entre a largura da edificação assinalada e as das demais
 diferença entre a largura da edificação assinalada e as das demais
 similaridade entre as alturas das edificações
 similaridade entre a altura da edificação assinalada e as das demais
 diferença entre a altura da edificação assinalada e as das demais
 similaridade entre as formas da edificação assinalada e as das demais
 diferença entre as formas da edificação assinalada e as das demais
 relação ordenada entre as formas da edificação assinalada e as das demais
 relação desordenada entre as formas da edificação assinalada e as das demais
 existência de ornamentos decorativos na edificação assinalada
 falta de ornamentos decorativos na edificação assinalada
 existência de estímulo visual na edificação assinalada
 falta de estímulo visual na edificação assinalada
 os materiais da edificação assinalada (concreto, reboco pintado, vidro...)
 impacto da marca do estabelecimento na edificação assinalada
 Outros:

- cena 2
 cena 3



16 Você acha a aparência da cena 4:

- muito bonita
 bonita
 nem bonita, nem feia
 feia
 muito feia

17 Você acha a aparência da cena 5:

- muito bonita
 bonita
 nem bonita, nem feia
 feia
 muito feia

18 Você acha a cena 4:

- conhecida ou familiar
 desconhecida ou não-familiar

19 Você acha a cena 5:

- conhecida ou familiar
 desconhecida ou não-familiar

20 Indique a cena preferida quanto à aparência:

- cena 4
 cena 5

21 Indique as principais razões que justifiquem a cena preferida:

- similaridade entre as larguras das edificações
- diferença entre as larguras das edificações
- similaridade entre as alturas das edificações
- diferença entre as alturas das edificações
- similaridade entre as formas das edificações
- diferença entre as formas das edificações
- organização entre os elementos das edificações
- desorganização entre os elementos das edificações
- existência de estímulo visual na cena
- falta de estímulo visual na cena
- familiaridade com a cena analisada
- Outros:

22 Indique as principais razões que justifiquem a cena não-preferida:

- similaridade entre as larguras das edificações
- diferença entre as larguras das edificações
- similaridade entre as alturas das edificações
- diferença entre as alturas das edificações
- similaridade entre as formas das edificações
- diferença entre as formas das edificações
- organização entre os elementos das edificações
- desorganização entre os elementos das edificações
- existência de estímulo visual na cena
- falta de estímulo visual na cena
- familiaridade com a cena analisada
- Outros:

23 A presença da edificação assinalada (com triângulo vermelho) na cena 4 afeta a mesma de forma:

- muito positiva
 positiva
 nem positiva, nem negativa
 negativa
 muito negativa

14 Indique as principais razões que justifiquem a sua resposta anterior:

- similaridade entre a largura da edificação assinalada e as das demais
- diferença entre a largura da edificação assinalada e as das demais
- similaridade entre as alturas das edificações
- similaridade entre a altura da edificação assinalada e as das demais
- diferença entre a altura da edificação assinalada e as das demais
- similaridade entre as formas da edificação assinalada e as das demais
- diferença entre as formas da edificação assinalada e as das demais
- relação ordenada entre as formas da edificação assinalada e as das demais
- relação desordenada entre as formas da edificação assinalada e as das demais
- existência de ornamentos decorativos na edificação assinalada
- falta de ornamentos decorativos na edificação assinalada
- existência de estímulo visual na edificação assinalada
- falta de estímulo visual na edificação assinalada
- os materiais da edificação assinalada (concreto, reboco pintado, vidro....)
- impacto da marca do estabelecimento na edificação assinalada
- Outros:



25 Você acha a aparência da cena 6:

- muito bonita
 bonita
 nem bonita, nem feia
 feia
 muito feia

26 Você acha a aparência da cena 7:

- muito bonita
 bonita
 nem bonita, nem feia
 feia
 muito feia

27 Você acha a aparência da cena 8:

- muito bonita
 bonita
 nem bonita, nem feia
 feia
 muito feia

28 Você acha a cena 7:

- conhecida ou familiar
 desconhecida ou não-familiar

29 Você acha a cena 8:

- conhecida ou familiar
 desconhecida ou não-familiar

30 Indique a cena mais preferida quanto à aparência:

- cena 6
 cena 7
 cena 8

31 Indique as principais razões que justifiquem a cena mais preferida:

- similaridade entre as larguras das edificações
 diferença entre as larguras das edificações
 similaridade entre as alturas das edificações
 diferença entre as alturas das edificações
 similaridade entre as formas das edificações
 diferença entre as formas das edificações
 organização entre os elementos das edificações
 desorganização entre os elementos das edificações
 existência de estímulo visual na cena
 falta de estímulo visual na cena
 familiaridade com a cena analisada
 Outros:

32 Indique a cena menos preferida quanto à aparência:

- cena 6
 cena 7
 cena 8

33 Indique as principais razões que justifiquem a cena menos preferida:

- similaridade entre as larguras das edificações
 diferença entre as larguras das edificações
 similaridade entre as alturas das edificações
 diferença entre as alturas das edificações
 similaridade entre as formas das edificações
 diferença entre as formas das edificações
 organização entre os elementos das edificações
 desorganização entre os elementos das edificações
 existência de estímulo visual na cena
 falta de estímulo visual na cena
 familiaridade com a cena analisada
 Outros:

34 A presença do conjunto assinalado de duas edificações (com triângulo vermelho) na cena 7 afeta a mesma de forma:

- muito positiva
 positiva
 nem positiva, nem negativa
 negativa
 muito negativa

35 Indique as principais razões que justifiquem a sua resposta anterior:

- similaridade entre a largura da edificação assinalada e as das demais
 diferença entre a largura da edificação assinalada e as das demais
 similaridade entre as alturas das edificações
 similaridade entre a altura da edificação assinalada e as das demais
 diferença entre a altura da edificação assinalada e as das demais
 similaridade entre as formas da edificação assinalada e as das demais
 diferença entre as formas da edificação assinalada e as das demais
 relação ordenada entre as formas da edificação assinalada e as das demais
 relação desordenada entre as formas da edificação assinalada e as das demais
 existência de ornamentos decorativos na edificação assinalada
 falta de ornamentos decorativos na edificação assinalada
 existência de estímulo visual na edificação assinalada
 falta de estímulo visual na edificação assinalada
 os materiais da edificação assinalada (concreto, reboco pintado, vidro....)
 impacto da marca do estabelecimento na edificação assinalada
 Outros:



CENA 9



CENA 10



CENA 11

36 Você acha a aparência da cena 9:

- muito bonita
 bonita
 nem bonita, nem feia
 feia
 muito feia

37 Você acha a aparência da cena 10:

- muito bonita
 bonita
 nem bonita, nem feia
 feia
 muito feia

38 Você acha a aparência da cena 11:

- muito bonita
 bonita
 nem bonita, nem feia
 feia
 muito feia

39 Você acha a cena 10:

- conhecida ou familiar
 desconhecida ou não-familiar

40 Você acha a cena 11:

- conhecida ou familiar
 desconhecida ou não-familiar

41 Indique a cena mais preferida quanto à aparência:

- cena 9
 cena 10
 cena 11

42 Indique as principais razões que justifiquem a cena mais preferida:

- similaridade entre as larguras das edificações
 diferença entre as larguras das edificações
 similaridade entre as alturas das edificações
 diferença entre as alturas das edificações
 similaridade entre as formas das edificações
 diferença entre as formas das edificações
 organização entre os elementos das edificações
 desorganização entre os elementos das edificações
 existência de estímulo visual na cena
 falta de estímulo visual na cena
 familiaridade com a cena analisada
 Outros:

43 Indique a cena menos preferida quanto à aparência:

- cena 9
 cena 10
 cena 11

44 Indique as principais razões que justifiquem a cena menos preferida:

- similaridade entre as larguras das edificações
 diferença entre as larguras das edificações
 similaridade entre as alturas das edificações
 diferença entre as alturas das edificações
 similaridade entre as formas das edificações
 diferença entre as formas das edificações
 organização entre os elementos das edificações
 desorganização entre os elementos das edificações
 existência de estímulo visual na cena
 falta de estímulo visual na cena
 familiaridade com a cena analisada
 Outros:

45 A presença da edificação assinalada (com triângulo vermelho) na cena 10 afeta a mesma de forma:

- muito positiva
 positiva
 nem positiva, nem negativa
 negativa
 muito negativa

46 Indique as principais razões que justifiquem a sua resposta anterior:

- similaridade entre a largura da edificação assinalada e as das demais
 diferença entre a largura da edificação assinalada e as das demais
 similaridade entre as alturas das edificações
 similaridade entre a altura da edificação assinalada e as das demais
 diferença entre a altura da edificação assinalada e as das demais
 similaridade entre as formas da edificação assinalada e as das demais
 diferença entre as formas da edificação assinalada e as das demais
 relação ordenada entre as formas da edificação assinalada e as das demais
 relação desordenada entre as formas da edificação assinalada e as das demais
 existência de ornamentos decorativos na edificação assinalada
 falta de ornamentos decorativos na edificação assinalada
 existência de estímulo visual na edificação assinalada
 falta de estímulo visual na edificação assinalada
 os materiais da edificação assinalada (concreto, reboco pintado, vidro....)
 impacto da marca do estabelecimento na edificação assinalada
 Outros:



CENA 12



CENA 13



CENA 14

47 Você acha a aparência da cena 12:

- muito bonita
 bonita
 nem bonita, nem feia
 feia
 muito feia

48 Você acha a aparência da cena 13:

- muito bonita
 bonita
 nem bonita, nem feia
 feia
 muito feia

49 Você acha a aparência da cena 14:

- muito bonita
 bonita
 nem bonita, nem feia
 feia
 muito feia

50 Você acha a cena 13:

- conhecida ou familiar
 desconhecida ou não-familiar

51 Você acha a cena 14:

- conhecida ou familiar
 desconhecida ou não-familiar

52 Indique a cena mais preferida quanto à aparência:

- cena 12
 cena 13
 cena 14

53 Indique as principais razões que justifiquem a cena mais preferida:

- similaridade entre as larguras das edificações
 diferença entre as larguras das edificações
 similaridade entre as alturas das edificações
 diferença entre as alturas das edificações
 similaridade entre as formas das edificações
 diferença entre as formas das edificações
 organização entre os elementos das edificações
 desorganização entre os elementos das edificações
 existência de estímulo visual na cena
 falta de estímulo visual na cena
 familiaridade com a cena analisada
 Outros:

54 Indique a cena menos preferida quanto à aparência:

- cena 12
 cena 13
 cena 14

55 Indique as principais razões que justifiquem a cena menos preferida:

- cena 12
 cena 13
 cena 14

56 A presença da edificação assinalada (com triângulo vermelho) na cena 13 afeta a mesma de forma:

- muito positiva
 positiva
 nem positiva, nem negativa
 negativa
 muito negativa

57 Indique as principais razões que justifiquem a sua resposta anterior:

- similaridade entre a largura da edificação assinalada e as das demais
 diferença entre a largura da edificação assinalada e as das demais
 similaridade entre as alturas das edificações
 similaridade entre a altura da edificação assinalada e as das demais
 diferença entre a altura da edificação assinalada e as das demais
 similaridade entre as formas da edificação assinalada e as das demais
 diferença entre as formas da edificação assinalada e as das demais
 relação ordenada entre as formas da edificação assinalada e as das demais
 relação desordenada entre as formas da edificação assinalada e as das demais
 existência de ornamentos decorativos na edificação assinalada
 falta de ornamentos decorativos na edificação assinalada
 existência de estímulo visual na edificação assinalada
 falta de estímulo visual na edificação assinalada
 os materiais da edificação assinalada (concreto, reboco pintado, vidro....)
 impacto da marca do estabelecimento na edificação assinalada
 Outros:



CENA 15



CENA 16

58 Você acha a aparência da cena 15:

- muito bonita
 bonita
 nem bonita, nem feia
 feia
 muito feia

59 Você acha a aparência da cena 16:

- muito bonita
 bonita
 nem bonita, nem feia
 feia
 muito feia

60 Você acha a cena 16:

- conhecida ou familiar
 desconhecida ou não-familiar

61 Indique a cena preferida quanto à aparência:

- cena 15
 cena 16

62 Indique as principais razões que justifiquem a cena preferida:

- similaridade entre as larguras das edificações
 diferença entre as larguras das edificações
 similaridade entre as alturas das edificações
 diferença entre as alturas das edificações
 similaridade entre as formas das edificações
 diferença entre as formas das edificações
 organização entre os elementos das edificações
 desorganização entre os elementos das edificações
 existência de estímulo visual na cena
 falta de estímulo visual na cena
 familiaridade com a cena analisada
 Outros:

63 Indique as principais razões que justifiquem a cena não-preferida:

- similaridade entre as larguras das edificações
 diferença entre as larguras das edificações
 similaridade entre as alturas das edificações
 diferença entre as alturas das edificações
 similaridade entre as formas das edificações
 diferença entre as formas das edificações
 organização entre os elementos das edificações
 desorganização entre os elementos das edificações
 existência de estímulo visual na cena
 falta de estímulo visual na cena
 familiaridade com a cena analisada
 Outros:

64 A presença da edificação assinalada (com triângulo vermelho) na cena 16 afeta a mesma de forma

- muito positiva
 positiva
 nem positiva, nem negativa
 negativa
 muito negativa

65 Indique as principais razões que justifiquem a sua resposta anterior:

- similaridade entre a largura da edificação assinalada e as das demais
 diferença entre a largura da edificação assinalada e as das demais
 similaridade entre as alturas das edificações
 similaridade entre a altura da edificação assinalada e as das demais
 diferença entre a altura da edificação assinalada e as das demais
 similaridade entre as formas da edificação assinalada e as das demais
 diferença entre as formas da edificação assinalada e as das demais
 relação ordenada entre as formas da edificação assinalada e as das demais
 relação desordenada entre as formas da edificação assinalada e as das demais
 existência de ornamentos decorativos na edificação assinalada
 falta de ornamentos decorativos na edificação assinalada
 existência de estímulo visual na edificação assinalada
 falta de estímulo visual na edificação assinalada
 os materiais da edificação assinalada (concreto, reboco pintado, vidro....)
 impacto da marca do estabelecimento na edificação assinalada
 Outros:



66 Você acha a aparência da cena 17:

- muito bonita
 bonita
 nem bonita, nem feia
 feia
 muito feia

67 Você acha a aparência da cena 18:

- muito bonita
 bonita
 nem bonita, nem feia
 feia
 muito feia

68 Você acha a cena 18:

- conhecida ou familiar
 desconhecida ou não-familiar

69 Indique a cena preferida quanto à aparência:

- cena 17
 cena 18

70 Indique as principais razões que justifiquem a cena preferida:

- similaridade entre as larguras das edificações
 diferença entre as larguras das edificações
 similaridade entre as alturas das edificações
 diferença entre as alturas das edificações
 similaridade entre as formas das edificações
 diferença entre as formas das edificações
 organização entre os elementos das edificações
 desorganização entre os elementos das edificações
 existência de estímulo visual na cena
 falta de estímulo visual na cena
 familiaridade com a cena analisada
 Outros:

71 Indique as principais razões que justifiquem a cena não-preferida:

- similaridade entre as larguras das edificações
 diferença entre as larguras das edificações
 similaridade entre as alturas das edificações
 diferença entre as alturas das edificações
 similaridade entre as formas das edificações
 diferença entre as formas das edificações
 organização entre os elementos das edificações
 desorganização entre os elementos das edificações
 existência de estímulo visual na cena
 falta de estímulo visual na cena
 familiaridade com a cena analisada
 Outros:

72 A presença do conjunto assinalado de duas edificações (com triângulo vermelho) na cena 18 afeta a mesma de forma:

- muito positiva
 positiva
 nem positiva, nem negativa
 negativa
 muito negativa

73 Indique as principais razões que justifiquem a sua resposta anterior:

- similaridade entre a largura da edificação assinalada e as das demais
 diferença entre a largura da edificação assinalada e as das demais
 similaridade entre as alturas das edificações
 similaridade entre a altura da edificação assinalada e as das demais
 diferença entre a altura da edificação assinalada e as das demais
 similaridade entre as formas da edificação assinalada e as das demais
 diferença entre as formas da edificação assinalada e as das demais
 relação ordenada entre as formas da edificação assinalada e as das demais
 relação desordenada entre as formas da edificação assinalada e as das demais
 existência de ornamentos decorativos na edificação assinalada
 falta de ornamentos decorativos na edificação assinalada
 existência de estímulo visual na edificação assinalada
 falta de estímulo visual na edificação assinalada
 os materiais da edificação assinalada (concreto, reboco pintado, vidro....)
 impacto da marca do estabelecimento na edificação assinalada
 Outros:



CENA 19



CENA 20



CENA 21

74 Você acha a aparência da cena 19:

- muito bonita
 bonita
 nem bonita, nem feia
 feia
 muito feia

75 Você acha a aparência da cena 20:

- muito bonita
 bonita
 nem bonita, nem feia
 feia
 muito feia

76 Você acha a aparência da cena 21:

- muito bonita
 bonita
 nem bonita, nem feia
 feia
 muito feia

77 Você acha a cena 20:

- conhecida ou familiar
 desconhecida ou não-familiar

78 Você acha a cena 21:

- conhecida ou familiar
 desconhecida ou não-familiar

79 Indique a cena mais preferida quanto à aparência:

- cena 19
 cena 20
 cena 21

80 Indique as principais razões que justifiquem a cena mais preferida:

- similaridade entre as larguras das edificações
 diferença entre as larguras das edificações
 similaridade entre as alturas das edificações
 diferença entre as alturas das edificações
 similaridade entre as formas das edificações
 diferença entre as formas das edificações
 organização entre os elementos das edificações
 desorganização entre os elementos das edificações
 existência de estímulo visual na cena
 falta de estímulo visual na cena
 familiaridade com a cena analisada
 Outros:

81 Indique a cena menos preferida quanto à aparência:

- cena 19
 cena 20
 cena 21

82 Indique as principais razões que justifiquem a cena menos preferida:

- similaridade entre as larguras das edificações
 diferença entre as larguras das edificações
 similaridade entre as alturas das edificações
 diferença entre as alturas das edificações
 similaridade entre as formas das edificações
 diferença entre as formas das edificações
 organização entre os elementos das edificações
 desorganização entre os elementos das edificações
 existência de estímulo visual na cena
 falta de estímulo visual na cena
 familiaridade com a cena analisada
 Outros:

83 A presença da edificação assinalada (com triângulo vermelho) na cena 20 afeta a mesma de forma:

- muito positiva
 positiva
 nem positiva, nem negativa
 negativa
 muito negativa

84 Indique as principais razões que justifiquem a sua resposta anterior:

- similaridade entre a largura da edificação assinalada e as das demais
 diferença entre a largura da edificação assinalada e as das demais
 similaridade entre as alturas das edificações
 similaridade entre a altura da edificação assinalada e as das demais
 diferença entre a altura da edificação assinalada e as das demais
 similaridade entre as formas da edificação assinalada e as das demais
 diferença entre as formas da edificação assinalada e as das demais
 relação ordenada entre as formas da edificação assinalada e as das demais
 relação desordenada entre as formas da edificação assinalada e as das demais
 existência de ornamentos decorativos na edificação assinalada
 falta de ornamentos decorativos na edificação assinalada
 existência de estímulo visual na edificação assinalada
 falta de estímulo visual na edificação assinalada
 os materiais da edificação assinalada (concreto, reboco pintado, vidro....)
 impacto da marca do estabelecimento na edificação assinalada
 Outros:



85 Você acha a aparência da cena 22:

- muito bonita
 bonita
 nem bonita, nem feia
 feia
 muito feia

86 Você acha a aparência da cena 23:

- muito bonita
 bonita
 nem bonita, nem feia
 feia
 muito feia

87 Você acha a cena 23:

- conhecida ou familiar
 desconhecida ou não-familiar

88 Indique a cena preferida quanto à aparência:

- cena 22
 cena 23

89 Indique as principais razões que justifiquem a cena preferida:

- similaridade entre as larguras das edificações
 diferença entre as larguras das edificações
 similaridade entre as alturas das edificações
 diferença entre as alturas das edificações
 similaridade entre as formas das edificações
 diferença entre as formas das edificações
 organização entre os elementos das edificações
 desorganização entre os elementos das edificações
 existência de estímulo visual na cena
 falta de estímulo visual na cena
 familiaridade com a cena analisada
 Outros:

90 Indique as principais razões que justifiquem a cena não-preferida:

- similaridade entre as larguras das edificações
 diferença entre as larguras das edificações
 similaridade entre as alturas das edificações
 diferença entre as alturas das edificações
 similaridade entre as formas das edificações
 diferença entre as formas das edificações
 organização entre os elementos das edificações
 desorganização entre os elementos das edificações
 existência de estímulo visual na cena
 falta de estímulo visual na cena
 familiaridade com a cena analisada
 Outros:

91 A presença da edificação assinalada (com triângulo vermelho) na cena 23 afeta a mesma de forma:

- muito positiva
 positiva
 nem positiva, nem negativa
 negativa
 muito negativa

92 Indique as principais razões que justifiquem a sua resposta anterior:

- similaridade entre a largura da edificação assinalada e as das demais
 diferença entre a largura da edificação assinalada e as das demais
 similaridade entre as alturas das edificações
 similaridade entre a altura da edificação assinalada e as das demais
 diferença entre a altura da edificação assinalada e as das demais
 similaridade entre as formas da edificação assinalada e as das demais
 diferença entre as formas da edificação assinalada e as das demais
 relação ordenada entre as formas da edificação assinalada e as das demais
 relação desordenada entre as formas da edificação assinalada e as das demais
 existência de ornamentos decorativos na edificação assinalada
 falta de ornamentos decorativos na edificação assinalada
 existência de estímulo visual na edificação assinalada
 falta de estímulo visual na edificação assinalada
 os materiais da edificação assinalada (concreto, reboco pintado, vidro....)
 impacto da marca do estabelecimento na edificação assinalada
 Outros:

Tabela B.3: Questionário TIPO 2 – um por exemplar (total 9) – avaliação estética e de uso

Aqui é apresentado o modelo de questionário aplicado para cada exemplar, para que não se repita o mesmo conteúdo neste anexo. O que varia são as imagens utilizadas, que são referentes a cada exemplar.

MODELO DE QUESTIONÁRIO APLICADO PARA EXEMPLARES QUE POSSUEM 3 CENAS:

1 Escolaridade:

- Formação universitária em arquitetura
- Formação universitária distinta de arquitetura, design e artes
- Sem início ou conclusão de curso universitário

2 Gênero

- Feminino
- Masculino

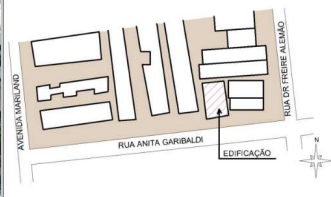
3 Faixa etária:

- entre 18 e 30 anos
- entre 31 e 60 anos
- acima de 60 anos

4 E-mail: _____



EDIFICAÇÃO ASSINALADA (COM TRIÂNGULO VERMELHO)



MAPA COM A LOCALIZAÇÃO DA EDIFICAÇÃO

5 Indique sua relação com o estabelecimento da edificação indicada com triângulo vermelho:

- Morador do entorno (até aproximadamente 500 metros) e cliente do estabelecimento
- Apenas morador do entorno (até aproximadamente 500 metros) do estabelecimento
- Apenas cliente do estabelecimento



CENA 1



CENA 2



CENA 3

6 Você acha a aparência da cena 1:

- muito bonita
- bonita
- nem bonita, nem feia
- feia
- muito feia

7 Você acha a aparência da cena 2:

- muito bonita
- bonita
- nem bonita, nem feia
- feia
- muito feia

8 Você acha a aparência da cena 3:

- muito bonita
- bonita
- nem bonita, nem feia
- feia
- muito feia

10 Você acha a cena 2:

- conhecida ou familiar
- desconhecida ou não-familiar

11 Você acha a cena 3:

- conhecida ou familiar
- desconhecida ou não-familiar

12 Indique a cena mais preferida quanto à aparência:

- cena 1
- cena 2
- cena 3

13 Indique as principais razões que justifiquem a cena mais preferida:

- similaridade entre as larguras das edificações
- diferença entre as larguras das edificações
- similaridade entre as alturas das edificações
- diferença entre as alturas das edificações
- similaridade entre as formas das edificações
- diferença entre as formas das edificações
- organização entre os elementos das edificações
- desorganização entre os elementos das edificações
- existência de estímulo visual na cena
- falta de estímulo visual na cena
- familiaridade com a cena analisada
- Outros:

15 Indique as principais razões que justifiquem a cena menos preferida:

- similaridade entre as larguras das edificações
- diferença entre as larguras das edificações
- similaridade entre as alturas das edificações
- diferença entre as alturas das edificações
- similaridade entre as formas das edificações
- diferença entre as formas das edificações
- organização entre os elementos das edificações
- desorganização entre os elementos das edificações
- existência de estímulo visual na cena
- falta de estímulo visual na cena
- familiaridade com a cena analisada
- Outros:

16 A presença da edificação assinalada (com triângulo vermelho) na cena 2 afeta a mesma de forma:

- muito positiva
- positiva
- nem positiva, nem negativa
- negativa
- muito negativa

14 Indique a cena menos preferida quanto à aparência:

- cena 1
- cena 2
- cena 3

17 Indique as principais razões que justifiquem a sua resposta anterior:

- similaridade entre a largura da edificação assinalada e as das demais
- diferença entre a largura da edificação assinalada e as das demais
- similaridade entre as alturas das edificações
- similaridade entre a altura da edificação assinalada e as das demais
- diferença entre a altura da edificação assinalada e as das demais
- similaridade entre as formas da edificação assinalada e as das demais
- diferença entre as formas da edificação assinalada e as das demais
- relação ordenada entre as formas da edificação assinalada e as das demais
- relação desordenada entre as formas da edificação assinalada e as das demais
- existência de ornamentos decorativos na edificação assinalada
- falta de ornamentos decorativos na edificação assinalada
- existência de estímulo visual na edificação assinalada
- falta de estímulo visual na edificação assinalada
- os materiais da edificação assinalada (concreto, reboco pintado, vidro...)
- impacto da marca do estabelecimento na edificação assinalada
- Outros:



CENA COM ESTABELECIMENTO ASSINALADO (com triângulo vermelho)

18 A distância da sua residência até o estabelecimento assinalado é de:

- até uma quadra
- maior que uma e até duas quadras
- maior que duas e até cinco quadras
- maior que cinco e até dez quadras
- maior que dez quadras

19 Há quanto tempo você mora na atual residência? (Só responder morador)

- até 1 ano
- mais de 1 ano e até 5 anos
- mais de 5 anos e até 10 anos
- mais de 10 anos

20 Indique o número de vezes que você esteve no estabelecimento no último ano: (Só responder se: cliente)

- uma vez

22 Você acha que a atividade deste estabelecimento nesta localização é:

- adequada
- inadequada
- não sei

23 Indique as principais razões que justifiquem sua resposta anterior:

- compatibilidade do uso dessa edificação com os usos do entorno
- incompatibilidade do uso dessa edificação com os usos do entorno
- existente demanda deste tipo de atividade no entorno
- não existente demanda deste tipo de atividade no entorno
- aumento do movimento de carros para essa edificação

- de duas a cinco vezes
 de seis a dez vezes
 mais de dez vezes

21 Indique como você costuma se deslocar até este estabelecimento: (Só responder se: cliente)

- a pé
 de carro
 de bicicleta
 Outros:

24 Indique as principais razões que justifiquem você utilizar este estabelecimento: (Só responder se: cliente)

- por ser próximo a minha residência
 por ser no caminho da minha residência para o trabalho ou do trabalho para minha residência
 pelo tipo de produto ou serviço
 Outros:

25 Você acha que para a atividade atual a edificação é: (Só responder se: cliente)

- adequada
 inadequada
 não sei

26 Justifique a sua resposta anterior: (Só responder se: cliente)

27 Você acha a área de estacionamento: (Só responder se: cliente)

- adequada
 inadequada
 não sei

- diminuição do movimento de carros para essa edificação
 aumento do movimento de pedestres para essa edificação
 diminuição do movimento de pedestres para essa edificação
 aumento do fluxo de pessoas de outras zonas para essa edificação
 desenvolvimento de outras atividades decorrente dessa edificação (encontro de pessoas, eventos sociais, etc.)
 Outros:

28 Indique as principais razões que justifiquem sua resposta anterior: (Só responder se: cliente)

- acesso fácil para o carro
 acesso difícil para o carro
 tamanho das vagas adequado
 tamanho das vagas inadequado
 trajeto adequado entre a vaga de estacionamento e a entrada do estabelecimento
 trajeto inadequado entre a vaga de estacionamento e a entrada do estabelecimento
 Outros:

29 Você acha o acesso da calçada ao interior deste estabelecimento: (Só responder se: cliente)

- adequada
 inadequada
 não sei

30 Indique as principais razões que justifiquem sua resposta anterior: (Só responder se: cliente)

- revestimento do piso adequado
 revestimento do piso inadequado
 sinalização clara da porta do estabelecimento
 sinalização confusa da porta do estabelecimento
 existe diferenciação entre o caminho do pedestre e as vagas de estacionamento
 não existe diferenciação entre o caminho do pedestre e as vagas de estacionamento
 Outros:

MODELO DE QUESTIONÁRIO APLICADO PARA EXEMPLARES QUE POSSUEM 2 CENAS:

1 Escolaridade:

- Formação universitária em arquitetura
 Formação universitária distinta de arquitetura, design e artes
 Sem início ou conclusão de curso universitário

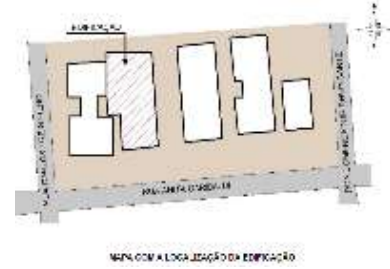
2 Gênero

- Feminino
 Masculino

3 Faixa etária:

- entre 18 e 30 anos
 entre 31 e 60 anos
 acima de 60 anos

4 E-mail: _____



5 Indique sua relação com o estabelecimento da edificação indicada com triângulo vermelho:

- Morador do entorno (até aproximadamente 500 metros) e cliente do estabelecimento
- Apenas morador do entorno (até aproximadamente 500 metros) do estabelecimento
- Apenas cliente do estabelecimento



6 Você acha a aparência da cena 4:

- muito bonita
- bonita
- nem bonita, nem feia
- feia
- muito feia

7 Você acha a aparência da cena 5:

- muito bonita
- bonita
- nem bonita, nem feia
- feia
- muito feia

10 Você acha a cena 4:

- conhecida ou familiar
- desconhecida ou não-familiar

11 Você acha a cena 5:

- conhecida ou familiar
- desconhecida ou não-familiar

12 Indique a cena mais preferida quanto à aparência:

- cena 4
- cena 5

13 Indique as principais razões que justifiquem a cena mais preferida:

- similaridade entre as larguras das edificações
- diferença entre as larguras das edificações
- similaridade entre as alturas das edificações
- diferença entre as alturas das edificações
- similaridade entre as formas das edificações
- diferença entre as formas das edificações
- organização entre os elementos das edificações
- desorganização entre os elementos das edificações
- existência de estímulo visual na cena
- falta de estímulo visual na cena
- familiaridade com a cena analisada
- Outros:

14 Indique a cena menos preferida quanto à aparência:

- cena 1
- cena 2
- cena 3

15 Indique as principais razões que justifiquem a cena menos preferida:

- similaridade entre as larguras das edificações
- diferença entre as larguras das edificações
- similaridade entre as alturas das edificações
- diferença entre as alturas das edificações
- similaridade entre as formas das edificações
- diferença entre as formas das edificações
- organização entre os elementos das edificações
- desorganização entre os elementos das edificações
- existência de estímulo visual na cena
- falta de estímulo visual na cena
- familiaridade com a cena analisada
- Outros:

16 A presença da edificação assinalada (com triângulo vermelho) na cena 2 afeta a mesma de forma:

- muito positiva
- positiva
- nem positiva, nem negativa
- negativa
- muito negativa

17 Indique as principais razões que justifiquem a sua resposta anterior:

- similaridade entre a largura da edificação assinalada e as das demais

- diferença entre a largura da edificação assinalada e as das demais
- similaridade entre as alturas das edificações
- similaridade entre a altura da edificação assinalada e as das demais
- diferença entre a altura da edificação assinalada e as das demais
- similaridade entre as formas da edificação assinalada e as das demais
- diferença entre as formas da edificação assinalada e as das demais
- relação ordenada entre as formas da edificação assinalada e as das demais
- relação desordenada entre as formas da edificação assinalada e as das demais
- existência de ornamentos decorativos na edificação assinalada
- falta de ornamentos decorativos na edificação assinalada
- existência de estímulo visual na edificação assinalada
- falta de estímulo visual na edificação assinalada
- os materiais da edificação assinalada (concreto, reboco pintado, vidro...)
- impacto da marca do estabelecimento na edificação assinalada
- Outros:



CENA COM ESTABELECIMENTO ASSINALADO (com triângulo vermelho)

18 A distância da sua residência até o estabelecimento assinalado é de:

- até uma quadra
- maior que uma e até duas quadras
- maior que duas e até cinco quadras
- maior que cinco e até dez quadras
- maior que dez quadras

19 Há quanto tempo você mora na atual residência? (Só responder morador)

- até 1 ano
- mais de 1 ano e até 5 anos
- mais de 5 anos e até 10 anos
- mais de 10 anos

20 Indique o número de vezes que você esteve no estabelecimento no último ano: (Só responder se: cliente)

- uma vez
- de duas a cinco vezes
- de seis a dez vezes
- mais de dez vezes

21 Indique como você costuma se deslocar até este estabelecimento: (Só responder se: cliente)

- a pé
- de carro
- de bicicleta
- Outros:

22 Você acha que a atividade deste estabelecimento nesta localização é:

- adequada
- inadequada
- não sei

23 Indique as principais razões que justifiquem sua resposta anterior:

- compatibilidade do uso dessa edificação com os usos do entorno
- incompatibilidade do uso dessa edificação com os usos do entorno
- existente demanda deste tipo de atividade no entorno
- não existente demanda deste tipo de atividade no entorno
- aumento do movimento de carros para essa edificação
- diminuição do movimento de carros para essa edificação
- aumento do movimento de pedestres para essa edificação
- diminuição do movimento de pedestres para essa edificação
- aumento do fluxo de pessoas de outras zonas para essa edificação

24 Indique as principais razões que justifiquem você utilizar este estabelecimento: (Só responder se: cliente)

- por ser próximo a minha residência
- por ser no caminho da minha residência para o trabalho ou do trabalho para minha residência
- pelo tipo de produto ou serviço
- Outros:

25 Você acha que para a atividade atual a edificação é: (Só responder se: cliente)

- adequada
- inadequada
- não sei

26 Justifique a sua resposta anterior: (Só responder se: cliente)

27 Você acha a área de estacionamento: (Só responder se: cliente)

- adequada
- inadequada
- não sei

- desenvolvimento de outras atividades decorrente dessa edificação (encontro de pessoas, eventos sociais, etc.)
- Outros:

28 Indique as principais razões que justifiquem sua resposta anterior: (Só responder se: cliente)

- acesso fácil para o carro
- acesso difícil para o carro
- tamanho das vagas adequado
- tamanho das vagas inadequado
- trajeto adequado entre a vaga de estacionamento e a entrada do estabelecimento
- trajeto inadequado entre a vaga de estacionamento e a entrada do estabelecimento
- Outros:

29 Você acha o acesso da calçada ao interior deste estabelecimento: (Só responder se: cliente)

- adequada
- inadequada
- não sei

30 Indique as principais razões que justifiquem sua resposta anterior: (Só responder se: cliente)

- revestimento do piso adequado
- revestimento do piso inadequado
- sinalização clara da porta do estabelecimento
- sinalização confusa da porta do estabelecimento
- existe diferenciação entre o caminho do pedestre e as vagas de estacionamento
- não existe diferenciação entre o caminho do pedestre e as vagas de estacionamento
- Outros:

Tabela B.4: Estudo piloto – perguntas e imagens substituídas

Perguntas antigas	Perguntas novas
<p>1. Avalie a aparência da edificação 1:</p> <p><input type="checkbox"/> muito bonita</p> <p><input type="checkbox"/> bonita</p> <p><input type="checkbox"/> nem bonita, nem feia</p> <p><input type="checkbox"/> feia</p> <p><input type="checkbox"/> muito feia</p>	<p>1. A presença da edificação assinalada (com triângulo vermelho) na cena 2 afeta a mesma de forma:</p> <p><input type="checkbox"/> muito positiva</p> <p><input type="checkbox"/> positiva</p> <p><input type="checkbox"/> nem positiva, nem negativa</p> <p><input type="checkbox"/> negativa</p> <p><input type="checkbox"/> muito negativa</p>
<p>2. Indique as principais razões que justifiquem a sua resposta anterior:</p> <p><input type="checkbox"/> similaridade entre as formas</p> <p><input type="checkbox"/> diferença entre as formas</p> <p><input type="checkbox"/> relação ordenada entre as formas</p> <p><input type="checkbox"/> relação desordenada entre as formas</p> <p><input type="checkbox"/> regularidade geométrica entre as formas</p> <p><input type="checkbox"/> falta de regularidade geométrica entre as formas</p> <p><input type="checkbox"/> existência de estímulo visual</p> <p><input type="checkbox"/> falta de estímulo visual</p> <p><input type="checkbox"/> existência de ornamentos decorativos</p> <p><input type="checkbox"/> falta de ornamentos decorativos</p> <p><input type="checkbox"/> os materiais da edificação assinalada (concreto, reboco pintado, vidro....)</p> <p><input type="checkbox"/> outros:</p>	<p>2. Indique as principais razões que justifiquem a sua resposta anterior:</p> <p><input type="checkbox"/> similaridade entre a largura da edificação assinalada e as das demais</p> <p><input type="checkbox"/> diferença entre a largura da edificação assinalada e as das demais</p> <p><input type="checkbox"/> similaridade entre a altura da edificação assinalada e as das demais</p> <p><input type="checkbox"/> diferença entre a altura da edificação assinalada e as das demais</p> <p><input type="checkbox"/> similaridade entre as formas da edificação assinalada e as das demais</p> <p><input type="checkbox"/> diferença entre as formas da edificação assinalada e as das demais</p> <p><input type="checkbox"/> relação ordenada entre as formas da edificação assinalada e as das demais</p> <p><input type="checkbox"/> relação desordenada entre as formas da edificação assinalada e as das demais</p> <p><input type="checkbox"/> existência de ornamentos decorativos na edificação assinalada</p> <p><input type="checkbox"/> falta de ornamentos decorativos na edificação assinalada</p> <p><input type="checkbox"/> existência de estímulo visual na edificação assinalada</p> <p><input type="checkbox"/> falta de estímulo visual na edificação assinalada</p> <p><input type="checkbox"/> os materiais da edificação assinalada (concreto, reboco pintado, vidro....)</p> <p><input type="checkbox"/> impacto da marca do estabelecimento na edificação assinalada</p> <p><input type="checkbox"/> outros:</p>